

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

**A REVISTA *AZOGUE* E O POETA ROBERTO PIVA  
O SAQUE E A DÁDIVA**

Ibriela Bianca Berlanda

Florianópolis, fevereiro de 201

**IBRIELA BIANCA BERLANDA**

**A REVISTA *AZUGUE* & O POETA ROBERTO PIVA  
O SAQUE & A DÁDIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Teoria Literária, sob orientação da Professora Doutora Maria Lucia de Barros Camargo.

FLORIANÓPOLIS 2011

## **DEDICATÓRIA**

Dedico à memória de Roberto Piva, não esta dissertação de mestrado defendida publicamente perante uma banca de doutores universitários (pois ele nem aceitaria); dedico ao poeta tudo que não escrevi, os vinhos que bebi, os novos músicos que conheci, os seus poemas que espalhei entre meus amigos, o desassossego que me causaram suas ideias dionisíacas, a porção de mim que mudou ao ter engolido esse grão maravilhoso que encontrei enterrado em sua poesia.

## AGRADECIMENTOS

Ao grande Mistério do Universo que me trouxe até aqui.  
Ao meu querido esposo Antonio, por ter aceitado me acompanhar nesse caminho, me amando e me apoiando sempre; e me fazendo entender que relaxar também é parte do processo.

Aos meus pais, irmão, irmãs, cunhados, sobrinhos e sobrinhas que mesmo de longe estiveram sempre aqui segurando minha mão, ao me enviarem boas energias e desejos de que esse projeto se realizasse com sucesso.

Agradeço à professora Maria Lucia de Barros Camargo por sua generosidade e carinho ao me guiar nesta jornada onde muitas vezes me perdi ao longo do caminho; ao Manoel Ricardo de Lima, por seu interesse neste trabalho, e por me fazer acreditar que ele seria possível; por me instigar a ir mais longe do que iria se estivesse sozinha; esse trabalho também é seu, Manoel (!).

Aos amigos e amigas do Nelic (Núcleo de Estudos Literários e Culturais) por cobrir meus plantões quando precisei, pelas várias idéias e livros trocados e pelo interesse em saber como estava o andamento da dissertação, enfim, pelo apoio de sempre. Muito obrigada, queridos (!).

Ao Sergio Cohn por ter gentilmente me concedido toda a coleção das revistas *Azougue* que foram fundamentais para esse trabalho, e por me confiar a orelha da antologia *Inquietação-guia: 15 poetas em torno da Azougue* (Azougue Editorial, 2009).

Aos professores que aceitaram fazer parte da banca avaliadora desse trabalho, e à CAPES por ter me concedido a bolsa justamente no semestre da escritura e defesa desta dissertação.

“Transformar a minha obra em uma tese acadêmica  
é uma forma de matar sua virulência (...)”

Roberto Piva

## RESUMO

O estudo da revista de poesia *Azougue* (SP – RJ, 1996 – 2008) através da indexação no banco de dados do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (Nelic) e análise da revista em seu conjunto de dez volumes, me permitiu perceber uma relação especial que se deu em suas páginas: o contato com o poeta Roberto Piva. Isso possibilitou um trajeto de leitura que se baseia na relação poeta/ revista via saque/dádiva, ou seja, há nesse contato uma espécie de reciprocidade: a revista é reconhecida pelos poetas que publica e o poeta é reconhecido por ter tido seus poemas nela publicados. Por conta disso, fez-se necessário voltar aos anos 1960 para verificar o contexto em que se inseriam Roberto Piva e outros poetas próximos a ele, cujos poemas foram republicados pela revista *Azougue* nos anos 1990. A idéia de rizoma, desenvolvida por Deleuze e Guattari, me permitiu explicar melhor a relação entre esses poetas, mostrando-se mais eficiente do que agrupá-los numa geração, pois há, na revista, antes que um grupo, uma ramificação entre os poetas publicados que iniciaram suas carreiras nos anos 1960 e outros em formação. Esses últimos pela colaboração na revista, passaram a escrever seus próprios poemas e publicá-los, muitos pelo selo *Azougue*.

**Palavras chave:** Roberto Piva, Revista *Azougue*, Poesia contemporânea

## ABSTRACT

This research consists in the study of the poetry magazine *Azougue* (SP – RJ, 1996 – 2008) by the indexation in Nelic's (Núcleo de Estudos Literários e Culturais) data base, and the analysis of the magazine's ten editions in its whole. It was possible to realize, thus, a special relation within its pages: the contact with the poet Roberto Piva. Due to this observation, a reading course was possible, which is based into the relationship magazine/poet via withdrawal/gift, in other terms: there is in this contact, a kind of reciprocity: the magazine gets recognition by the poets they publish and the poet is recognized for being published. It became then, necessary to go back to the 1960's to verify the context within Roberto Piva and other poets near him were placed, and whose poems were republished by *Azougue* magazine in the 1990's. The concept of rizon, developed by Deleuze and Guattari, had allowed me to better explain the relation between these poets, becoming more efficient than grouping them into a literary generation. There is in the magazine, not a group in its strict sense, but a set of branches among the published poets who started their careers in the 1960's and others in their way of formation. These last ones, started writing their own poems and publishing (many of them) under *Azougue* seal motivated by their cooperation to the magazine.

**Key words:** Roberto Piva, *Azougue* magazine, Contemporary poetry

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO: Por dentro de um Azougue</b> .....	10
<b>2.</b>	<b>CAPÍTULO I: Tudo Começou com um Meteoro</b> .....	17
2.1.	<i>Uma “constelação” resgatada</i> .....	21
2.2	<i>A revista Azougue</i> .....	30
<b>3.</b>	<b>CAPÍTULO II: Entre o Saque &amp; a Dádiva</b> .....	52
3.1.	<i>O conceito</i> .....	52
3.2.	<i>Azougue &amp; Piva: Antologia dos Novíssimos e Paranóia</i> .....	61
3.3.	<i>Azougue &amp; Piva: Piazzas e pinturas</i> .....	75
3.4.	<i>Azougue &amp; Piva: Abra os olhos e diga Ah! &amp; a política do corpo</i> .....	82
3.5.	<i>Azougue &amp; Piva: Coxas &amp; 20 Poemas com Brócoli sob o signo de Baco</i> .....	87
3.6.	<i>Azougue &amp; Piva: Quizumba entre os Ciclones: do tambor ritual à selva mais próxima</i> .....	94
<b>4.</b>	<b>CAPÍTULO III: O Anti-manifesto de Roberto Piva</b> .....	105
<b>5.</b>	<b>CONCLUSÃO: Algumas Palavras Mais</b> .....	122
	<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	125
	<b>ANEXOS</b> .....	137

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Estratosférico, (1961) Wesley Duke Lee.....32
- Figura 2** – *La persistencia de la memoria*, (1931)  
Salvador Dali. Encontra-se no  
MOMA, Nova York, EUA.....35
- Figura 3** - “*Jayme Ovalle, Otto Lara Resende e Vinicius de Moraes. - no apartamento de Ovalle, no dia da entrevista para Flan. Rio, 28 de maio de 1953*”- Arquivo Otto Lara Resende –  
Acervo instituto Moreira Salles. ....40
- Figura 4** – *Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos*.....40
- Figura 5** – *O Jardim das Delicias Terrenas*, (1504) Hyeronimus Bosch. Encontra-se no Museu do Prado,  
Madrid, Espanha.....77
- Figura 6** – *Campo de trigo com ciprestes*, (1889) Vincent Van Gogh. The National Gallery, Londres.....81
- Figura 7** – *Os girassóis*, (1888) Vincent Van Gogh. The National Gallery, Londres.....81
- Figura 8** – *Dois Sátiros*, (1618-19), Peter Paul Rubens. Alta Pinakothek, Munique.....89
- Figura 9** – *Marques de Sade* – imagem reproduzida na revista *Azougue* nº 2, 1996 p, 9, s/ créditos.....93

## 1. INTRODUÇÃO

### Por Dentro de um Azogue

Azogue, objeto volátil, elemento ou assombro. Palavra que nomeia a revista que tomo como ponto de partida para esta pesquisa. ‘Azogue’ é o elemento mercúrio, é uma aguardente de cana, comum no nordeste brasileiro e é também qualidade da pessoa inquieta<sup>1</sup>. Do mercúrio, a revista *Azogue* apresenta essa impossibilidade de ser pega, detida, se espalha em esferas, é esparramada entre os cacos do vidro do termômetro que se quebra. Como ponto de partida para esta pesquisa, a revista *Azogue* configurou-se num labirinto e numa transparência de inúmeras possibilidades para a elaboração de uma leitura crítica. Desde a indexação dos volumes disponíveis da revista no acervo do projeto Poéticas Contemporâneas do Núcleo de Estudos Literários e Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina, NELIC, com um trabalho minucioso de leitura e identificação de poetas, poemas, livros publicados, autores citados pelos poetas ou pelos autores das apresentações, de identificação das imagens que, no caso da revista *Azogue*, na maioria das vezes, estavam sem autoria, a antologia de poemas de Roberto Piva me chamou mais a atenção. Foi através das páginas desta revista que tive o prazer de conhecer a sofisticação da poesia de Roberto Piva e de reconhecer a importância dela para o projeto da revista *Azogue*.

Com o aprofundamento da pesquisa através da indexação, percebi que Roberto Piva e sua poesia aparecem, de alguma maneira, em todo o conjunto da revista; como se a antologia de seus poemas publicada na revista sugerisse um percurso de edição, e tivesse aberto caminhos para a revista na medida em que editor e colaboradores seguem, de algum modo, as referências que aparecem na poesia de Piva, ao buscarem autores que, de certa forma, têm alguma afinidade poética, política ou ideológica. Dei-me conta de que esta foi a importância de Piva para a revista e que, ao mesmo tempo, a revista propõe uma nova leitura de sua

---

<sup>1</sup> HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

poesia, e abre um espaço para a retomada de leituras e para a produção crítica sobre a poesia de Piva<sup>2</sup>.

Diante disso, estabeleci um recorte que me propiciasse estudar esta relação mais detalhadamente. Escolhi me aprofundar na leitura dos poemas de Roberto Piva selecionados para a antologia que a revista *Azougue* publica no volume dois de 1996: *azougue* (equinócio.96). Nessa edição, o primeiro texto que se pode ler é sobre Roberto Piva; nele, seus autores, Sergio Cohn, Danilo Monteiro e Priscila Queiroz se atêm a descrever o encontro com o poeta, seu comportamento, leituras, tendências poéticas e sua ativa participação como agitador da cultura “underground”, promovendo shows de rock para bandas de garagem. Esta apresentação é seguida pela antologia que publica 36 poemas de Piva, desde a *Antologia dos Novíssimos* (1961), onde é publicado pela primeira vez, até poemas publicados no seu livro *Ciclones* (1997). Mais que uma homenagem ao poeta, o texto é um depoimento sobre sua influência para a criação da revista.

Numa entrevista<sup>3</sup>, o editor da *Azougue*, Sergio Cohn conta que no início dos anos 1990 conhece o poema *Meteoro* (Paranóia, 1963) de Roberto Piva, publicado no suplemento do livro de Edson Passenti, *Das ‘fumeries’ ao narcotráfico*, 1991. A partir dessa leitura, a revista *Azougue* passa a ser uma idéia primeiramente materializada na forma de *fanzine* (Sergio Cohn, Daniel Chaia, Eduardo Verderame e Alexandre Barbosa confeccionaram dois números em 1994). Em 1995, com o auxílio do programa de fomento a revistas da ECA-USP, *Azougue* ganha 500 exemplares de um volume de 48 páginas intitulado *solstício.1995 – HQ, poemas & rock’n’roll*.<sup>4</sup> Em 1996 é lançado o segundo volume<sup>5</sup>, em que o depoimento sobre o encontro com Roberto Piva e seus poemas aparecem nas dezessete primeiras páginas. A ligação *Azougue* – Roberto

---

<sup>2</sup> Em 2004 foi defendida a primeira dissertação de mestrado sobre Piva, cujo texto está, inclusive, documentado nas obras reunidas de Roberto Piva pela editora Globo. Nos “agradecimentos” podemos ler “Ao Sergio Cohn, pela troca de idéias e pelas líricas e essenciais Revistas *Azougue*”. Para Thiago de Almeida Noya, o autor da dissertação defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a revista tornou-se fonte de referência para seu estudo crítico sobre a obra de Roberto Piva.

<sup>3</sup> Sergio Cohn conta como iniciou a revista na entrevista concedida a Heyk Pimenta publicada no site da revista *Agulha*. Disponível em <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag68revista03.htm>> Acesso em: agosto de 2009. (ver anexo 2)

<sup>4</sup> Este primeiro número da revista *Azougue* impresso em off-site em gráfica profissional, teve 500 exemplares que se esgotaram rapidamente. Infelizmente não tivemos acesso a esse número.

<sup>5</sup> O primeiro no acervo do Nelic.

Piva, ou projeto editorial e poesia, aparece fortemente imbricada e contribuiu para que outros poetas que estiveram por algum tempo fora do “mainstream” das leituras críticas retornassem às páginas de uma revista especializada em poesia.

Portanto, é no exemplar *equinócio*.<sup>96</sup> da revista *Azougue* que me ateno principalmente, para constatar essa relação explicitada pelo texto publicado em suas primeiras páginas, intitulado *Não pares nunca meu querido capitão-loucura*, e pelos depoimentos do editor da revista que uso como testemunho, anotação e relato. Considero também o reaparecimento do poeta com poemas no volume nº 7 de 2000 e no volume especial de 2008<sup>6</sup> com uma entrevista, como elementos possíveis para compor meu percurso de leitura de um projeto editorial. Este recorte se deu pelo crescente interesse que desenvolvi pela poesia de Piva através deste volume principalmente, pois me parece se tratar de um número emblemático que explicita sua origem e funda a base editorial de seu conjunto.

Todo este trabalho foi guiado pela revista. Todos os percursos que me levaram a incorporar leituras diversas no corpo do texto têm a revista como ponto de partida, ou seja, procurei seguir sugestões de leitura, de pesquisa, que encontrei nela, que promoveram (em alguns momentos) um afastamento e depois a volta à revista; um ponto de partida mas/e também de chegada, de volta.

No primeiro capítulo deste trabalho, intitulado “Tudo começou com um Meteoro”, identifico o grupo de poetas em que Roberto Piva se insere e começa a escrever. Esta contextualização é essencial para entender o pensamento da época (início dos anos 1960), as preocupações que conflitos sociais e políticos levantavam e, conseqüentemente, apareciam na crítica social, na literatura e na poesia em questão. É inevitável a questão que se levanta sobre o agrupamento dos poetas numa “geração”, que se tornou uma designação problemática, pois não há aqui um grupo que segue um ideal estético ou político. Cada poeta expressa seus conflitos e/ou críticas e de acordo com seu estilo, mesmo tendo seguido, ao que parece, as mesmas vertentes poéticas que se entrelaçavam com as leituras e estudos de cada um, formando uma “constelação”, uma pluralidade composta de singulares. A seguir, em “A revista *Azougue*”, me ateno à análise do poema “Meteoro” (*Paranóia*, 1963) por ter sido, segundo depoimento

---

<sup>6</sup> COHN, Sérgio; CESARINO, Pedro; REZENDE, Renato (org. ). *Azougue: edição especial 2006-2008*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008

do editor Sergio Cohn citado anteriormente, o poema que lhe abriu as possibilidades de pensar na criação de uma revista que pudesse dar conta de um procedimento poético que tem vínculos diretos e abertos com a poesia de Piva, talvez por isso a palavra *azougue* faça tanto sentido ao ser tomada como nome para a revista. Em seguida abordo como o procedimento de montar antologias dos poetas que apresenta tornou-se uma característica marcante da revista, tanto pelo interesse em resgatar produções poéticas de um passado recente (anterior à década de 1990) que não haviam entrado num circuito amplamente difundido de publicações, quanto pela vontade de dar a ler essa poesia que parecia ser para poucos, e propor novos olhares sobre ela. A revista opta por publicar poetas bem diferentes entre si, mas que por sua poesia compõem um todo de pluralidades. Dentre tais publicações aponto uma entrevista a Jayme Ovalle por Vinícius de Moraes de 1953, a narrativa de José Agrippino de Paula intitulada *Diário Oficial das Drogas do Ocidente* escrita em 1972 e as matérias sobre Fernando Ferreira de Loanda e Chacal, todas presentes no volume 8. Escolhi estes exemplos por estarem distantes uns dos outros, pelo período em que foram escritos, o que é o caso da entrevista a Jayme Ovalle e do texto de Agrippino de Paula, escrito duas décadas depois, assim como Loanda, ligado à geração de 45, e Chacal, que no início da carreira confecciona seu próprio livro mimeografado, *Preço da passagem* de 1972, do qual quatro poemas foram reproduzidos em Fac-Símile na revista *Azougue*. Estas disparidades que aparecem nas publicações da revista, às vezes de maior e às vezes de menor teor, configuram uma rede horizontal de relações entre poetas, ou seja, não há uma hierarquia dos antecessores aos novos poetas, os contatos se dão numa espécie de rizoma, conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari no *Mil Platôs*<sup>7</sup>

No segundo capítulo, intitulado “Entre o saque & a dádiva”, escrevo primeiramente sobre os conceitos de saque e dádiva a partir dos estudos de Marcel Mauss acerca do “sistema de prestações totais” entre as antigas civilizações, ou o *potlatch*. Conto também com os estudos de Georges Bataille sobre o *potlatch* e com o ensaio crítico de Raul Antelo sobre a poesia de Arturo Carrera, em que se aborda a mesma questão. A partir desse conceito armo a hipótese de que, considerando que uma revista é um bem de consumo, e tratando-se de uma revista de poesia, o que a valoriza são os poetas que publica. A partir dessa idéia, identifico

---

<sup>7</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*; trad. Aurélio Guerra Neto & Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

uma relação de reciprocidade, uma troca entre poeta e revista, em que a revista ganha credibilidade ou “valor” pelos poetas que publica, e o poeta ganha visibilidade pela revista em que é publicado. No caso de Roberto Piva, sua poesia é retomada por um certa crítica de jornal e toda reeditada pela editora Globo. Portanto, a antologia dos poemas de Roberto Piva publicada no volume 2 da revista *Azougue*<sup>8</sup> traz uma questão entre a poesia de Piva e a revista *Azougue* como projeto editorial e poético que nos leva a repensar a idéia de revista. Prossigo com a leitura e comentário de alguns dos poemas da antologia, justamente para demonstrar como estes poemas estão relacionados com o projeto editorial da revista. Esta seção está dividida em cinco partes seguindo a sequência apresentada na revista. A primeira é dedicada a um poema da *Antologia dos Novíssimos* (1961) e dois de *Paranóia* (1963); na segunda comento três poemas de *Piazzas* (1964) relacionando-os às pinturas de Hieronymus Bosch e Vincent Van Gogh; a terceira dedico a três poemas de *Abra os olhos & diga Ah!* (1976); na quarta parte identifico as semelhanças entre dois poemas do livro *Coxas* (1979), e dois do *20 poemas com Brócoli* (1981); a quinta parte é dedicada a dois poemas do livro *Quizumba* (1983) e dois mais que aparecem na revista como inéditos e foram posteriormente publicados no livro *Ciclones* (1997). Todas as leituras dos poemas estão permeadas pela leitura de como a revista mostra esses poemas, como ela os dispõe na página, como ela os apresenta, organiza, enfim, como ela “lê” a poesia de Piva.

O terceiro e último capítulo está dedicado a apresentar os três manifestos de Roberto Piva publicados na revista *Azougue* e a postura ideológica de uma utopia que eles suscitam e que a revista consequentemente apóia por suas escolhas editoriais que deixam transparecer a idéia de levar a utopia ao cotidiano. Além desses três manifestos incorporo ao texto mais dois que Piva escreveu nos anos 1960. Através desta leitura que estructurei como Piva/Azougue-Azougue/Piva, via Saque/Dádiva, como uma ambivalência, procuro demonstrar que a antologia de Roberto Piva publicada pela revista abre novos olhares sobre sua poesia e, ao mesmo tempo em que é impulsionada pela revista também parece impulsionar o projeto editorial-poético da revista. Ficamos, assim, aparentemente diante de algo como um azougue circular: daquilo que anima, que dá vida, que

---

<sup>8</sup> Ver anexo 5

estimula, que se abre e retira a tranqüilidade, que perturba, que incomoda. Algo muito próximo de uma danação, que tem a ver com estripulia, diabrura, travessura e também sacrifício. Um indício desses rastros deixados pela poesia de Roberto Piva pode ser o fato de que ele é o autor mais citado entre os volumes indexados (12 vezes. Esta informação pode ser encontrada no relatório de indexação em arquivo digital no cd-rom) e é segundo as estatísticas da indexação, um dos poetas com mais poemas publicados na revista.

Importante dizer ainda que durante seus dez anos de publicações, a revista lançou nove volumes dedicados a poetas brasileiros que iniciaram seu trabalho entre os anos 1960 e 1980 e estrangeiros anteriores e posteriores aos anos 1950, como Kenneth Rexroth ou Allen Ginsberg, por exemplo. Poetas que de uma maneira geral concentraram sua expressão contra limites estabelecidos para a poesia e normalidades sociais por uma escrita mais livre, irônica ou de crítica social, como o poeta canadense Charles Olson, que incorpora aspectos da cultura oriental em seu trabalho, Afonso Henriques Neto, que fala da poesia como liberdade na entrevista publicada no volume especial de 2008 da revista *Azougue*; publica ainda, um poema do anarquista Hakim Bey e uma entrevista sobre ele, também no volume de 2008.

As revistas dedicadas aos poetas e suas antologias apresentam, em sua maioria, a mesma estrutura. Dois ou três poetas selecionados ganham mais destaque com um texto de apresentação ou uma entrevista seguida da antologia de seus poemas. A seguir vem a seção onde são publicados poetas “novos”, ou seja, contemporâneos à edição da revista, muitos deles também participantes da confecção da revista. Por mais que a revista apresente mudanças drásticas em sua forma, tamanho, capa, que vai gradativamente passando de uma revista grampeada de aspecto informal (até a nº5) para uma revista com lombada, capa em cores e desenhos mais sofisticados (os volumes nº6 ao nº8), sua essência e ideia de resgate de poetas é a mesma até que são lançadas quatro edições especiais com entrevistas. Nestas edições, o número de autores entrevistados que escrevem poesia (10) é ainda maior do que o número de antropólogos, sociólogos, críticos de literatura, músicos, cineastas, artistas plásticos e escritores, o que demonstra que o interesse em “dar voz ao poeta” (nos termos de Sergio Cohn) está ainda em evidência. Quero por fim esclarecer que o trabalho de indexação da revista foi fundamental como ponto de partida para esta pesquisa, pois, foi possível, assim, ter uma visão da totalidade do corpo editorial e buscar

na revista e fora dela as referências que sugere para a pesquisa. Para completar, é possível encontrar nos anexos, o relatório de indexação dos volumes da revista (no CD), a entrevista de Sergio Cohn mencionada no início desta introdução, a antologia dos poemas de Roberto Piva publicada no volume dois da revista *Azougue*; uma entrevista a Jayme Ovalle, uma narrativa de José Agrippino de Paula, um texto de Piva sobre Xamanismo, *O Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade, *A Catedral da Desordem* de Roberto Piva e os textos *Artefacto*, *Manifesto Escatológico* e *Manifesto Corpofágico* de Glauco Mattoso.

## 2. CAPÍTULO I

### Tudo Começou com um Meteoro

Publicada pela primeira vez em 1995 em São Paulo, a revista *Azougue*, em seus dez anos de publicações, foi dedicada a apresentar para os leitores dos anos 1990 um grande número de poetas que iniciou sua produção nos anos 1960, até poetas inéditos que a revista lança a partir dos anos 1990 e 2000. Num movimento de resgate a revista *Azougue* traz de volta um grupo de poetas que ficou à sombra das discussões estéticas que se deram naqueles anos de intensas mudanças no país, discussões estas que estavam entre a defesa da arte de vanguarda reivindicada pelos poetas concretistas brasileiros e a defesa de uma *Arte Popular Revolucionária*, como queriam os cepecistas. Segundo Heloisa Buarque de Hollanda, “a juventude acreditava e se empenhava, com maior entusiasmo, numa forma peculiar de engajamento cultural diretamente relacionada com as formas de militância política”<sup>9</sup>.

Dentre estes poetas à sombra, estavam Armando Freitas Filho, Claudio Willer e Roberto Piva<sup>10</sup>, por exemplo, cujos primeiros livros foram publicados respectivamente em 1963 (*Palavra*, de Freitas Filho, e *Paranóia*, de Piva) e em 1964 (*Anotações para um apocalipse*, de Willer). Eles parecem ter mesmo ficado sob uma penumbra projetada em maior parte, talvez, pelo espaço cedido ao movimento concretista entre a crítica literária da época. Na indexação do suplemento literário do jornal *O Estado de São Paulo* entre 1956 e 1967, apresentada como dissertação de mestrado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo por Marilene Weinhardt<sup>11</sup>, por exemplo, não há notícia alguma da publicação de qualquer livro dos poetas mencionados acima. Contudo, podemos verificar que há inúmeras publicações dos poetas concretistas (Décio Pignatari e os irmãos Campos) quando efervescência do movimento alcançava o topo.

---

<sup>9</sup> HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de Viagem: CPC, vanguarda e desbunde 1960/70*. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2004, p. 19

<sup>10</sup> Armando Freitas Filho aparece na *Azougue* número 3 de 1996, Willer é publicado no volume 6 de 1999 e novamente em 2008, num volume de entrevistas; Piva aparece na *Azougue* número 2 de 1995, na número 6 de 1999 e em 2008 na edição especial de entrevistas.

<sup>11</sup> WEINHARDT, Marilene. *O Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo: 1956 – 67*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987, 2v.

De poetas envolvidos com o CPC, como Moacyr Félix, que organiza a coleção *Violão de Rua*, lançada em 1963, e Ferreira Goulart, que contribuiu com seus poemas de cordel, tampouco há qualquer registro no suplemento literário em questão<sup>12</sup>. Na *História Concisa da Literatura Brasileira* (1981) de Alfredo Bosi, embora haja a tentativa de elencar o maior número possível de poetas da época, muitos deles, que escreveram num período em que a *negação* do discurso metafórico e da poesia do *eu* alcançava amplamente o cenário da crítica literária, não obtiveram sequer uma saída ao sol. Por outro lado, na *História da Literatura Brasileira* (2004) de Luciana S. Picchio podemos encontrar, entre os poetas elencados sob o título “Os Novíssimos e o Jogo das Gerações”, alguns dos republicados pela revista *Azougue*: Claudio Willer (1940 -), Rubens Rodrigues Torres Filho (1943 -), Armando Freitas Filho (1940 -), Leonardo Fróes (1941 -), Affonso Henriques Neto (1944 -), Chacal (1951 -) e Paulo Henriques Britto (1951 -). Roberto Piva (1937 – 2010), entretanto, cujas publicações foram contemporâneas às de Willer e Freitas Filho, por exemplo, não aparece em nenhum dos livros de história literária. Piva declara na entrevista para Miguel de Almeida, publicada em 1993 no jornal *O Globo*, que a mídia o baniu “por não ser intelectual de esquerda e do outro lado não ser concretista. As duas igrejas cujos dogmas são insuportáveis”<sup>13</sup> - afirma Piva. O poeta traz à tona a questão político-literária que estava em voga nos anos 1960 que, embora tenha funcionado como uma mola propulsora para a movimentação cultural do período, pode ter sido uma das causas de seu longo anonimato<sup>14</sup>, talvez por suas escolhas estéticas estarem desvinculadas tanto da vanguarda concretista quanto da poesia popular revolucionária.<sup>15</sup>

A fim de contextualização devemos lembrar que em 1961, no Rio de Janeiro, Carlos Diegues, Oduvaldo Viana Filho, Leon Hirszman e o sociólogo Carlos Estevam Martins criaram o que ficou conhecido como

---

<sup>12</sup> Uma pesquisa nos jornais do Rio de Janeiro provavelmente colocaria os poetas cariocas, Ferreira Gullar e Armando Freitas Filho em evidência, mas isto não caberia nas dimensões de tempo e no propósito desta dissertação.

<sup>13</sup> COHN, Sergio. (org.) *Roberto Piva – Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007, p. 102.

<sup>14</sup> Sobre o longo período de hiato crítico na obra de Piva trato com mais profundidade no capítulo II

<sup>15</sup> É verdade que vários dos poetas que a *Azougue* publica, não aparecem nas histórias literárias, ou receberam pouca ou nenhuma atenção da crítica no início de suas carreiras, como é o caso de Piva e Willer; entretanto, esta afirmativa não é verdadeira para todos.

CPC (Centro Popular de Cultura). Ligada à UNE (União Nacional dos Estudantes), esta organização reunia artistas que defendiam o caráter popular e didático das artes, abordando uma linguagem engajada com problemas do povo, com a vida do operário, e por uma revolução brasileira nitidamente influenciada pela revolução cubana de 1959, revolução esta que reivindicaram com urgência no *Anteprojeto do Manifesto do CPC*:

(...) a declaração dos princípios artísticos do CPC poderia ser resumida na enunciação de um único princípio: a qualidade essencial do artista brasileiro, em nosso tempo, é a de tomar consciência da necessidade e da urgência da revolução brasileira e tanto da necessidade quanto da urgência.<sup>16</sup>

Para que esta revolução se efetivasse, seria necessária uma conscientização da classe proletária. Com ela, atingiriam o objetivo de constituir uma “cultura nacional popular” e, para tanto, se concentraram especialmente em literatura de cordel (que teve na figura do poeta Ferreira Gullar uma expressiva contribuição, quando antes “se lança na aventura concretista para daí emergir ‘cantor popular’” como diz Luciana Stegagno Picchio em seu *História da Literatura Brasileira* de 2004<sup>17</sup>), na música e em peças de teatro com representações que denunciavam a realidade política presente naquele momento. Um exemplo é a peça *A Mais Valia vai Acabar, seu Edgar*, de Oduvaldo Viana Filho e Chico de Assis, musicada por Carlos Lyra. Na apresentação de cunho didático encenada no Teatro da Faculdade Nacional de Arquitetura, a platéia contou com a presença de Carlos Estevam Martins, o então presidente do CPC e sociólogo do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), para que após o espetáculo explicasse ao público o conceito marxista de *Mais Valia* abordado no espetáculo<sup>18</sup>. O mesmo Carlos Estevam Martins escreve o *Anteprojeto do Manifesto do CPC* redigido em março de 1962. Mais tarde, em 1979, o manifesto foi publicado no periódico *Arte em Revista* número 2, e alertava, seguindo a apresentação do documento, que “não havia no

---

<sup>16</sup> MARTINS in *Arte em Revista*, 1979, p. 79

<sup>17</sup> PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 655

<sup>18</sup> MARTINS, Carlos Estevam. *História do CPC. Arte em Revista*, São Paulo, nº 3, p.77-82, março, 1980

Brasil nenhum estudo que encarasse especificamente a problemática com que se debatiam os artistas e intelectuais interessados em lançar os fundamentos de um trabalho concreto no campo da arte revolucionária destinada às grandes massas”<sup>19</sup>.

Opostos à proposta da “arte popular revolucionária” estavam os poetas e intelectuais que vinham da tradição das vanguardas – o concretismo, por exemplo, que se expressava em termos de modernização e industrialização do país – poetas cerebrais que manifestavam seu horror à panfletagem prezando por uma poesia centrada na palavra, na técnica, no visual. Um ano antes da escritura do manifesto do CPC, 1961, Décio Pignatari, um dos representantes da poesia concretista, participa do “II Congresso Brasileiro de Crítica e História da Literatura”, realizado em Assis-SP, com uma comunicação intitulada *A situação atual da poesia no Brasil*. Pignatari foge de apresentar, como se esperaria, um panorama da poesia brasileira na época, para ater-se a um estudo acerca da poesia concreta, concentrando-se nas contribuições de João Cabral de Melo Neto aqui, no Brasil, afirmando ser ele “o primeiro poeta nitidamente de conteúdo-construção em nossa poesia, em oposição à poesia de conteúdo-expressão (sem projeto) à *poesia dita profunda*”<sup>20</sup> e o Mallarmé de *Lance de dados*, na Europa, como fundamentos para uma poesia brasileira dentro do contexto universal. Pignatari enfatiza ao final do texto que a poesia concreta está contra “uma poesia de expressão, subjetiva e hedonística”<sup>21</sup> e que “a poesia concreta vai dar, só tem que dar, o pulo conteudístico-semântico-participante”<sup>22</sup>. Desta maneira reivindica para esta poesia uma forma diferente de engajamento em oposição à ideia de que ela estaria alienada pela excessiva preocupação com a técnica e com a palavra unicamente como significante. O ensaio de Pignatari, como não podia deixar de ser, é fechado com o *Plano-piloto para poesia concreta*, o Manifesto Concretista escrito por ele mesmo, Décio Pignatari, e os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, publicado originalmente na revista *Noígrandes* nº 4 de 1958. O texto de Décio Pignatari – redigido e publicado quase simultaneamente ao manifesto do CPC –, é um exemplo da efervescência cultural e das

---

<sup>19</sup> Idem. Anteprojeto do Manifesto do CPC. **Arte em Revista**. São Paulo, nº2, p.67, maio – agosto, 1979

<sup>20</sup> PIGNATARI in ANAIS do Segundo congresso brasileiro de crítica e história literária, 1961, p. 382

<sup>21</sup> Ibidem, p. 390

<sup>22</sup> Ibidem, p. 388

discussões em torno das problemáticas da arte postas em questão naquela década.

É certo que estas manifestações promoveram discussões pouco amistosas e tensas no campo literário, entre críticos e poetas, todavia configuraram-se em acontecimentos decisivos e importantes na história do país e contribuíram para formar um rico caldo cultural que tempera estudos de sociólogos e historiadores ainda hoje.

De acordo com Hollanda, ainda em seu livro *Impressões de Viagem*, o projeto revolucionário abraçado pelos artistas e intelectuais frente à efervescência política e ao processo de modernização industrial, “emerge como referente de uma poesia que seja de vanguarda ou de dicção populista e traz para o centro de suas preocupações o empenho da participação social”<sup>23</sup>.

### **2.1. Uma “Constelação” resgatada**

O grupo de poetas que nos interessa no presente estudo não estava empenhado nessa “participação social” de que fala Hollanda; passavam, por assim dizer, ao largo dessas disputas centrais acerca da literatura como arte engajada ou de uma poesia revolucionária. Poetas herdeiros do surrealismo místico de André Breton, da modernidade inaugurada por Baudelaire, do *tornar-se outro* de Rimbaud, seus infernos e iluminações, da contracultura anunciada pelos neoromânticos da *Geração Beat*, enfim, formaram uma dicção alternativa que se movia como uma serpente à sombra. Como descreve Claudio Willer, um de seus artífices era um grupo “interessado em se sintonizar com tudo aquilo que significasse rebelião, questionamento e contestação da linguagem estabelecida. Este grupo era formado, entre outras pessoas, por mim, Roberto Piva, Décio Bar, Antonio Fernando de Franceschi, Roberto Bicelli e Sergio Lima”<sup>24</sup>. Esses e outros artistas começavam a publicar seus experimentos poéticos e formaram, segundo Luciana Stegagno Picchio quando se refere à produção poética brasileira “da chamada Geração de 60”, “um amplo e variadíssimo leque de estilos, temas e escolhas poéticas”<sup>25</sup>. Roberto Piva e Décio Bar, dentre

<sup>23</sup> HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de Viagem: CPC, vanguarda e desbunde 1960/70*. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2004, p. 19, 20

<sup>24</sup> Primeiro depoimento para *Azougue*, em maio de 1995, reproduzido na edição especial de 2004, *Azougue 10 anos*, p. 79.

<sup>25</sup> STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p.659

os citados por Willer, aparecem pela primeira vez na publicação de Massao Ohno (1936 – 2010), a *Antologia dos Novíssimos* de 1961. Willer explica que Antonio Fernando de Franceschi assume a geração dos “Novíssimos” como “os jovens autores que se reuniam em torno da coleção de livros de poesia, editados por Massao Ohno, a partir de 1960, e da subsequente publicação da *Antologia dos Novíssimos*”<sup>26</sup>. É o que nos conta Willer no posfácio da *Antologia Poética da Geração 60*, organizada por Álvaro Alves Faria e Carlos Felipe Moisés, cujos poemas também estiveram na *Antologia dos Novíssimos*. Celso Luis Paulini e Roberto Piva, que saíram do ineditismo pelas publicações de Ohno, foram resgatados e republicados trinta anos depois nesta antologia de passagem para o século XXI e na revista *Azougue*. Os poetas que foram publicados na revista e aparecem também na antologia de Faria e Moisés são: Roberto Piva (1937 –2010), Celso Luiz Paulini (1929 – 1992), ambos publicados na *azougue equinócio*.<sup>96</sup>, Rubens Rodrigues Torres Filho (1943 –) na *azougue desterro*.<sup>97</sup>, Rodrigo de Haro (1939 –) na *azougue* também de 1997, Claudio Willer (1940 –) na edição de 1999, Antonio Fernando de Franceschi (1942 –) na *azougue* de 2000, e Jorge Mautner (1941 –) como entrevistado na edição dedicada a entrevistas intitulada *saque/dádiva* de 2007.

Como toda antologia tende a titular ou rotular a coleção que publica numa tentativa de agrupar sob algumas características de similaridade de trabalho ou afeto um dado número de poetas, especialmente estas que se destinam a reunir os poetas de um específico período de tempo a partir de uma idéia de geração, temos para este grupo de artistas uma problemática de designação. Enquanto Franceschi os chama de *geração dos Novíssimos*, Moisés e Faria (os organizadores da antologia do ano 2000) preferem a designação de *geração de 60*<sup>27</sup>. O problema ocorre porque não encontramos uma designação que tivesse efetivamente a abrangência e a perspicácia de juntar este grande grupo de artistas. Parece-me que isso ocorre pelo fato de se encontrarem a partir de afinidades pessoais e/ou poéticas, embora não chegassem a

---

<sup>26</sup> WILLER in FARIA E MOISÉS, 2000, p. 225

<sup>27</sup> Uso aqui o termo *geração*, mas quero ressaltar a ausência de um conceito para tal idéia que acaba inevitavelmente perpassando por todo texto. Aponto mais adiante o depoimento de Ítalo Moriconi, o prefácio (de *26 poetas hoje*) de Heloisa Buarque de Hollanda e algumas definições dicionarizadas por Massaud Moisés, para embasar minha explicação, na tentativa de dar conta deste termo. Por agora pode-se dizer que mais do que contextualizado no tempo, este termo parece estar ligado tanto a um grupo de artistas que apresenta características similares em sua produção, como um grupo que se reúne a partir da identificação estética ou ideológica.

formar um grupo com projeto ou manifesto; agrupavam-se nem tanto pela mesma época de produção de seus poemas, nem tanto por freqüentarem as mesmas escolas ou os mesmos bares, mas por suas diferenças que formaram um todo plural; “singularmente plural e pluralmente singular”<sup>28</sup>.

Portanto para pensar o conceito de geração, que parece reunir mais do que poetas contemporâneos e coetâneos, mais do que autores que freqüentam os mesmos círculos, mas autores que dividem uma ideologia e uma estética, compartilham uma produção artística que vai pelo mesmo caminho, um projeto coletivo, é pertinente pensar na fragilidade dos limites que o determinam. Diz Massaud Moisés que “a idéia de geração não só refoge a qualquer formulação precisa e unívoca, aceita pela unanimidade dos usuários, como também se revela pouco eficaz quando posta em prática”<sup>29</sup>. O verbete de Moisés a respeito deste conceito abrange um considerável número de autores que se dedicaram a escrever sobre o assunto desde o século XIX, principalmente na França, Alemanha, Espanha e também no Brasil. Entre os mais relevantes, Moisés salienta Ortega y Gasset cujo estudo intitulado *El Tema de Nuestro Tiempo*, de 1961, salienta que

Uma geração não é um punhado de homens egrégios, nem simplesmente uma massa: é como um novo corpo social íntegro, com sua minoria seleta e sua multidão, que foi lançado sobre o âmbito da existência com uma trajetória vital determinada. (...) Uma geração é uma variedade humana, no sentido rigoroso que dão a este termo os naturalistas. Os seus membros vêm ao mundo dotados de certos caracteres típicos, que lhes emprestam fisionomia comum, diferenciando-os da geração anterior. Dentro desse marco de identidade podem estar indivíduos do mais diverso temperamento, até o ponto em que, tendo de viver uns com os outros, porque contemporâneos, se sintam às vezes como antagonistas. (...) Uns e outro são homens do seu tempo, e por muito que se distingam, ainda assim

---

<sup>28</sup> NANCY, Jean-Luc. *Ser Singular Plural*. Madrid: Arena Libros, 2006, p. 44. Utilizo os termos de Nancy para designar um grupo que não é homogêneo; opto por não me aprofundar no texto do filósofo, pois não caberia nas dimensões desta dissertação.

<sup>29</sup> MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos Literários. São Paulo: Cultrix, 1999, p.259

se parecem”; em suma, “*cada geração representa uma certa atitude vital*”(El Tema de Nuestro Tiempo, 14ª ed., 1961, pp. 7-8).<sup>30</sup>

Dentre as conclusões de Moisés, a mais importante e esclarecedora para este estudo seria que “o conceito de ‘geração’ implicaria sempre dois fatores básicos fundidos: a idade e a ideologia. Pertencem à mesma geração, via de regra, indivíduos nascidos em datas próximas e dotados de afinidades culturais”<sup>31</sup>.

Mais recentemente, Ítalo Moriconi, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, volta à questão que não parece ter ainda silenciado:

Uma geração literária, artística ou intelectual não se define apenas por idade ou pela coincidência cronológica. Uma geração no sentido forte do termo é um grupo ou diversos grupos que possuem algum tipo de identidade estética ou ideológica, mesmo que essa identidade seja pluralista, como ocorre hoje em dia. (...) Uma geração artística e literária é, sobretudo um grupo ou vários grupos que desenvolvem estratégias comuns de inserção nos circuitos da literatura e da arte. Os modernistas fizeram isso através das técnicas de choque da vanguarda e depois pela cooptação pelo Estado, a geração 70 através do diálogo com a universidade e a política, a geração 90 através de técnicas publicitárias e a geração 00 (assim como já também a 90) através de técnicas de visibilização na rede. Portanto, cada nova geração cria seus próprios circuitos de consagração. Não se trata de criticar, trata-se de entender como a coisa funciona e como varia historicamente. O importante é que funcione.<sup>32</sup>

Moriconi frisa a identidade “pluralista” das gerações, pois se trata não mais de considerar um projeto conjunto, mas considerar o que

---

<sup>30</sup> ORTEGA Y GASSET, apud MOISÉS, 1999, p. 253

<sup>31</sup> Ibidem, p. 256

<sup>32</sup> MORICONI, Ítalo & CARNEIRO, Flávio. **Blogueiros na Berlinda**. (entrevista concedida Paula Barcellos para o Jornal do Brasil em 27/11/2004) Disponível em: <<http://www.flaviocarneiro.com.br/entrevistas/blogueirosnaberlinda.html>> Acesso em: 13 de maio de 2010.

determina a singularidade na escrita de cada poeta, assim como indica Heloisa Buarque de Hollanda, organizadora da antologia *26 Poetas Hoje* publicada pela Coleção Bolso em 1975. A antologia traz um conjunto de artistas (em sua maioria) limitado a um grande centro: o Rio de Janeiro, no caso. Heloisa elege poemas que se caracterizam, segundo ela, fundamentalmente “pela renovação dos impulsos desclassicizantes do modernismo e pela atualização da recusa ao convencional”<sup>33</sup>. Para a escolha, orienta-se pela “recuperação do coloquial numa determinada dicção poética”<sup>34</sup>, como descreve no prefácio da referida antologia.

No caso da *Azougue*, que (re)publica poetas da dita “geração 60” e a partir dela monta uma nova rede de agrupamentos, de conexões, parece ser uma “atmosfera” anti-institucional que liga poetas “homenageados” (supracitados) que mantinham certo contato entre si, com os poetas colaboradores. O exemplo mais emblemático desse contato “extra poético” é o encontro de Sergio Cohn, Danilo Monteiro, Priscila Queiroz e Daniel Chaia com Piva para entrevistá-lo e que acabou virando uma relação de amizade.<sup>35</sup> Mas os “encontros” guiados por afinidades e interesses em comum entre Piva e outros poetas daquela geração publicados na *Azougue*, formaram uma cena poética alternativa que interessou Sergio Cohn e seus colaboradores e impulsionou a criação da revista.

No depoimento de Antonio Fernando de Franceschi publicado na *Azougue* número 7, ele conta que

---

<sup>33</sup> HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 13

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 13

<sup>35</sup> “Eu e o Danilo Monteiro, que era um amigo meu que também escrevia poesia, já estávamos conversando fazia um tempo em editar uma revista. Um dia, conversando num bar na Rua da Consolação, o Chamego, sobre entrevistar esses caras e fazer uma publicação, decidimos ligar para o Piva. Estávamos eu, o Danilo, a Priscila e o Daniel Chaia, que depois virou cineasta. Eu fui até o caixa do bar e peguei uma lista telefônica, achei o telefone do Piva e liguei para ele de um telefone público que tinha dentro mesmo do bar, ao lado da porta. Quando atendem, pergunto se podia falar com o Roberto Piva. “É ele”. “O poeta Roberto Piva”. “Sim”. E eu conto a história, que queríamos entrevistá-lo para uma revista, que éramos jovens fãs de sua poesia. E ele diz “me encontre em quinze minutos num bar na Angélica, o Luar de Agosto, eu vou estar com calça jeans, um tênis de caminhada e uma camisa de caçador”. (...)E a gente começa a manter contato com o Piva, começa uma relação pessoal de amizade, de freqüentar a casa dele. A gente ia lá e passava tardes e tardes tomando cerveja, ele lendo poesia para a gente, os poetas expressionistas alemães, os surrealistas, o Pasolini. A casa era minúscula, em Santa Cecília, entulhada de livros. A gente enchendo a cara de cerveja e mergulhando em poesia. O Piva tem uma capacidade incrível de viver a poesia”. (Entrevista de Sergio Cohn a Heyk Pimenta. Ver anexo 2)

No começo dos anos 60, o editor Massao Ohno – personagem fundamental para a poesia daquele período – publicou a *Antologia dos Novíssimos*, que marcou muito a minha geração. (...) era uma geração multidisciplinar, havia artistas plásticos, músicos, gente de teatro. Um grupo extenso e variado de pessoas que se relacionavam em torno de pontos de interesse comum quanto à expressão artística. (...) Havia, por exemplo, um grupo que fica mais próximo do Lautreamont, do Artaud, dos surrealistas, mas nós nos reuníamos para ler Dante e os decadentistas italianos. Aquele foi um período intenso de descobertas e trocas intelectuais. Fazíamos muitas leituras de poesias, discutíamos intensamente os autores que descobríamos, era uma coisa absolutamente natural, uma forma de convivência. Era impossível algum de nós descobrir alguma coisa importante sem comunicar e imediatamente aliciar os outros para a leitura. Havia um traço de generosidade nessas partilhas ampliadas e o Piva sempre foi o maior aliciador.<sup>36</sup>

Está aí a figura de Piva, mais uma vez, como personagem central de uma “comunidade” que se espalha pela *Azougue*. Mais um indício desses contatos com Piva está no depoimento de Rodrigo de Haro publicado no volume de 1997.

O *atelier* de Dora, [Ferreira da Silva] seu recanto íntimo, ficava no sótão. Ali recebia alguns iniciados para comentar poesia, elaborar trabalhos, fazer leituras e beber chá. (...) certa noite encontrei ali um rapaz de voz levemente anasalada, que lia. (...) Era Celso Luiz Paulini, um dos maiores. (...) na província ainda, que tomamos conhecimento de Massao Ohno e da *Antologia dos Novíssimos*. Péricles Prade e L. Bell, recém-chegados do *Deep South*, a sua timbó de origem, e mais empreendedores que *nosotros* fizeram um lançamento da antologia./ Organizamos uma

---

<sup>36</sup> FRANCESCHI in *Azougue*, 2000, p. 6

exposição de Poesia Mural com recitais e muita confraternização social. Piva e eu, como é lógico, ficamos inseparáveis. Ele já era um monstro sagrado, uma jovem diva, o epicentro do máximo esplendor. A beat generation era sua ordem santa, eu a desconhecia inteiramente. Curioso. Com exceção de alguma coisa de Allen Ginsberg, eles não me interessavam, eu acabara de descobrir Jorge Luis Borges e alguns arcanos.../ Combinamos um encontro em breve, em São Paulo. E assim foi que vim a conhecer Claudio Willer (...)<sup>37</sup>

A cidade de São Paulo, que crescia mais do que velozmente nos anos 60, possibilitava ainda de alguma maneira, o encontro com a potência criativa e utópica. Segundo Claudio Willer, aquele tempo era “rico em obras e eventos, o período foi mais rico ainda em algo que não é inventariável, que só pode ser escrito e recuperado através de poemas: os encontros”.<sup>38</sup> Willer refere-se aos encontros nos bares do centro da São Paulo dos anos 1960 onde brotava vida boêmia e a agitação cultural. Ainda no posfácio da *antologia poética da geração 60*, Claudio Willer cita as considerações de Antonio Fernando de Franceschi acerca daquele grupo que ele chama de *geração dos Novíssimos* perguntando-se “Qual terá sido o paideuma dos novíssimos?”, segue a resposta:

A verdade é que os Novíssimos nunca tiveram o viés escolástico dos concretos, não se organizaram como movimento nem defendiam teses relacionadas com um “projeto geral de criação”. Como foram, de algum modo, o oposto dialético dos concretos na década de 60, também o quadro de referência intelectual do grupo era tudo, menos um paideuma (...) predominava um ecletismo de base nessa constelação literária, onde se percebia também – e nisso com os concretos – grande interesse pelos poetas brasileiros da geração de 22.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> HARO in *Azougue*, 1997, p 5-6

<sup>38</sup> WILLER in FARIA & MOISÉS, 2000, p. 221.

<sup>39</sup> FRANCESCHI in FARIA & MOISÉS, 2000, p. 226

Há um problema de designação (“geração 60”, “novíssimos”) aqui que considero para desconsiderá-lo, pois categorizações limitantes, estanques, não são características dessa produção poética intrigante, ampla, eclética. É, como diz Franceschi, uma “constelação literária”. É nesta “via láctea” que está Roberto Piva, é esta “via láctea” que a revista *Azougue* explora.

Proponho pensar, então, esta “constelação literária”, estas conexões, como uma espécie de *rizoma*, na medida em que se comporta não como uma árvore genealógica, mas como uma raiz formada de múltiplas ramificações. Um rizoma é uma cadeia infinita de conexões que Gilles Deleuze e Felix Guattari tomam (da botânica) para propor uma nova genealogia do livro, da linguagem, das relações na sociedade. Para os autores de *Mil Platôs*, a origem não é unívoca, não tem um ponto de partida único, mas ao contrário, está numa raiz fasciculada cuja superfície é ferida, cindida, para que outras raízes brotem da ferida. Estas raízes nunca deixam de se conectar umas às outras, nunca deixam de estabelecer um contato, um contato como num livro, que segundo os autores “há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades”, são também “linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação”<sup>40</sup>. Eles explicam que “um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais”<sup>41</sup>; assim podemos localizar o grupo de poetas publicados pela *Azougue*, nesta “constelação” como um rizoma que não cessa de estabelecer conexões e rupturas, não tem um paideuma como raiz única, e vai se espalhando horizontalmente “efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros”<sup>42</sup> ou seja, não se identifica um centro ao redor do qual vários indivíduos circulam e nutrem seus intelectos, mas cada um seria um todo em si, uma estrela da “constelação”, formando sua própria cadeia de registros segundo suas próprias dimensões e finalidades.

*Azougue* segue os rastros de leituras de seus poetas eleitos que conviveram no mesmo período e partilharam leituras em uma determinada tradição<sup>43</sup>. Publica poetas e seus poemas como

---

<sup>40</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 11

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 15

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 16

<sup>43</sup> Como é o caso, por exemplo, de leituras e reuniões surrealistas realizadas por Willer, Piva, Décio Bar e Sergio Lima que foi um dos elos entre os poetas brasileiros e André Breton.

homenageados, que aparecem com mais destaque em cada volume. São eles: Roberto Piva e Celso Luiz Paulini<sup>44</sup>, na *Azougue equinócio 96*; Afonso Henriques Neto e Armando Freitas filho, na *Azougue várzea 96*; Rubens Rodrigues Torres filho, Maria Rita Kehl e Paulo Henriques Britto, na *Azougue desterro 97*; Rodrigo de Haro, na *Azougue* número 5 de 1997. Este volume apresenta um elemento novo, a homenagem ao prosador Campos de Carvalho que consiste numa entrevista e a publicação de trechos de quatro de suas obras. Claudio Willer e Dora Ferreira da Silva são os homenageados na *Azougue* de 1999. Neste volume, artistas do teatro e cinema são incorporados ao que apareceu como uma nova proposta editorial, mas que, no entanto, só manteve o formato nos volumes seguintes<sup>45</sup>. No ano 2000 a *Azougue* volta a publicar poetas e prosadores, somente. Os destaques nesta edição são para Antonio Fernando de Franceschi, Alberto Pucheu (Pucheu aparece primeiro na seção “inéditos e dispersos” do volume 5 de 1997) e na seção “inéditos e dispersos”, uma homenagem a Carlos Mundi. Na última edição da *Azougue* como revista de poesia, de 2003, ganham mais destaque os poetas Leonardo Fróes, Fernando Ferreira de Loanda e Chacal.

Entre os poetas inéditos, lançados pela revista e publicados nas edições entre 1996 e 1997 estão: Mauricio Ferreira, Alexandre Ferraz, Juliano de Fiore, Alberto Pucheu, Danilo Monteiro, Sergio Cohn, entre outros que aparecem somente uma vez. Já entre as revistas de 1999 a 2003, os inéditos são somente Ricardo Aleixo, Carlos Tamm, Gustavo Benini, Pedro Cesarino e Marcelo Sorrentino; os outros dezoito poetas já eram todos éditos.

Não consideramos aqui um movimento vertical de hierarquia, a literatura não deve se fazer num campo hierárquico, mas num desenho cartográfico subterrâneo de raízes múltiplas que se ramificam para todas as direções. Quando Franceschi fala que a *geração dos Novíssimos* não teve ou não tem um paideuma, pode ser pelo fato de que os poetas habitantes desta constelação têm outra galáxia de poetas, filósofos,

---

Segundo Willer, o surrealismo foi fundamental para os poetas do grupo na medida em que se configura importante para a criação poética e como uma unidade vida-obra que movimenta ideias no sentido de uma rebelião. (WILLER, Cláudio. *Reflexões de Emergência*. [Entrevista concedida a Roberto Piva]. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag34willer.htm>>

<sup>44</sup> Mesmo com menos poemas do que Roberto Piva, Paulini aparece em destaque.

<sup>45</sup> A partir da edição de 1999, *Azougue* já não se denomina fanzine, como as anteriores. Apresenta capas mais sofisticadas e os grampos são substituídos pela lombada.

naturalistas, etc. como referência. Por exemplo, em vários depoimentos e ensaios Claudio Willer repete o esforço de Piva em trazer para o Brasil livros de Allen Ginsberg, Gregory Corso entre outros da *Beat Generation* para serem traduzidos e publicados já nos anos 60<sup>46</sup>. Contamos também do interesse que eles tinham por André Breton, Antonin Artaud, Wilhelm Reich, Herbert Marcuse, Norman Brown, Octavio Paz, Federico Garcia Lorca e os brasileiros Jorge de Lima, Murilo Mendes e Mario de Andrade, entre outros tantos poetas. Eles mergulhavam também na filosofia de Nietzsche, Sartre e Hegel<sup>47</sup>. Podemos dizer a partir disso que eles não tiveram “paideuma”, mas o seu próprio repertório, um grupo de referências diferente localizada entre os surrealistas, a geração *beat* e a geração brasileira de 22.

## 2.2. A revista *Azougue*

*“Mercúrio nos ensinará a ler. Ele nos transmitirá o alfabeto, as declinações, enfim, toda a gramática da língua harmônica utilitária, falada no sol e nos planetas harmonizados.”*

Fourier

Em 1996, com o apoio do editor Massao Ohno (1936 – 2010), Sergio Cohn lança o segundo número da revista *Azougue: azougue equinócio*.<sup>96</sup> – *Alea jacta est*. A revista que era ainda chamada de *fanzine*<sup>48</sup>, embora não se pareça, ganha publicação em gráfica profissional e se abre com uma matéria sobre Roberto Piva intitulada *Não pares nunca meu querido capitão- loucura* (verso do poema “No Parque Ibirapuera”). Escrita por Danilo Monteiro, Priscila Queiroz e Sergio Cohn, esta matéria é o resultado de alguns encontros com o poeta que expressava a erudição e misticismo em seus fortes traços de descendente de italianos. Esses encontros com Piva fizeram parte da

<sup>46</sup> “Piva havia feito que viessem de San Francisco as publicações *beat* da City Lights Books de Lawrence Ferlinghetti e da New Directions Paperbacks, com obras de Ginsberg, Gregory Corso, Philip Lamantia e do próprio Ferlinghetti. Reuníamo-nos para traduzir do inglês os livretos sem lombada, cadernos com capas em preto-e-branco da Pocket Poets Series, incluindo um *Kaddish and other poems* recém –saído do forno, lançado nos Estados Unidos naquele ano de 1961.” (WILLER in PIVA, 2005: 148)

<sup>47</sup> COHN, Sergio (org). *Azougue 10 anos*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004, p. 79-85.

<sup>48</sup> O *fanzine* é popularmente conhecido como a aglutinação das palavras inglesas *fan* (fã) e *magazine* (revista), portanto é uma revista feita por fãs. Caracteriza-se como despreziosa e experimental que se destina a assuntos variados, como ficção científica, HQ, poesia, música, jogos de vídeo game, etc. Seu formato é geralmente o de um encarte xerocado de poucas páginas, do tamanho de uma folha A4 dobrada ao meio, o que não é o caso da *Azougue*.

iniciação intelectual daqueles artistas e a partir da paixão enfática pela poesia que envolvia a figura de Piva, nascia o interesse em publicar uma revista de poesia. “Tínhamos conhecido a poesia do Piva há cerca de um ano. E já o amávamos. Numa noite de setembro, em 1993, estávamos num bar da Consolação conversando sobre a possibilidade de entrevistá-lo para uma revista que tínhamos o projeto de fazer, e decidimos ligar para ele de um orelhão”.<sup>49</sup> De fato a revista foi feita. Saiu do prelo como um “objeto maravilhoso”<sup>50</sup>, deixando escapar a paixão de fãs por seus ídolos lá impressos.

Sergio Cohn tomou contato com a poesia de Piva através de seu poema *Meteoro*; Cohn afirma ter conhecido poema e poeta por acaso, como declara na entrevista para Heyk Pimenta, e a partir daí tudo parece mudar. *Meteoro* foi publicado originalmente no primeiro livro de Roberto Piva, *Paranóia*, ilustrado por fotografias do artista plástico Wesley Duke Lee (1931 -)<sup>51</sup>. Os poemas de Piva e as fotografias de Duke Lee compõem uma obra inspirada na cidade de São Paulo, cenário dos delírios de Piva, que ganham, por sua vez, a dimensão do diálogo com algo das artes visuais brasileiras.<sup>52</sup>

A fotografia que precede o poema no livro de Piva é a imagem de uma placa cercada de lâmpadas com o nome do que parece ser um

---

<sup>49</sup> *Azougue* nº 2, 1996, primeira página.

<sup>50</sup> Como foi recebida por Cohn e seus companheiros editores quando a revista sai da Gráfica de Massao Ohno. Esse depoimento está na entrevista concedida a Heyk Pimenta por Sergio Cohn no site *Agulha – Revista de Cultura*. Disponível em:

<<http://www.revista.agulha.nom.br/ag68revista03.htm>> Acesso em: agosto de 2009.

<sup>51</sup> Como Piva, Duke Lee é filho da cidade de São Paulo onde inicia sua carreira tomando aulas de desenho no Masp. Vai para os Estados Unidos e Europa e fica fora do país de 1951 à 1962, quando estuda com grandes artistas e conhece as primeiras manifestações da Pop Art. Na volta ao Brasil, em 1963, inicia seu trabalho com jovens artistas, entre eles Frederico Nasser (1945), Carlos Fajardo (1941), José Resende (1945) e Luiz Paulo Baravelli (1942). É o pioneiro do *happening* no Brasil, assim como do conceito de instalação, além de ser um dos primeiros artistas a trabalhar com a tecnologia cibernética. (Enciclopédia eletrônica Itaú Cultural. Acesso em junho de 2010).

<sup>52</sup> A parceria do poeta e do fotógrafo foi matéria para uma mostra que se deu em abril de 2000 no Instituto Moreira Salles, intitulada São Paulo de Roberto Piva e Wesley Duke Lee, onde foram exibidos os poemas de Roberto Piva e as fotografias feitas especialmente para a primeira edição de *Paranóia*. Mas o diálogo com as artes plásticas não para por aí. Piva participa da exposição *Transcendência: Caixas do Ser* no museu Casa das Rosas entre setembro e outubro de 1999, além de participar de locuções de poemas e documentários. (PIVA, 2005, p. 191)

brinquedo de parque de diversão: “Estratosférico”<sup>53</sup>. A mesma imagem da placa, porém recortada, aparece junto do poema na revista *Azougue* de 1996. Tanto na revista quanto no livro de Piva, o poema parece ganhar uma dimensão maior, mais poderosa, terrível e inominada. Como sabemos a estratosfera é a segunda camada de gases que compõe a pele protetora de nosso planeta. Nela se encontra a camada de ozônio e por ela passariam as rochas celestes em chamas se a terra fosse novamente atingida por meteoros. Será *Meteoro* a poesia da destruição? Do apocalipse?

### METEORO

Eu direi as palavras mais terríveis esta noite  
 enquanto os ponteiros se dissolvem  
 contra o meu poder  
 contra o meu amor  
 no sobressalto da minha mente  
 meus olhos dançam  
 no alto da Lapa os mosquitos me sufocam  
 que me importa saber se as mulheres são  
 férteis se Deus caiu no mar se  
 Kierkegaard pede socorro numa  
 [montanha  
 da Dinamarca?  
 os telefones gritam  
 isoladas criaturas caem no nada  
 os órgãos de carne falam morte  
 morte doce carnaval de rua do  
 fim do mundo  
 eu não quero elegias mas sim os lírios  
 de ferro dos recintos  
 há uma epopéia nas roupas penduradas contra



<sup>53</sup> Figura 1.



como unguento “eu preciso tomar colheradas de/ Morte Absoluta”, se alimenta, se cura com poesia, como se tomasse uma poção para o corpo e para a alma, receita de Manuel Bandeira (1886 – 1968); em seu poema *Morte Absoluta* Bandeira propõe uma morte total: “Morrer./ Morrer de corpo e de alma./ Completamente.” sem deixar sequer o nome, nem carne, nem alma errante. O poeta não quer cânticos lamentosos, “eu não quero elegias mas sim os lírios/ de ferro dos recintos”; ele busca no concreto, no ferro, no exagero das luzes da cidade a alucinação prazerosa ao ver os lindos garotos urbanos: “e os luminosos me fitam do espaço alucinado/ quantos lindos garotos eu não vi sob esta luz?”, isto parece ser o que mais importa.

Há também a ideia do autômato, no verso “almas/almas/como icebergs/como velas/como manequins mecânicos”; a mesma ideia é retomada várias vezes ao longo de sua obra, como no título “*O robot pederasta*”, ou quando escreve: “pombas metálicas nos coitos rápidos” no poema *Piazza IV*, e também “O SEXO DA MEIA-LUA LANÇA SUA NOTA METÁLICA & SEUS/GATOS SEVAGENS”, em um dos poemas de *Abra os olhos & diga Ah!*. Enfim, a bio-máquina é mais uma das imagens que povoa seus delírios, mas nem sempre associada com a sexualidade. Contudo, mais do que morte, do que uma paralisia ligada ao automatismo, este poema é a materialização do nome de seu livro, *Paranóia*. Pode ser lido a partir de um delírio, da alucinação em que o pensamento não é orientado pela realidade ou organização lógica, e o limite entre realidade e fantasia é tênue, em que o paranoico sofre de delírios de perseguição e grandeza<sup>55</sup>. No poema, a voz que fala sente as

---

<sup>55</sup> Segundo Elisabeth Roudinesco e Michael Plon desde a escola alemã de psiquiatria Emil Kraepelin definia a paranóia como o “uma evolução contínua de um sistema delirante, duradouro e inabalável, que se instaura com uma completa preservação da clareza e da ordem no pensamento, no querer e na ação”. A esta definição completa Roudinesco: “Tratava-se de uma doença “institucional” que repousava em dois mecanismos fundamentais: o delírio de referência e as ilusões de memória, ambos produtores de diferentes temas de perseguição, ciúme e grandeza. Por isso, o paranoico é um doente crônico que se toma por profeta, imperador, grande homem, inventor, reformador etc.”. Segundo a definição de Freud no mesmo dicionário, “paranóia crônica (...) é um modo patológico de defesa (...). As pessoas tornam-se paranoicas por não conseguirem tolerar algumas coisas – desde que, naturalmente, seu psiquismo esteja predisposto a tanto”. Para ele o paranoico projeta sua ilusão no mundo externo como um mecanismo de defesa e “o conhecimento delirante que o louco tem de si mesmo talvez seja tão verdadeiro quanto o outro, racional, construído pelo clínico para explicar a loucura”. Ao tornar-se um modelo paradigmático para a terminologia freudiana, à paranóia, Freud acrescentou ainda que poderia ser definida como uma defesa contra a homossexualidade. A palavra paranóia é de origem grega e composta de *para*=contra e *noos*=espírito. (ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 572-574)

dores da alucinação numa espécie de cegueira torpe, “eu não enxergo mais nada/meu crânio diz que estou embriagado/suplicios genuflexões/neuroses”, e sofre, “psicanalistas espetando meu pobre/esqueleto em férias” ou ainda, “eu urrava meio louco meio estarrado meio fendido”.

O poeta confere a alucinação aos olhos de um outro, olhos táteis, pois são dotados de pontas que sentem: “eu sou uma alucinação na ponta de teus olhos” e pelo caminho da paranóia é possível ter uma via de acesso ao poema. Por outro lado, o surrealismo está inscrito no poema desde a primeira imagem: “enquanto os ponteiros se dissolvem” que remete ao relógio que se derrete no quadro de Salvador Dali (1904 - 1989) *La persistencia de la memoria* (1931)<sup>56</sup>; depois quando aparecem os nomes de Antonin Artaud e Garcia Lorca precedidos da interjeição *Oh*, (“Oh Antonin Artaud/ Oh Garcia Lorca”) como se rogasse a santos em uma prece que, no entanto, é abortada pela realidade de uma fotografia: “Com seus olhos de aborto reduzidos/ a retratos”. Santos congelados, estáticos no tempo, santos alucinados, parecem ser menos santos que os narcóticos: “narcóticos santos ó gato azul da minha mente!”

O poema pode ser lido pela perspectiva apocalíptica, mas também se configurou num início, uma destruição que impulsiona um recomeço. É o que parece ter representado para a criação da revista *Azougue*: uma paixão. Paixão que impulsionou o arquivismo contra uma pulsão “anarquívica”, expressão que Jacques Derrida usa em seu ensaio *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Como uma pulsão de destruição de todo e qualquer arquivo, a “pulsão de morte”, para Freud segundo Derrida, “trabalha para destruir o arquivo”<sup>57</sup>, apagando também seus próprios traços. Esta “potência de morte” tende a destruir ou ainda a



<sup>56</sup> Figura 2.

<sup>57</sup> DERRIDA, Jaques. *Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana*; trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 17-36.

disfarçar, maquiagem, representar o arquivo. Contra essa ameaça iminente há a vontade de conservação que Derrida chama de “pulsão de arquivo”. Parece-me que este “mal” atinge uma boa parcela de editores posto que resgatar, reeditar e conservar são práticas correntes desde a impressão da primeira Bíblia Sagrada até o tempo presente. Explica Maria Lúcia de Barros Camargo no ensaio *Dos poetas e/em suas revistas* que:

A impressão das novas revistas na passagem do século XX para o XXI – suas marcas físicas, o contato da tinta no papel - e a impressão que produzem - suas marcas de e em outros discursos, suas marcas na cultura, suscitam e conjuram o passado, convocam um olhar comparativo entre essas revistas e suas antecessoras vanguardistas. (...) Mas o dado que me parece mais significativo quando confrontamos estas produções tão distantes no tempo é que, diferentemente de suas antecessoras, as novas revistas não apresentam um “novo” projeto estético que as identifique e pelo qual lutar, não proclamam “rupturas”, não subscrevem manifestos, nem movimentos voltados para a construção do futuro. Curiosamente, em maior ou menor medida, todas se propõem a olhar para o passado como forma de pensar o presente anunciando a pluralidade de perspectivas e de valores numa cena aparentemente apaziguada.<sup>58</sup>

A vontade de reunir e arquivar prevalece, a “pulsão de arquivo” funciona como mecanismo propulsor para a idealização e criação. No caso da revista *Azougue* analisada por Camargo, fica evidente um resgate de poetas antecessores à sua década, desde a edição de 1996, e reforçada em 2003 após uma pausa na periodicidade de publicação, quando o editor faz questão de dedicar a revista ao “encontro” de seus poetas preferidos. Torna-se, para o editor, um objeto de desejo, um veículo prestigioso que abriria espaço para a publicação de “raridades” e novos experimentos editoriais. Isso se deu muito pelas sucessivas mudanças no formato da revista, das grampeadas com aspecto informal até esta, de 2003, de capa verde, com lombada e qualidade de imagens e

---

<sup>58</sup> CAMARGO in PEDROSA & ALVES, 2008, p. 227, 228

impressão muito superior às primeiras, o que demonstra a falta de um projeto.

A revista aparece então como ponto de partida para o que viria a ser uma “nova geração” de poetas e de fato anuncia “a pluralidade de perspectivas” na medida em que publica poetas de diferentes vertentes, e as pessoas que participaram como colaboradores da revista e contribuíram com seus poemas, ou na redação das apresentações dos poetas homenageados, passaram posteriormente, a ter seus textos publicados pela *Azougue Editorial*, como é o caso de Alberto Pucheu, Bruno Zeni, Danilo Monteiro, Pedro Cesarino, Carlos Tamm, entre outros. Há, portanto, uma proposta de agrupamento de poetas trazida pela revista como uma maneira de expressão pessoal, uma maneira de dar vazão a toda uma percepção poética que se abria para seus editores e colaboradores. Vejamos o depoimento do editor Sergio Cohn na introdução da edição comemorativa de dez anos da revista *Azougue*:

Havíamos descoberto, quase por acaso, a poesia de Roberto Piva, o que pela primeira vez nos sugeriu a existência de uma literatura brasileira subterrânea, que passava ao largo dos manuais acadêmicos e da mídia. Empolgados com as perspectivas abertas por essa descoberta, rapidamente estávamos lendo um elenco de autores – o próprio Piva, Claudio Willer, Afonso Henriques Neto, Antonio Fraga, Campos de Carvalho, e mesmo nomes como Jorge de Lima e Murilo Mendes –, que criavam um panorama muito diverso da literatura brasileira do que nos havia sido ofertado até então. (...)

Paralelamente, começávamos a esboçar os nossos próprios textos, claramente influenciados pelas obras desses autores, não demorou muito para percebermos o quanto era necessário expor nossas influências para que nossos poemas fossem compreendidos. Como resposta a isso, e à vontade de trazer a público a obra de autores que tanto amávamos, decidimos criar uma revista de poesia.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> COHN, 2004, p. 9

Esta “literatura brasileira subterrânea”, da qual fala Cohn, já não estava tão longe de ser conhecida. Poderia estar longe de manuais ou da mídia, mas já nos anos 1990 muitos dos poetas republicados na *Azougue* tinham publicado vários livros e participado de inúmeras antologias e periódicos, temos aqui uma contradição. Afonso Henriques Neto, por exemplo, publica seu sétimo e último livro *Abismo de Violinos* em 1995, Armando Freitas Filho, no início dos anos 1990 já tinha publicado dez livros, sem falar de Roberto Piva que, quando surge a revista *Azougue* já tinha publicado de *Paranóia* (1963) à *Quizumba* (1983), participado de seis antologias (de 1961 – 1995), oito publicações em periódicos (de 1971 – 1990), além de documentários e ensaios sobre o poeta. Se a lacuna estava na crítica, a revista não consegue preenchê-la publicando antologias e homenagens.

*Azougue* expressa a vontade dos editores de levar a público os poetas de sua predileção através das “homenagens” - depoimentos ou textos de apresentação dos poetas - seguidos de vários poemas. Roberto Piva, por exemplo, é apresentado num tom vívido e animado e seguido pela publicação de 32 poemas que vão desde seus primeiros na *Antologia dos Novíssimos* até seu livro *Ciclones* de 1997; há ainda, na mesma edição, dois manifestos que foram reunidos na coleção da editora Globo (2006) sob o título *O século XXI me dará razão*, e outro do qual não há registro de publicação além da revista; outros seis poemas de Piva foram publicados no volume 7 que reaparecem em seu livro *Estranhos Sinais de Saturno* (Globo, 2008), somando 41 poemas. Ou seja, uma antologia considerável. E assim segue: Antonio Fernando de Franceschi com 44 poemas, Afonso Henriques Neto com 45 poemas e Rodrigo de Haro com o maior número de poemas: 50, para citar alguns.

As antologias foram sempre um *modus operandi* que caracterizou a *Azougue*. Em todos os volumes há antologias de poemas, algumas extensas, outras menores. Esta maneira de apresentação transformou-se em algo tão comum que após a transição da *Azougue* de revista a editora, especificamente no ano de 2001, a editora lança uma antologia que reúne poemas dos poetas que apareceram pela primeira vez ou colaboraram com a revista publicando seus poemas. Muitos deles influenciados pelas novas leituras feitas para a publicação da revista, outros agregaram suas próprias leituras e sugestões de entrevistas, formando um novo grupo de poetas. São eles: Alberto Pucheu, Alexandre Ferraz, Bruno Zeni, Caio Meira, Daniel Bueno, Danilo

Monteiro, Ericson Pires, Luiza Leite, Mauricio Barros de Castro, Mauricio Ferreira, Marcello Sorrentino, Pedro Cesarino, Renato Resende, Ricardo Lima e Sergio Cohn.<sup>60</sup>

O que na revista *Azougue* permanece das características do grupo que apresenta e talvez até tenha sido inspirada por ele, é a heterodoxia e o pluralismo de linguagem. Percebe-se esta multiplicidade, primeiro porque desde a geração dos poetas dos anos 1960 (da qual a figura emblemática que resgato e que estudo é Roberto Piva), as ligações entre poetas afins tem se reforçado e se espalhado na forma de rizoma, como colocado anteriormente a partir das idéias de Deleuze e Guattari, o que propiciou que muitos poetas apresentados na revista *Azougue* expressassem, através de seus poemas, a ruptura com o “stablishment” acadêmico e político iniciada há quarenta anos e que hoje permanece em suas escolhas estéticas. Isto quer dizer que desde a poesia de Piva, Willer e Afonso Henriques Neto que segundo Armando Freitas Filho são “poetas imagéticos à beira do abismo formado por Jorge de Lima e Murilo Mendes”<sup>61</sup>, muitas outras conexões foram sendo armadas pela revista. Freitas Filho, por exemplo, que comenta a obra de Henriques Neto e que esteve em contato direto com Ana Cristina Cesar, Cacaso, Charles, entre outros, diferencia-se segundo ele próprio, pela polissemia agregando rimas pontuais na força da linguagem coloquial<sup>62</sup>, que em certa medida se assemelha à poesia de Paulo Henriques Britto que trabalha com a dicção simples evitando a grandiloquência e o beltrismo, como ele mesmo explica na entrevista à *Azougue*<sup>63</sup>. Aí vem os poetas/filósofos como Rubens Rodrigues Torres Filho, Antonio Fernando de Franceschi e Alberto Puche que se diferenciam pelos recursos estéticos, mas em essência permanecem as bases filosóficas. Daí o lirismo de Rodrigo de Haro, Fernando Ferreira de Loanda e Dora Ferreira da Silva e os toques *Beat* com Leonardo Fróes, Kenneth Rexroth e Michael McClure.<sup>64</sup> Este pluralismo de linguagem caracteriza todo o caminho ramificado, as “linhas de fuga” (nos termos de Deleuze

---

<sup>60</sup> O livro a que me refiro é COHN, Sergio (org.) *Inquietação-Guia – 15 poetas em torno da Azougue*. Rio de Janeiro: azougue editorial, 2009.

<sup>61</sup> *Azougue Várzea* 96, 1996, segunda página

<sup>62</sup> *Azougue Várzea* 96, 1996. Entrevista com Armando Freitas Filho, p. 31

<sup>63</sup> *Azougue Desterro* 97, 1997, p 41 -47

<sup>64</sup> Embora generalizações sejam perigosas, procurei encontrar algumas similaridades entre os principais poetas publicados na revista, que pudessem dar conta do panorama poético apresentado nela. A análise aprofundada de cada poeta sairia das possibilidades dessa dissertação.

& Guattari) estabelecidas pelas escolhas editoriais da revista. A influência de Piva transparece nas páginas de toda a coleção da revista na medida em que os poetas publicados tiveram algum contato, pessoal, literário ou contemporâneo com o poeta, como é o caso de Claudio Willer, Rodrigo de Haro, Antonio Fernando de Franceschi, Celso Luiz Paulini (amigos com quem Piva se reunia para ler e comentar poesia), Dora Ferreira da Silva (também uma anfitriã para reuniões literárias e filosóficas junto do esposo Vicente Ferreira da Silva, uma autoridade em Heidegger, segundo Willer<sup>65</sup>) e Afonso Henriques Neto (sua poesia foi aproximada à de Piva por Armando Freitas Filho principalmente pelas influências de Jorge de Lima e Murilo Mendes, como citado anteriormente.)

Dentro de uma proposta de diversidade, em seus dez volumes, os editores da *Azougue* publicam os autores que lhes interessavam e textos que tomaram como preciosos, como por exemplo uma entrevista de Jayme Ovalle (1894 - 1955) a Vinícius de Moraes (1913 - 1980), feita em 1953 para o semanário *Flan*. Resgatada do arquivo Otto Lara Resende no acervo do Instituto Moreira Salles, sai na *Azougue* nº 8 de 2003 com o texto introdutório de Humberto Werneck autor da biografia intitulada *O Santo Sujo – A vida de Jayme Ovalle* pela Cosac Naify em 2008. Interessante observar que propositalmente, ou não, a foto impressa no início da matéria que mostra Jayme Ovalle, Otto Lara Resende e Vinícius de Moraes no apartamento de Ovalle remete imediatamente àquela onde estão Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos:



(Fig.3)



(fig. 4)

---

<sup>65</sup> Willer afirma que “Vicente era autoridade máxima no Brasil em Heidegger” na entrevista a Piva publicada na revista virtual *Agulha*. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag34willer.htm>> acesso em janeiro de 2011.

Proposital ou não, a margem para a interpretação está traçada. Como *Azougue* não abre espaço para textos de crítica, a alusão fica no ar. Mesmo tendo escolhido publicar poemas que estavam “para além de Drummond, Bandeira, João Cabral e dos concretos” como afirma Cohn<sup>66</sup>, talvez estivessem tentando chamar atenção do leitor para a importância daquele movimento, e ao mesmo tempo lembrá-lo que na mesma época da publicação da entrevista com Jayme Ovalle (1953), uma entrevista de cunho fantástico e até surreal, a agitação concretista já havia iniciado em 1952, quando o grupo de Pignatari e dos irmãos Campos publica o primeiro número da revista *Noigrandes*. Vejamos um trecho da entrevista reproduzida na *Azougue*:

Flan de 24 a 30 de maio de 1953

Entrevista de Vinicius de Moraes

“O IMPOSSÍVEL ACONTECEU COM JAYME OVALLE”

Êsses Impossíveis Aconteceram a Jayme Ovalle:

- Já teve a impressão de estar no céu;
  - Já se apaixonou por uma pombinha;
  - Já foi traído por um pombo;
  - Já conversou com Deus;
  - Já escreveu vários livros de poesia
- em inglês sem saber falar a língua:  
(...)<sup>67</sup>

Este trecho aparece no início da entrevista funcionando como uma introdução ao que se deu a ler. Vinicius de Moraes escolhe perguntas que, de um modo geral, apresentam muito do “inclassificável” que foi Ovalle, muito de sua personalidade mais do que se concentra em mostrá-lo como poeta e músico. Já desde o título fica claro o teor da entrevista em que a conversa foi levada para as experiências de vida do compositor revelando fatos que parecem ser mais ficcionais do que reais sem que se revele este mistério. O próprio Moraes explica que ele tem uma realidade “complexíssima” e “as coisas que se contam sobre Jayme Ovalle são do puro domínio do fabuloso”<sup>68</sup>. Ou seja, a revista não

---

<sup>66</sup> COHN, 2004, p. 431

<sup>67</sup> MORAIS in *Azougue*, 2003, p. 57 (ver no anexo 2)

<sup>68</sup> *Azougue* n° 8, 2003, p. 68

mostra para seu leitor a obra de um artista, mas o próprio artista. Mostra fantasia e realidade confundidas, o essencial da ficção, o essencial da própria literatura que está entre a mentira daquele que lê e a verdade daquele que escreve e entre as infinitudes dicotômicas do ser/ não ser, presença/ausência, realidade/irrealidade. Contudo a relevância de um resgate deste tipo numa revista publicada em 2003, talvez seja operar numa função de dispositivo na medida em que a entrevista não apresenta meramente um debate de opiniões ou um depoimento, mas ficcionalizando-a e passa a ressensibilizar o leitor tanto para a obra de Vinícius de Moraes e Jayme Ovalle quanto para aquela geração da qual pertenceram.

Considero aqui a revista como dispositivo. No ensaio de Giorgio Agamben intitulado *O que é um dispositivo?*<sup>69</sup>, Agamben propõe a hipótese de que “dispositivo” seja um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento de Foucault, que toma o termo “positividade” o qual se transformará em “dispositivo” ao longo de seu discurso acerca da “relação entre os indivíduos como seres viventes e o elemento histórico, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder”<sup>70</sup>. Mais além Agamben explica:

[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar

---

<sup>69</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 32

conta das conseqüências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar.<sup>71</sup>

Desta maneira, não só a literatura, mas a revista em si seria um dispositivo, pois a seu modo, ela é capaz de orientar e determinar uma leitura que capture o sujeito e possa servir de guia para leituras posteriores dentro dos limites literários que ela apresenta. Se a entrevista apresenta em vez da obra, o seu autor como personalidade, como literatura, a revista apresenta também em outro momento a obra, a narrativa, em que o autor se insere como personagem, como no caso da narrativa de José Agrippino de Paula que aparece na edição de nº 8, quando a *Azougue* já não se autodenomina fanzine, apresenta-se graficamente mais sofisticada e voltava depois de uma pausa de dois anos. A narrativa de José Agrippino de Paula (1937 – 2007) intitulada *Roteiro de viagem do Diário Oficial das Drogas do Ocidente*, foi escrita no Marrocos e encontrada numa revista dos anos 1970 chamada *Anima*, e publicada na *Azougue* como uma espécie de preciosidade a ser compartilhada com o leitor. Esta é uma narrativa insólita e pitoresca que conta em primeira pessoa o anoitecer nas dunas de Tanger quando o personagem e sua esposa doente compartilham a rala sopa do Ramadan com alguns marroquinos e estrangeiros que moravam e trabalhavam ali:

O vento vinha do sol zunindo e saíam gigantescas faixas de luz branca atravessando as nuvens. Eram muitas nuvens e o barulho do vento e do mar era muito forte, e eu continuava girando para frente e para trás e as crianças deslizavam nas dunas ao longe. (...) Eu não estava agüentando o espetáculo do sol e soltava um grunhido e voltei novamente o corpo e fui para as dunas onde estavam as crianças. (...) “Quieres sopa Ramadan?” perguntou o rapaz árabe de lábios violetas e cabeça raspada. Batia a calça tirando areia da calça e desceu para baixo da duna com o cão e foi para a casa. Eu e as crianças nos aproximamos do vidro da casa e a mulher marroquina fazia sinal para nós entrarmos. Entramos e todos os rapazes empregados do bar estavam sentados no chão em torno da mesa baixa com almofadas e as tigelas de

---

<sup>71</sup> AGAMBEN, 2009, p. 40,41

sopa à frente. “Quieres sopa? sopa Ramadan?”. Serviam a sopa fora das mesas altas e das cadeiras. Sentavam nas almofadas e as tâmaras estavam em três pratos. (...) Eles estavam alegres e quietos com o longo jejum do dia e esperavam todos para tomarem a sopa do Ramadan juntos. (...) Aí eu fui para o caminhão, que era uma ambulância antiga. Maria estava dentro e dormia de costas, enrolada. Perguntei se ela queria comer alguma coisa e ela perguntou o que tinha. “A sopa Ramadan”, eu respondi. “O que é?” “É sopa de legumes”. “Quero”. E voltei atravessando as árvores escuras que levantaram os galhos para eu passar, e entrei no bar parando na porta. A mulher marroquina parou olhando, para mim, eu deveria dizer alguma coisa mas demorava muito e olhava a tigela de sopa em cima da mesa. A mulher continuava maravilhosa com o rosto corado, os lábios vermelhos e os olhos escuros mal iluminados pela lâmpada de gás. “C’est pour ma femme. Elles avais faim.”<sup>72</sup>

Narrativa de luzes, cores, sol e noite. O vento que vem do sol, o insuportável “espetáculo do sol” as “árvores escuras que levantaram os galhos” para que ele passe. Estas imagens aéreas perseguidas por José Agrippino de Paula na narrativa de auto-exílio em 1972, quando sai do país pela perseguição policial, não trazem à *Azougue* o Agrippino de *PanAmérica* (1967), nem de *Lugar Público* (1965), nem o diretor e produtor brasileiro atuante com o grupo de músicos da Tropicália. *Azougue* traz um Agrippino desterritorializado, de outras experiências e outros textos. Numa entrevista para a revista eletrônica *Trip*<sup>73</sup> um pouco antes de sua morte, ficamos sabendo que esteve nos Estados Unidos, França e Inglaterra, mas foi na África onde encontrou o sossego que buscava. A presença de Agrippino representa tanto para o editor quanto para a revista, um achado, o compartilhamento com os leitores de um “tesouro” escondido que traz o autor de volta à cena literária.

Outro dado intrigante é a tentativa de aproximação de posturas díspares, trazendo poetas como Fernando Ferreira de Loanda ao lado de

<sup>72</sup> PAULA in *Azougue*, 2003, p. 85-87 (trecho). Ver texto completo no anexo3

<sup>73</sup> Revista eletrônica *Trip*. Disponível em:

<<http://revistatrip.uol.com.br/155/desplugados/02.htm>> Acesso em: junho de 2010.

Chacal. Loanda afirma, em sua entrevista para a revista, ser um poeta que preza pelo artesanato na poesia, diz que ela deve ser bem construída e hermética. Há também em sua escrita o elogio da viagem, que mostra claramente em *Ode a Jack London* (1947) “As viagens foram feitas para mim./Nasci com os mapas./ Os itinerários estão na palma da minha mão”<sup>74</sup>. Loanda foi considerado um dos grandes difusores e defensores da geração de 45, sendo seu principal editor primeiro com a revista *Orfeu*, de 1947<sup>75</sup>, depois editando livros e poesias. Chacal, por outro lado, pode-se dizer que é poeta do avesso, do verso livre e dicção pop que protagonizou, bem depois da década de 40, um movimento de poetas que algum tempo depois foi chamado de *Geração Marginal* por Heloisa Buarque de Hollanda. Em 2003 completou 31 anos de publicação de sua obra pra lá de “canábica” (adjetivo do próprio Chacal), *Preço da Passagem*.

Esta aproximação de pólos traz ao leitor a possibilidade de contraste, ou ainda de encontrar a coerência nas escolhas da revista. O que se nota é uma tendência de trazer aos olhos do público uma gama de poetas e prosadores de posições próximas, ou poéticas que se entrecruzassem; no caso de Loanda e Chacal poderia ser o elogio da viagem um ponto em comum.<sup>76</sup> Contudo se considerarmos, a grosso modo, Loanda como *geração de 45* e Chacal *geração marginal*, a revista propõe a aproximação de pólos que se repelem. Volta então o problema geracional; mas colocá-los frente a frente parece contribuir para dissolver esse limite. O que está em evidência nesse caso parece ser mais a contribuição que ambos, Chacal e Loanda, representaram para o grupo de escritores para os quais eles foram caros, Loanda como editor dos poetas da *geração de 45*, e Chacal como agitador cultural e promotor do movimento dos livros em mimeógrafo.

---

<sup>74</sup> Azougue nº 8, 2003, p. 42

<sup>75</sup> A revista *Orfeu* publicada na primavera de 1947 por Fernando Ferreira de Loanda, Lêdo Ivo, Fred Pinheiro e Bernardo Gersen., trazia uma nova proposta contra a liberdade formal, as ironias e sátiras que se tornaram tendência depois do movimento modernista de 22, embora Loanda afirme na entrevista para a *Azougue*, que não havia nada de revolucionário nela. *Orfeu* foi também a revista lançada em 1915 por Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro que foi interrompida prematuramente após a segunda publicação, pela falta de recursos financeiros e também pelo suicídio de Mário de Sá em 1916. Sobre esta revista há um artigo esclarecedor na revista eletrônica *Sibila*. Disponível em: <<http://www.sibila.com.br/index.php/mapa-da-lingua/447-orfeu>> Acesso em: julho de 2010.

<sup>76</sup> Seria necessária uma análise mais aprofundada das obras de Loanda e Chacal para enumerar mais especificamente qualquer semelhança ou diferença, mas não caberia nos propósitos deste trabalho.

Estes textos “resgatados” se somam a uma idéia de poema que gera através do recorte poético uma atmosfera única, ou seja, a revista opera uma conceitualização de poesia, que segundo Sergio Cohn está reunida “pela diversidade de dicções e motivações”,<sup>77</sup> e mais ainda “a partir daquilo que esses autores não são”,<sup>78</sup>. Passa nas primeiras quatro edições, maiormente pautadas na “*Geração dos Novíssimos*”, pela *Beat Generation*, com nomes como Michael McClure e Allen Ginsberg, retoma o *Surrealismo* com Breton e Paul Éluard e depois de uma revista voltada também para o teatro e cinema, volta aos primórdios da *Beat Generation* com Kenneth Rexroth e Charles Olson<sup>79</sup>. Passa pela chamada “geração marginal” com Chacal e toca, mesmo que timidamente, na *Geração de 45* com Fernando Ferreira de Loanda. Para os Concretos e seus “simpatizantes” sobra uma alusão indireta na fotografia da entrevista com Jayme Ovalle e uma única frase de Paulo Leminski na terceira capa da edição 4, de 1997, que diz: “A linguagem tem de estar a favor da vida, não a vida a favor da linguagem”,<sup>80</sup>.

Obviamente todo esse trânsito que aponto por estes poetas, acaba por desfazer as noções de “geração” ou “período” e coloca ao leitor da revista um panorama geral e até *ilustrativo* deste recorte que interessa ao editor. Mais do que retomar uma geração ou gerações, a revista monta seu próprio panorama literário. Há inevitavelmente um grupo que em sua pluralidade forma um todo singular através das ligações entre si, dos caminhos que num passado recente, traçaram para se encontrar, ou ainda, os caminhos que a revista mesma acabou traçando para promover esse encontro; mas há também outro grupo de poetas que a revista e conseqüentemente a editora reúne e publica, conferindo-lhes lugar nas prateleiras das livrarias e dos leitores. Foram, como mencionado anteriormente, os poetas que colaboraram com a revista e paralelamente

---

<sup>77</sup> COHN, Sergio (org.). *Azougue 10 anos*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004, p. 10.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>79</sup> Charles Olson não está propriamente ligado à *Beat Generation*, mas sua poética *Projective Verse* é revisitada e incorporada aos estudos de Michael McClure em seu livro *A nova visão – de Blake aos Beats* que revisa a poesia *Beat* através da biologia propondo uma poesia mamífera. Olson é mais um objetivista, ao lado de nomes como George Oppen e Louis Zukovski, foi o criador do Black Mountain College, que foi muito importante para a L=a=n=g=u=a=g=e Poetry americana. Nomes como Robert Creeley e Michael Palmer, foram também influenciados pelos Beats. (*Azougue* número 7, p. 27 e MCCLURE, Michael. *A nova visão: de Blake aos Beats*; trad. Daniel Bueno, Luiza leite & Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005).

<sup>80</sup> Esta frase está na *Epístola à Regis* (1977): LEMINSKI, Paulo. *Uma carta uma brasa através: Cartas a Regis Bonvichino 1976 – 1981*. São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 46

produziam sua própria obra, como por exemplo Caio Meira, Bruno Zeni, Luiza Leite, Alberto Pucheu, só para citar alguns.

Acompanhando ainda essa revisão poética, a revista parece propor uma releitura do Modernismo brasileiro através das referências dos próprios poetas que ela traz. Uma leitura ao revés, da literatura subterrânea dos “Novíssimos” ao Modernismo dos manifestos, das rupturas. Na segunda e terceira edições da revista, por exemplo, um dos poetas mais citados é Murilo Mendes ao lado de Allen Ginsberg. Da quinta à décima segunda, vemos Manuel Bandeira e logo Jorge de Lima, seguido de Mário de Andrade e Roberto Piva. Estas referências que trazem os poetas publicados (e/ou entrevistados) vêm mostrando uma concepção de poesia móvel no tempo e polifônica, isto é, houve uma preocupação em escolher múltiplas vozes poéticas que se encaixassem num conjunto pontuado por diferenças, mas sem dissonâncias. Esta mobilidade que *vai e volta* do passado ao presente é uma constante na maioria dos números da revista, publicando a poesia do século XIX, *O Arquipélago* de Hölderlin, traduzido por Dora Ferreira da Silva<sup>81</sup> e Rubens Rodrigues Torres Filho<sup>82</sup>, *As catadoras de piolhos* de Rimbaud também traduzido por Torres Filho<sup>83</sup>, e dois pequenos poemas em prosa de Oscar Wilde, *The disciple* e *The Master* traduzidos por Alexandre Ferraz e Julice de Paula<sup>84</sup>. Do início do séc. XX, uma bela tradução do poema *Chamber Music* (1907) de James Joyce feita por Carlos Tamm<sup>85</sup>, depois produções das décadas de 50 a 90 do século passado.

De acordo com Suely Rolnik, no ensaio *Antropofagia Zumbi*<sup>86</sup>, na década de 20 do século passado o movimento Antropofágico “adotou a fórmula ética da relação com o outro” do ato de devorar praticado pelos primeiros habitantes do Brasil, que, ritualizada através do canibalismo, foi transferida à sociedade brasileira como o mito reativado pelos modernistas de São Paulo. Suely propõe os elementos constitutivos dessa “fórmula”:

O outro é para ser devorado ou abandonado. Não é qualquer outro que se devora. A escolha

---

<sup>81</sup> *Azougue* n°6, 1999, p. 107-114

<sup>82</sup> *Azougue* n°4, 1997, p. 23

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 22

<sup>84</sup> *Azougue* n°5, 1997, p. 40

<sup>85</sup> *Azougue* n°7, 2000, p. 70-73

<sup>86</sup> Ensaio publicado na *Azougue: edição especial 2006-2008*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

depende de avaliar como sua presença afeta o corpo em sua potência vital: a regra consiste em afastar-se daqueles que a debilitem ou a mantenham no mesmo lugar e aproximar-se daqueles que a fortifiquem. Quando a decisão é pela aproximação, a regra consiste em permitir-se ser afetado ao mais fisicamente possível: trazer o outro em suas potências vitais, absorvendo-o no corpo, de modo que as partículas de sua admirada e desejada diferença sejam incorporadas à alquimia da alma, e assim se estimule o refinamento, a expansão e o devir outro de si mesmo.<sup>87</sup>

Ela complementa dizendo que a cultura brasileira nasceu sob a insígnia da “devoração crítica e irreverente de uma alteridade que foi desde sempre múltipla e variável”, e que a idéia de Antropofagia viria afrontar o processo de hibridação cultural do país. Aquela “fórmula ética da relação com o outro” adotada pela Antropofagia de Oswald de Andrade, parece reviver na *Azougue* de modo que, aproximando-se de seus poetas eleitos, performa o ato simbólico de devorá-los. Apresentando, mostrando depoimentos e antologias poéticas, consegue desta maneira não apenas seu próprio fortalecimento, mas uma recíproca potencialização. Mostrando o máximo possível de cada poeta homenageado, considerando obviamente as possibilidades gráficas e a montagem das antologias, revista e poetas foram se fortalecendo de edição em edição, cada poeta possibilitou a mobilização das potencialidades da revista e vice versa. Importante lembrar ainda, que apesar da potencialização operada na revista pelos poetas publicados, houve após essa espécie de ápice uma drástica modificação, de uma revista de poesia para outra de entrevistas e, para uma editora.

Nesta busca incessante por republicar, rever, revelar, um impulso de colecionador de raridades é expresso nas páginas da revista. Ela é feita de paixões. Apresenta seus “amados poetas” aparentemente envoltos numa bruma fetichista e intocável. Eles se transformam no objeto de desejo, são “homenageados” pelos novos leitores e poetas que editam a revista. De homenageados a monumentalizados suas vozes, ao mesmo tempo em que se aproximam do leitor através dos depoimentos e entrevistas, são incorporadas e apresentadas pela revista como ídolos. A

---

<sup>87</sup> ROLNIK in *Azougue*, 2008, p. 204

estrutura da revista, de um lado, aproxima e opera um reconhecimento no leitor e de, outro, supervaloriza, monumentaliza a figura do autor, não como “função-autor”, mas como indivíduo que escreve e vive a poesia.

Lembremos então de Brás Cubas, o “defunto autor” personagem de Machado de Assis<sup>88</sup>, com o a qual o escritor ganha o direito e a legitimidade de ser o “escriptor”, aquele que, segundo Roland Barthes, escreve desde a cripta, que nasce ao mesmo tempo que seu texto. Anunciando seu estado de morte, ele, como *sujeito literário*<sup>89</sup>, recusa desde o ponto de partida as leis da razão e da ciência: “esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma”<sup>90</sup>. Mas se o que dizem tanto Blanchot quanto Barthes que o autor só existe a partir de sua obra, ao monumentalizá-lo não seria sua própria obra o objeto desta monumentalização? Não seria então a monumentalização de uma abstração, de um segredo mantido nas entranhas do que o autor fez, pois segundo Blanchot a obra “não é esse livro comprado, lido, triturado, exaltado ou esmagado pela cotação do mundo”<sup>91</sup>. Não estaria a revista homenageando um “outro” transformado por sua obra? Pois o livro é justamente *eu mesmo* transformado em outro. Este *outro* que escreve, um autor cujo nome e poesia acabam confundidos<sup>92</sup>.

Em 22 de fevereiro de 1969 Michel Foucault (1926 – 1984) apresenta, num debate na Société Française de Philosophie, a

---

<sup>88</sup> “Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mis galante e mais novo.” (ASSIS, 1977, p.13)

<sup>89</sup> A linguagem conhece um “sujeito”, não uma “pessoa”. (BARTHES, Roland. *O rumor da língua*; trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Marins Fontes, 2004, p.60)

<sup>90</sup> ASSIS, 1977, p. 14

<sup>91</sup> BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*; trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 296

<sup>92</sup> Talvez coubesse aqui pensarmos em espetacularização, mas, sob um aspecto mais restrito do que a totalidade espetacular pensada por Guy Debord. Na medida em que a revista é um objeto posto para o consumo, buscando em suas primeiras edições, atingir um público jovem, e para isso, foram promovidas festas de lançamento em que a revista foi o ingresso, poderíamos considerar as “homenagens” aos poetas, um tipo de “propaganda” para a revista. Outro exemplo que posso apontar é o livro comemorativo de dez anos da revista, publicado em 2004, já pelo selo *Azougue*. É uma antologia dos depoimentos mais importantes de poetas e prosadores publicados ao longo dos dez anos e ainda depoimentos dos “azougueiros” sobre o que significou para eles fazerem parte do corpo editorial da revista.

conferência intitulada *O que é um Autor?*<sup>93</sup> Com ela Foucault tem o objetivo fundamental de distinguir duas noções de autor que, segundo Giorgio Agamben no ensaio *Autor como gesto*, “são frequentemente confundidas”: o “autor como indivíduo real” e a função-autor onde Foucault concentra essencialmente sua análise. Segundo Foucault o nome ‘autor’ não é um substantivo comum como outros, não se simplifica na descrição ou na designação. Em sua leitura da obra de Foucault, Agamben explica que:

O nome de autor não se refere simplesmente ao estado civil, não “vai, como acontece com o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu”; ele se situa, antes, “nos limites dos textos”, cujo estatuto e regime de circulação no interior de uma determinada sociedade ele define. “Poder-se-ia afirmar, portanto, que em uma cultura como a nossa, há discursos dotados da função-autor, e outros que são desprovidos dela... A função-autor caracteriza o modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade”.<sup>94</sup>

O nome do autor tem mais a ver com um gesto, como diz Agamben. Um gesto que atribui a este nome uma posição em nossa sociedade, um *status*, segundo Foucault. Referir-se a um autor pela perspectiva da *função-autor* é, ao mesmo tempo, referir-se à toda produção que leva seu nome como assinatura, é identificar o indivíduo como autor de um corpus de texto, ou seja, ao dizer Piva, não estamos nos referindo somente ao paulistano descendente de italianos, que teve o ofício de professor de sociologia e poeta. Mas dizer Piva, Roberto Piva, é referir-se a todo o conjunto de escritos deste poeta e a uma série de aberturas críticas que seus poemas sugerem, pois foram poemas importantes para a compreensão de um tempo impreciso e fundamentais dentro de uma perspectiva da literatura brasileira no período de sua produção até os dias de hoje.

---

<sup>93</sup> FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*; trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 264-298

<sup>94</sup> AGAMBEN, 2007, p. 56

Nesta perspectiva, a função-autor está ligada à escrita como sacrifício que, segundo Foucault, é o “próprio sacrifício da vida; apagamento voluntário que não é para ser representado nos livros, pois ele é consumado na própria existência do escritor”<sup>95</sup>. Quando ele fala dessa ligação fatal que prevê o “próprio sacrifício da vida” na escrita, pois manifesta o desaparecimento “das características individuais do sujeito que escreve”<sup>96</sup>, a obra recebe o direito de matar e a “marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência”<sup>97</sup>. O sacrifício estaria no ato de substituir o *ser* presente pela ausência, pelo vazio. Ao dissolver-se na escritura, o autor é ao mesmo tempo o ser dado ao sacrifício e o ser que oferta a dádiva; ele se entrega à escritura como uma dádiva. Entretanto há outro lado desta relação entre escritor e escritura, poeta e poesia, mais especificamente. O ato de dar pressupõe que alguém ou algo receba, o que está para além apenas do sistema literário: autor, leitor e texto, mas muito mais numa relação próxima demasiadamente do corpo, porque tem a ver com dar, com o gesto do *doa-dor*, um movimento para a vida, construção de uma utopia através do poema: o saque / a dádiva.

---

<sup>95</sup> FOUCAULT, 2009, p.268-269

<sup>96</sup> Ibidem, p. 269

<sup>97</sup> Ibidem, p. 269

### 3. CAPÍTULO II

#### Entre o Saque & a Dádiva

A partir deste ponto proponho rever/reler o encontro de Roberto Piva com a revista *Azougue*. Um encontro que precede uma relação que pode ser além de literária, visto que é uma revista de poesia, mas também comercial, pois é também um objeto posto para o consumo, numa relação que pode ser percebida por dentro do movimento entre o saque e a dádiva, entre doar a dor, uma relação de (concordando com a idéia de Paulo Leminski) paixão pela poesia. Antagônicos mas ao mesmo tempo complementares, saque e dádiva foram abordados na *Azougue* como eixo temático da primeira revista da coleção de entrevistas lançada em Janeiro de 2007. É a partir da proposta da revista mesma que estabeleço a relação *Azougue/Piva* ou *Azougue x Piva* e, ainda e principalmente, *Azougue* e Piva.

#### 3.1. O conceito

Sacar ou saquear é um ataque inesperado com emprego de força para roubar, tirar do poder do outro. Dádiva, a princípio, é dar, doar sem a pressuposição de algo em troca. Dádiva também é um presente divino, um dom gratuito que é dado por Deus, segundo o cristianismo. Mas, muito antes do cristianismo se espalhar pelas Américas, outro modo de dádiva era praticado. O antropólogo Marcel Mauss em seu *Ensaio sobre a Dádiva*, chama essas antigas práticas tribais de *sistema das prestações totais*. Mauss explica que em duas tribos do noroeste americano, há uma forma típica de “prestações e contraprestações [que] se estabelecem de uma forma, sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias sob pena de guerra privada ou pública”<sup>98</sup>. Estes rituais, que são “prestações totais de tipo agonístico” foram chamados de *Potlatch*. Banquetes, feiras, casamentos, culto aos grandes deuses, enfim, todos os ritos que envolvem a coletividade estão, segundo Mauss, misturados às prestações jurídicas e econômicas e determinações de cargos políticos. Tais práticas e transações são dominadas pela rivalidade e antagonismo entre as tribos que podem chegar até a batalha e morte de chefes e nobres que se enfrentam, assim como a destruição das riquezas

---

<sup>98</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia – sociologie et anthropologic*. Trad. Paulo Neves: São Paulo: CosacNaify, 2003, p. 191

acumuladas por uma tribo para ofuscar a imagem do chefe rival. Tais rituais estão associados à rivalidade exasperada e à destruição de riquezas, ao completo dispêndio.

Transpondo este conceito para a literatura, no posfácio do livro *Máscara âmbar* do poeta argentino Arturo Carrera, Raul Antelo revela o caráter etnológico da poesia de Carrera e remonta às considerações do especialista em antropofagia tupinambá Alfred Métraux. Tais considerações remetem às observações de Métraux sobre o povo Uro-Chipaya, localizado no altiplano boliviano, que afetados pela crise econômica de 1930, puderam manter suas festas rituais às quais Métraux “associaria à estratégias econômicas do *potlatch* ou dom”. Tanto Métraux quanto Bataille reconheceram “no escambo e na dívida criadora de vínculo”, “um poder de singularização, um modo de participação e, (...) até mesmo um pensamento do ser que é, na verdade, um pensamento sobre o tempo”<sup>99</sup>. No mesmo ensaio, Antelo relata o conceito de *potlatch* descrito pelo artista plástico e escritor argentino Xul Solar, que o descreve como um costume oneroso que pressupõe a reciprocidade dobrada de todo e qualquer presente e cuja recusa ninguém ousaria. E cita:

Con estas manifestaciones de rumbosa generosidad, que pugnaba por batir su propio record, se acompañaba una usura en préstamos (o regalos), de cien por cien, o más, anual, es decir devolviendo el doble de lo recibido, que no era dinero, sino objetos. (En realidad una forma de dinero había: como en muchas otras partes para transacciones usuales, es decir de poca monta, había conchas univalvas de moluscos marinos).<sup>100</sup>

Georges Bataille interpreta essas transações como a “dádiva da rivalidade”<sup>101</sup>. O *Potlatch* praticado na antiga sociedade Asteca e entre os povos indígenas do noroeste norte-americano tinha mais a ver com o dispêndio, que mostrava a generosidade dos mais ricos e, por sua vez, lhes garantia honra e resguardava sua reputação. Era mais poderoso quem oferecesse, gastasse ou destruísse seus bens. O *Potlatch* de maneira geral refere-se à dissipação das riquezas úteis em vista de

<sup>99</sup> ANTELO in CARRERA, Arturo. *A máscara âmbar*; trad. Ricardo Corona & Joca Wolff. São Paulo: Lumme Editor, 2008, p.50

<sup>100</sup> SOLAR apud ANTELO in CARRERA, 2008, p. 53

<sup>101</sup> BATAILLE, Georges. *A Parte Maldita*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 104-114

adquirir poder; esta dádiva efetiva-se somente quando quem recebe é de alguma forma modificado e esta “ação exercida sobre outrem constitui justamente o poder da dádiva, que se adquire pelo fato de perder”<sup>102</sup>. Assim as riquezas circulam de uma tribo a outra, pois para que se estabeleçam realmente os contratos cada presente recebido deve ser retribuído. Cada esbanjamento deve ser eclipsado por outro maior ainda e, assim, sucessivamente.

Esta prática nas sociedades arcaicas nos remete a uma maneira de pensar a sociedade em termos de gasto, consumo, destruição, de transferência de valores, de juízo de valor a valor de troca ou ainda do valor da moeda para o seu não-valor, para a sua versão falsa. Todas estas relações de inversões ou até de transferências, valorando aquilo que não teria valor e, principalmente, a oscilação de valores negociados, demonstram o caráter volátil do mercado, um campo movediço, propício para o trabalho literário.

Voltando ao objeto em questão, podemos pensar numa revista de poesia como um bem de consumo e o que pode valorar mais uma revista deste tipo do que a escolha do poeta a ser publicado? Como pode a poesia, uma abstração da linguagem em diferentes culturas, transformar-se em bem valorado? Ou será que o custo não depende do poeta, mas somente do trabalho e do material empregados na confecção do objeto? Paulo Leminski nos conta que “os maiores poetas (escritos) dos anos 70 não são gente. São revistas”<sup>103</sup>. Leminski se refere à aparição de várias revistas literárias que se proliferaram com intensidade durante o chamado “milagre brasileiro”<sup>104</sup>. Segundo ele “as revistas são a obra-prima da poesia brasileira” e, mesmo referindo-se aos anos 1970, podemos estender o período até nosso século, pois “na vida dos signos superiores, gratuitos, o que passa, fica. E só fica o que passou, forte”<sup>105</sup>, o que serve perfeitamente para pensar os procedimentos da *Azougue*, uma revista que publica nos anos 1990 os poetas que escreveram nos anos 1960/70. Mas, enfim, se a poesia é “uma coisa pra nada”<sup>106</sup>, “pra

---

<sup>102</sup> *Ibidem*, p. 107

<sup>103</sup> LEMINSKI, Paulo. *Anseios Crípticos 2*. Curitiba : Criar Edições, 2001, p. 89

<sup>104</sup> Principalmente entre os anos de 1969 a 1973, no governo Médici, ainda sob ditadura militar, o país passa por um período de intenso desenvolvimento e crescimento econômico com o aumento da concentração da renda e paradoxalmente da pobreza. Explosão desenvolvimentista que já havia iniciado desde o governo de Juscelino Kubitschek com o programa de desenvolvimento “cinquenta anos em cinco”. O grande progresso ficou conhecido então como “milagre econômico”. Ver em: FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008

<sup>105</sup> LEMINSKI, 2001, p. 89

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 89

dizer o que não se diz”, então foram as revistas de poesia que saquearam sua inutilidade, saquearam o espaço hegemônico do livro, atribuindo à poesia um novo lugar e, conseqüentemente, um novo valor. Por outro lado, o mesmo Leminski nos lembra que poesia não vende; que a poesia resiste em se transformar em mercadoria por estar na esfera da paixão. Aquela mesma paixão que impulsionou a criação da revista *Azougue*, a mesma paixão que instiga um sujeito a se aventurar pelo universo da poesia. Cito Leminski:

Por que essa coisa tão inútil que não consegue sequer se transformar decentemente em mercadoria num mundo mercatário, esse mundo em que vivemos? Qualquer editor principiante sabe: poesia não vende, e é bom que não venda! (...) Poesia é um ato de amor entre o poeta e a linguagem. (...) Não é uma infelicidade e nenhuma inferioridade da poesia escrita, (...) se transformar em mercadoria é uma grandeza. Quem não entender isso não entendeu a verdadeira natureza da poesia (...).<sup>107</sup>

O fato é que para nossa sociedade, o gasto ou a destruição, ou algo que não se possa vender (como é o caso da poesia) é sinônimo de crise, falência e ruína e não de poder e ascensão. Mas o que suscita aqui o sistema arcaico de trocas (saque & dádiva) é justamente a transferência que se pode operar do valor, do que realmente vale a moeda. É considerar não mais a edificação, mas a ruína, a grandeza do não ser vendável. Quando Jaques Derrida, em seu livro *Dar (el) tiempo: I. La moneda falsa* (1991), tece inúmeras argumentações a respeito da veracidade e/ou falsidade suscitadas no poema de Baudelaire *A moeda falsa*<sup>108</sup>, ele enfatiza, entre outras, a ideia de que falta à moeda um título que a legitime, que garanta sua autenticidade, ela tem somente um título falso. Segundo Derrida, no texto de Baudelaire

Todo es acto de fe, fenómeno de crédito o de confianza, de creencia y de autoridad

<sup>107</sup> LEMINSKI in NOVAES, 1987, p. 290

<sup>108</sup> (...) No caminho, encontramos um pobre que nos estendeu, tremendo, o seu gorro. (...) A dádiva de meu amigo foi consideravelmente maior que a minha e eu lhe disse: “Você tem razão, após o prazer de ser surpreendido, não há algo maior que causar surpresa.” “Foi a moeda falsa”, respondeu-me, tranquilamente, como que justificando-se de sua prodigalidade. (BAUDELAIRE, 2006, p.165,167)

convencional en este texto que puede ser que diga algo esencial a propósito de lo que conecta aquí a la literatura con la creencia, con el crédito y, por lo tanto, con el capital, con la economía y, por ende, con la política. La autoridad está constituida por la acreditación, a la vez en el sentido de la legitimación como efecto de creencia o de credulidad, y del crédito bancario, del interés capitalizado.<sup>109</sup>

Parece ser então que é no ato de confiança pelo qual o atributo de valor passa a ser legítimo (ou não), que a literatura dialoga com a política e com a economia. Arturo Carrera, em seu poema *Segunda Moneda*, publicado originalmente em seu livro *Potlatch* de 2004 e republicado na edição brasileira de *Máscara Âmbar* (2008), demonstra a instantaneidade de atribuir valor comercial a qualquer coisa em nome do desejo de obter algo mais ou melhor do que o do outro, o que nos faz entrar a qualquer custo, nas artimanhas do consumo. Vejamos o poema:

### **Segunda Moneda**

En la primera cola tal vez,  
 Antes de confesarme. Y esperaba,  
 como los otros niños,  
 el momento de disolver con palabras  
 en la oración la palabra y  
 el pecado. Y mientras esperaba,  
 me cagué. El sorete era duro  
 y se sostuvo sin deslizarse  
 entre el calzoncillo de frisa y  
 el borde del pantalón (que era corto  
 todavía). Y me confesé, cagado,  
 y me despedí de mis amigos de catecismo,  
 cagado.  
 Y fui hasta casa, cagado.  
 Mamá me esperaba.  
 “Y... qué tal, te  
 confesaste ya?” – dijo.  
 Mientras yo pensaba:  
 son monedas,

---

<sup>109</sup> DERRIDA, 1991, p. 98

tengo en el culo un monedero  
 lleno de monedas. Podré tomar  
 mil helados, tener cientos de soldaditos,  
 una chanchita de carrera como la de Fangio.

Era un bulto como el de las figuritas que llevaba  
 en el otro bolsillo. El bulto de los avaros  
 sueños míos...<sup>110</sup>

O poema de vinte e seis versos livres dividido em uma grande primeira estrofe e outra pequena de três versos dá a impressão de ter três partes, no entanto. Na primeira, o menino que está prestes a entrar no confessionário e nervoso, defeca. Ele tem um pecado que precisa de absolvição. Na segunda parte, quando o sujeito vai para casa responder a curiosidade da mãe católica e orgulhosa do filho, ele mesmo se absolve do pecado, pensando que o troço duro preso na cueca não é mais um troço, mas um moedeiro cheio, com o qual terá tudo que uma criança poderia querer: sorvetes e brinquedos melhores que do amigo. Na última parte, porém, o menino se dá conta de que está sonhando acordado, entende a avareza de seu pensamento e conclui que o volume que guarda não é mais um moedeiro. Entretanto o mais intrigante do poema de Carrera é que o *troço duro* toma o lugar de um personagem, acompanha o sujeito em seu silêncio embaraçoso de criança desde o confessionário, a despedida dos colegas de catequese até chegar em casa e se tornar um “monedero lleno de monedas”. Além disso, Carrera atribui à cena uma ironia tão pesada e volumosa quanto o troço que chega a ser uma pecaminosa profanação desde que o menino defeca nas calças dentro da igreja. A partir do ato blasfemo ele associa o troço ao dinheiro: “el bulto de los avaros”, “un bulto como el de las figuritas que llevaba/en el otro bolsillo”, com o qual teria tudo que quisesse, conferindo-lhe tanto valor quanto seu peso e volume; seria como em *A moeda falsa* de Baudelaire “um germe de riqueza de alguns dias”<sup>111</sup>, que no caso do garoto de Carrera nos dá a idéia de não durar mais que algumas horas. Ao final, quando o menino se dá conta de que sonhava acordado “sueños míos...” o poema nos lembra também para o fato de que todo o ato pecaminoso relacionado à igreja e à avareza, à falsidade daquele moedeiro está inscrito na ingenuidade de uma criança. A

<sup>110</sup> CARRERA, 2008, p. 46

<sup>111</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*; trad. Gilson Maurity. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 167

“segunda moeda” suscita o problema da atribuição de valor à arte que não se quer ouro, mas resto: “ese oro del viento en las ramas y ese oro lleno de materia de los poetas del pasado”<sup>112</sup>.

Raul Antelo explica que, tanto para Carrera quanto para Bataille, o *potlatch* está ligado ao pensamento porque “no sacrificio ou no potlatch, na ação (a história) ou na contemplação (pensamento), o que buscamos sempre é aquela sombra que chamamos inutilmente de poesia, profundidade ou paixão”, e ainda:

O *potlatch*, além de despesa e “destruição produtiva”, além de “liberação do caminho”, também é, para Carrera, “ese oro de la duración y ese oro de la no intención, esse oro que sube del dolor y ese oro que sucumbe al dolor. (...) el oro de no durar, de no tener, de no saber, de hacer el signo con absoluta humildad.”<sup>113</sup>

Saque e dádiva ou dom, são nesse sentido, os procedimentos do *potlatch* como destruição e conseqüentemente como “liberação do caminho”, pois na medida em que a *destruição* ocorre, ocorre também a *desobstrução* do caminho onde, através do sacrifício, pode-se chegar à paixão. Cabe aqui voltar ainda às considerações de Leminski sobre a paixão em seu texto *Poesia: A Paixão da linguagem*<sup>114</sup>. A respeito de suas conclusões etimológicas, Leminski atribui à palavra *paixão* um sentido passivo e também um sentido ativo num momento posterior. Considerando a passividade da palavra, ele nos remete ao sentido empregado na “Paixão de Cristo” que carrega a idéia de *sofrimento*, de *dor*. Passando para a expressão “a paixão revolucionária de Trotski”<sup>115</sup>, a palavra adquire uma força ativa, de movimento.

O poeta teria, em relação à linguagem, uma transa apaixonada e essa relação podia se manifestar de duas formas, uma forma masoquista e uma forma sádica. O poeta seria uma vítima da linguagem, a linguagem exerce uma violência sobre ele e ele sofre essa violência. Num outro momento, no momento sádico do processo, o poeta, o artista, o

<sup>112</sup> CARRERA, Arturo. *Máscara Âmbar*. São Paulo: Lumme Editor, 2008, p. 70

<sup>113</sup> ANTELO in CARRERA, 2008, p. 70

<sup>114</sup> NOVAES, Adauto (org.). *Os sentidos da Paixão*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

<sup>115</sup> LEMINSKI in NOVAES, 1987, p. 285

escritor, o criador, passaria a ser algoz, a ser carrasco da linguagem, e daí a inverter o jogo.<sup>116</sup>

O esquema proposto por Leminski baseado em suas constatações etimológicas, de que o poeta seria primeiro “vítima da linguagem” e depois passaria a ser seu “carrasco”, nos interessa na medida em que, segundo ele, o poeta “é um sofredor da língua, uma vítima da língua”<sup>117</sup>, mas esse sofrimento tende a ser de certa forma superado justamente pelo uso que ele faz da linguagem. Ao ser carrasco, o poeta viraria o jogo, passaria do estado masoquista ao sadista na medida em que responde à agressão sendo ele mesmo o torturador, o agressor, quebrando a linguagem, desmontando-a, torcendo-a, passando para o que Leminski chama de “estado sadista” de sua paixão. A idéia de uma atitude sádica em relação à poesia diz Leminski, “estaria mais ou menos, ligada à idéia de experimental, de invenção ou de vanguarda (...)”. Este seria o momento “de amor entre o poeta e a língua. As línguas amam seus poetas porque, nos poetas, se realizam os seus possíveis”<sup>118</sup>. Diante desta relação da linguagem com o poeta, do sacrifício, da paixão, da tentativa de atribuição de valor à inutilidade que é a poesia, temos a idéia de uma relação que é investigada: a revista *Azougue* e o poeta Roberto Piva.

Em 1996 quando a revista *Azougue* publica a homenagem a Piva como abre alas da coleção, Piva já tinha quase toda sua obra publicada, relançada e já havia participado de várias revistas de poesia. Depois dessa data, seus poemas continuaram a ser selecionados para antologias, impressos em jornais especializados e ganharam traduções para o espanhol, inglês e francês, mesmo não sendo publicações numerosas. Contudo, uma análise quantitativa pode, de certa forma, comparar a visibilidade do poeta antes e depois da revista.

O que a revista publica do poeta na edição de 1996 é uma antologia que abrange toda sua produção individual desde a *Antologia dos Novíssimos* de 1961, até poemas inéditos que só vão ser publicados no livro *Ciclones* em 1997. Depois, no ano 2000, na sétima edição da revista *Azougue*, seis pequenos poemas de Roberto Piva aparecem na seção *Inéditos & Dispersos*, os mesmos foram publicados no *Estranhos sinais de Saturno* pela editora Globo em 2008. Em 2004 o que era a

---

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 285

<sup>117</sup> LEMINSKI in NOVAES, 1987, p. 287

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 289

revista transforma-se no selo *Azougue Editorial*, que lança uma edição comemorativa dos 10 anos da revista. Uma espécie de antologia que reúne muitas das entrevistas e depoimentos dos poetas que colaboraram com a revista durante todo o período. A matéria sobre Piva é claro, não poderia ficar de fora; é reeditado então um texto de Danilo Monteiro, Priscila Queiroz e Sergio Cohn, intitulado *Não pares nunca meu querido capitão-loucura*. Em 2008, a editora lança a compilação da coleção *Azougue* de entrevistas feitas desde o ano 2007 reunidas em eixos temáticos (saque/dádiva, nomadismo/habitar, traição/vínculo e invenção/experiência), com uma entrevista com Roberto Piva no grupo reunido sob o tema *invenção/experiência*. A última publicação com o nome de Roberto Piva pelo selo *Azougue* foi em 2007: *Roberto Piva – Encontros*. Um livro de entrevistas e depoimentos diversos, sendo (mais uma vez) o primeiro de uma nova coleção lançada pela editora: a coleção *Encontros*<sup>119</sup>. Todas estas publicações foram lidas e consideradas para a análise do que aqui mais me importa: os poemas de Roberto Piva publicados na edição emblemática de *azougue equinócio*. 96 – *Alea jacta est*.

Para esta análise que proponho, apresento aqui uma estrutura baseada na ordem em que os poemas de Piva aparecem na revista. Entre as páginas 4 e 17 da revista, foram publicados 32 poemas e 3 manifestos, dispostos em ordem cronológica desde os poemas publicados na *Antologia dos Novíssimos* (1961) até os do livro *Quizumba* (1983), seguidos pelos manifestos e pelos poemas que compõem o momento xamânico na escrita de Piva. Tanto os manifestos quanto os poemas xamânicos aparecem inéditos na revista de 1996; só no ano seguinte os poemas saem publicados no livro *Ciclones* pela editora Nankin; os *Manifesto Utópico-Ecológico em defesa da Poesia & do Delírio* escrito em 1983 e *Manifesto da Selva mais Próxima* de 1984 foram compilados no volume II das obras reunidas de Piva publicada em 2006 sob o título *O século XXI me dará razão*, enquanto que o *Manifesto da Poesia Xamânica & Bio-Alquímica* datado de 1992 está publicado somente na revista *Azougue* de 1996 e em blogs pessoais espalhados na internet. Dentre os 30 poemas na revista, elegi 16 para serem comentados tendo em vista a leitura que a revista apresenta de cada livro do poeta, a relação que estabelece com ele e a importância que seus poemas tiveram para a fundação da revista e do selo *Azougue*.

---

<sup>119</sup> Depois de Roberto Piva, foram lançados livros sobre Antonio Risério, Cildo Meireles, Eduardo Coutinho, Darcy Ribeiro, entre outros.

### 3.2. *Azogue & Piva: Antologia dos Novíssimos e Paranóia*

*Paranóia* (1963) foi e ainda é o livro que recebeu mais atenção da crítica, é o mais lido e mais estudado de Roberto Piva. É justamente nele onde se encontra o poema que fomentou a idéia da revista *Azogue*, o poema *Meteoro*. Este foi o cartão de visitas de Piva, digamos assim, para seus novos leitores e futuros editores da revista. Uma vez conhecendo obra e autor, se fez a revista; é o que indica a inscrição na capa da referida edição, localizada na parte inferior esquerda: “Alea Jacta est!”, expressão latina que significa ‘a sorte está lançada’<sup>120</sup>.

Do livro *Paranóia* (1963), foram publicados quatro poemas e da *Antologia dos novíssimos* (1961), *Azogue* reproduz a apresentação do poeta e mais dois poemas. Quero, entretanto frisar primeiramente uma nota que podemos ler na segunda página do texto que diz o seguinte:

Paranoia est le premier livre de poésie délirante publié en brésilien. Piva, dont la formation intellectuelle est profondément marquée par la culture italienne a pris son inspiration dans les grands classiques de la décadence, d’où l’exubérance de l’image propre aux peuple latins. Freud et Lautreamont ont eu pour lui la plus grande importance. Enfin, la plus moderne littérature beat nord-américaine lui a transmis la fascination des néons et l’hallucination par la métropole métallique qu’ évoquent les photographies de São Paulo inserées dans son livre.<sup>121</sup>

Com esta nota de repercussão internacional, a revista mostra a importância que foi atribuída ao livro *Paranóia* pelo movimento de

<sup>120</sup> Frase proferida pelo imperador Julio César ao sentir-se vacilante na passagem do rio Rubicão que separava a Gália Cisalpina do território Italiano.

<sup>121</sup> (BENOÎT in AZOUGUE, 1996, p. 2) Numa entrevista concedida a Miguel de Almeida e publicada no jornal *O Globo* em 1º de junho de 1993 e republicada no livro *Roberto Piva – Encontros* (Beco do Azogue, 2007), Piva conta como o texto chegou até André Breton: “Sergio Lima deu o livro a uma poeta portuguesa surrealista, que o traduziu e o levou para Paris. Nesta época os surrealistas freqüentavam um bar, o *Promedade de Venus*, e lá ela leu para eles todos. Depois, Breton escreveu na revista deles.” O texto sobre o livro *Paranóia* foi escrito por Jean Benoît para a revista *La Brèche – Action Surréaliste* Paris, novembro de 1965, dirigida por André Breton. Disponível no site:

<[http://melusine.univ-paris3.fr/LaBreche/La\\_Breche\\_8.htm](http://melusine.univ-paris3.fr/LaBreche/La_Breche_8.htm)> acesso em junho de 2010.

André Breton, considerado por Benoît, autor da nota, “o primeiro livro de poesia delirante publicado no Brasil” (tradução nossa). Notemos que o autor considera Piva como o transmissor da “moderna literatura Beat norte americana”, mas com seu toque pessoal de “fascinação” e “alucinação” pela cidade de São Paulo. Ao publicar esta nota, a revista enfatiza a importância que se deu a *Paranóia* na França, mais do que no Brasil, quando no ano de sua publicação não fora sequer resenhado. Esta lacuna na fortuna crítica de Piva se deu muito pela não adesão ao movimento surrealista por poetas e pela crítica brasileira. Uma poesia inspirada na vida como campo de experimentação, o corpo em contato direto com a cidade, ou seja, uma “escrita do inconsciente (...) só poderia ser recebida com estranheza”<sup>122</sup>. Piva deixa clara sua posição ao afirmar que: “Só acredito em poeta experimental que tenha vida experimental”<sup>123</sup>. Davi Arrigucci Jr. afirma na introdução de *Paranóia* reeditada em 2009 pelo Instituto Moreira Salles, esta característica da obra de Piva dizendo que “*Paranóia* é um livro sobre São Paulo, mas é também, e sobretudo, um livro sobre Roberto Piva enquanto personagem que caminha pela cidade ao mesmo tempo real e fantasmagórica – o cavaleiro do mundo delirante – a que seus versos remetem”<sup>124</sup>. Seja por seu próprio depoimento, seja pelo olhar dos críticos e da percepção dos leitores, em Piva a vida como experiência no planeta está de fato fortemente ligada ou, ainda, entrelaçada em sua fala poética.

Neste ponto é oportuno, talvez, aprofundar-nos um pouco na palavra *experiência*. Maurice Blanchot mostra várias faces da experiência no ensaio intitulado *La obra y espacio de la muerte*<sup>125</sup>. A partir das observações de Rilke, Valéry e André Gide, afirma que os versos não são sentimentos, mas experiências. Para escrever um verso somente, há que esgotar a vida. “Para escribir un solo verso hay que agotar el arte, hay que haber agotado la vida en la búsqueda del arte”<sup>126</sup>, “para escribir un solo verso hay que haber visto muchas ciudades, hombres y cosas”<sup>127</sup>. A arte é experiência por ser uma busca determinada por suas indeterminações. Para Blanchot o fazer poético é experiência. Ele explora também uma idéia de experiência que se dá

---

<sup>122</sup> WILLER in COHN, 2004, p. 81

<sup>123</sup> PIVA, Roberto. *Antologia Poética*. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 102

<sup>124</sup> ARRIGUCCI in PIVA, 2009, p. 24

<sup>125</sup> BLANCHOT, Maurice. *El espacio literario*. Buenos Aires: Paidós, 1969

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 81

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 79

pela busca da necessidade, dos fins e dos meios pelos quais a obra possa se dar. Esta mesma obra nascida sob o signo de tantas incertezas tende a ser ela mesma a que questiona o artista, levando-o a viver nas incertezas da arte. Ele explica que “la poesía no es sino un ejercicio, (...) en el que la conciencia, ese poder vacío de convertirse en cualquier cosa, se convierte en un poder real, encierra en límites estrictos el infinito de sus combinaciones y la extensión de sus maniobras”<sup>128</sup>. Piva, em sua obra, parece agarrar-se numa falta em que somente o extraordinário poderia ser traduzido em experiência, pois como afirma Bataille, “nosotros vivimos en lo posible, a lo que nos ata la gravedad”<sup>129</sup>.

A experiência em Piva não está em acender uma luz para depois caminhar no que era escuro, não está em ordenar um labirinto assim como Francis Bacon o definiu<sup>130</sup>, está pois, em tocar os limites da existência como na experiência de Sade; pois Sade, como nos ensina Bataille, “fez da voluptuosidade a única verdade e a única medida. Para ele a voluptuosidade é a parte do homem que ultrapassou os limites do possível”<sup>131</sup>.

A experiência poética se dá no roçar da pele, na transpiração e transbordamento do êxtase, na velocidade das pernas do andarilho que atravessa a noite rompendo o gigantesco hímen (como definiu Tomaz Souto Corrêa na orelha da primeira edição de *Paranóia* em 1963) da cidade moça. Desde *Paranóia* (1963) até *Estranhos sinais de Saturno* (2008) resiste nesta poesia delirante a atitude aberta do choque e a transgressão como essência básica da alquimia poética produzida por Piva. Ainda, de acordo com Mario Cámara “rebeldía, provocación y transgresión son entonces los tres términos en los que se funda una

<sup>128</sup> BLANCHOT, Maurice. *El espacio literario*. Buenos Aires: Paidós, 1969, p. 80

<sup>129</sup> BATAILLE, 2008, p. 272

<sup>130</sup> No primeiro ensaio de Agamben do livro *Infância e História*, quando fala sobre como a experiência era tradicionalmente entendida, cita Bacon: “Bacon define-a uma ‘selva’ e um ‘labirinto’ nos quais se propõe a colocar em ordem”. (AGAMBEN, 2005, p. 25)

<sup>131</sup> Bataille fala acerca do temperamento do Marquês de Sade a partir do texto de Eugénie de Franval, *Los crímenes del amor* (Jean-Jacques Pauvert, 1953) quando descreve seus dias na prisão e o intento em calar seu caráter turbulento. Cita Bataille: “Así era su temperamento: vengativo, turbulento, impetuoso cuando se lo inquietaba; ansiando su tranquilidad a cualquier precio y echado mano torpemente para lograrlo de los medios más capaces de hacérsela perder otra vez. Y si llegaba a obtenerla? Empleaba todas sus facultades morales y físicas nada más que para hacer daño...” Segundo Bataille, Sade fez do cárcere um longo silêncio para conhecer-se e abandonar o possível pelo impossível. BATAILLE, Georges. *La felicidad, el erotismo y la literatura: ensayos 1944 – 1961*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2008, p. 270, 271.

escritura libertina –y libertaria- que inviste en la sexualidad, en tanto prohibición privilegiada y experiencia a ser recuperada.”<sup>132</sup>

O primeiro poema apresentado na revista, publicado em 1961 na *Antologia dos Novíssimos*, demonstra ao leitor o poeta colado à poesia, pois profetiza a seu próprio respeito em voz alta:

### **Libelo**

Não mais trarei justificações  
 Aos olhos do mundo.  
 Serei incluído  
 - Pormenor esboçado –  
 Na grande Bruma.  
 Não serei batizado,  
 Não serei crismado,  
 Não serei doutorado,  
 Não serei domesticado  
 Pelos rebanhos  
 Da terra.  
 Morrerei inocente  
 Sem nunca ter  
 Descoberto  
 O que há de bem e mal  
 De falso ou certo  
 No que vi.<sup>133</sup>

Esse poema que se apresenta como um documento de defesa já desde o título, uma defesa, sem justificações: “não mais trarei justificações”, por optar ser um rebelde transgressor das leis normativas. O pequeno poema parece ser recitado num tom declamatório principalmente pelas repetições que opera em seu corpo “Não serei batizado,/Não serei crismado,/Não estarei doutorado,/Não serei domesticado”, rejeitando convenções religiosas e sociais. No posfácio de *Piazzas* (1964)<sup>134</sup> Piva declara:

Em todos os meus escritos procurei de uma forma blasfematória (*Paranóia*) ou numa contemplação

---

<sup>132</sup> CÁMARA, Mario. "En los bordes internos de San Pablo: Una lectura de *Paranoia* de Roberto Piva. In *La ciudad latinoamericana y escrituras del siglo XXI*, Leiden University Press, Leiden, Holanda (no prelo).

<sup>133</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 4

<sup>134</sup> O posfácio está publicado na íntegra pela editora Globo na compilação de 2005 e encontra-se também no livro *Roberto Piva – Encontros* (2007) como depoimento.

além do bem & do mal (*Piazzas*) a la Nietzsche explicitar minha revolta & ajudar muitos a superar esta Tristeza Bíblica de todos nós, absortos num Paraíso Desumanizado, reprimido aqui & agora.<sup>135</sup>

Na forma, o poema não apresenta uma inovação, mas também não está aprisionado numa forma fixa (como o soneto, por exemplo), é o início de sua experiência poética, de sua paixão com a linguagem. O que mais importa para o poeta é o teor de sua declaração onde se coloca para além da culpa cristã (a Tristeza Bíblica). Nas repetições das negativas “Não serei batizado/ Não serei crismado/ Não serei doutorado/ Não serei domesticado pelos rebanhos da terra” o poeta anuncia enfaticamente parte do conteúdo essencial de toda sua obra: a liberdade de não *ser* e não *estar* dentro de um padrão.

Vários dos críticos da obra de Piva tocam no tema da transgressão. Para Arrigucci Jr. há na poesia de Piva uma “vontade de transgressão”<sup>136</sup>; para Alcir Pécora sua transgressão é uma via ao sagrado e até se confunde com ele<sup>137</sup>, e para Mario Cámara é num exercício sexual *não* reprodutivo praticado nas margens da cidade que tenciona os limites da moral burguesa que se pode falar de transgressão (nos termos de Bataille), “porque se excede ese mundo del trabajo pero sin destruirlo”<sup>138</sup>. É indispensável portanto, uma passagem pelo discurso de Foucault em seu *Prefácio à Transgressão*<sup>139</sup>. Para Foucault, transgredir é basicamente o ato de profanar o sagrado através da sexualidade, que é pela linguagem da sexualidade que “anunciamos a nós mesmos que Deus estava morto”<sup>140</sup>. A transgressão é um gesto relativo ao limite. Está ligada a ele “por uma relação em espiral que nenhuma simples infração pode extinguir”. Por outro lado, Foucault ressalta a ausência de um suposto caráter de negação ligado à transgressão; está neste caso, mais ligada à afirmação e a clareza e se abre a partir de um limite, um “espaço onde atua o divino”. Nas palavras de Foucault:

---

<sup>135</sup> PIVA, 2005, p. 129

<sup>136</sup> ARRIGUCCI in PIVA, 2009, p.12

<sup>137</sup> PÉCORA in PIVA, 2005, p.12

<sup>138</sup> CÁMARA, Mario. "En los bordes internos de San Pablo: Una lectura de *Paranoia* de Roberto Piva. In *La ciudad latinoamericana y escrituras del siglo XXI*, Leiden University Press, Leiden, Holanda (no prelo)

<sup>139</sup> FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

<sup>140</sup> *Ibidem*, p. 29

“Para tentar pensá-la (...) é necessário desafogá-la das suas afinidades suspeitas com a ética. Libertá-la do que é o escandaloso ou o subversivo, ou seja, daquilo que é animado pela potência do negativo. A transgressão não opõe nada a nada (...) porque ela, justamente, não é violência nem triunfa sobre limites que ela apaga, ela toma, o âmago do limite, a medida desmesurada da distância que ela se abre e desenha o traço fulgurante que faz ser. (...) Ela afirma o ser limitado, afirma o ilimitado no qual ela se lança, abrindo-o pela primeira vez à existência. (...) Seria também necessário aliviar essa palavra de tudo o que pode lembrar o gesto do corte, ou o estabelecimento de uma separação ou a medida de uma afastamento, e lhe deixar apenas o que nela pode designar o ser da diferença.<sup>141</sup>

A transgressão em Piva está, entre outras coisas, num roçar com o limite que se dá pela alucinação, pela transposição da imagem angélica que estaria no infinito, para o rés-do-chão, para a vida na carne, divinizando o êxtase e o sórdido. Através das imagens poéticas que opera, ele confere ao “escandaloso” e ao “subversivo” uma aura sagrada e utiliza este deslocamento a favor de uma oposição crítico-política que não pode ser silenciada.

Para além da experiência da alucinação constatada anteriormente no poema *Meteoro* (*Paranóia*, 1963), temos uma dicção mais sóbria, por assim dizer, no poema *No Parque Ibirapuera* (*Paranóia*, 1963) onde o poeta conversa com Mário de Andrade no seu encontro com a *Paulicea Desvairada* (1922):

### NO PARQUE IBIRAPUERA

Nos gramados regulares do Parque Ibirapuera  
Um anjo da Solidão pousa indeciso sobre meus  
[ombros  
A noite traz a lua cheia e teus poemas, Mário de  
[Andrade,  
regam minha imaginação

---

<sup>141</sup> FOUCAULT, 2009, p. 33

Para além do parque teu retrato em meu quarto  
[sorri  
para a banalidade dos móveis  
Teus versos rebentam na noite como um potente  
[batuque  
fermentado na rua Lopes Chaves  
Por detrás de cada pedra  
Por detrás de cada homem  
Por detrás de cada sombra  
O vento traz-me o teu rosto  
Que novo pensamento, que sonho sai de tua fronte  
[noturna?  
É noite. E tudo é noite.  
É noite nos paralamas dos carros  
É noite nas pedras  
É noite nos teus poemas, Mário!  
Onde anda agora a tua voz?  
Onde exercitas os músculos da tua alma, agora?  
Aviões iluminados dividem a noite em dois  
[pedaços  
Eu apalpo teu livro onde as estrelas se refletem  
como uma lagoa  
É impossível que não haja nenhum poema teu  
escondido e adormecido no fundo deste  
[parque  
Olho para os adolescentes que enchem o gramado  
de bicicletas e risos  
Eu te imagino perguntando a eles:  
onde fica o pavilhão da Bahia?  
qual é o preço do amendoim?  
é você meu girassol?  
A noite é interminável e os barcos de aluguel  
fundem-se no olhar tranqüilo dos peixes  
Agora, Mário, enquanto os anjos adormecem devo  
seguir contigo de mãos dadas noite adiante  
Não só o desespero estrangula nossa impaciência  
Também nossos passos embebem as noites de  
[calafrios  
Não pares nunca meu querido capitão-loucura  
Quero que a Paulicéia voe por cima das árvores  
suspensa em teu ritmo<sup>142</sup>

---

<sup>142</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 5

Aquele que caminha pelo parque com o pequeno livro quadrado de losangos coloridos nas mãos, sonha. Evoca Mario de Andrade, procurando seus poemas escondidos nos cantos escuros da noite que cai sobre o parque, pois “É noite. E tudo é noite.” (o verso que se repete no poema *A Meditação sobre o Tietê*, 1945), “É noite nos teus poemas, Mário!”. Na Pauliceia<sup>143</sup> “A noite é interminável”, quente, abafada por baixas nuvens “feitas de corpos de mariposas,/rumorejando na epiderme das árvores”<sup>144</sup>. A noite de Mário (do poema *Nocturno de Pauliceia Desvairada*, 1922) parece estar na noite de Piva, assim como a Pauliceia de Mário na São Paulo de Piva, expressa por todos seus múltiplos ritmos, do maxixe ao batuque. O poeta encontra Mário de Andrade por meio do livro que apalpa: “Quero que a Paulicéia voe por cima das árvores/ suspensa em teu ritmo” e alude ao poema *Nocturno* em “fronte noturna”.

O parque Ibirapuera é inaugurado no IV centenário da cidade de São Paulo, 1954, nove anos depois da morte de Mário de Andrade (1945), ainda assim, o poeta escolhe este parque para ser o lugar da circulação, do caminhar. Piva andava pela cidade assim como Mario, ambos estavam assombrados pelo sem limite dela e nela, tiveram repetidas e diferentes impressões, viram o mesmo cada um à sua maneira. Caminhando de mãos dadas (lembramos do poema de Drummond) pela madrugada (“Agora, Mário, enquanto os anjos adormecem devo/seguir contigo de mãos dadas noite adiante”), mãos dadas com o livro, e com outros poemas quando Piva imagina Mário conversando com os garotos no parque:

Olho para os adolescentes que enchem o gramado  
de bicicletas e risos  
Eu te imagino perguntando a eles:  
onde fica o pavilhão da Bahia?  
qual é o preço do amendoim?  
é você meu girassol?<sup>145</sup>

Piva transporta a memória de Mário de Andrade para a viva e alegre jovialidade da companhia dos adolescentes e para o desfrute

---

<sup>143</sup> Optei pela grafia apresentada no livro de Mário de Andrade de 1922 “Pauliceia”, para diferenciar a cidade de São Paulo vista por Mário de Andrade e a cidade vista por Roberto Piva.

<sup>144</sup> ANDRADE, Mario de. *Pauliceia Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922

<sup>145</sup> PIVA in *Azogue*, 1996, p.5

alucinado da conversa com os jovens, que poderiam ser interessantes e belos, perguntando-lhes qualquer coisa como: onde é o “pavilhão da Bahia”, o preço do amendoim, até chegar talvez ao ponto de interesse: “é você meu girassol?”. As duas últimas perguntas nos remetem a outros poemas de Mário. Perguntando o preço do amendoim talvez se refira ao poema *O poeta come amendoim* dedicado a Drummond em *Clã do Jaboti* de 1927: “Mastigando a gostosura quente do amendoim...”; e na pergunta “é você meu girassol? Piva talvez se refira ao poema *Girassol da Madrugada* publicado no *Livro Azul* de 1941: “Carne que é flor de girassol! sombra de anil!”. Contudo, no uso desta combinação de três perguntas feitas por outro poeta através deste que escreve, Piva nos lembra do poema *A Supermarket in California* de 1955 escrito pelo poeta americano Allen Ginsberg, quando se encontra com Walt Whitman no supermercado. A alusão a Ginsberg podemos ler na seguinte estrofe:

I saw you, Walt Whitman, childless, lonely  
old grubber, poking among the meats in the  
refrigerator and eyeing the grocery boys.

I heard you asking questions of each: Who  
killed the pork chops? What price bananas? Are  
you my Angel?<sup>146</sup>

Então temos aqui uma reunião de poetas que parecem todos se encontrarem no parque Ibirapuera: Piva chega e encontra Mário de Andrade que o apresenta para Allen Ginsberg e Walt Whitman. O desvario é tanto que não há mais fronteiras de tempo e espaço para o poeta. Ele está imerso na imaginação que, nesse caso, está ligada à *inspiração* sobre a qual escreve Mário de Andrade no “Prefácio Interessantíssimo” de *Paulicea Desvairada* (1922):

A inspiração é fugaz, violenta, qualquer impecilho  
a perturba e mesmo emudece. Arte, que, somada  
ao Lirismo, dá Poesia, não consiste em prejudicar  
a dôida carreira do estado lírico para avisa-lo das  
pedras e cercas de arame do caminho. Deixe que  
tropece, cáia e se fira. Arte é mondar mais tarde o

---

<sup>146</sup> Eu o vi, Walt Whitman, sem filhos, velho vagabundo solitário/remexendo nas carnes do refrigerador e/lançando olhares para os garotos da mercearia./Ouvi-o fazer perguntas a cada um deles: Quem/matou as costelas de porco? Qual o preço das bananas? Será você meu Anjo? (GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e outros poemas*; trad. Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1999)

poema de repetições fastientas, de sentimentalidades românticas, de pormenores inúteis ou inexpressivos.<sup>147</sup>

Parece que Piva, à sua maneira, segue a teoria do prefácio interessantíssimo, porém inútil que funda o *Desvairismo*. Além da inspiração e lirismo (“Lirismo; estado efectivo sublime – vizinho da sublime loucura.”<sup>148</sup>), está também no poema de Piva o ritmo; ritmo poético que Andrade aplica como música, mas na poesia para ser lida: “Aliás versos não se escrevem para leitura de olhos mudos. Versos cantam-se, urram-se, choram-se.”<sup>149</sup>. Diferente de Andrade para quem a oralidade é escrita ainda que falada, Piva reivindica para sua poesia o retorno à oralidade declamatória, cujo procedimento fora deixado de lado pelos poetas do concretismo e retorna a Piva através da poesia *Beat*. Segundo Paulo Leminski, a poesia *Beat* americana e o movimento concretista brasileiro são praticamente contemporâneos: o *Plano Piloto* (manifesto da poesia concreta) aqui, publicado em 1953 e, o *Uivo* de Allen Ginsberg lá, publicado em 1956, são por assim dizer, as obras que iniciam cada um dos movimentos. Curioso é o paradoxo armado por Leminski quando diz que naquele momento

a poesia norte-americana buscava o que o Brasil, país de analfabetos, tem de sobra, a oralidade. E o Brasil, ao contrário, no setor mais radical da sua poesia, buscava aquilo que a civilização tecnológica norte-americana produzia de mais vivo, na área da comunicação de massas.<sup>150</sup>

A poesia de Piva tem o papel de retomar a pauta oral, escrevendo poemas para serem recitados, ato que o próprio Piva praticou inúmeras vezes em leituras públicas, festas, assim como no lançamento da revista *Azogue* em 1996<sup>151</sup>, e em 2008 quando grava o CD *Nama coracibus*

---

<sup>147</sup> ANDRADE, 1922, p. 15-16

<sup>148</sup> ANDRADE, 1922, p.30

<sup>149</sup> Ibidem, p. 38

<sup>150</sup> LEMINSKI, Paulo. *Anseios Crípticos* 2. Rio de Janeiro: Criar Edições, 2001, p. 58

<sup>151</sup> Piva participou do lançamento da *Azogue equinócio 96* lendo um poema que parece ter sido escrito especialmente para o momento e deixou o público em polvorosa. Sergio Cohn conta essa história na entrevista a Heyk Pimenta disponível no site da revista *Agulha* <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag68revista03.htm>> e no anexo 1 desta dissertação.

*tutela Mercurii*, lendo alguns de seus poemas, que foi lançado como parte de seu último livro *Estranho Sinais de Saturno* (Globo, 2008).

Além da pauta oral, há no trabalho de Piva referências à música, pintura, literatura, filosofia (etc.) das quais fala Davi Arrigucci Jr. no prefácio à nova edição de *Paranóia* (IMS, 2009), explicando que estas referências cumprem a função de “criarem uma fantasmagoria cosmopolita”:

O movimento de universalização do estilo, por meio das numerosas referências a nomes de artistas famosos de diversas artes- literatura, música, pintura -, procedem de toda parte e estão presentes sempre, cumprindo sua função, ao criarem uma fantasmagoria cosmopolita a partir das notas específicas de nossa metrópole. Mas a matriz fundamental desse novo “notâmbulo alucinado”, (...) é sua íntima relação com a cidade que tem sob os pés e percorre tão amiúde e em detalhe.<sup>152</sup>

Poderíamos ainda dizer que a matriz fundamental não se resumiria na íntima relação com a cidade, mas estaria talvez num horizonte mais amplo, na medida em que a “fantasmagoria cosmopolita” estaria ligada à proporção da metrópole onde é possível, ou ainda, impossível, vislumbrar os limites e, por isso mesmo, concebível habitar e ambientar todo o ato nos entornos da cidade, nos subúrbios, cantos esquecidos e sujos que de certa forma não fazem mais parte da paisagem do dia. O elenco referencial de Piva estaria então inserido nesta “fantasmagoria cosmopolita” e na noite, é claro. No poema *Visão de São Paulo à Noite: Poema Antropófago sob Narcótico* (Paranóia, 1963), Piva apresenta-nos toda uma série de acontecimentos psicodélicos que tomam lugar mais uma vez na noite de algum ou de alguns lugares da cidade de São Paulo. Esse poema parece, a princípio, uma continuação do *San Paulo's Improvisation* (*Antologia dos Novíssimos*, 1963) pela semelhança de suas imagens, e pelo aprofundamento da intensidade do tom.

---

<sup>152</sup> ARRIGUCCI JR. in PIVA, 2009, p. 13-14



eu vejo putos putas patacos torres chumbo chapas  
 chopps vitrinas homens mulheres  
   [pederastas e  
 crianças cruzam-se e abrem-se em mim  
   [como lua gás  
 rua árvores lua medrosos repuxos  
   [colisão na ponte  
 cego dormindo na vitrina do horror  
 disparo-me como uma tômbola  
 a cabeça afundando-me na garganta  
 chove sobre mim a minha vida inteira, sufoco  
   [ardo  
 flutuo-me  
 nas tripas, meu amor, carrego teu grito como um  
   [tesouro afundado  
 quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de  
 centopéias libertas  
 ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas,  
   [torvelins de  
 vergonha, correrias de maconha em  
   [piqueniques  
 flutuantes  
 vespas passeando em volta das minhas ânsias  
 meninos abandonados nus nas esquinas  
 angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os  
 templos entre a solidão e o sangue,  
   [entre as colisões,  
 o parto e o Estrondo<sup>153</sup>

Um mergulho vertiginoso no caos da noite, no ventre das praças, pelas calçadas, esquinas, “garagens subalternas”, mictórios, até a “porta do Abismo”. O poema vai se abrindo como um leque espanhol onde em cada dobra há uma imagem inusitada, deslocada de qualquer lógica. Contudo, não seria possível quebrá-lo e reordená-lo em qualquer outra ordem sem alterar seu ritmo. É quase impossível e até improdutivo tentar uma interpretação das imagens projetadas pelo poeta, pois imagens e acontecimentos se entrelaçam na escuridão do sentido. Piva não permite que nenhum raio de luz incida sobre o poema.

---

<sup>153</sup> (PIVA in *Azougue*, 1996, p. 6) Por conta da tabulação padrão para este tipo de trabalho, alguns versos foram cortados pelo sinal “[” e movidos de sua posição original impressa na revista.

É como ganido metálico de Chet Baker. O tom é mesmo para ser de exaltação, de excitação, de ferocidade. A febre da loucura faz o poeta ver com toda a velocidade seus desejos mais íntimos (“amantes chupando-se como raízes”, “nas tripas, meu amor, carrego teu grito como um tesouro afundado/quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de centopéias libertas”) e assombrações (“eu vejo Brama sentado em flor de lótus/Cristo roubando a caixa dos milagres”). Ele é atravessado pelos seres noturnos e o poema acontece desde as entranhas para explodir na carne, na pele, quando “teorias simples fervem minha mente enlouquecida”, “eu sinto o choque de todos os fios saindo pelas portas/partidas do meu cérebro”, “disparo-me”, “afundando-me”, “flutuo-me”. Exaltação do corpo, do sexo, do sangüíneo, da profanação (“há anjos de Rilke dando o cu nos mictórios), da pobreza da cidade (“meninas esfarrapadas definitivamente fantásticas”, “angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos”) é enfim o seu “reino-vertigem glorificado”. Notamos a presença dos “anjos de Rilke”, mostrando como quis Rainer Maria Rilke que “Todo anjo é terrível”, terrível em sua lascívia pederastia. Há também no poema a presença dos *Cantos de Maldoror*, do Conde de Lautréamont<sup>154</sup>, classificados por ele mesmo como “poesia de revolta”; e no poema (“Maldoror em taças de maré alta”) bebe-se desta taça, bebe-se a revolta talvez.

A respeito destas criaturas extraordinárias provenientes do imaginário poético de Piva, define Eliane Robert Moraes no posfácio do *volume II* das obras reunidas de Piva, intitulado *A cintilação da noite*:

Nessa poesia pulsante a escuridão é sempre repleta de acontecimentos, pessoas, objetos, barulhos, e por vezes até mesmo ostensivamente iluminada. É noite mundana das boates, dos comércios escuros, das galerias suspeitas, dos bares abarrotados de gente anônima, das saunas de subúrbio, dos lascivos mictórios públicos e sobretudo das calçadas urbanas, onde se cruzam bêbados, artistas, poetas, putas, michês e outros seres estranhos à luz do dia.<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup> Pseudônimo de Isidore Ducasse. Poeta Frances nascido em Montevidéu escreveu somente duas obras. A carência de informações biográficas e até mesmo de uma fotografia, esconderam por muito tempo o poeta de vida breve por trás de seu opulente pseudônimo. A importância de suas obras foi reconhecida pelos Surrealistas no século XX.

<sup>155</sup> MORAES in PIVA, 2006, p. 152-153

É fundamentalmente nesta fauna noturna, abordada por Eliane Moraes, por onde se agita o poeta e de onde pululam suas alucinações e criaturas representadas com força em seu livro *Paranóia*, sem deixarem, contudo, de se fazer presentes em toda sua obra.

### 3.3. *Azougue & Piva: Piazzas e pinturas*

Ao apresentar os quatro poemas do livro *Piazzas* (1964), a revista opta por mostrar um *Piazzas* que poderia ser encontrado num museu. Um *Piazzas* em cores, que parece se definir pela contemplação e alucinação em obras de Hieronymus Bosch e Van Gogh, referenciados nos poemas, mas é possível ainda imaginar um Dali, ou um Magritte a partir das imagens presentes nos poemas escolhidos para a revista.

Quando Piva diz no posfácio de *Piazzas* que procurou em todos os seus escritos “de uma forma blasfematória (*Paranóia*) ou numa contemplação além do bem & do mal (*Piazzas*) a la Nietzsche explicar minha revolta (...)”, ele admite de certa forma, uma continuidade de entre os dois livros onde o *imaginário poético* continua incidindo basicamente com a mesma força. Contudo, em *Piazzas* parece não haver aquela movimentação veloz por entre paisagens desvairadas, mas a alucinação se dá mais pela contemplação.

O primeiro poema, *Piazza I*, difere bastante dos poemas de *Paranóia* primeiramente em sua forma, em que alguns versos são espaçados e distribuídos de forma não linear. Depois, a seqüência de acontecimentos continua desconexa e fundada na alucinação, porém já sem a atmosfera noturna, pois “uma tarde é o suficiente para ficar louco”:

#### **Piazza I**

Uma tarde  
é suficiente para ficar louco  
ou ir ao Museu ver Bosch  
uma tarde de inverno  
sobre um grave pátio  
onde *garófani*      *milk-shake & Claude*  
obcecado com anjos  
ou vastos motores que giram com  
uma graça seráfica

tocar o banjo da lembrança  
 sem o Amor encontrado provado sonhado  
 & longos viveiros municipais  
 sem procurar compreender

imaginar  
 a medula sem olhos  
 ou pássaros virgens  
 aconteceu que eu revi  
 a simples torre mortal do Sonho  
 não com dedos reais & cilíndricos  
 Du Barry Byron Marquesa de Santos  
 Swift Jarry com barulho  
 de sinos nas minhas noites de bárbaro  
 os carros de fogo  
 os trapézios de mercúrio  
 são mãos escrevendo & pescando  
 ninfas escatológicas  
 pequenos canhões do sangue & os grandes olhos  
 [abertos  
 para algum milagre da Sorte<sup>156</sup>

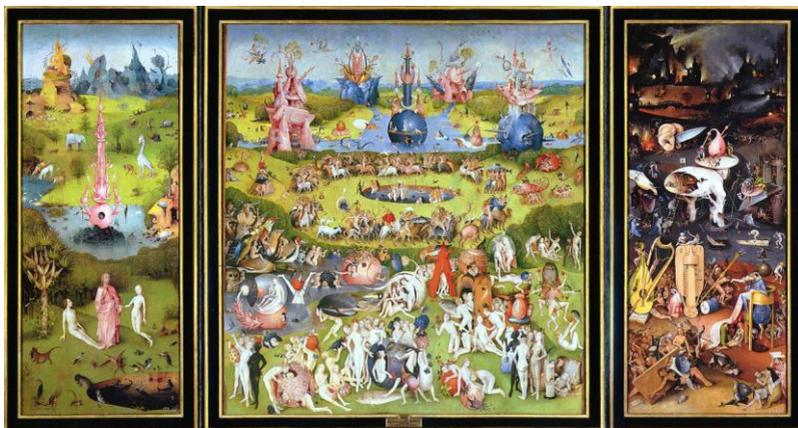
Com “grandes olhos abertos” Piva contempla. Contempla talvez o quadro *Jardim das Delicias Terrenas (1504)* de Hieronymus Bosch. Contempla sob a loucura as imagens oníricas de Bosch que se abrem para os sonhos e lembranças: “tocar o banjo da Lembrança”. Esta contemplação não é de forma alguma passiva ou resignada, está permeada, por um perfume “romântico-maldito”, uma atmosfera de prazeres que parece se formar pela presença do “garofani” (cravo), a flor, imagem essencial da poesia representada pelo cravo que é uma flor masculina, a doçura do “*milk-shake*”, a veia Beat em “Claude”, que parece se referir ao poeta francês Claude Pelieu, cuja obra foi inspirada por Ginsberg e publicada por Ferlinghetti na City Light Books<sup>157</sup>; pela presença da Marquesa de Santos e da Madame Du Barry, amantes de

<sup>156</sup> PIVA in *Azougue*, 1996. P. 7

<sup>157</sup> Claude Pelieu inicia sua carreira artística na França como artista plástico amplamente influenciado pelas obras de Marcel Duchamp, Max Ernst e Kurt Schwitters. É a partir de seu encontro com Mary Beach que lhe presenteia com uma cópia do *Reality Sandwiches* de Allen Ginsberg, que começa seu interesse pela poesia. Desde então eles entram em contato com o poeta americano, Claud envia-lhe alguns de seus poemas e logo viajam a São Francisco encorajados também por Lawrence Ferlinghetti. Seu livro *Pilote Automatique* é publicado pela City Lights Books, editora de Ferlinghetti em 1964.

Dom Pedro I do Brasil e Luis XV da França respectivamente, dizendo da infidelidade e da libertinagem dos monarcas. Está também no poema a sedução passional suscitada pela poesia romântica e comportamento controverso de Lord Byron, as insanidades de Alfred Jarry no teatro do absurdo do qual foi um dos fundadores junto a Beckett, Genet e outros, e o teor fantástico e satírico que predominaram nas obras de Jonathan Swift. A mistura dessas referências no poema causa a impressão de um esgotamento das imagens, onde não há lugares vazios ou descoloridos. A “fantasmagoria cosmopolita” composta, segundo Arrigucci Jr., pela combinação das referências, não vem mais da cidade, mas de uma pintura. Um turbilhão causado pela tela de Bosch que obscura e populosa, desencadeia no poeta que a contempla esta loucura sonâmbula: “aconteceu que eu reví/a simples torre mortal do Sonho”.

No poema seguinte, *O jardim das delícias* (Piazzas, 1964), o poeta passa da contemplação à ação, dos espaços de circulação (rua, museu) para a cama, pois, como ele mesmo escreveu, “O fazer poético passa pelo corpo e pela cama”<sup>158</sup>. Se no poema anterior já há indícios de uma reivindicação pelo prazer, neste, temos todas as indicações de um elogio ao sexo. Remete-nos de imediato ao tríptico de Hieronymus Bosch, *O Jardim das Delícias Terrenas* (1504) onde o pintor apresenta o planeta Terra dividido entre o Paraíso - segundo a Bíblia Sagrada; a Terra, cheia de pecados onde ilustra um imenso bacanal e o inferno, de imagens escuras, fantásticas e terríveis:



*O Jardim das Delícias Terrenas, Bosch, 1504 (fig.5)*

<sup>158</sup> PIVA, 2008, p187



“profanações”, como podemos verificar no léxico do poema. Sabemos também que o poema é dedicado a um adolescente: “relâmpagos do mesmo líquen magnético de tua boca de quinze anos”, é a celebração do florescimento sexual e da liberdade de não ter responsabilidades. Na introdução de *Piazzas* o poeta revela que “Freud é o Inferno Musical/Nietzsche é o Paraíso/Meu companheiro é o Jardim das Delícias”<sup>160</sup>, assim sabemos que a natureza de sua inspiração é o sujeito de seu amor profanado: “meu amor por ti uma profanação consciente de/eternas estrelas de rapina”; é uma inspiração que alucina a poesia do corpo: “teu sopro”, “tuas coxas”, “teus olhos”, “tua boca”.

O amor do poeta é conscientemente profanador e lírico ao mesmo tempo. Os versos longos dão um ritmo que vai ao limite do fôlego e confere ao poema um tom passional, doentio até a carne, onde o prazer é imenso, venenoso e transgressivo: “aquela serpente com escamas de cicuta sacudida entre/tuas coxas de megatons” (o falo com serpente). É lírico por exaltar não uma musa, mas um homem em toda a exuberância da juventude. É também um amor que está no ar “de asas”, “de águia”, “os 12 andares do sexo”, “relâmpagos”, “estrelas de rapina”. Estas imagens aéreas indicam uma desorientação em relação à perda de referencial que está no chão firme, por exemplo. Do terreno ardente da cama que vai às alturas do prazer e que é, ao mesmo tempo, carne e etéreo; é o grito que atrai (“teus olhos são gritos demasiado redondos”) pelo silêncio do olhar.

O último poema de *Piazzas* (1964) publicado na revista *Azougue* se chama *Arregimentação formal da estrela Hinter*. Este poema em prosa é um dos cinco neste formato que Piva escreveu pra o *Piazzas*. Trata-se claramente de um sonho, portanto as imagens são tremendamente fantásticas, desprovidas de qualquer medida de lógica. O poema beiram o surreal pois parece ser parte da experiência do poeta com a escrita automática. Quando escreve, “Eu deslizo num alívio impuro de sugestões maquinais”, parece se referir a isso justamente:

#### ARREGIMENTAÇÃO FORMAL DA ESTRELA HINTER

---

<sup>160</sup> PIVA, 2005, p. 76

Quando adormeço um folhudo girassol rói a parte lateral do meu crânio & me acena seus pequenos olhos cadentes no imenso vazio. Quando adormeço eu digo alguma coisa a este louco, a esta serpente & a esta lanterna circulando na montanha. Quando adormeço a respiração do pajé tumultua um pavão cortado ao meio para enfeitar bonecas (suas partes barrocas intercedem por mim nos diversos iglus). Quando adormeço ah pirâmide de baleias de sarjeta coloridas & sem gosto. Eu deslizo num alívio impuro de sugestões maquinais, turcas espermáticas. Quando adormeço o trigal olímpico invade minhas vértebras abraçadas com os delicados rostos de serpente, exorcismo sem significado na barbárie do Zepelim, antenas sugadoras de desertos de formigas pretas onde o trigal ondula, ondula até a morte.<sup>161</sup>

O poeta dorme e sonha. Sonha com o amarelo solar dos girassóis. Mais uma vez a imagem da flor. Flor fecunda, de calor que ilumina as pinturas de Vincent Van Gogh, pintor que levou sua arte ao delírio, para Piva ele é o louco com quem conversa ao escrever: “quando adormeço eu digo alguma coisa a este louco”. Apesar de estar no mundo escuro do sonho, são imagens solares, os desertos de formigas pretas, e os trigais (“o trigal olímpico invade minhas vértebras”), os trigais ondulando ao vento da tela *Campo de trigo com ciprestes* (1889) de Van Gogh. Dá a impressão de que o poeta está adormecido sobre um livro de Van Gogh e sua cabeça descansa na imagem de *Os girassóis* (1888). Mesmo povoado por outras criaturas: “esta serpente”, “um pavão cortado ao meio”, “pirâmide de baleias de sarjeta”, o calor do amarelo as ofusca, e penetra no poema até as entranhas: “um folhudo girassol rói a parte lateral do meu crânio” e “o trigal olímpico invade minhas vértebras abraçadas”. Há também aqui uma poética do aéreo, que sustenta a “barbárie do Zepelim”, está na “respiração do pajé”, e onde o vento ondula a imagem por completo (“ondula até a morte”).

---

<sup>161</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 7



*Campo de trigo com ciprestes* (1889) (fig.6)



*Os girassóis* (1888) (fig. 7)

Digo que há nesse poema uma poética do aéreo. Por poesia aérea entendo o procedimento de tentar, através de algumas imagens, conferir leveza ao texto, operando na esfera dos espaços abertos (o trigal olímpico), dos espaços do nada (“seus pequenos olhos cadentes no imenso vazio”), espaço onde a poesia liberta-se dela mesma, ou seja, desamarra-se do que a apega ao chão e sai voando como um balão (“na barbárie do Zepelim”). Na poesia aérea o que é pesado, rochoso ou demasiadamente racional, tanto em sua forma quanto no conteúdo, está dissolvido e passou para o “estado gasoso”, para usar um termo químico e ficar mais próximo dos alquimistas. Quando Ítalo Calvino (1923 —

1985) argumenta sobre a oposição leveza/peso, ele decide argumentar a favor da leveza, e nos lembra do mito de Perseu. Ele é o único herói capaz de decepar a cabeça da Medusa sem jamais olhar para seu rosto, se não, refletido em seu escudo de bronze. Calvino explica que “Para decepar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento; e dirige o olhar para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho.”<sup>162</sup>. Como Perseu, esse procedimento poético que identifico apóia-se nas nuvens e no vento, é estratosférico.

### **3. 4. *Azougue & Piva: Abra os olhos & diga Ah! & a política do corpo***

Quatro poemas de *Abra os olhos & diga Ah!* foram publicados na revista *Azougue* de 1996. Poemas que de uma forma geral, carregam o questionamento da sociedade em uma linha de pensamento mais anárquica, que à primeira vista, parecem deslocadas no tempo, mas em 1996, aparece como a proposta de uma nova visão para seus leitores.

Gostaria, antes de comentar os poemas, considerar uma importante observação de Claudio Willer sobre este livro de Piva. Willer escreve no posfácio do *volume I* das obras reunidas pela editora Globo (2005), intitulado *Uma introdução à leitura de Roberto Piva*, que *Abra os olhos & diga Ah!* (1976) se trata de uma obra permeada pelo entusiasmo: depois de doze anos sem publicações, Piva “retorna eufórico”. Cito Willer:

O entusiasmo que anima *Abra os olhos & diga Ah!* pode ser contextualizado. O livro foi escrito após um período de efervescência, precedendo outros de resistência política. Sucedeu a contracultura e antecedeu mobilizações como as passeatas de 1977 em favor da redemocratização do país. Dá a impressão de que Piva, ao acrescentar sua voz à dos que protestavam contra o autoritarismo, também quis deixar claro quais eram suas concepções políticas, reafirmando o adamismo e a política do corpo (...).<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das letras, 1990, p. 16

<sup>163</sup> WILLER in PIVA, 2005, p. 162

Os poemas na *Azogue* trazem sobretudo a exaltação do sexo e do corpo como vias de crítica ao que Piva chama de TOTEM KAPITALISTA. O teor de protesto é sutil mas se deixa ser notado; está mais para uma crítica que apunhala o poder (“no bronze da tirania”), a condição da classe subordinada (“modesta criatura cidadão de um mundo em chamas”), propondo como alternativa anarquista-utópica uma política do corpo (“política do corpo em fogo do corpo em chamas do corpo em fogo”) contra uma “política do esquecimento sistemático”. Não há nada a ser escondido, e muito a ser revelado, é preciso provocar um escândalo. As frases em letra maiúscula parecem representar a bandeira pela qual o poeta se manifesta:

(A POLÍTICA DO CORPO EM FOGO DO  
[CORPO EM  
CHAMAS DO CORPO EM FOGO)  
[APAGANDO A LUZ  
as trevas devoram  
teu corpo em chamas tua boca aberta teu  
[suicídio  
de prazer na grama tuas mãos colhendo meu  
[rosto  
de folhas machucadas na escuridão teu gemido  
[ã  
sombra das cuequinhas em flor  
teus cabelos são solidamente negros<sup>164</sup>

Escrito em uma única estrofe com os versos distribuídos desigualmente, alguns mais longos e outros mais curtos, o uso de frases inteiras em caixa alta, este pequeno poema traz várias diferenças em relação aos poemas anteriores. O tamanho é uma delas. Em *Abra os olhos & diga Ah!* Piva opera uma economia do verso e, quando longo, o verso é quebrado e espalhado pela página. Neste caso a economia deixa o poema mais curto, porém mais enfático. Os versos em letra maiúscula parecem ser uma voz alta, um grito, um urro, ou uma bandeira, ou seja, um tipo de interferência vinda de fora e incorporada ao poema para demonstrar que o ato sexual no amor efebo é, sobretudo, um ato político. O poeta quer agora dizer, diretamente, o seu posicionamento diante da vida de uma forma mais explícita. O que ocorre neste poema é a afirmação de que, para ele, o que importa é o corpo, o sexo, a fruição.

---

<sup>164</sup> PIVA in *Azogue*, 1996, p. 8

O prazer é sem limites: “teu suicídio de prazer”; sem deixar de introduzir o poema na escuridão que, ao mesmo tempo em que é condição para esse amor lascivo, não esconde, mas explicita. Notemos também uma certa ironia no verso “sombra das cuequinhas em flor”, parece aludir a obra de Proust, *À sombra das raparigas em flor*, uma obra sobre a descoberta do amor na adolescência.

O próximo poema parece indicar um confronto da relação homossexual, este interdito na cultura tradicional moralista ocidental (e oriental), uma sociedade guiada pela moral familiar-cristã associada à negociações mercadológicas e ao jogo político: o “totem kapitalista”. Conforme observou Alcir Pécora no prefácio do *volume II* das obras reunidas de Piva (Globo, 2006), “o desejo tematizado na poesia de Piva nunca é apenas íntimo ou pessoal, mas é também público e político”<sup>165</sup>. É o que podemos perceber no seguinte poema:

(O SEXO DA MEIA-LUA LANÇA SUA NOTA  
[METÁLICA  
& SEUS GATOS SELVAGENS) onde dançamos  
[com  
gorilas tântricos cérebros eletrônicos  
[fazendo xixi  
na cama vermelha  
GRITOS MARAVILHOSOS NA JANELA  
[política do  
esquecimento sistemático ESTAMOS NA  
[MERDA  
GENTIL  
rosto de beterraba & sexos em ruínas  
espelho bilíngüe minhas esporas & olhos  
[sorridentes  
TODOS CHORAM AO MESMO TEMPO NO  
[BRONZE DA  
TIRANIA & COMEM SUAS MENINAS  
[o vento da  
vida os braços dependurados maxilares  
estourados ao amanhecer  
TOTEM KAPITALISTA TOTEM  
[KAPITALISTA TOTEM  
KAPITALISTA<sup>166</sup>

<sup>165</sup> PÉCORA in PIVA, 2006, p. 12

<sup>166</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 8

Como interdito, o poeta trata de afirmar a “maravilha” dos gritos à janela, opondo-se ao ato silencioso e escondido, reagindo assim, à “merda gentil” e à “política do esquecimento sistemático”, que se referem a pouca ou nenhuma atenção dada pelo poder, os governantes no caso, às pessoas que vivem à parte, ou que não conseguem se incorporar ao sistema capitalista, por opção ou por inacessibilidade. Menos escancarado no poema, o discurso da sexualidade ganha força ao se entrelaçar em adversidades, entrando assim na perspectiva da transgressão. É justamente por se inserir no contexto conservador de uma sociedade moralista que esta expressão ganha sua força mais perturbadora. Foucault explica no *Prefácio a Transgressão* (1963) que:

Jamais, no entanto, a sexualidade teve um sentido mais imediatamente natural e sem dúvida talvez só tenha conhecido uma tão grande “felicidade de expressão” no mundo cristão dos corpos decaídos e do pecado. (...) O que caracteriza a sexualidade moderna não é ter encontrado, de Sade a Freud, a linguagem de sua razão ou de sua natureza, mas ter sido, e pela violência dos seus discursos, “desnaturalizada” – lançada em um espaço vazio onde ela só encontra a forma tênue do limite, e onde ela não tem para além nem prolongamento a não ser no frenesi que a rompe. Não liberamos a sexualidade, mas a levamos, exatamente ao limite: limite de nossa consciência, já que ela dita finalmente a única leitura possível (...) de nossa inconsciência; limite da lei, já que ela aparece como o único conteúdo absolutamente universal do interdito; limite de nossa linguagem; ela traça a linha de espuma do que é possível atingir exatamente sobre a areia do silêncio.<sup>167</sup>

A sexualidade como discurso principal na poesia de Piva, é também levada ao limite e pela violência formula o percurso à transgressão, na medida em que o procedimento poético roça a barreira da “consciência” e da “linguagem” por suas imagens insólitas e ilógicas e da “lei”, por não operar de acordo com a normalidade, sou seja, a moral vigente.

---

<sup>167</sup> FOUCAULT, 2009, p. 28



do caos urbano, ele está dando uma dimensão maiúscula a essas mudanças, expandindo-lhes os limites, dela e das “chamas” que percorrem o poema, como quando diz: “modesta criatura cidadão de um mundo em chamas”; o poeta coloca o cidadão em confronto com *tecnópolis*, onde não é mais lugar para um cidadão modesto. A ideia de “tecnópolis” que ilustra a modernização urbana, se alastra pela filosofia, pela literatura, pela natureza e pelo corpo. Há uma acumulação de coisas heterogêneas; elementos que se associam ao mundo do poeta e também à sua poesia: a cena poética é similar a de seus poemas da década de 1960, mas a forma é diferente. Acrescentaria a essa ideia de que tudo muda dois versos do poema *The Kingfishers* (1949) de Charles Olson: “What does not change / is the will to change”<sup>169</sup>.

### **3.5. *Azougue & Piva: Coxas & 20 Poemas com Brócoli sob o signo de Baco***

Se até os últimos dois poemas do livro *Coxas* (1979) publicados na revista *Azougue*, o livro apresenta-se, segundo Claudio Willer<sup>170</sup>, como a maior “invenção ficcional de personagens, lugares e situações” na obra de Piva, não é isto que a revista apresenta. *Azougue* mostra *Coxas* e *20 Poemas com Brócoli* sob uma orgiástica nuvem regada a vinho, danças, flores e efebos, muitos efebos. Nos poemas *A vida me carrega no ar como um gigantesco abutre* e *Pornosamba para o Marquês de Sade* já não há a pretensão ficcional, pois abandona seus protagonistas ‘Pólen’ e ‘Lindo Olhar’, rompendo com a relação de continuidade da obra. A revista apresenta então, com estes dois poemas de *Coxas*, somente a dimensão poética ou ainda a-ficcional do sexo exacerbado que continua sendo uma forte característica na obra de Piva até este ponto. O coração que deseja é trovejante, é furioso; a cidade é ainda o terreno de vôo, caça e pouso desse abutre:

#### **A VIDA ME CARREGA NO AR COMO UM GIGANTESCO ABUTRE**

A verdade dos deuses  
carnais como nós & lânguidos  
não provém do nada  
mas do desejo trovejante do coração

<sup>169</sup> Os Martins-pescadores (1945) - “O que não muda/ é a vontade de mudar” (OLSON in *Azougue*, 2000, p. 28)

<sup>170</sup> WILLER, in PIVA, 2005, p. 163

partido pelo amor  
 em sua disparada pelo rosto de um  
 adolescente  
 com sua fúria delicada  
 cruza avenidas insones & corroídas  
 de chuva  
 minha mão alcança minha dor  
 presente  
 & me preparo para um dia duro  
 amargo & pegajoso  
 a tarde desaba seu azul sobre  
 os telhados do mundo  
 você não veio ao nosso encontro & eu  
 morro um pouco & me encontro só  
 numa cidade de muros  
 você talvez não saiba do ritual  
 do amor como uma fonte  
 a água que corre não correrá  
 jamais a mesma até o poente  
 minha dor é um anjo ferido  
 de morte  
 você é um pequeno deus verde  
 & rigoroso  
 horários de morte cidades cemitérios  
 a morte é a ordem do dia  
 a noite vem raptar o que  
 sobra de um soluço<sup>171</sup>

O poeta se distancia da ficção anárquico-utópica armada pelas poesias anteriores do livro, para aterrissar na amargura de um desencontro, da frustração e da morte no mais alto de seu lirismo: “você não veio ao nosso encontro & eu morro um pouco & me encontro só”; e ainda com uma dor imensa: “minha dor é um anjo ferido de morte”. Imagens em que o poeta exprime o pesar de viver só numa “cidade de muros”; é a cidade como lugar da solidão, da ferida. Há no poema uma ideia de perda que se dá em seu momento presente na cidade: “minha mão alcança minha dor presente”<sup>172</sup>. O sexo aqui, como em vários

<sup>171</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 9

<sup>172</sup> Gostaria de acrescentar neste ponto um fato biográfico do autor que confessa numa entrevista para Carlos Von Schmidt, ter escrito *Piazzas* a partir de uma desilusão amorosa. Cito: “*Piazzas* foi resultado de um amor dilacerado que tive por um garoto. Por injunções de

poemas, faz parte de um ritual: “você talvez não saiba do ritual do amor como uma fonte”. No poema *Ossos & Liberdade* (Coxas, 1979), por exemplo, um poema em prosa que conta a história de um clube de adolescentes que se reuniam sob o slogan “O Inferno de Dante é um paraíso”, para ler Dante e Mário de Andrade e para praticar “o ideal grego da Pólis”: “Os garotos do clube não transavam com Onça Humana [a garota]. Eles queriam reviver o ideal grego da Pólis. O Eros grego com seus cabelos cacheados & seus relâmpagos sexuais. Transavam entre si, com Pólen & alguns convidados especiais”<sup>173</sup>. A idéia de um sexo grupal e da orgia é também aludida na revista pelas imagens de *Dois Sátiros* de Rubens impressas na página em que está o poema. O amor aqui é líquido, abundante, um jato para o alto pela imagem da fonte (“você talvez não saiba do ritual/do amor como uma fonte”), líquido e inebriante como o vinho que é celebrado no título de outro poema de Coxas: *Chianti tenuta di marsano*.



*Dois Sátiros* (1618-19), Peter Paul Rubens (fig. 8)

Ainda nessa atmosfera erótica o *20 Poemas com Brócoli* (1981) chega à *Azougue* com seis poemas em que jovens garotos dançam no mato entre flores. Livro que, segundo Piva, foi criado a partir de sua experiência em saunas no subúrbio de São Paulo, quando via no trânsito

---

família, naquele tempo a família se metia muito nisso”. (COHN, Sergio. (org.) *Roberto Piva – Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007, p. 61)

<sup>173</sup> PIVA, 2006, p. 62

dos jovens de toalha toda a antiguidade grega e o Império Romano, por isso o efebo torna-se imagem central: “ultima locomotiva. gregos de Homero sonhando dentro do chapéu de palha”. Piva afirma também que foi nesse livro que repensou o *Inferno* de Dante Alighieri, pois as escadarias da sauna, que subiam e desciam de forma labiríntica e embaçadas pelo vapor, pareciam ser a descida ao inferno de Dante<sup>174</sup>.

Mas este *20 Poemas com Brócoli* dantesco não é o que a revista apresenta. Tão pouco é o *20 Poemas* por onde flana Baudelaire, como no poema I: “Baudelaire sangrou na ponte negra do Sena”, ou no poema VI, em que o que seria a epígrafe de Baudelaire, vai para o fim do poema. Apesar destas referências constantes no livro, nos poemas publicados na revista sobram somente as flores (que nos lembram de Baudelaire de *Flores do Mal*, 1857), e os musgos e serpentes do inferno dantesco: “dançarei no musgo do teu coração”; “o garoto engole a flor. mistura de serpentes”; podemos seguir o conselho de Piva “o leitor deve entrar nesse livro para percorrer as veredas do Sonho & da Paixão”<sup>175</sup>.

O primeiro poema que comento é o XVI. Mostra o lado mais hedonista do poeta em que a anarquia torna-se guia para cada nova conquista. Sem planos, livre como o poema, o poeta vai cair na vida:

## XVI

abandonar tudo. conhecer praias. amores novos.  
 poesia em cascatas floridas com aranhas  
 azuladas nas samambaias.  
 todo trabalhador é escravo. toda autoridade  
 é cômica. fazer da anarquia um  
 método & modo de vida. estradas.  
 bocas perfumadas. cervejas tomada  
 nos acampamentos. Sonhar alto.<sup>176</sup>

O pequeno poema, de versos já não tão longos e linguagem até moderada, expressa um elogio da viagem, do sem destino e da vontade de experimentar o novo. A poesia está no mato, na essência animalésca do homem que abre mão da submissão ao trabalho e ri da autoridade, desprezando-a. Há no poema o perfume das bocas jovens, a cerveja ao invés do vinho e o sonho de deixar tudo para trás e de jogar-se na

<sup>174</sup> COHN, 2007, p. 67

<sup>175</sup> PIVA, Roberto. *20 poemas com brócoli*. São Paulo: Masso Ohno, 1981, p. 46

<sup>176</sup> PIVA, in *Azougue*, 1996, p. 10

“cascata florida com aranhas azuladas nas samambaias”. Esta pode ser uma analogia da poesia de Piva: cascata florida que corre torrencialmente e se espalha (a força de sua poesia, em tom, em modificações) sem deixar de lado o rastejante, o veneno de uma aranha (as imagens provocativas, ácidas).

O segundo poema situa-se no campo. As imagens bucólicas de tardes douradas que iluminam as flores e fazem brilhar as corredeiras incessantes parecem ser o cenário de um ritual do tambor, um ritual do amor onde o efebo é celebrado. O poema diz o seguinte:

## XVII

Quero dividir com você a ventania da morte  
 & as flores do pessegueiro.  
 sinistras aves de rapina.  
     fontes de mel. pequena cidade do  
     interior donde você brota como  
                                   Amor perfeito.  
     imensa & delicada adolescência.  
 tambores dos quintais & do riacho  
 nas asas dos anjos da Memória.<sup>177</sup>

Os “anjos da memória” tocam os tambores em louvor à “imensa & delicada adolescência” celebrada como o desabrochar de uma flor: “Amor perfeito”. Aqui a presença da flor, que é perfeita representa talvez como quis Malcolm de Chazal, a dicotomia de uma flor: “Flowers are both knowing and innocent, with experienced mouths but childlike eyes. They bend the two poles of life into a divinely closed circle.”<sup>178</sup> Nesse ponto, o poeta não quer mais a metrópole, mas a “pequena cidade do interior” onde divide a “ventania da morte” com seu jovem amigo.

Do dionisíaco ritual do tambor, volto à cidade para mostrar como na revista há não uma continuidade, mas uma sucessão de idéias diferentes suscitadas pelos poemas. O *Pornosamba para o Marquês de Sade* fecha o livro *Coxas* (1979), trazendo o ritual erótico mais uma vez para a noite da cidade, onde o futuro é imediato com a promessa de aventuras sexuais e inebriantes. O texto em prosa não deixa de

<sup>177</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 10

<sup>178</sup> CHAZAL, Malcolm. *Sens-Plastique*. Paris: Gallimard, 1948, p. 7. Traduzo: “Flores são tão sábias quanto inocentes, com bocas experientes, mas olhos como os de uma criança. Elas curvam os dois pólos da vida num divino círculo fechado”

apresentar a alucinação como distorção da realidade capitalista burguesa em que o poeta se encontra, critica e, para não morrer de tédio, afronta com sua poesia escandalosa:

### **PORNO-SAMBA PARA O MARQUÊS DE SADE**

esta homenagem coincide com a deteriorização da Bastilha Sul-Americana minada pela crise de corações & balangandãs econômicos onde se mata de tédio o poeta & de fome o camponês & sobre os pés femininos se calça a bota de chumbo de várias cores gamadas com Hitlers de plantão em cada esquina recoberta de saúvas & amores escancarados como túmulos onde tuas coxa, Marquês, servem de amparo delicado para o garoto que chupa teu pau enquanto uma mulher ruiva te cavalga Assim, anotemos o nome da vítima-orgasmo-blasfêmia antes que as araras entrem na orgia com seus estimulantes bicos recurvos & um estratagema de cipós afague os sóis da desolação quotidiana em nível de Paraíso a noite é nossa Cidadão Marquês, com esporas de gelatina pastéis de esperma & vinhos raros onde saberemos localizar o tremor a sarabanda de cometas o suspiro da carne.<sup>179</sup>

---

<sup>179</sup> (PIVA in *Azougue*, 1996, p. 9) Este poema também apresenta uma diferença em relação à sua publicação em livro. Enquanto lemos na revista *Azougue* “a deterioração da Bastilha Sul-Americana”, no volume 2 das obras reunidas (*Mala na mão & asas pretas*, Globo, 2006), lemos “a deterioração do Gulag sul-americano”.

Como o poeta, a revista também presta sua homenagem ao Marquês de Sade com a iconografia<sup>180</sup> que mostra seu rosto em perfil com um olhar de seriedade que parece esconder algum pensamento perturbador. Ao homenagear o Marquês de Sade, Piva evidencia um comportamento libertino como oposição à crise sul-americana (crise democrática que se passava na época) que a seu ver, deteriora e paralisa com “botas de chumbo” os camponeses e os poetas encurralados e perseguidos por “Hitlers de plantão em cada esquina”, um procedimento de repressão que acaba por impulsionar e até estimular o comportamento blasfematório apresentado no poema. Quero acrescentar a esta constatação o depoimento de Piva retirado da entrevista para Carlos Von Schmidt, publicada originalmente na revista *Artes*, em outubro de 1985:

Então o *Coxas* foi essa viagem no absurdo da América Latina. O absurdo que estava se vivendo naquele momento em toda América Latina, toda aquela repressão de esquerda, de direita, de centro, de TFP, de Hare Krishna. Toda essa tentativa de normatividade, de transformar as pessoas em “normais”, foi transporta para *Coxas* em forma de delírio.<sup>181</sup>

Na tentativa do poder em “normatizar” a sociedade, Piva não cai na fogueira da heresia, não há “queima das bruxas”, o poeta continua com seu insistente desvario e evoca o sexo a três do Marquês, mostrando uma vez mais seu desprezo pelo “sistema” e, ignorando-o, sai para a noite levando um livro de Sade em suas mãos, e vai com ele à



<sup>180</sup> Figura 9. Imagem reproduzida na revista *Azougue* n° 2, 1996 p. 9, s/ créditos

<sup>181</sup> PIVA in COHN, 2007, p. 66-67

busca de prazeres extremos, do “suspiro da carne” e “vinhos raros”, inebriando-se na aventura do interdito.

### **3.6. *Azougue & Piva: Quizumba entre os Ciclones: do tambor ritual à selva mais próxima***

“Esta sociedade é uma gaiola para os mamíferos”  
Michael McClure

A revista publica três poemas do livro *Quizumba* (1983) e quatro até então inéditos que viriam a ser publicados no livro *Ciclones* pela editora Nankin em 1997. O primeiro poema de *Quizumba* parece estar tomado de um caos causado pelas batidas de um tambor. Piva traz ao imaginário este contexto que não é nem chão, nem ar nem lugar nenhum, é um som improvisado que segue o ímpeto da mão que o toca. Escrito em Águas de Lindóia no estado de São Paulo, entre janeiro e fevereiro de 1981, este poema é o terceiro da série Batuque (Batuque I, Batuque II e Batuque III) que seguem o mesmo formato e a mesma característica descontínua:

#### **BATUQUE III**

Diadorim versus vulgaridade / estrepolias nas  
estrelas / matagal de Charles Cros / travesti de 16  
anos fazendo piruetas na melodia / nenúfar /  
córrego que voa / rio que decola / Pero sus ojos  
eram negros / como quien mira a una playa  
(Lezama) / caçapa do meio bola azul / Artaud &  
Pavese para os íntimos / Mallarmé & sua  
queijadinha de relâmpagos / maloca / mico preto /  
poeira de abismos volumosos / esperma de aço /  
ilhas de Marajó ectoplásmicas / samba turbulento  
samba da luminosa escuridão de Osíris / pele  
acetinada do samba / lojas & suas línguas desertas  
/ amendoins de puro êxtase / vórtex Madame  
Demônia / forró nuclear / locomotivas na  
seqüência do sonho / aqui Sol & Lua/ Mar &  
Floresta / sou eu mesmo Amor sou eu mesmo.<sup>182</sup>

A utilização deste tipo de formato é recorrente no livro, parece ter sido a forma mais próxima para representar uma “quizumba”, uma

---

<sup>182</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 11

confusão, o caos completo. Os versos aqui são determinados pelas barras (/) que marcam as cesuras. É como se, ao invés de colocar cada verso em uma linha, Piva optasse por deixá-los à mercê do espaço gráfico da página. Há ambigüidade, pois parece ser à primeira vista, um poema em prosa, mas ele inclui as barras para lembrar o leitor de que são versos, de fato. Curioso também observar que o poema fica impresso de maneira que caiba mais facilmente num retângulo, ou seja, numa forma geométrica matematicamente calculável e perfeita. O caos inserido numa forma que seria, à primeira vista, harmoniosa.

Para Mírcea Eliade a transformação do Caos no Cosmos tem que ver com a habitação, com a apropriação de espaços; tal apropriação pelos povos em geral equivale à criação do universo, onde eles repetem a criação do mundo no “nosso mundo” transformando o Caos em Cosmos<sup>183</sup>. Piva por outro lado, tem no poema seu terreno onde armar, ao invés do Cosmos, o Caos. Ele desarma, a estrutura do que vem a ser um poema, criando no Caos não um terreno, mas uma movimentação sem referencial. Outro indício desse caos é a junção de referências estrangeiras com uma brasilidade expressa nas coisas mais simples e genuínas como a queijadinha: “Mallarmé & sua queijadinha de relâmpagos”, ou “samba turbulento samba da luminosa escuridão de Osiris”. O místico Osiris + o poeta Mallarmé + o poeta Lezama Lima + êxtase do amendoim + samba + forró + natureza + Diadorim<sup>184</sup>; todos os elementos coexistindo no mesmo espaço e ao mesmo tempo parecem ter sido escritos no calor do fluxo automático de consciência; notemos a heterogeneidade de referências, mais uma vez.

---

<sup>183</sup> Cito o trecho: “Um território desconhecido, estrangeiro, desocupado (no sentido, muitas vezes, de desocupado pelos “nossos”) ainda faz parte da modalidade fluida e larvar do “Caos”. Ocupando o e, sobretudo, instalando se, o homem transforma o simbolicamente em Cosmos mediante uma repetição ritual da cosmogonia. O que deve tornar-se “o nosso mundo”, deve ser “criado” previamente, e toda criação tem um modelo exemplar: a Criação do Universo pelos deuses. Quando os colonos escandinavos tomaram posse da Islândia (land-náma) e a arrotearam, não consideraram esse empreendimento nem como uma obra original, nem como um trabalho humano e profano. Para eles, seu trabalho não era mais do que a repetição de um ato primordial: a transformação do Caos em Cosmos, pelo ato divino da Criação. Trabalhando a terra desértica, repetiam de fato o ato dos deuses que haviam organizado o Caos, dando-lhe uma estrutura, formas e normas.” (ELIADE, Mírcea. *O sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 22.)

<sup>184</sup> Personagem de Guimarães Rosa no romance *Grande Sertão: veredas* de 1956. Diadorim torna-se a causa do desassossego de Riobaldo, um jagunço valente que se angustia por gostar, mais do que deveria, do companheiro de jornada, que torna-se seu confidente. É só na hora da morte de Diadorim que Riobaldo descobre sua verdadeira identidade feminina. Este personagem suscita a ideia do andrógino, e mais ainda do amor homossexual que se sobrepõe à atitude máscula de Riobaldo.

É claro que, à primeira vista, como no *Pornosamba para o Marquês de Sade*, aparenta ser um poema em prosa; neste, contudo, há a interminável divisão de frases e de palavras pela barra (/). Notemos que em ambos, estes cortes abruptos reforçam presença musical, do samba, do batuque. Suscita o carnaval, com todos seus corpos semi-nus lustrosos do suor da brincadeira (“pele acetinada do samba”), com todas suas cores e um batuque que remete diretamente ao Candomblé, mas também às tribos primitivas quando o som do tambor tocado repetitivamente e por longo tempo, leva os membros da tribo a uma espécie de transe onde podem se comunicar com os ancestrais e com as entidades de poder da floresta.

O seguinte poema suscita uma saída, um escape da cidade. A passagem dos muros de concreto que circundam o poeta, para os espaços abertos e livres da natureza, da praia, onde ele vai praticar livremente a anarquia, não a de sindicato, como afirma na entrevista para Carlos Von Schmidt citada anteriormente, mas praticar uma anarquia em favor da retomada do “espírito dionisíaco no mundo contemporâneo”<sup>185</sup>. A revista mostra esta passagem de *Quizumba* para os quatro manifestos que seguem e finalmente aos quatro poemas publicados em *Ciclones* (1997), que são tanto os manifestos quanto os poemas, ambientados principalmente no chão da mata, entre os índios e seres místicos da floresta. Este conflito dado pela impossibilidade de habitar a cidade já degenerada e afundada no tédio está escrito e explícito nas escolhas morfológicas e estéticas do poeta. No poema seguinte, do livro *Quizumba*, tal movimentação se dá pela transposição das imagens de onde estaria seu interlocutor “você lá em Santos/comendo amendoim/vendo anjos nas cebolas do mercado”, e de onde estaria ele “eu corto as veias & rego meu queijo Minas” optando por um ato extremo como linha de fuga da cidade onde grasnam os urubus:

### A CORÉIA É NA ESQUINA

Assim não dá meu tesão  
eu começo a sonhar com você todas as tardes  
& você lá em Santos  
comendo amendoim  
vendo anjos nas cebolas do mercado

---

<sup>185</sup> PIVA in COHN, 2007, p. 78

navios entram & saem do porto polidos  
 eu corto as veias & rego meu queijo de Minas  
 você me ama eu sei & me envaideço  
 amoras jorram a beleza anarquista de suas  
 coxas molhadas  
 o peixe-espada pode lhe declarar amor  
 eu penso nessas ilhas perfumadas  
 mas o caminho de volta eu só conto  
 a este urubu em carne viva  
 que grasna na sacada.<sup>186</sup>

Na transposição dos lugares, o eu lírico está na cidade, mas no ato de cortar as veias, ele é transportado para longe do concreto pelo pensamento tonto (pelo corte das veias) “eu penso nessas ilhas perfumadas” onde encontra seu objeto de desejo em santos “amoras jorram a beleza anarquista/de suas coxas molhadas”. O poeta parece estar aprisionado na podridão da cidade, na imagem do urubu, e por conta disso, projeta seu fluxo de consciência para fora da li, ao evocar seu amor distante. Este poema mostra uma das características mais importantes na poesia de Piva: ser explícito, tanto na virulência quanto no lirismo, acentuando as dicotomias com as quais ele trabalha, como por exemplo, sagrado/profano, cidade/floresta, beleza/sujeira, etc.

O seguinte poema que faz parte da “seção xamânica”, por assim dizer, promovida pela revista que publica quatro poemas (7 *Cantos Xamânicos*, *A oitava energia*, *Gavião Caburé* e *Menino Curandeiro*) inéditos, posteriormente publicados no livro *Ciclones* de 1997, trazem já desde os manifestos, apresentados antes, na seqüência da revista, a preocupação com os recursos naturais e a extrema urgência em protegê-los expressa na poesia. Escrito em Pedra Grande - Cerra da Cantareira, São Paulo - em 1995, este poema parece ser uma conjuração, palavras mágicas proferidas pelo Grão Mestre ou Xamã no caso, evocando a “tradição iniciática” formada pela epígrafe dedicada a um eclético grupo de poetas e estudiosos que aparecem, cada um com sua especialidade (Malcolm de Chazal como poeta, Raymond Abellio com sua filosofia gnóstica, Câmara Cascudo como estudioso dos mitos e folclore brasileiros, Mircea Eliade como filósofo das religiões e Julius Evola como ocultista), compondo como que bases para uma sabedoria mágica:

---

<sup>186</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 11

## A OITAVA ENERGIA

para Malcolm de Chazal & sua  
poesia oscilatória  
para Raymond Abellio, Câmara  
Cascudo, Mircea Eliade, Julius  
Evola & a tradição iniciática

Que você conheça  
A estrela da loucura  
Na sua verde boca animal  
A paisagem mineral  
Rói o olho do peregrino  
Que procura seu Deus com chifres  
Amo os garotos que cospem o sangue  
das amoras  
Pelos lugares êrmos, praias habitadas  
por escamas de peixe, montanha  
& matas onde o anjo é um pau  
duro no poente  
Que você conheça o relâmpago  
chamado mundo sombrio  
Estremecendo na fôlha do seu  
coração  
Que você conheça este relógio sem nuvens  
chamado morte  
Dependurado no planeta  
Como volúpia secreta  
Que você conheça manguezais  
& realidades não-humanas  
que são a essência da poesia  
Que você conheça o sussurro do Sol  
Na água ferruginosa dos seus olhos<sup>187</sup>

Para o sujeito que escreve poesia o “sobrenatural” parece estar indissolavelmente ligado ao natural. Segundo Eliade a “natureza sempre exprime algo que a transcende”<sup>188</sup>. O sagrado na poesia de Piva é determinado pela consagração do corpo, mais especificamente do falo, “onde o anjo é um pau duro no poente”, que se torna não mais, e sim tão sagrado quanto toda a natureza que é o chão, “a paisagem mineral”, o contexto habitado “por escamas de peixe” onde o sol sussurra. É

<sup>187</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 15 (escrito em Pedra Grande, Serra da Cantareira -SP)

<sup>188</sup> ELIADE, 1992, p.59

também pela consagração do sexo que procede a invocação do deus Pã o “Deus com chifres”. Notamos aqui “Deus” com letra maiúscula o que parece estar trazendo o deus mitológico para o mesmo patamar do Deus criador do catolicismo e religiões derivadas.

O poema expressa também o desejo do poeta de que sua poesia incite a vontade de uma íntima revolução interior naquele que a lê. É impossível não pensar que o poeta se refere ao leitor repetindo o pronome *você* ao longo do poema, pois há indícios muito claros de que para ele a poesia que se funda na lama, nos bichos, nos movimentos involuntários da natureza, no que não conhecemos, “que você conheça manguezais/& realidades não-humanas/que são a essência da poesia”, é o grão da verdade onde encontraremos um novo entendimento do cotidiano, sagrado e profano ao mesmo tempo, ou ainda profanamente sagrado. Importante salientar que o *sagrado* em Piva não tem bases cristãs, mas pagãs e mitológicas.

O último poema que tomo para ler, publicado na “seção xamânica” da revista *Azougue*, intitula-se *7 Cantos Xamânicos*. Em sete partes como já anuncia o título, o poema é composto de pequenos poemas, onde parece não haver continuidade, mas o tema é essencialmente o mesmo: a divinização do garoto índio; ainda o efebo mas há neste poema algo transcendente da natureza (nos termos de Eliade). Nessa fase de sua poesia, Piva passa da alucinação da cidade para a transcendência da floresta, invocando os deuses e o transe, é mais um êxtase do que uma paranóia. O poema parte do coração denso e fluido da floresta: o rio Amazonas.

## 7 CANTOS XAMÂNICOS

*“Loose desire!*

*We naked cry to you –*

*Do what you please”*

*William Carlos Williams*

### I

canoa do Amazonas

no olho-peio

no céu à queima-roupa

domina a vegetação & agricultura

ama a astronomia

& os vampiros em zig-zag

hosana incandescente / flor crispada / anjo

[selvagem

jaguar sentado na ametista  
& o pássaro caçula do sonho  
bem próximo da morte

**II**

monstro de puro amor  
curare  
estilo cerâmico de Nazaratequi  
pandemônio de Zeus  
Eros atravessando  
o tímpano com um 38  
gavião arame farpado  
núcleo do veneno fiel

**III**

garoto Crevel  
garoto inferno  
banhado no verde claro  
da manhã tropical  
bons músculos poéticos  
garoto Nerval  
caralho azul de enforcado  
na dobra da noite

**IV**

o cogumelo é calmo  
& a natureza insegura  
meninos envoltos  
em lágrimas & suor  
Hermes  
na goela  
do império dos mortos

**V**

morangos silvestres  
racham-se ao sol dos maribondos  
velas forçam o mar  
& desaparecem  
na planície da loucura  
a paixão gritou  
as samambaias  
de janeiro

## VI

garoto índio meu amor  
 por três noites o incêndio  
 bagunçou o coração das medusas  
 sementes & raízes  
 onde as ilhas  
 erguem  
 suas brasas

## VII

constelação de peixes rápidos: amor  
 o mar  
 que Homero  
 poetizou  
 em tecnicolor  
 o vinho desata  
 minha mão lagunar  
 no instinto astronauta  
 da espécie.<sup>189</sup>

Neste poema, Piva transporta a mitologia grega para o meio das tribos indígenas brasileiras em versos como “pandemônio de Zeus”, “Eros atravessando/o tímpano com um 38”, “Hermes / na goela / do império dos mortos”, “o coração das medusas”, “o mar / que Homero/poetizou”. O poeta monta através dessa transposição uma espécie de nova mitologia em que o anjo é selvagem, o peiote está no centro como planta de poder: “no olho-peiote”, junto do vinho que desata uma ânsia por um vôo até o espaço: “o vinho desata/ minha mão lagunar/no instinto astronauta/da espécie” e, onde ao invés de Afrodite, está o “garoto índio”, o “garoto inferno” por quem o incêndio “bagunçou o coração das medusas” “por três noites”. A atmosfera xamânica, parece estar mais presente no primeiro canto do que em qualquer outro, quando inicia com a imagem do rio Amazonas perpassado pela imagem do “jaguar sentado na ametista” que pode ser o próprio Xamã.

Segundo Mircea Eliade em seu estudo *Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase* (1998), a palavra xamã, de origem siberiana e centroasiática, chegou ao ocidente através do russo, do tungue<sup>190</sup> *saman* (e do

<sup>189</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p.14

<sup>190</sup> Idioma da família altaica, grupo de línguas faladas nos Montes Altai, na Ásia Central, habitada por chineses, mongóis e russos.

inglês *shaman* por isso então, *xamã*) que designa um mago, um curandeiro. Segundo sua primeira definição deste que seria um fenômeno complexo da experiência religiosa, o xamã é antes de tudo “o grande mestre do êxtase”<sup>191</sup>, sendo assim também o xamanismo considerado como uma técnica do êxtase.

Piva parece ter incorporado este princípio do êxtase xamânico em sua poesia. Ela está de fato, impregnada desse êxtase e se espalha nitidamente por toda esta fase de seus poemas publicados em *Ciclones e Estranhos Sinais de Saturno* (2008) onde este menino índio que é também o menino curandeiro, o menino xamã, onde estão os gaviões, o jaguar e as plantas de poder; entra na esfera das revelações (no poema *Revelações, Ciclones*) e da cura xamânica (Poemas violetas da cura xamânica, *Ciclones*). Dá para reconhecer, por esta perspectiva, uma veia *Beat*, que pulsa (beats) acalorada pelas idéias ‘backcountry’ de Gary Snyder<sup>192</sup>, talvez. No poema *Um Banquete de Amoras* de 1955, além da imagem “amora” que é recorrente nos poemas apresentados até aqui, é possível identificar a proximidade com a natureza que o poeta americano expressa por meio da poesia:

(...)  
 “Onde atiro as minhas flechas  
 “Está a sombra do girassol  
 - canção da cascavel  
 enrolada na virilha da pedra  
 “k’ak, k’ak, k’ak!  
 cantou o Coiote. Acasalando-se  
 com a humanidade –  
 (...)”<sup>193</sup>

Notemos a aproximação da poética de Snyder com a de Piva. A dimensão mística que há na canção da “cascavel” e o “coiote” que,

<sup>191</sup> ELIADE, 1998, p. 16

<sup>192</sup> Gary Snyder foi o poeta que inseriu o ar fresco das montanhas na poesia urbana de Ginsberg e Kerouac principalmente. Snyder e Kerouac conviveram juntos numa cabana em Mill Valley, na Califórnia ao pé do monte Tamalpais, por um curto período entre 1955 e 1956. Seu envolvimento com questões ambientalistas contribuiu tanto para sua formação como crítico quanto como poeta. Ele levou longe seus estudos orientais e indianistas chegando a se envolver no movimento de volta a terra (back-to-the-land-movement) nos anos 1970; tema sobre o qual a revista *Azougue* publica um de seus ensaios: *Re-habitar* (na edição especial de entrevistas, 2008, p. 141-146).

<sup>193</sup> SNYDER in MACCLURE, 2005, p. 29

como sabemos, são animais totêmicos para os índios norte-americanos; é o que Piva faz em sua poesia, com a nossa onça pintada, com o gavião, ou com o urubu. Há amoras nos poemas de Piva: “amoras jorram a beleza anarquista de suas/coxas molhadas”, “Amo os garotos que cospem o sangue/das amoras”; há amoras no poema de Snyder: “Urso negro/comento amoras, casado/Com uma mulher cujos seios sangram/De amamentar as crias semi-humanas”. Amoras como sangue da floresta, que é sangue animal, que é sangue humano. Proposições particularmente universais/universalmente particulares que permearam a obra de Snyder desde os anos 1950 e também a de Piva, que se tornaram mais explicitamente abordadas a partir dos anos 1980.

Lembremos ainda que há outra aproximação da poesia de Piva com a *Beat Generation*: a imagem do anjo, tão presente na poesia de Allen Ginsberg “hipsters com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dínamo estrelado na maquinaria da noite”<sup>194</sup>. Imagem que esteve presente insistentemente em grande parte da obra de Piva, aparece na *Azougue*, nos poemas: *A Oitava Energia* “& matas onde o anjo é um pau / duro no poente”; *A Coréia é na esquina* “vendo anjos nas cebolas do mercado”; no poema XVII do *20 poemas com brócoli* “nas asas dos anjos da Memória”; *A vida me carrega no ar como um gigantesco abutre* “minha dor é um anjo ferido / de morte”; *Piazza I* “obcecado com anjos”; *Visão de São Paulo à noite* “há anjos de Rilke dando o cu nos mictórios”; *No parque Ibirapuera* “Agora, Mario, enquanto os anjos adormecem devo”; *Meteoro* “eu apertava uma árvore contra meu peito / como se fosse um anjo”. O anjo em Piva parece estar relacionado com o efebo, com a beleza da adolescência na descoberta do sexo que é ao mesmo tempo sagrado e profano.

A apresentação sobre Roberto Piva, a publicação de seus poemas permeados por imagens escolhidas para ilustrar poemas, algumas, fotografias de colaboradores, outras de Wesley Duke Lee retiradas da primeira edição do *Paranóia*, imagens de artistas como Jorge de Lima e Rubens e outras sem crédito algum; a citação da revista *La Brèche – Action Surréaliste* e o fac-símile de uma dedicatória de Michael McClure para Piva, marcam um passo fundamental para a revista *Azougue* em sua totalidade. Primeiramente porque fundam um procedimento de edição adotado até a edição de número 8 que consiste na apresentação do poeta “homenageado” seguida da antologia de seus

---

<sup>194</sup> GINSBER, Allen. Uivo e outros poemas; trad. Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1999, p.25.

poemas. Depois, por incitar resgates de diversos outros poetas vinculados à *Geração Beat*, ao surrealismo e à vários lançados pelas publicações de Massao Ohno do mesmo modo como estreou Piva.

Outro ponto a ser considerado e problematizado é a publicação de manifestos de Piva, e só dele. Isto demonstra claramente um posicionamento da revista frente a tudo que seus manifestos suscitam.

#### 4. CAPÍTULO III

### O Anti-manifesto de Roberto Piva

*“A estrada do excesso  
leva ao palácio da sabedoria”.*  
William Blake

Os indícios da manifestação em direção à poesia de cunho naturalista que zomba do código civil estabelecido estão presentes, principalmente, e de forma mais rigorosa, nos manifestos de Roberto Piva. Três deles foram publicados na revista *Azougue*. São dezesseis os manifestos escritos pelo poeta desde os anos 1960; em sua maioria nem se intitulam “manifesto”. Vários deles se caracterizam por textos diferentes em tudo dos três publicados na revista. São textos mais prosaicos que abordam temas predominantemente políticos de uma maneira clara e pungente, contudo sem alterar sua veia delirante, crítica e satírica. Tomo como objeto de leitura os três manifestos publicados na segunda edição da revista *Azougue (equinócio 96)* e mais um, escrito em 1962 e publicado nas obras reunidas *volume I: A catedral da desordem*<sup>195</sup>.

Segundo Marc Angenot, o manifesto descreve, justifica e recomenda ao seu leitor uma prática, uma tomada de posição frente a uma tese política, estética ou literária. O autor acrescenta ainda que manifesto é um “gênero demonstrativo” [genre démonstratif] ligado à polêmica e à panfletagem<sup>196</sup>. Os manifestos tornaram-se prática comum para estabelecer o início e as diretrizes de movimentos da vanguarda moderna nas artes e na literatura. No início dessa dissertação citei o manifesto do CPC e também o do movimento Concretista brasileiro, que se colocaram em margens opostas da arte no fim dos anos 1950, início dos 1960. Lembremos ainda rapidamente dos *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924), *Manifesto Antropófago* (1928), ambos de autoria de Oswald de Andrade e do *Manifesto Surrealista* (1924), de André Breton, só para citar alguns que podem ter sido interessantes na formação de Piva como leitor, poeta, e também crítico social.

Imagino que Piva tenha desenvolvido especial interesse por manifestos, pois os textos que ousou chamar de manifestos, mesmo não

---

<sup>195</sup> PIVA, Roberto. *Um estrangeiro na legião: obras reunidas volume I*. São Paulo: Globo, 2005

<sup>196</sup> ANGENOT, Marc. *La Parole Pamphlétaire: Typologie des discours modernes*. Paris : Payot, 1982, p. 60

levando esta denominação (que não foram publicados na revista), carregam o tom de reivindicação dos manifestos aliado ao deboche, e ao sarcasmo característicos de sua linguagem. Entretanto, seus manifestos estão mais para anti-manifestos por não determinarem diretrizes para uma vanguarda, por não darem voz à ideologia de um grupo; são, ao contrário, o documento de um desejo, de uma ação contra o poder, usando linguagem impregnada da alucinação em direção à utopia de uma sociedade que vou chamar de anarco-dionisíaca. São manifestos de um solitário, pois embora assine em nome de um grupo (“Os que viram a carcaça” e “Sindicato da Natureza”), ele é o único autor (como podemos ver quando assina “Os que viram a carcaça, Roberto Piva, SP março 1962)<sup>197</sup>. Provavelmente as ideias contidas nesses manifestos tenham sido pauta de muitas conversas com seus amigos, e, um pouco de tudo que Piva idealizou para sua poesia está inscrito nesses textos. Toda sua obra parece estar contida em seus manifestos, de forma mais direta. Fazendo uso desse gênero ele declara publicamente seu posicionamento frente à política do corpo. Os manifestos de Piva não iniciaram nada, não foram estopins para um novo movimento, mas foram (fundamentalmente estes publicados na revista *Azougue*) talvez o início de um novo movimento interno, mas que se fez aos poucos em sua poesia: a passagem para a poesia xamânica.

No *Manifesto da Selva mais Próxima*, escrito em 1984, publicado em sua *Antologia Poética*<sup>198</sup>, depois publicado na edição da revista *Azougue* em 1996, e republicado na segunda edição de suas obras reunidas na coletânea de textos sob o título *O século XXI me dará razão*, Piva apresenta, antes que uma reivindicação, um alerta de que o poder destrói a natureza e adoce o corpo e a mente:

### MANIFESTO DA SELVA MAIS PRÓXIMA

*“abolição de toda a convicção que  
dure mais que um estado de espírito”  
Alvaro de Campos*

Para Henri Michaux  
in memoriam

Os produtos químicos, a indústria farmacêutica &  
os miasmas roerão teus ossos até a medula/

<sup>197</sup> PIVA, 2005, p.141

<sup>198</sup> PIVA, Roberto. *Antologia Poética*. Porto Alegre: L&PM, 1985

cadáver rico em vitaminas/ rodopios no rio da  
 indústria/ burocratas ideológicos morrendo de rir/  
 marxistas que depois que arrancaram a próstata  
 tomaram o poder/ vastos desertos no Cérebro/  
 políticos estatísticas câncer no rosto vazio das  
 avenidas da Noite/ Mulheres agarrando garotos  
 selvagens para enquadrá-los no Bom Caminho/  
 assobios & fome do verdadeiro caralho  
 fumegante/ Robert Graves, Brillat-Savarin & o  
 refrão dos meus desejos/ Feiticeira Ecológica no  
 Liquidificador Minotauro/ hortaliças incineradas  
 por mercúrio/ botinadas da KGB & canções  
 lancinantes/ Tempo no osso/ Televisão/ Centauro  
 na rota da Revolta/ Estrelas penduradas na  
 fuligem/ Catecismo da Perseverância Industrial/  
 Os governos existem pra te deixar com esse ar de  
 cachorro batido/ Os governos existem para  
 preparar a sopa do General Esfinge/ Os governos  
 existem pra você pensar em política & esquecer o  
 Tesão/ Bataque Nuclear Anjo-Fornalha/ poesia  
 urbana-industrial em novo ritmo/ Cidade esgotada  
 na feiúra pré-Colapso/ recriar novas tribos/  
 renunciar aos trilhos/ Novos mapas de realidade/  
 roteiro erótico roteiro poético/ Horácio & Lester  
 Young/ Tribos de garotos nas selvas/ tambores  
 chamando pra Orgia/ fogueiras & plantas  
 afrodisíacas/ abandonar as cidades/ rumo às praias  
 salpicadas de esqueletos de Monstros/ rumo aos  
 horizontes bêbados como anjos fora de rota/ Terra  
 minha irmã/ entraremos na chuva que faz inclinar  
 a nossa passagem aos Guaimbês/ Delinquência  
 sagrada dos que vivem situações-limite/ É do  
 Caos, da Anarquia social que nasce a luz  
 enlouquecedora da Poesia/ Criar nova religiões,  
 novas formas físicas, novos anti-sistemas  
 políticos, novas formas de vida/ Ir à deriva no rio  
 da Existência.

ROBERTO PIVA  
 Hora Cósmica da Águia  
 SP outubro de 1984

199

Escrito num único bloco, o manifesto se parece com um dos poemas do livro *Quizumba* (1983), pois segue o formato que parece prosa, porém com os versos separados pelas barras como observei anteriormente. Este manifesto-poema/poema-manifesto parece mais um desabafo contra o poder e a favor da incorporação de “anti-sistemas políticos”, da “Anarquia social” que para ele é de onde “nasce a luz enlouquecedora da Poesia”. O texto é inteiramente pontuado pela alucinação, o que se torna perceptível pela combinação extravagante do léxico em versos como: “assobios & fome do verdadeiro caralho fumegante”, ou “Feiticeira Ecológica no Liquidificador Minotauro”, ou ainda “Batuque Nuclear Anjo-Fornalha”. Usa de ironia quando se refere ao poder: “burocratas ideológicos morrendo de rir/ marxistas que depois que arrancaram a próstata tomaram o poder”, “Os governos existem pra preparar a sopa do General Esfinge”. A partir do verso “recriar novas tribos”, que parece funcionar como uma divisão em que antes, o poeta “descreve” os problemas e depois, então, propõe o que seria uma saída das armadilhas asfixiantes do poder: “Novos mapas de realidade/ roteiro erótico roteiro poético”, viver no limite com a poesia e vida como experiências extremas do corpo e do intelecto. Suas reivindicações não são diretas, ele não faz uso do pronome ‘nós’ para expor seus ideais revolucionários, ele escolhe, ao invés disso, o formato inusitado e a linguagem sarcástica que beira um humor negro ao referir-se à sociedade e para convencer o leitor da necessidade de um novo posicionamento frente à sociedade.

O seguinte manifesto segue basicamente as mesmas idéias que são repetidas sempre de formas diferentes, o que imprime uma originalidade em cada texto do Piva; é sempre o mesmo, mas diferente. O *Manifesto Utópico-Ecológico em Defesa da Poesia & do Delírio* escrito em 1983, publicado em sua *Antologia Poética* (L&PM, 1985) e também republicado nas obras reunidas (na reunião há textos sob o título *O século XXI me dará razão*, Globo, 2006), se parece mais a um manifesto em seu aspecto formal, por haver nele a divisão por itens, que aparecem também, por exemplo, no *Manifesto do Futurismo* escrito por Filippo Tommaso Marinetti e publicado no jornal francês *Le Figaro* em 20 de fevereiro de 1909. Em seu manifesto, Marinetti coloca em 11 itens o desejo de libertar a Itália, a arte e a cultura italianas dos antigos

---

conceitos estéticos: “É da Itália, que nós lançamos pelo mundo este nosso manifesto de violência arrebatadora e incendiária, com o qual fundamos hoje o *Futurismo*, porque queremos libertar este país de sua fétida gangrena de professores, de arqueólogos, de cicerones e de antiquários”<sup>200</sup>. Ainda que as reivindicações sejam diferentes em teor e fundamentos, a ideia de um manifesto pela libertação é semelhante; enquanto Marinetti manifesta-se pela liberdade da arte e da cultura italianas das mãos da tradição, Piva escreve em defesa urgente da poesia delirante a qualquer custo.

## MANIFESTO UTÓPICO-ECOLÓGICO EM DEFESA DA POESIA & DO DELÍRIO

### INVOCAÇÃO

*Ao Grande deus Dagon de olhos de fogo, ao deus da vegetação Dionisos, ao deus Puer que hipnotiza o Universo com seu ânus de diamante, o deus Escorpião atravessando a cabeça do Anjo, ao deus Luper que desafiou as galáxias roedoras, a Baal deus da pedra negra, a Xangô deus-carvalho fecundador da Tempestade.*

Eu defendo o direito de todo ser humano ao Pão & [à

Poesia

Estamos sendo destruídos em nosso núcleo

[biológico,

nosso espaço vital & dos animais está

[reduzido a

proporções ínfimas

quero dizer que o torniquete da civilização está

provocando dor no corpo & baba histérica

o delírio foi afastado da Teoria do Conhecimento

& nossas escolas estão atrasadas pelo menos em

[cem anos

em relação às últimas descobertas

[científicas no

campo da física, biologia, astronomia,

[linguagem,

pesquisa espacial, religião, ecologia,

poesia-cósmica, etc.

<sup>200</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Petrópolis: Vozes, 1978, p.86

provocando abandono das escolas no vício de  
 [linguagem &  
 perda de tempo  
 em currículos de adestramento, onde nunca  
 [ninguém vai  
 estudar Einstein, Gerard de Nerval,  
 Nietzsche, Gilberto Freyre, J. Rostand,  
 Fourier, W.Heisenberg, Paul Goodman,  
 Virgílio, Murilo Mendes, Max Born,  
 Sousandrade, Hynek, G. Benn, Barthes,  
 Robert Sheckley, Rimbaud, Raymond  
 Roussel, Leopardi, Trakl, Rajneesh,  
 Catulo, Crevel, São Francisco, Vico,  
 Darwin, Blake, Blavatsky, Krucênich,  
 Joyce, Reverdy, Villon, Novalis,  
 Marinetti, Heidegger & Jacob Boehme  
 & por essa razão a escola se coagulou em  
 [Galinheiro  
 onde se choca a histeria, o torcicolo &  
 [repressão  
 sexual,  
 não existindo mais saída a não ser fechá-la &  
 transformá-la em Cinema onde crianças &  
 adolescentes sigam de novo as pegadas da  
 Fantasia com muita bolinação no escuro.  
 Os partidos políticos brasileiros não tem nenhum  
 preocupação em trazer a **UTOPIA** para o  
 [quotidiano.  
 Por isso em nome da saúde mental das novas  
 [gerações  
 eu reivindico o seguinte:  
 1 – Transformar a Praça da Sé em horta coletiva  
 & pública  
 2 – Distribuir obras dos poetas brasileiros entre os  
 garotos (as) da Febem, únicos capazes de  
 transformar a violência & angústia de suas almas  
 em música das esferas.  
 3 – Saunas para o povo.  
 4 – Construção urgente de mictórios públicos  
 (existem pouquíssimos, o que prova que nossos  
 políticos nunca andam a pé) & espelhos.  
 5 – Fazer da Onça (pintada, preta & suçuarana) o  
 Totem da nacionalidade. Organizar grupos de  
 proteção à Onça em seu habitat natural. Devolver

as onças que vivem trancadas em zoológicos às florestas. Abertura de inscrições para voluntários que queiram se comunicar telepaticamente com as onças para sabermos de suas reais dificuldades. Desta maneira as onças poderiam passar uma temporada de 2 semanas entre os homens & nesse período poderiam servir de guias & professores na orientação das crianças cegas.

6 – Criação de uma política eficiente & com grande informação ao público em relação aos Discos-Voadores. Formação de grupos de contato & troca de informação. Facilitar relações eróticas entre terrestres & tripulantes dos OVNIS.

7 – Nova orientação dos neurônios através da Gastronomia Combinada & da Respiração.

8 – Distribuição de manuais entre sexólogas (os) explicando por que o coito anal derruba o Kapital

9 – Banquetes oferecidos à população pela Federação das Indústrias.

10 – Provocar o surgimento da Bossa-Nova Metafísica & do Pornosamba.

O Estado mantém as pessoas ocupadas o tempo integral para que elas NÃO pensem eroticamente, **libertariamente**. Novalis, o poeta do romantismo alemão que contemplou a Flor Azul, afirmou: “Quem é muito velho para delirar evite reuniões juvenis. Agora é tempo de saturnais literárias. Quanto mais variadas a vida tanto melhor”.

Assino e dou fé,

**Roberto Piva**

S. Paulo 1983

Hora Cósmica do Tigre<sup>201</sup>

Piva ao contrário e opostamente à Marinetti, reivindica o dionisíaco pautado na valorização da natureza que aparece na figura icônica da “Onça (pintada, preta & suçuarana)”. Enquanto Piva defende o prazer, a liberdade e o conhecimento selvagem quando diz que nas escolas há “perda de tempo/em currículos de adestramento” (em que não está incluída sua lista de filósofos, poetas, ocultistas, etc.), Marinetti e seus amigos querem “glorificar a guerra – única higiene do mundo – o

---

<sup>201</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 14

militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarquistas, as belas idéias que matam, e o menosprezo à mulher”.<sup>202</sup> Enquanto Marinetti quer a destruição, Piva, a construção, não de casas, prédios, estradas, mas de “Saunas para o povo”, “Construção urgente de mictórios públicos”. Piva quer, através da poesia, da qual nunca se desvincula, trazer a utopia de uma sociedade anarco-dionisíaca de volta ao cotidiano, e para isso, aponta reivindicações insólitas e até satíricas.

Notemos que este manifesto, diferentemente do anterior, reivindica, de fato, mudanças em direção à aceitação do ócio criativo “pela saúde mental das novas gerações”, pois “O Estado mantém as pessoas ocupadas o tempo integral para que elas NÃO pensem eroticamente, libertariamente”, ideia essa que vai de encontro à outro manifesto de Piva intitulado *O Erotismo dará o golpe de estado* publicado na revista argentina *Cerdos&Peces* (janeiro de 1987) e na brasileira *Cobra* (sem créditos).

Este pode ser considerado o manifesto mais agudo entre os publicados na revista *Azougue*, pela extensão dos temas abordados que contemplam a sociedade como um todo (educação, política, ecologia, psicologia, etc.) e principalmente pela clareza das ideias defendidas que tem no título (*Manifesto Utópico-Ecológico em Defesa da Poesia & do Delírio*) sua essência. Ele inicia com uma “invocação” em que chama, por assim dizer, os deuses à quem dedica o manifesto. Um elenco de deuses pagãos de mitologias grega (“Dionisos”, “Puer”), fenícia (“Baal”) e afro-brasileira (“Xangô”) que mostra a amplitude onde se insere, tanto na mitologia quanto nos autores que cita, sugerindo que fossem estudados nas escolas. Embora esteja inserido nas esferas da mitologia e do delírio, Piva também reivindica, no item mais longo do manifesto, a tomada de consciência pela proteção da natureza selvagem: “Organizar grupos de proteção à Onça em seu Habitat natural”. Ele avisa ao país, através da imagem do felino, em 1983, o que hoje se tornou preocupação mundial: a proteção ao meio-ambiente. Preocupação esta que o poeta expressa em outro texto publicado nas *obras reunidas volume III* (Globo, 2008), sob o título de *Sindicato da Natureza*:

Nos anos 60 quando eu falava de Ecologia, as respostas das pessoas, que se amontoavam em bandos à direita & à esquerda, era sempre uma profissão de fé na própria mediocridade. “Com

---

<sup>202</sup> TELES, 1978, p. 86

tanta gente passando fome, esse cara vem falar de natureza”. Como se a vida do cretino não dependesse exatamente do equilíbrio ecológico. Os trabalhadores têm a CUT, a CGT. A onça pintada não tem sindicato. Os rios não têm sindicato. O mar não tem sindicato.<sup>203</sup>

A veemência com que o poeta expressa sua indignação faz dele mais do que um poeta em sintonia com as atitudes nocivas das questões de seu tempo, mas também um crítico ferrenho dessas questões que habitam sua poesia, na medida em que a cidade passa a ser um organismo descontrolado. Esta preocupação com o meio-ambiente aparece, como vemos, mais pungente nos manifestos do que na poesia. Como o que já passara nos anos 1950 com os poetas Beat, a ligação com a natureza significou tanto para eles quanto para Piva. Michael McClure (1932 -) afirma em seu estudo sobre a literatura Beat *A nova visão: de Blake aos Beats* (Azougue, 2005) que:

Muito do que significou a geração Beat se deve à natureza – a paisagem da natureza no caso de Gary Snyder, a mente enquanto natureza no caso de Allen Ginsberg. A consciência é um fenômeno orgânico natural. Os Beats compartilharam um interesse pela natureza, consciência e biologia – áreas que eles expandiram e mantiveram unidas por meio de suas posições políticas e anti-políticas.<sup>204</sup>

A partir de sua ligação com a natureza que, de certa forma, potencializou seus estudos sobre Xamanismo, Piva conecta-se cada vez mais, como vimos nos poemas de *Quizumba* e *Ciclones* principalmente, com uma poesia iniciática e mística onde reinventa seu microcosmo a partir dos extraterrestres, magos, bruxos, xamãs, animais totêmicos, lugares e plantas de poder e deuses pagãos, sem jamais abandonar o dualismo profano & sagrado que está na base de sua poesia e culmina em seu último livro, *Estranhos Sinais de Saturno* (Globo, 2008).

---

<sup>203</sup> PIVA, 2008, p. 178

<sup>204</sup> MCCLURE, 2005, p. 21

No último manifesto publicado pela revista *Azougue*, escrito em 1992<sup>205</sup>, o poeta já está completamente inserido no ideal de espalhar sua poesia Xamânica. Este manifesto apresenta, de forma mais direta, em 22 itens, o que aparenta ser o mundo cognitivo de um xamã, pois aqui parece realizar-se o que fala McClure: “a consciência é um fenômeno orgânico natural”. Neste manifesto Piva não reivindica nada, não critica nada, a não ser a “metrópolis-necrópolis”. Ele, mais que tudo, mostra a nova esfera em que se insere sua poesia, como uma utopia possível.

### MANIFESTO DA POESIA XAMÂNICA & BIO- ALQUÍMICA

para meu antepassado  
nº serpente

1. O mundo são os Lugares de Poder
2. Sacralização xamânica do cotidiano
3. Perspectivas bio-regionais
4. Selvagem & Sagrado
5. Gaviões são divindades solares portadoras de  
[poder
6. Hórus-Falcão rei das duas terras
7. Ecologia da Linguagem
8. Estados alterados da consciência
9. O Gavião fala por nossa boca
10. Xamã: sacerdote-poeta inspirado que em  
transe extático percorre o inframundo,  
florestas, mares, montanhas & sobe aos

---

<sup>205</sup> Como já mencionei anteriormente, este manifesto foi “esquecido” pela editora Globo quando reuniu todos os livros do poeta em três volumes. O *Manifesto da Poesia Xamânica & Bio-Alquímica* foi publicado na revista *Azougue* de 1996 e, em 1997, um texto intitulado *poesia = xamanismo = técnicas arcaicas do êxtase*, publicado na revista *Poesia Sempre* (junho), reutiliza várias das frases que estão no manifesto, como: “Xamã: sacerdote-poeta inspirado que em transe extático percorre o inframundo, florestas, mares, montanhas & sobe aos céus em “viagens”. Dante foi um xamã- (xa)cabalista que conheceu em sua viagem pelos 3 mundos os orixás travessos da Sombra.”, “Deixe a Visão chegar”, “É a hora da despedida dos deuses do deserto & chegada dos deuses da vegetação” e “o caminho do (poeta/) xamã é o caminho do Coração.” Este texto está publicado no livro *Roberto Piva - Encontros* (Beco do *Azougue*, 2007, p. 104-107).

- céus em “viagens”.
- Dante foi um xamã-cabalista que conheceu em sua viagem pelos 3 mundos os orixás travessos da Sombra.
11. O ôlho divino do gavião se transforma em plantas florescentes
12. ÍSIS, Virgem Negra, mãe de Hórus
13. O Gavião plana acima das  
[metrópolis-necrópolis]
14. Divindade dos limites do Horizonte
15. “A orgia faz circular a energia vital &  
[Sagrada”  
M. Eliade
16. “A marginalidade é formada por aqueles que estão ‘out’ – aqueles que não tem acesso ao poder estabelecido involuntariamente por miséria, ou voluntariamente por escolha estética-religiosa”  
Timoty Leary
17. Deixe a Visão chegar
18. É a hora da despedida dos deuses do deserto & chegada dos deuses da vegetação
19. Conspiração sagrada dos terráqueos anônimos & guerreiros do Zuwya
20. Estado de conhecimento sensorial
21. “Dirige as flechas da voz dos jovens para celebrar o gozo desta terra”  
Píndaro
22. Ilha subterrânea do gavião. Livro Egípcio dos Mortos. Bardo Todol. Orixás & vida quântica. O caminho do xamã é o caminho do Coração.
- XAMÃS PELA NOVA CONSCIÊNCIA  
Roberto Piva  
Ilha Comprida – 1992  
Ano dos magos do Gavião<sup>206</sup>

Como o poeta clama no último verso, há aqui uma chamada “pela nova consciência”, a consciência de que o conhecimento ancestral encontrado nos mistérios naturais, na liberdade sexual, na eterna juventude (o Eros) e no poder dos animais como portadores da vidência assim como o poeta (Rimbaud), são os ideais para a “Sacralização

---

<sup>206</sup> PIVA in *Azougue*, 1996, p. 13

xamânica do cotidiano”, ou seja, para o que Piva mais quer com seus manifestos: a retomada da utopia dionisíaca<sup>207</sup>. É também até certa instância, um manifesto anárquico que se confunde com o ideal de Piva. Anarquia esta que tem a ver com a dissolução das hierarquias políticas e com o ideal do excesso, da poesia como experiência, da vida levada ao limite como via para a alucinação e para o conhecimento.

Os manifestos não deixam de ser poemas também. Eles foram escritos para serem poemas, recitados com tanta ênfase quanto foi nos anos 1950 o poema *Uivo* (1955) de Allen Ginsberg, que falava de uma geração de poetas enlouquecidos e se tornou também, de certa maneira, um manifesto. Manifestos, em geral fundam-se sobre discursos ideológicos de um grupo, como explica Angenot:

Notons enfin que le manifeste (quelle que soit dans le concret la manière dont il a été composé) a toujours pour énonciateur un *groupe* de signataires, que le manifeste même établit la solidarité de ceux-ci. Le pamphlet au contraire a pour énonciateur un penseur *solitaire* et l'une des fins du texte sera de rendre raison de la solitude idéologique qui est son lot.<sup>208</sup>

Mencionei anteriormente seus manifestos reunidos sob o título *Os que viram a carcaça*, que ao mesmo tempo em que Piva escreve em nome de um “nós”, sabemos que se refere unicamente às suas ideias, seriam, portanto, nos termos de Angenot, panfletos, pois expressam sua “solidão ideológica”; são eles: *O Minotauro dos minutos*; *Bules, bôlis e bolas*; *A máquina de matar o tempo*, *A catedral da desordem*. Piva parece divertir-se com a transferência das atribuições, escrevendo textos que seriam panfletários, atribuindo-lhes a autoria a um grupo, e os manifestos que deveriam ser escritos em nome de um grupo, ele assina e data como único autor que é. Há um tom de ironia no título também, em que *os que viram a carcaça*, se refere ambigualmente à expressão “vira casaca” empregada para criticar as pessoas que mudam de opinião, que passam a apoiar o opositor, por exemplo. Notemos também que no *Manifesto da Poesia Xamânica & Bio-Alquímica*, o poeta incorpora

---

<sup>207</sup> A utopia piviana está centrada numa política do corpo em que recupera o estado de nudez a partir de nossa condição selvagem pré-civilizada; a nudez, a animalidade, o sexo que compõem a ideia de um *corpo livre*.

<sup>208</sup> ANGENOT, 1982, p. 61

citações ao texto, conferindo-lhe um ar até mesmo didático, de modo que é explicativo em alguns itens (como nos itens 1, 5 e 10, por exemplo), e, ao citar Mircea Eliade, Timothy Leary e Píndaro, parece propor que eles são seus parceiros na escrita do manifesto. Piva parece o tempo inteiro escrever COM eles.

Diana L. Klinger<sup>209</sup> propõe, em seu texto *Dois Antropófagos (Des)viados*<sup>210</sup>: *Glauco Mattoso e Roberto Piva*, publicado na revista bicultural *Grumo* (nº 1, março de 2003), a análise dos manifestos de ambos os poetas, para delinear suas “micropolíticas” homoeróticas. Klinger explica que tanto Piva quanto Mattoso têm o *Manifesto Antropófago* (1928) como referência e a “função modernista da literatura ‘de combate’ é parodiada e o projeto épico-heróico, ironizado”. Ela afirma que os autores “desconstroem” o ideal de identidade nacional apontando a “diversidade do particular”. Klinger nos lembra da paródia armada por Piva do manifesto de Oswald de Andrade que inicia com: “Só a antropofagia nos une. Socialmente.

---

<sup>209</sup> Professora da Universidade Federal Fluminense.

<sup>210</sup> Importante observar que o termo utilizado ocasiona um problema de leitura; a construção do termo ‘(Des)viado’ é impossível, pois ‘viado’, segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa, é o “nome de um pano de lã com riscas ou veios”, enquanto que o nome vulgar que se usa para homossexual, que é a que alude o termo, é ‘veado’. Entendo o uso do termo ‘Desviado’ que no caso, viria a ser aquele que não está de acordo com a regra, entretanto carrega um sentido pejorativo de homossexual. (GRUMO. Literatura e Imagem. Buenos Aires: Fundación Centro de Estudos Brasileiros, nº1, março, 2003, p. 106-117)

Recentemente lendo *As mil e uma línguas* de Glauco Mattoso, encontrei o seguinte soneto:

**Soneto da grafia politicamente correta**

Se escreve que é “veado” ou que é “viado”?  
 Se escreve que é “boceta ou que é “buceta”?  
 Depende da intenção: se o bicho é dado  
 por macho ou se a conduta o comprometa...

Se o bicho é “bicha”, um “I” será grafado;  
 se apenas bicho, um “E” faz a caneta.  
 E quanto à xoxotinha? Algum bocado  
 de pecha está no pau que se lhe meta?

O estojo de rapé já está em desuso,  
 No próprio território, o solo luso,  
 e já ninguém precisa desses termos...

Da vulva todo mundo necessita,  
 até quem não aspira, traga ou pita,  
 pois dela dependemos ao nascermos...

Meu problema de leitura parece estar arruinado.

Economicamente. Filosoficamente.”<sup>211</sup>, enquanto que no manifesto intitulado *A catedral da desordem* (1962)<sup>212</sup>, Piva escreve: “Só a desordem nos une. Ceticamente. Barbaramente. Sexualmente”. Para ela, estas substituições armadas por Piva determinam o afastamento da “ordem – unificada estabelecida pelo modernismo” e identifica “a orgia homoerótica pública” como “utopia de liberdade”. Contudo, mais do que construir “a utopia de uma ‘homossociabilidade’” e destruir em sua obra a universalidade e a dominância da antropofagia já institucionalizada desde os anos 1920, os manifestos de Piva constituem muito mais um programa em direção ao cumprimento do desejo num tempo flagrante; são, por assim dizer, relatos da paixão pelo viver no presente, pela transcendência (via xamanismo), através da poesia e o homossexualismo é assunto, prática e vivência, não bandeira.

Embora o manifesto *A catedral da desordem* não tenha sido publicado na revista *Azougue*, este exemplo me pareceu oportuno para apontar, além do inter-texto com Oswald de Andrade, as proposições não somente homossexuais, mas plurissexuais, na medida em que aborda a liberdade sexual muito em voga naqueles anos de 1960, como parte de seu ideal utópico de convivência social. Sobre seus ideais utópicos, Glaucia Costa de Castro Pimentel afirma, em sua tese sobre o poeta, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina em 2009, que:

Mas será pelo corpo que o poeta saberá mais largamente propor suas ideias utópicas. Pelo corpo, o desconforto pungente e o prazer mais transcendente - o Céu e o Inferno - num dizer outro, mas não negando Blake, entre anjos, pecados, prazeres e sublimes horrores. E de fato, a intimidade da poesia com o corpo, será absoluta. Pelos corpos passarão, não apenas a cidade, não apenas o sexo e o desejo, mas seus antídotos aos horrores que denuncia e ataca.<sup>213</sup>

Quando Piva parodia e ainda incorpora termos do *Manifesto Antropófago* através dos termos que usa, ele está, de certa forma,

---

<sup>211</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 293

<sup>212</sup> PIVA, Roberto. *Um estrangeiro na legião: obras reunidas vol. 1*. São Paulo: Globo, 2005, p. 141

<sup>213</sup> PIMENTEL, 2009, p.16

parodiando o manifesto como gênero e, conseqüentemente, todos os manifestos vanguardistas. Quando no *Manifesto Antropófago* Oswald de Andrade escreve: “A transformação permanente do Tabu em totem”<sup>214</sup> e “Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama”<sup>215</sup>, lemos em *Sindicato da Natureza* (Globo, 2008) o seguinte poema:

PRISIONEIROS,  
 DEGREDADOS,  
 SODOMITAS,  
 HERÉTICOS,  
 PIRATAS,  
 ESTE PAÍS  
 NASCEU DA  
 ANARQUIA.  
 TIVEMOS  
 TODAS AS  
 OPORTUNIDADES  
 PARA VIVER O  
 MATRIARCADO  
 DE PINDORAMA  
 SUA POESIA &  
 SEU MITO.  
 ENTREGAMOS  
 NOSSA  
 LIBERDADE  
 NAS MÃOS  
 EUNUCAS DA  
 IGREJA CATÓLICA,  
 DOS ACADÊMICOS  
 & DOS  
 ESQUERDISTAS  
 DE PAU PEQUENO

Mairiporã, 90<sup>216</sup>

---

<sup>214</sup> ANDRADE in TELES, 1978, p. 295

<sup>215</sup> Ibidem, p.300

<sup>216</sup> PIVA, 2008, p. 180

Está claro nesse poema o diálogo com o manifesto de Andrade, através da forma, que lembra um totem, e dos termos utilizados; um poema carregado de denúncia sem meias palavras. Critica a covardia de nossos ancestrais (e todos nós, como sociedade civilizada) ao terem abandonado suas crenças e costumes ao serem catequizados, aceitando submissos os dogmas da “igreja católica”, “dos acadêmicos” e “dos esquerdistas”. Piva parece criticar também a própria antropofagia. Em seu sentido ritualístico, a antropofagia expressa um modo diverso de conceber a realidade, um modo ancestral de viver em comunidade sem a necessidade de submeter-se a regras ou a qualquer forma de poder. Os ideais modernistas que revisitam esta prática ancestral parecem não ser suficientemente convincentes para Piva; o ideal antropofágico foi esmorecendo e não teve força para ser incorporado pela sociedade: “Comemorou-se o centenário de Oswald de Andrade mas ele não foi comido.”<sup>217</sup>, diz Piva.

Ainda em *Catedral da Desordem* mencionada anteriormente, ao afirmar que “A nossa Catedral está impregnada do grande espetáculo do Desastre”, Piva quer a destruição do totem-tabu. Para Piva, este “espetáculo do desastre” se arrasta desde a vinda dos europeus para o Brasil que representam a castração e a subjugação da beleza e do poder original das tribos indígenas. O início da utopia de Piva, contra igreja Católica, pela destruição do totem; “contra as cegonhas pelos gambás, contra o futuro pelo presente, contra o poço pela fossa (...) contra as responsabilidades pelas sensações, (...) contra a mecânica pelo Sonho, (...) contra o cordeiro pelo lobo, contra o regulamento pela Compulsão” (etc.)<sup>218</sup>, contra a bossa nova, pela bossa nova metafísica, contra o samba pelo pornosamba. Viver no presente acima de qualquer medida, viver pelo instinto, na selvageria.

A revista *Azougue* apresenta manifestos de Piva que tem a natureza como espaço da manifestação do sagrado, como tema que caracteriza sua poesia como xamânica e utópica e diria até (pelas questões elucidadas nos manifestos) como reeducação do homem em

---

<sup>217</sup> Cito o trecho: “O Zé Celso esteve no arquivo do Oswald, na Unicamp, e pegou as últimas coisas que ele escreveu. O que ele dizia? Por favor, salvem a cultura indígena, é a melhor coisa que o Brasil tem. Toda hora ele escrevia isso. Porque Oswald sabia que quando morre um pajé morre uma biblioteca viva. Coisa que os nossos intelectuais acadêmicos não sabem. Comemorou-se o centenário de Oswald de Andrade mas ele não foi comido. Não tem penetração nesta estética que está no poder atualmente no Brasil.” COHN, 2007, p. 95

<sup>218</sup> PIVA, 2005, p. 141

direção à não aceitação das castrações impostas ao seu corpo. Segundo Richard Sennett, “ao longo da história do Ocidente, imagens dominantes do corpo estilhaçaram-se no processo de sua transferência para a cidade” e “foi a própria natureza do corpo humano – necessariamente incoerente e fragmentada – que contribuiu para gerar direitos e dignificar as diferenças”<sup>219</sup>.

A poesia de Piva está para a política do corpo: o corpo como organismo mutante, feito de carne e pedra, de ferro e sangue, que sofre e se deleita, humano e animal. A poesia de Piva está também para a natureza que não é concebida como estatuto natural do homem, não é um espaço de fuga, não é jardim, é selva onde os predadores estão à solta; não está percebida em sua forma estática, absoluta, bucólica, ou fora desse corpo erótico, pois na medida em que o poeta provoca a desestabilização de um habitat selvagem através de drogas, de orgias, de rituais xamânicos (etc.), na busca do êxtase, ele tensiona a razão (tensão do real) distorcendo a visão de uma natureza positiva, inventando assim uma forma mais ativa de ser e estar nela, de viver nela, de transfundir-se à sua intimidade misteriosa.

Muito do que a revista *Azougue* contribuiu para a obra de Piva, foi oportunizar ao seu leitor, através da antologia publicada em 1996 e dos poemas (então) inéditos publicados no volume de 2000, acompanhar toda a trajetória de sua poesia, evidenciando as mudanças formais e de conteúdo (não completamente), em que, em sua última fase, aquela alucinação presente em seus poemas dos anos 1960, dá lugar às questões ambientalistas via xamanismo (que não deixa de ser alucinado).

---

<sup>219</sup> SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*; trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 23

## 5. CONCLUSÃO

### Algumas Palavras Mais

*come Poet shut up eat my word,  
and taste my mouth in your ear.  
Allen Ginsberg*

A apresentação da antologia de poemas de Roberto Piva na revista *Azougue* demonstra, a vontade da revista de apresentar quase toda sua obra. Dadas as limitações gráficas, a *Azougue* só não publica uma edição especial de Roberto Piva porque deixou para fazê-lo quando os recursos gráficos de uma editora lhe permitiram fazê-lo melhor; que é o caso do livro que citei inúmeras vezes: *Roberto Piva – Encontros* (Beco do Azougue, 2007). Nos depoimentos do editor Sergio Cohn fica claro que poesia e poeta conquistaram um lugar especial como um guia para imaginar, idealizar e concretizar a revista, e a partir daí, Cohn parece ter seguido Piva como um conselheiro editorial (mesmo não aparecendo em nenhum dos editoriais). A revista inicia como um fanzine e assim se denomina até 1997. Neste período ela se apresenta ainda num um viés “contracultural” e despretenso, impresso na forma, nas capas, no suplemento várzea, editado em três volumes; publicou poetas surrealistas como o francês Paul Éluard e o italiano Dino Campana, por exemplo, alguns ligados à *Beat Generation* como os americanos Michael McClure e Allen Ginsberg; depois, não deixou de entrevistar poetas que eram amigos de Roberto Piva, como Claudio Willer, Rodrigo de Haro, Antonio Fernando de Franceschi, Celso Luis Paulini; ou que tiveram algum contato com o poeta como Dora Ferreira da Silva e Afonso Henriques Neto. Ainda, um dado importante. A primeira cisão no corpo editorial da revista se deu pelas opiniões divergentes a respeito dos poetas homenageados, entre eles, o Piva:

Em 1996 a gente lançou o segundo número, que foi impresso numa gráfica profissional que o Massao Ohno conseguiu para a gente. Esse segundo número tem o Roberto Piva e um texto do Antonio Bivar sobre o Celso Luiz Paulini. O lançamento dele foi também na Oficina Pau Pau, e marcou a primeira ruptura dentro da revista. Já existia uma tensão dentro da *Azougue* entre a turma do Alê [Barbosa] e do Edu [Verderame], que não gostavam dos poetas que estávamos

homenageando, e eu, o Danilo [Monteiro] e o Maurício Ferreira, que era um aluno de cinema da ECA e poeta que virou um dos principais azogueiros.<sup>220</sup>

Já nos anos 2000 a revista se apresenta graficamente bem diferente, mas a forma de apresentação dos poetas via homenagens e antologias, continua a mesma. É verdade que o leque de publicações se amplia, quando a revista abre espaço para artistas do teatro, música e fotografia. Não parecendo ter sucesso, a revista volta a publicar seus dois últimos volumes, como revista de poesia/literatura somente. Publica poemas inéditos (na época) do Piva, e sua auto-propaganda é reforçada no sentido de ser uma revista que deu/dá “voz aos poetas”, e mantém com eles um “pacto”, um pacto entre fraternos. Parece uma irmandade (!).

Ao invés de textos de crítica, *Azougue* optou por publicar, em sua última fase, antes de virar editora, uma coleção de entrevistas em que mostra a fase mais heterogênea do conjunto. Não são entrevistas sobre poetas ou prosadores somente, publica entrevista com poetas sim (uma do Piva, inclusive), mas engloba uma ampla gama de artistas, e intelectuais ligados às artes e à cultura. Mostra o interesse em questões como direito autoral, arte e cultura indígena, o advento da tecnologia na música e nas artes, artes plásticas, enfim, uma seleção baseada na diversidade.

Procurei apontar alguns indícios, algumas pistas que me fizeram pensar que Piva, sua poesia, seus estudos do surrealismo e da poesia *Beat*, e suas formas de operação com a vida sejam as grandes inspirações para a revista e para a criação de sua linha editorial. Sabemos que Sergio Cohn teve um vínculo amistoso com Piva, o que nunca foi um segredo para quem acompanhou minimamente seus poemas e a linha editorial que ele optou traçar para sua editora, o que é o caso, por exemplo, das recentes publicações dos poetas da *Beat Generation* (o *Geração Beat* organizado por Sérgio Cohn, o *A nova visão* de Gary Snyder). Piva por sua vez deixa claro este vínculo quando dedica um poema do livro *Ciclones*<sup>221</sup> a Sergio Cohn:

---

<sup>220</sup> *Inquietação-guia: uma trajetória da revista azougue* – entrevista de Sergio Cohn por Heyk Pimenta. (Anexo 1)

<sup>221</sup> PIVA, 2008, p.58

*para Sérgio Cohn*

Eu caminho seguindo  
                   o sol  
 sonhando saídas  
                   definitivas da  
                                   cidade-sucata  
 isto é possível  
 num dia de  
                   visceral beleza  
 quando o vento  
                   feiticeiro  
 tocar o navio pirata  
 da alma  
 a quilômetros de alegria  
                                   Ponto Chic, 95

Notemos que em 1995, o ano que data o poema, *Azougue* já existia como *fanzine* e Sergio Cohn já conhecia Piva desde o ano de 1993, como depõe no texto que abre o volume dois da revista.

Mas porque então saque & dádiva, se a revista parece ter ganhado muito mais com o poeta do que o poeta com a revista? Talvez Piva não quisesse muito mais do que uma boa amizade e algum tímido reconhecimento e a revista (leia editor) ao invés, estivesse buscando uma motivação maior, uma referência, um caminho por onde ir, até chegar a um projeto maior, que foi o empreendimento editorial. Há ainda outras possibilidades abertas com o estudo desta revista como, por exemplo, a questão de um novo grupo de poetas que ela lança e agrupa; a questão dos agrupamentos, em si, é também algo que pode nos levar a pensar mais adiante, será possível um agrupamentos de poetas tão diversos? Não se trata, no entanto de provar quem ganha ou perde nessa relação, de alguma forma, ou em algum grau todos ganham alguma visibilidade. Parece ao final, que a moeda de troca foi a poesia, e o leitor que a devore.

De minha parte, este trabalho não acaba por aqui. Encontrei na poesia de Roberto Piva um horizonte infinito aberto diante de mim por um poeta que descobri culto e profundo, o que se transformou num comichão, num desassossego, numa mola propulsora para ir além, ou ainda, mais ao fundo de sua poesia abissal; mas sei que o crítico não é poeta, não vai às profundezas asfixiantes da poesia, o crítico só vai até onde o fôlego agüenta. Aí é que está o desafio, trabalhar com as impossibilidades.

## BIBLIOGRAFIA

### *Da revista*

AZOUGUE. equinócio 96. São Paulo: Azougue/Solstício, nº 2, junho, 1996.

AZOUGUE. várzea 96. São Paulo: Azougue/Solstício, nº 3, novembro, 1996.

AZOUGUE. desterro 97. São Paulo: Azougue, nº 4, 1997.

AZOUGUE. São Paulo: Azougue, nº 5, 1997.

AZOUGUE. poesia & artes. São Paulo: Azougue, nº 6, 1999.

AZOUGUE. São Paulo: Azougue, nº 7, 2000.

AZOUGUE. São Paulo: Azougue, nº 8, 2003.

AZOUGUE. Saque / Dádiva. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, nº11, janeiro, 2007.

AZOUGUE. Nomadismo / Habitar. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, nº12, fevereiro, 2007.

COHN, Sergio (org.). *Azougue 10 anos*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

COHN, Sergio; CESARINO, Pedro; REZENDE, Renato (org. ). *Azougue: edição especial 2006-2008*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

PIMENTA, Heyk. *Inquietação-guia: uma trajetória da Revista Azougue*. **Agulha – Revista de cultura** n. 68, 2009. (Entrevista à Sergio Cohn) Disponível em:  
<<http://www.revista.agulha.nom.br/ag68revista03.htm>> Acesso em: agosto de 2009.

***De Roberto Piva***

PIVA, Roberto. *Antologia Poética*. Porto Alegre: L&PM, 1985

\_\_\_\_\_. *Estranhos Sinais de Saturno: obras reunidas volume III*. São Paulo: Globo, 2008.

\_\_\_\_\_. *Mala na mão & asas pretas: obras reunidas volume II*. São Paulo: Globo, 2006

\_\_\_\_\_. *Um estrangeiro na legião: obras reunidas volume I*. São Paulo: Globo, 2005

\_\_\_\_\_. *Paranóia*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.

\_\_\_\_\_. *20 poemas com brócoli*. São Paulo: Massao Ohno, 1981.

*Artigos em jornais, periódicos e orelhas de livro*

“A Piedade”. *Almanaque. Cadernos de literatura e Ensaio*, 6. São Paulo, 1978

“Visão de São Paulo à noite”. *Coyote*, 9. Londrina: Secretaria da Cultura, outono de 2004.

“O gavião caburé no olho do caos sangrento”. *Coyote*, 9. Londrina: Secretaria da Cultura, outono de 2004.

“Manifesto da selva mais próxima”. *Coyote*, 9. Londrina: Secretaria da Cultura, outono de 2004.

“o mistério lunar da menina (...)”. *Coyote*, 9. Londrina: Secretaria da Cultura, outono de 2004.

“Chianti tenuta di Marsano”. *Coyote*, 9. Londrina: Secretaria da Cultura, outono de 2004.

“Ritual dos 4 ventos e dos 4 gaviões”. *Coyote*, 9. Londrina: Secretaria da Cultura, outono de 2004.

“Relatório para ninguém fingir que esqueceu”. *Singular e plural*, 1. São Paulo: Global, dezembro de 1978.

“Ano XV do capitalismo selvagem”. *Singular e plural*, 2. São Paulo: Global, janeiro de 1979.

“O jogo gratuito da poesia”. *Folha de São Paulo*, 29.2.1982. Folhetim

“Manifesto utópico-ecológico em defesa da poesia e do delírio”. *Boletim Pensamento Ecológico*, 18. São Paulo: PECO, outubro de 1983

“El erotismo dara El Golpe de Estado”. *Cerdos & Peces*. Buenos Aires: Enrique Symms, janeiro de 1987.

“Sindicato da natureza” (crônicas). *Chiclete com banana*, 8 a 21. São Paulo: Circo Editorial, abril a dezembro de 1989.

“Manifesto do partido surrealista-natural”. *Chiclete com banana*, 24. São Paulo: Circo Editorial, dezembro de 1990.

“Quatro poemas inéditos”. *Cult. Revista Brasileira de Literatura*. 34. São Paulo: Lemos Editorial e Gráficos, 2000.

“Entrevista a Fábio Weintraub”. *Cult. Revista Brasileira de Literatura*. 34. São Paulo: Lemos Editorial e Gráficos, 2000.

“O coração absoluto em canteiros & navalhas”. *Escrita. Revista mensal de Literatura*, 11. São Paulo: Vertente, 1976.

“Eu Roberto Piva animal de rapina”. *Escrita. Revista Mensal de Literatura*, 33. São Paulo: Vertente, 1983.

“Consultei o carcará caolho (...)”. *Medusa*, 3. Fevereiro/março, 1999.

“Ísis pátria de Novalis (...)”. *Medusa*, 3. Fevereiro/março, 1999.

“Exorcismo no Pentágono”, “Discurso para uma parada”, “Anjo articulado”, “Poema do caos eterno”, “Pornosamba para o Marquês de Sade”. *Versus*, 19. Março/abril, 1978.

“O Mississipi no Amazonas”. *Versus*, 20. Abril/maio, 1978.

“As desgraças do moneyteísmo”. *Versus*, 21. Maio/junho, 1978.

“Mortikultura”. *Versus*, 22. Junho/julho, 1978.

“Anticomunismo não enche barriga”. *Versus*, 23. Julho/agosto, 1978.

Texto de orelha para o livro *Zé Celso Martinez Corrêa. Primeiro Ato: Cadernos, depoimentos, entrevistas (1958-1974)*. Org. Ana helena Camargo de Staal. São Paulo: Editora 34, 1998.

“Os assassinos fazem hora extra”. Texto de orelha para Glauco Mattoso, in *Geléia de Rococó. Sonetos barrocos*. São Paulo: Ciência do Acidente, 1999.

### *Documentários*

*Antes que eu me esqueça*. Média-metragem em super-8. 36 min. Direção: Jairo Ferreira. Produção independente, 1977.

*Heróis da decadência*. 35 min. Direção: Tadeu Jungle, Walter Silveira. Grande Prêmio do Festival Videobrasil. Produtora: TVDO, 1987

*Uma outra cidade* (São Paulo revisitada por Rodrigo de Haro, Antonio Fernando de Franceschi, Claudio Willer, Jorge Mautner e Roberto Piva). 58 min. Direção: Ugo Giorgetti. Produção: SP Firms de São Paulo / TV Cultura, 2000.

*Assombração Urbana*. 55 min. Serie Brasil Imaginário / I DOC TV. Direção: Valesca Canabarro Dios/ SP Filmes de São Paulo/ TV Cultura, 2004.

### *Exposições*

*Transcendência: Caixas do ser* (Arthur Bispo do Rosário, Carlos Pertuis, Carlos Eduardo Uchoa, David Drew Zingg, Fernando Campana, Humberto Campanha, Nazareth Pacheco, Roberto Piva, Teresa Berlinck e Wesley Duke Lee). São Paulo: Casa das Rosas/ Secretaria de Estado da Cultura, setembro-outubro de 1999.

*São Paulo de Roberto Piva e Wesley Duke Lee*. Poemas de Roberto Piva e fotografias de Wesley Duke Lee. São Paulo: Instituto Moreira Salles, abril de 2000.

### ***Demais referências***

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental*; trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*; trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. *Profanações*; trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*; trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009

ANDRES, Aparecida (org.) *Utopias – sentidos Minas Margens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993.

ANGENOT, Marc. *La Parole Pamphlétaire: Typologie des discours modernes*. Paris : Payot, 1982.

ANJOS, Augusto dos. *Eu e Outras poesias*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

ANTELO, Raul. A verdade do tempo reversível. Em: CARRERA, A. *Máscara Âmbar*. São Paulo. Lumme Editor, 2008.

ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1977.

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*; trad. Gilson Maurity Rio de Janeiro: Record, 2006.

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Org. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002

BATAILLE, Georges. *A Parte Maldita*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. *La felicidad, el erotismo y la literatura: ensayos 1944 – 1961*; trad. Silvio Mattoni. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*; trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*; trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas: Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*; trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. *El espacio literario*. Buenos Aires: Paidós, 1969.

\_\_\_\_\_. *O livro por vir*; trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRETON, André. **La Brèche – Action Surréaliste**: Paris, nº8, novembro, 1965. Disponível em: <[http://melusine.univ-paris3.fr/LaBreche/La\\_Breche\\_8.htm](http://melusine.univ-paris3.fr/LaBreche/La_Breche_8.htm)> Acesso em: 15 de junho de 2010.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CÁMARA, Mario. "En los bordes internos de San Pablo: Una lectura de *Paranoí*a de Roberto Piva. In *La ciudad latinoamericana y escrituras del siglo XXI*, Leiden University Press, Leiden, Holanda (no prelo).

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. "PLVS ÉLIRE QUE LIRE": A Poesia e suas revistas no final do século XX. Em: CAMARGO & PEDROSA (org.). *Poesia e Contemporaneidade: Leituras do presente*. Chapecó, Argos, 2001.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Dos Poetas e/em suas Revistas. Em: PEDROSA & ALVES (org.). *Subjetividades em devir – Estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

CARRERA, Arturo. *Máscara Âmbar*. São Paulo. Lumme Editor, 2008.

CHAZAL, Malcolm. *Sens-Plastique*. Paris: Gallimard, 1948.

COELHO, Teixeira. *O que é utopia*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COHN, Sergio. *O sonhador insone*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

COHN, Sergio. (org.) *Roberto Piva – Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*; trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Trad. Aurélio Guerra Neto & Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

DERRIDA, Jaques. *Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana*; trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. *Dar (el) tiempo: I. La moneda falsa*; trad. Cristina de Peretti. Barcelona: Editorial Paidós, 1995.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*; trad. Rogério Fernandes São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*; trad. Ivone Castilho Benedetti & Beatriz Moises Perrone. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos III Estética: literatura e pintura, música e cinema*; trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FARIA, Alvaro Alves & MOISÉS, Carlos Felipe (org.). *Antologia Poética da Geração 60*. São Paulo. Nankin Editorial, 2000.

GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloísa Buarque de; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e outros poemas*; trad. Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GINSBERG, Allen. *Selected Poems: 1947 – 1995*. London: Penguin Books, 1997.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

KLINGER, Diana L. Dois Antropófagos (Des)viados: Glauco Mattoso e Roberto Piva. Em: GRUMO. *Literatura e Imagem*. Buenos Aires: Fundación Centro de Estudos Brasileiros, nº1, março, 2003.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

LEMINSKI, Paulo. *Anseios Crípticos 2*. Rio de Janeiro: Criar Edições, 2001.

LEMINSKI, Paulo. *Uma carta uma brasa através: Cartas a Regis Bonvicino 1976 – 1981*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

LEE, Wesley Duke. **Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais**.

Disponível em:

<[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_verbete=877&cd\\_item=3&cd\\_idiom\\_a=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=877&cd_item=3&cd_idiom_a=28555)> Acesso em: Junho de 2010

MARTINS, Carlos Estavam. Anteprojeto do Manifesto do CPC. **Arte em Revista**, São Paulo, nº2, ano I, 67-79, maio – agosto, 1979.

\_\_\_\_\_. História do CPC. **Arte em Revista**, São Paulo, nº 3, p.77-82, março, 1980

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia – sociologie et anthropologic* ; trad. Paulo Neves: São Paulo: CosacNaify, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2008.

MATTOSO, Glauco. *O que é poesia marginal*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MCCLURE, Michael. *A nova visão: de Blake aos Beats*; trad. Daniel Bueno, Luiza leite & Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.

MORICONI, Ítalo & CARNEIRO, Flávio. **Blogueiros na Berlinda**. (entrevista concedida Paula Barcellos para o Jornal do Brasil em 27/11/2004) Disponível em:

<<http://www.flaviocarneiro.com.br/entrevistas/blogueirosnaberlinda.htm>  
 l> Acesso em: 13 de maio de 2010.

NANCY, Jean-Luc. *Ser Singular Plural*. Madrid: Arena Libros, 2006.

NOVAES, Adauto (org.). *Os sentidos da Paixão*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

NOVOS ESTUDOS. São Paulo: CEBRAP, nº31, outubro, 1991.

NOYA, Thiago de Almeida. **Roberto Piva e a “periferia rebelde” na poesia paulista dos anos 60**. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OHNO, Massao (org.). *Antologia dos Novíssimos*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1961.

PEREIRA, Carlos Alberto M.. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PEREIRA, Carlos Alberto M.; HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *PATRULHAS IDEOLÓGICAS* marca reg. – arte e engajamento em debate. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PESSOA, Fernando. *Poesias*; org. Sueli Tomazini Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2002.

\_\_\_\_\_. *Poesia de Álvaro de Campos*. São Paulo: Martin Claret, 2006

PIGNATARI, Décio. A situação atual da poesia no Brasil. (1961). Em: *Anais do Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária*. Assis 24 – 30 de julho de 1961, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, São Paulo. P. 371 – 480.

PIMENTEL, Gláucia Costa de Castro. **Ataques e utopias: espaço e corpo na obra de Roberto Piva**. 2009. 270 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

POE, Edgar Allan. *Poesia e Prosa: obras completas – volume II*; trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

\_\_\_\_\_. *Poesia e Prosa: obras completas – volume I*; trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

RIMBAUD, Arthur. *Uma temporada no Inferno*; trad. Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 1999.

REBOUÇAS, Marilda de Vasconcellos. *Surrealismo*. São Paulo: Ática, 1986.

ROLNIK, Suely. Antropofagia Zumbi. Em: COHN, S., CESARINO, P., REZENDE, R. (org.) *Azougue: edição especial 2006 – 2008*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*; trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2001.

**SIBILA** revista eletrônica. Disponível em:  
<<http://www.sibila.com.br/index.php/mapa-da-lingua/447-orfeu>> acesso em: julho de 2010.

SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Petrópolis: Vozes, 1978

WILLER, Claudio. A Cidade, os Poetas, a Poesia. Em: FARIA & MOISÉS (org.). *Antologia Poética da Geração 60*. São Paulo: Nankin Editorial, 2000.

WILLER, Claudio. *Geração Beat*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

WILLER, Claudio. *Roberto Piva e a poesia*. **Revista eletrônica Triplov**, nº2, 2010. Disponível em:  
<[http://www.triplov.com/novaserie.revista/numero\\_02/claudio\\_willer/index.html](http://www.triplov.com/novaserie.revista/numero_02/claudio_willer/index.html) > Acesso em: 20 de maio de 2010.

WEINHARDT, Marilene. *O Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo: 1956 – 67*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987, 2v.

**RASCUNHO – jornal de literatura do Brasil**. *O Deus Devasso – críticas e resenhas*: Curitiba, julho, 2010. Disponível em:  
<<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=209&sem limite=todos> > Acesso em: 10 de abril de 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

## ANEXOS

1. *Inquietação-guia: uma trajetória da revista azougue* – entrevista de Sergio Cohn por Heyk Pimenta.
2. *Poesia=xamanismo=técnicas arcaicas do êxtase* – depoimento de Roberto Piva publicado no livro *Roberto Piva – Encontros*, 2007.
3. *Manifesto Antropófago*, Oswald de Andrade – publicado no livro *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro* de Gilberto Mendonça Telles.
4. *A Catedral da Desordem*, Roberto Piva – publicada nas obras reunidas vol. I, *Um estrangeiro na Legião*, 2005.
5. *Artefacto*, Glauco Mattoso. Publicado na revista *Grumo*, 2003.
6. *Manifesto Escatológico*, Glauco Mattoso. Publicado na revista *Grumo*, 2003.
7. *Manifesto Corpofágico*, Glauco Mattoso. Publicado na revista *Grumo*, 2003.
8. *Relatório de Indexação da revista Azougue*.

## **INQUIETAÇÃO-GUIA: UMA TRAJETÓRIA DA REVISTA AZOUGUE**

**Entrevista de Sergio Cohn por Heyk Pimenta**

**Qual era o ambiente literário quando a revista *Azougue* começou, e quantos anos você tinha?**

A primeira *Azougue* saiu em 1994, quando eu tinha 20 anos. O contexto em torno da revista era muito diferente de hoje. As coisas melhoraram muito nesses 15 anos. Se você pensar a poesia brasileira daquele período, tinha acontecido alguma coisa nos anos 80, que foi principalmente a publicação em editoras profissionais dos poetas marginais da década de 1970, em coleções como *Cantadas Literárias*, da Brasiliense, que editou o Waly Salomão, a Ana Cristina César, o Chacal, o Cacaso e o Leminski, e *Olho da Rua*, da LP&M, que editou nomes como o Roberto Piva. Os poetas que fizeram os anos 80 foram poetas da década anterior, que começaram com a abertura a serem absorvidos por uma juventude mais ampla. Então, uma poesia que seja uma tradução dos anos 80 não existe, a não ser nas letras do rock brasileiro. Você vai ter depois, no fim da década, uma coleção clássica que foi a *Claro Enigma*, editada pelo Augusto Massi. Mas lá também, se você for ver os poetas, são nomes como Rubens Rodrigues Torres Filho, Orides Fontella, Francisco Alvim, que já estavam na estrada faz algum tempo. O que tem, e talvez seja o primeiro poeta que possa dizer algo sobre o que surgiria nos anos 90, é o Paulo Henriques Britto. Ele possui uma das características que aconteceriam nos anos 90, que é uma volta às formas tradicionais, mas que não é por uma reação a um movimento anterior de abertura, como é a geração de 45, mas uma volta ao formalismo que me parece por motivos mais existenciais, porque tudo estava tão fragmentado que as pessoas precisavam achar alguma baliza para a sua poesia. É o que ocorre também com nomes como Carlito Azevedo e Claudia Roquette-Pinto, que surgem no Rio de Janeiro na

virada da década. A experiência de linguagem talvez seja a grande marca da poesia que surge nesse momento. Um caso exemplar é o Fernando Paixão, que faz um exercício formal no livro *25 Azulejos*, criando poemas numa forma fixa de 11 versos, alguns com grande beleza. Mas, quando eu tinha 20 anos, as livrarias eram vazias de poesia. O grande fator é esse.

### **É o contrário do exagero que existe hoje.**

Isso. A Brasiliense havia quebrado, você tinha os resquícios dos livros dela nas estantes apenas. A Companhia das Letras tinha um livro ou outro de poesia contemporânea no catálogo, mas era exceção. Então, em 1994, a Iluminuras começa a publicar uma nova geração de poetas, que foram muito importantes para a gente, como primeiro surgimento de uma poesia que tinha a cara dos anos 90. Eram livros como o *Solarium*, do Rodrigo Garcia Lopes, e o *LSD Nô*, do Ademir Assunção. Dois poetas que vinham de Londrina. E os dois tinham uma característica que acho muito forte nos anos 90, que é um pluralismo de linguagem. Eram poetas que traziam, no mesmo livro, experimentos que se aproximavam do concretismo e poemas que se aproximavam da geração Beat, por exemplo. Você tinha desde o *hai-cai* até poemas quase em prosa. Esses poetas liam com a mesma naturalidade Augusto de Campos e Roberto Piva. O perigo que havia neles é que algumas vezes é difícil encontrar a voz do poeta por trás dessas experiências. Cada poema é tão diverso um do outro que você não consegue identificar o autor por trás dos textos. O perigo dessa abertura total é de virar tudo um exercício de estilo. A poesia dos anos 90 não cria uma cara muito definida, ele se caracteriza pela pluralidade, pelo exercício de linguagem e muitas vezes por um certo afastamento entre poesia e vida. É o fica claro anos depois, com o *boom* da editora Sette Letras, que utilizando o avanço tecnológico que permitia edições baratas em baixa tiragem, publica dezenas de livros de poetas novos em pouquíssimo tempo. E daí sim a poesia dos anos 90 se apresenta a

público. A Sette Letras virou a casa da poesia brasileira dos anos 90, todo mundo está lá, e a importância dela ainda precisa ser contada.

### **Mas isso já foi posterior ao surgimento da *Azougue*.**

Sim. Quando a *Azougue* surgiu, como falei, as livrarias estavam vazias de poesia. E não havia revistas de poesia circulando, também. Eu me lembro de uma revista que circulava com mais afinco, que era a *Cigarra*. Uma revista pequena, simpática, de Santo André, que apresentava textos de poetas novos. Ela publicou um poema meu, e recebi uma carta elogiosa do Uilson Pereira, que é um escritor fantástico de Araraquara que merecia mais atenção. Ele dizia que meu poema era “uma boa surpresa do final dos tempos”. Aquilo foi muito importante para mim. O curioso é que ele morreu pouco depois. Mas, voltando à questão do vazio, a *Azougue* foi uma reação a esse cenário. O que a gente percebeu, e se tornou a grande questão para a gente, é que os poetas que a gente lia eram inacessíveis para a nossa geração. O Claudio Willer estava há 13 anos fora de catálogo, o Roberto Piva estava há nove anos sem publicar, o Afonso Henriques Neto estava sumido. As nossas referências não existiam para a nossa geração, não tínhamos como compartilhar eles.

### **E como aconteceu desses caras, que eram fantásticos, virarem referência para vocês? Quem eram vocês e onde vocês descobriram eles?**

Foi um bom acaso. Quando adolescente eu gostava de poesia, mas havia um problema porque a poesia brasileira que circulava, que a gente tinha acesso, não nos respondia, digamos assim. Ela parecia muito longe da minha vida. Eu encontrava o retrato mais próximo do que eu era na letra de música. O que aconteceu é que um dia mágico da minha vida, um dia fundamental, eu e dois amigos, o Juliano e o Ferraz, que posteriormente fariam o *Azougue* comigo, adolescentes ainda, fomos fazer um sarau simbolista para tomar uma garrafa de

absinto que eu havia ganho do meu avó. Ela estava perdida, empoeirada na estante, e eu pedi para ele que me deu. Então pegamos o absinto, fomos para um sítio, e levamos os livros de poesia que a gente lia na época, o *Matrimônio do Céu e do Inferno* do William Blake, o *Temporada no Inferno* do Rimbaud, *Pequenos poemas em prosa* do Baudelaire. As nossas referências eram todas antigas. E eu levei, por acaso, um livro do Edson Passetti chamado *Das fuméries ao narcotráfico*. Era uma análise sobre o tráfico de drogas, e que no fim dizia que se era para discutir drogas, era necessário ver os textos literários que foram feitos sob ou sobre o efeito de drogas. E tinha uma parte chamada *Estilhaços*, que era uma série de textos baseados em drogas. De Rimbaud a Ginsberg. Meu pai estava lendo o livro como sociólogo, e eu peguei ele sem avisar e pus na mochila. Então, a gente tomou absinto, fumou, e começou a leitura. Estava chovendo forte, e a água entrava pela persiana fechada. De repente, o Juliano pega o livro do Passetti e começa a ler um poema: “Eu direi as palavras mais terríveis esta noite/ enquanto os ponteiros se dissolvem/ contra o meu poder/ contra o meu amor...” E o poema acabava com “eu apertava uma árvore contra meu peito como se fosse um anjo/ meus amores começam crescer/ passam cadillacs sem sangue os helicópteros mugem/ minha alma minha canção bolsos abertos da minha mente/ eu sou uma alucinação na ponta de teus olhos”. Ele acaba de ler o poema e nós estávamos estatelados. Nunca tivemos antes uma experiência como aquela. E nós passamos o resto da noite só lendo esse poema, tentando entender aquilo. Porque ali havia a mesma voz que a gente encontrava num Jim Morrison ou num Lou Reed, só que falando sobre São Paulo. Havia a referência existencial e a referência geográfica. Era uma voz que a gente podia entender como nossa. Naquele momento a poesia apareceu como uma possibilidade. Ela não era mais uma coisa presa a um passado, mas fazia parte de nosso tempo. A única referência ao autor do poema, o Roberto Piva, era uma nota de pé de página dizendo que era um poeta entregue à rebelião constante e que

tinha passado 13 anos experimentando cogumelo e ácido lisérgico. Perfeito para encantar adolescentes...

### **E daí?**

Dáí eu voltei para São Paulo obcecado pelo Piva, sai em busca de qualquer coisa dele. Eu comprei a *Antologia Poética*, que a LP&M tinha lançado dele, e procurei meses e meses pelo *Paranóia*, que era o livro dele onde estava o poema que tínhamos lido no sítio, o *Meteoro*. Dáí um dia eu estava com a minha namorada na época, que também faria parte da *Azougue*, a Priscila, e a gente entra num sebo escondido numa galeria na rua Augusta, e eu pergunto para o vendedor: “Você tem o *Paranóia* do Roberto Piva?” Ele vira e fala “Você veio no lugar certo, garoto”. E pega, tira uma chave do bolso, vai até a escrivaninha, abre a primeira gaveta, tira uma caixa de madeira, abre a caixa, tem um papel celofane violeta, desembulha e lá está o *Paranóia*. Eu deixei quatro mesadas minhas lá. Quando estávamos indo embora, o cara chegou para a Priscila e cochichou “larga esse cara, porque ele é perigoso”. O que criou um clima mais fascinante para a gente. O Piva significava perigo. Não há coisa mais maravilhosa, quando você é adolescente, do que descobrir que a poesia pode significar perigo. E o *Paranóia* virou um tipo de amuleto para mim, um objeto de poder, para usar a terminologia do próprio Piva.

### **Isso com quantos anos?**

Eu devia ter uns dezessete, dezoito anos. E começamos a pesquisar o Piva e os poetas em torno dele. Eu e a Priscila íamos todas as tardes para a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, no centro de São Paulo, e ficávamos lendo poesias e copiando a mão. A Pri foi uma companheira maravilhosa naquele momento. Ela tem um bloco de 500 páginas de poemas que eu copiei e passei a limpo a mão. E foi lá que tive acesso ao Willer, ao Afonso Henriques Neto. A gente começou a mergulhar nessa geração, guiados pelos próprios livros dos poetas, que

sempre, em algum momento, falavam uns dos outros. Havia uma intertextualidade nos poemas que nos serviam de guia de leitura. Você ia criando uma rede, descobrindo cada vez mais poetas. O Roberto Piva e o Claudio Willer, especialmente, são poetas-críticos, a poesia deles está dialogando abertamente com outros textos, não apenas citando, mas interpretando eles.

**Então parece que a ditadura foi menos brava com a poesia do que foi com a música, porque vocês encontravam os livros na biblioteca.**

Pelo contrário. Um dos grandes problemas que a gente tinha era exatamente esse. Entre 1964 e 1981, os livros não existiam na biblioteca. Então você tinha o *Paranóia* e o *Piazzas* do Piva, que são de 1963 e 1964, e você depois só ia encontrar depois o *20 poemas com brócolis*, que é de 1981. O Willer também, você tinha o *Anotações para um apocalipse*, de 1964, e depois só o *Jardins da Provocação*, de 1981. Os livros intermediários eram inacessíveis. Era um vazio de 17 anos.

**Mas a produção editorial também ficou parada nesse tempo, não?**

Mais ou menos. A partir de 1976 ela começa a ser retomada. Sai o *26 poetas hoje*, da Heloísa Buarque de Hollanda, o Massao Ohno volta a publicar em São Paulo. O Piva e o Willer ficaram sem publicar entre 1964 e 1976, e o Piva tem um discurso de que foi por motivos existenciais, mas eu duvido. Se um editor batesse na porta deles certamente eles teriam algo para publicar debaixo do braço, e deve ter livros do Piva perdidos ou guardados em seus armários...

**E como você conheceu pessoalmente eles?**

Um dia eu descubro por uma nota no jornal que o Claudio Willer faria uma palestra numa biblioteca pública na zona norte de São Paulo, do outro lado da cidade. E eu e a Priscila pegamos um ônibus correndo para lá. E teve uma coisa importante para mim, porque eu estava

fazendo cursinho, e perguntei para o Willer qual curso eu devia prestar vestibular para ser poeta. E ele respondeu “qualquer um, menos letras”. Ele até hoje fica bravo quando lembro isso, mas o argumento era perfeito, que o curso de letras iria me domesticar a um certo grupo de autores e interpretações. Eu fui fazer filosofia, não deu certo, mas tudo bem. E foi a primeira vez que eu fiquei cara a cara com um poeta que admirava. Eu lembro que o texto da quarta capa da *Antologia Poética* do Piva dizia que ele era como um fantasma andando pelas ruas da cidade. E eu andava por aquelas mesmas ruas que ele freqüentava, me perguntando se ele estava lá, se eu tinha passado por ele. Porque eu não sabia como era a cara dele. Havia toda uma mística em volta disso, “quem são esses caras que frequentam a mesma cidade que eu mas ao mesmo tempo são invisíveis?”

### **Daí vocês começaram a revista?**

Eu e o Danilo Monteiro, que era um amigo meu que também escrevia poesia, já estávamos conversando fazia um tempo em editar uma revista. Um dia, conversando num bar na Rua da Consolação, o Chamego, sobre entrevistar esses caras e fazer uma publicação, decidimos ligar para o Piva. Estávamos eu, o Danilo, a Priscila e o Daniel Chaia, que depois virou cineasta. Eu fui até o caixa do bar e peguei uma lista telefônica, achei o telefone do Piva e liguei para ele de um telefone público que tinha dentro mesmo do bar, ao lado da porta. Quando atendem, pergunto se podia falar com o Roberto Piva. “É ele”. “O poeta Roberto Piva”. “Sim”. E eu conto a história, que queríamos entrevistá-lo para uma revista, que éramos jovens fãs de sua poesia. E ele diz “me encontre em quinze minutos num bar na Angélica, o Luar de Agosto, eu vou estar com calça jeans, um tênis de caminhada e uma camisa de caçador”. O bar era lá perto, então a gente vai à pé e encontra ele. A primeira coisa que ele fez foi se recusar a sentar de costas para a rua, dizendo que aprendeu isso com os gangsteres. A gente conversou por horas, ele deu de presente para a gente uns

exemplares do *Piazzas* e o livro da Maria Sabina, que é uma curandeira mexicana que fazia uma vigília com cogumelos, uns poemas lindos, completamente surrealistas. Depois eu publiquei um texto fantástico do Jerome Rothenberg sobre ela. E a gente começa a manter contato com o Piva, começa uma relação pessoal de amizade, de frequentar a casa dele. A gente ia lá e passava tardes e tardes tomando cerveja, ele lendo poesia para a gente, os poetas expressionistas alemães, os surrealistas, o Pasolini. A casa era minúscula, em Santa Cecília, entulhada de livros. A gente enchendo a cara de cerveja e mergulhando em poesia. O Piva tem uma capacidade incrível de viver a poesia.

### **E a revista começou.**

Não. A revista não ia para a frente, até que aconteceu uma coisa curiosa. Um dia, eu estava tomando cerveja com o Daniel Chaia na escola de comunicação e artes da USP, e quando a gente vai embora, no carro dele, tem um cara pedindo carona, com aquelas pastas gigantes de artistas plásticos. E a gente dá uma carona para ele. Ele entra, a gente começa a conversar e está tocando o *Loki*, do Arnaldo Baptista. E a gente começa a cantar juntos as músicas, ele conhecia todas as músicas de cor também. E eu falo para ele que sempre sonhei fazer uma reportagem *new journalism on the road*, entrevistando o Arnaldo Baptista em Juiz de Fora. E ele disse que também era um artista plástico, o Eduardo Verderame, que ficou logo nosso amigo. A balada seguiu noite adentro. A gente ficou enchendo a cara, andando pela cidade, fomos ver o *Império dos sentidos* na Cinemateca, aquele filme erótico japonês, conversamos a noite inteira. No dia seguinte ele me liga e diz que queria apresentar outro amigo dele que também gostaria de fazer uma revista, para a gente começar a trabalhar juntos. Esse amigo é o Alexandre Barbosa, que morava no mesmo bairro que eu, o Brooklin. A *Azougue* começou desse encontro por acaso na rua.

### **Na época era um fanzine?**

Saíram dois números como fanzine, xerocados, 100 exemplares. E é uma coisa curiosa, porque isso era em 1994 e ninguém tinha computador. Computador ainda era uma coisa rara. Então a gente ia para a casa de amigos ricos, digitava os textos, imprimia e ia montar os fanzines no processo recorta-cola. As ilustrações eram por xérox. A gente não tinha nenhum conhecimento de como fazer uma revista, de mancha de texto, etc. Era completamente instintivo. No primeiro número, a gente traduziu Kenneth Rexroth, Cummings e Cortázar, e publicou alguns poemas nossos, que foi a segunda questão que entrou na revista. O Alê Barbosa já tinha um livro de poesia publicada. Ele tinha essa aura de “já sou poeta édito”. Mas eu tinha total ciência de que não tinha texto para um livro. Estava com vinte anos, estava aprendendo a escrever ainda, sabia disso, não tinha nenhuma chance de ter um livro publicado tão cedo. Ao mesmo tempo queria escoar minha produção. Eu escrevia poemas, o que eu não tinha era um livro. Se você não tem 30 poemas bons para fazer um livro, você vai esperar dez anos até mostrar suas coisas, ou precisa achar outra maneira de divulgá-los. E a revista surgiu também como esse veículo de divulgação de nossos próprios textos. A gente brincava que era como o disco compacto da poesia. E teve resultado. A minha poesia amadureceu muito em torno das respostas que eu tinha desses poemas que publicava na *Azogue*. As pessoas criticavam, analisavam, elogiavam. O segundo número nós publicamos o Gary Snyder e alguns poemas inéditos do Piva, inclusive um divertidíssimo e raro sobre o Paulinho Paiakan. Esse número está perdido, não conheço mais ninguém que tenha ele. A gente publicou esses dois números em xérox, com poucos exemplares. Era divertido, mas era frustrante ao mesmo tempo, porque não tinha uma circulação além dos amigos.

### **E como virou uma revista?**

A gente começou a pensar como viabilizar uma tiragem maior, mas não tinha dinheiro. Daí eu descobri que a ECA-USP tinha um programa de

fomento a revistas, utilizando a própria gráfica deles. O diretor era um espanhol que estudava o Buñuel e companhia, e eu invadi a sala e fiz um sermão. Disse que eles só fomentavam revistas de quadrinhos, e que era uma escola de comunicação que precisava de outras linguagens, e que ele tinha que financiar uma revista de poesia. O cara disse “Tá bom, tá bom, tá bom”, e escreveu uma carta autorizando que eu imprimisse um número na gráfica, assinou a carta e me despachou. O problema é que até hoje ele não sabe que eu não era aluno da USP, e que então não poderia ter a permissão de usar a gráfica. Como ele não me perguntou, eu também não disse nada. (risos) E daí a gente tinha uma revista para fazer, com 48 páginas e tiragem de 500 exemplares. Então a gente começou a pensar no conteúdo da revista com outras perspectivas. Naquele primeiro número nós publicamos o Orlando Parolini, que era uma figura fantástica, um poeta que atuava nos filmes do Carlão Reichenbach mas que nunca teve seus livros publicados em vida, e que era inteiramente desconhecido. Um dia eu estava de carro com o Daniel na avenida Paulista, e a gente vê o Carlão, que era um diretor já importante, esperando no ponto de ônibus, porque ele tinha a teoria de que cineasta de verdade tem que andar de ônibus, para ver as pessoas. Uma teoria que devia ser melhor difundida. E nós demos uma carona para ele, eu falei da revista, do meu interesse pelo Parolini, e no dia seguinte ele me dá uma pasta de textos do Parolini acompanhados por uma apresentação que ele tinha feito na época que o Parolini morreu, alguns anos antes. Além disso, eu entrevistei o Claudio Willer, que foi a primeira entrevista da minha vida. Eu tinha 20 anos, mas era bastante inepto nessas coisas. Eu me lembro que fiquei em pânico, a sala girava à minha volta. A entrevista foi excelente, mas quando fui transcrever a fita eu tive um problema sério, porque todas as respostas dele começavam com “não é bem assim” (risos). Então eu percebi que eu era um imbecil, mas que não podia mostrar isso ao mundo. A entrevista foi boa pelas respostas, mas não pelas perguntas. Então eu cortei todas as perguntas, e transformei a entrevista em

depoimento. Foi uma defesa minha. O engraçado é que esse depoimento marcou a linguagem da *Azougue*, as pessoas começaram a pensar os depoimentos seguintes usando como base esse texto do Willer. Então se criou uma voz por um erro. O Willer fez uma entrevista muito generosa, falava do contexto da poesia naquele momento e contava a história da geração dele. Foi a introdução ideal para o que estávamos pensando em fazer. Mas também refletia sobre o momento, inclusive falando com bastante lucidez sobre a internet. Ele falava uma coisa maravilhosa, que assim como Buñuel fez a poesia invadir a linguagem cinematográfica, tinha-se que fazer a poesia invadir a internet. Não utilizar a internet como veículo de poesia, mas ter uma visão poética da internet. Existe uma diferença muito grande entre uma coisa e outra. E isso no começo de 1995. Ele já estava antenado e preocupado com o que seria o impacto da internet na informação naquele momento.

### **Então vocês tinham a preocupação de dar voz ao poeta?**

Com certeza, essa era a nossa questão fundamental. A gente sabia muito bem que não adiantava fazer textos críticos, porque as pessoas não conheciam a poesia. Desde quando a gente começou a pensar a revista, a gente já sabia que precisava apresentar o poeta e a sua poesia. Então as antologias de textos da *Azougue* já começaram muito grandes, com 30, 40 textos por poeta homenageado, quase um livro abrangendo toda a trajetória dele. E a gente fazia isso porque sabia que ou a gente apresentava aqueles poetas, ou as pessoas não teriam acesso, porque eles estavam fora das livrarias. E isso norteou muito o trabalho da *Azougue* e acho que diferenciou ela das outras revistas de poesia, mesmo quando houve um *boom* de revistas de poesia alguns anos depois. O que marcou a *Azougue* e fez ela dar certo foi essa preocupação didática, de formar leitor. Ao mesmo tempo, tentávamos explicar o menos possível a revista. O editorial era um poema coletivo, sem nenhuma referência direta sobre o conteúdo da revista. Na

verdade, era um comentário nosso, inteiramente poético, sobre o conteúdo, as intenções e o processo de feitura. Mas de uma maneira bastante hermética. Os dois primeiros eu fiz com o Maurício e o Danilo. E havia os agradecimentos, ou “homenagens a três”, que eram na verdade brincadeiras com pessoas ou personagens que gostávamos, criando um tipo de hai-cai de pessoas. Como “Alfred Jarry, Qorpo Santo & Campos de Carvalho”. Ou “Leonardo Pareja, Unabomber & Edmundo, o animal”. Nós também homenageávamos revistas independentes que gostávamos na época, como “Delicious babes on fire, Luke Skywalker with diamonds & Strange things are happening”. Isso tudo confundia um leitor que não tivesse senso de humor. Juntar o último marginal romântico (Pareja), que tocava violão nos telhados da cadeia, com um terrorista ecológico e um jogador de futebol era estranho dentro de uma revista de poesia. Mas se pensarmos bem, era exatamente o que a gente queria, criar um campo magnético de atitudes em torno da *Azougue*.

### **E como vocês comercializaram a revista?**

A gente achou que a revista iria bombar. Quando o primeiro número ficou pronto, o que demorou alguns meses, a gente saiu da gráfica com uns exemplares tão fascinados com a beleza da revista (olhando hoje, vemos que uma opinião inteiramente equivocada), que corremos empolgadíssimos para um bar para comemorar, sem um puto no bolso, achando que ia vender alguns números lá mesmo para pagar a conta. Não tínhamos dúvida que todo mundo iria querer comprar aquele objeto maravilhoso. Mas é claro que até as duas da manhã não tínhamos vendido nada, e nem sabíamos como pagar a conta. Eu tive que ligar para uma amiga e pedir para ela ir lá no bar pagar a conta para a gente. E daí começamos a sentir o peso da coisa, vimos que distribuição é outra história. A gente não tinha acesso às livrarias, então decidimos fazer eventos de lançamento. Havia uma oficina na Vila Madalena chamada Oficina Pau-Pau, que era uma oficina de

marcenaria para menores abandonados, e que era um lugar muito interessante, porque era uma portinha toda pintada, se não me engano pelo Enio Squeff, que ia dar num corredor com a oficina no fundo. Eu sempre brincava que me lembrava o Lobo da Estepe. “Só para loucos” devia estar escrito naquela porta, que só aparecia para alguns, passando despercebida para os transeuntes. E eles emprestaram para a gente o espaço, e a gente fez um evento com cerveja, shows e leituras de poesia lá. Shows de bandas novas e leituras de poesia da gente. O Willer leu também. E a gente fez o lançamento lá, a revista era o ingresso, e vendeu uns 300 exemplares que possibilitou o capital para fazer o número seguinte. E aquilo tornou a revista visível para o mundo. Porque foi um evento que reuniu estudantes de artes plásticas, cinema, antropologia, letras, música. E todo mundo, com a revista na mão, acabou por lê-la.

### **E a coisa da poesia falada, existia em São Paulo?**

Não. Não existia poesia em São Paulo naquela época, seja falada ou escrita. Em 1996 a gente lançou o segundo número, que foi impresso numa gráfica profissional que o Massao Ohno conseguiu para a gente. Esse segundo número tem o Roberto Piva e um texto do Antonio Bivar sobre o Celso Luiz Paulini. O lançamento dele foi também na Oficina Pau Pau, e marcou a primeira ruptura dentro da revista. Já existia uma tensão dentro da *Azougue* entre a turma do Alê e do Edu, que não gostavam dos poetas que estávamos homenageando, e eu, o Danilo e o Maurício Ferreira, que era um aluno de cinema da ECA e poeta que virou um dos principais azougueiros. O Maurício era de Jaú, a mesma terra da Hilda Hilst e do Celso Luiz Paulini. Chão de poetas. O apartamento do Maurício na rua Frei Caneca virou nosso quartel general, eu praticamente morava lá com a Pri. Descobri outro dia que a namorada do Maurício na época lançou um livro de memórias onde ela trata eu e a Pri de forma bastante agressiva, como dois vagabundos que vão viver de favor lá...

## **Maravilha. Falavam o mesmo do Guy Debord. (risos)**

Mas, voltando, a tensão começou a crescer dentro da revista, e explodiu no lançamento. O Piva fez uma leitura, e recitou um poema em que ele dizia que se o PT chegasse ao poder ele fugiria para a Colômbia “na penumbra de um fusquinha verde”. Sempre adorei essa imagem, é uma grande demonstração do tipo de humor dele. E um amigo do Alê começa a berrar da platéia que o Piva era fascista. Daí o Piva leu o poema até o fim e começou a chamar quem estava gritando para ir ao palco enfrentá-lo. Ninguém aparece, e daí acontece uma coisa incrível. Porque o Piva pega uma garrafa de cerveja, desse do palco, e começa a bater ela contra uma pilastra para quebrar ela e atacar o cara. O Piva é um cara forte, mas por algum milagre, por mais que ele batesse a garrafa não quebrava. O Roberto Biccelli, que é um poeta amigo dele, vai acalmá-lo mas acaba pisando num pedaço de madeira com um prego, e começa a pular. Então uma cena que era para ser trágica começa a ficar cômica. E o Piva volta para o palco, já se divertindo, e pega um tambor e diz: “então vamos cantar um mantra para expulsar os brochas do ambiente”. E começa a bater o tambor e gritar “brocha, brocha”. E a platéia inteira acompanha, e o pessoal dissidente vai embora. Lá fora rola uma briga entre a gente, e a equipe se divide. Nós continuamos e o Alê e o Edu saem fora da revista. Aquele dia foi incrível. O Piva lendo, eu li o *Garota dadá*, que falava de uma trepada no banheiro de um bar com uma menina “com gosto de porra na boca”. Por incrível que pareça, aquilo ainda incomodava em 1995. E o Maurício leu o *Visão do apocalipse com caxumba*, que virou um clássico. É um poema inacreditável. No poema tinha um verso que era “a puta que o pariu com o sonho pacífico das bucetas”. E o Piva ficou fascinado com aquilo, subiu no palco e fez outro mantra com isso por dez minutos, batendo o tambor e repetindo esse verso. Depois o Maurício leu os *Ghost tantras* do Michael McClure, os poemas que utilizam uma linguagem animal, “GRHHHHH, RAHHHH, GRAHL”. Aquilo tudo era realmente maluco.

## **E as pessoas se assustavam ou entravam nessa?**

Algumas se assustavam. Lembro que o Cazé, da MTV, estava chegando em São Paulo e foi lá nos ver. E saiu dizendo que nós éramos uns selvagens. Mas era claro para as pessoas que havia alguma coisa acontecendo ali, e era uma coisa viva. E a gente viveu de algumas generosidades incríveis. No primeiro número, nós fizemos dois lançamentos. O da Oficina Pau Pau e outro no Cinema do Banco Nacional, que depois virou Unibanco, onde passou o *Filme demência*, do Carlos Reichenbach, que tem o Parolini e o Willer no elenco e é um dos maiores filmes brasileiros. Abrindo a sessão passou o *Juvenília* do Paulo Sacramento. O *Juvenília* foi um filme que marcou a nossa turma lá em São Paulo. Na primeira *Azougue* a quarta-capa é um fotograma do filme. O *Juvenília* era um filme todo feito com fotografias branco e preto, mostrando um grupo de jovens sorridentes e saudáveis destrinchando um cachorro morto na rua. Muito pior que chutar. E o filme acabava com um cachorrinho olhando a cena com cara de triste, e aplausos ao fundo. Eu não conhecia o Paulo, mas a gente viu o filme na estréia, numa sessão no MIS. Foi a Pri que me levou, porque ela tinha visto o primeiro filme do Paulo, *Ave*, onde um cara degola uma galinha e injeta o sangue dela na veia. E essa sessão tinha uma série de curtas, que mostrava bem o clima da época. Eram filmes inteiramente inócuos, um deles tinha cena de torturas denunciando a ditadura vinte anos depois. E todo mundo aplaudia, por pior que fosse o filme. De repente, entre um filme e outro, passa umas garotas vestidas de aeromoças dando sacos para vômito de avião para a platéia. E fica aquele clima, o que está acontecendo. E passa o *Juvenília*. Quando acaba o filme começa uma vaia terrível na platéia, e levanta o Carlão Reichenbach e o Jairo Ferreira e começam a gritar “bravo! Bravo!”. Daí o Maurício levanta também e começa a gritar, e eu também, e a Pri. E ficou isso, uma vaia imensa e dez ou quinze cabeças gritando “bravo!” A gente saiu da sessão e ficou andando pela cidade noite adentro, conversando sobre o que tinha acontecido. De que ainda existia a

possibilidade de mexer tanto com a platéia a ponto de fazer ela vaiar. Contra a impressão modorrenta de que estava tudo morto, aquela vaia foi um sinal de vida incrível.

### **As pessoas estavam aplaudindo domesticamente...**

E de repente ele conseguiu tirar uma vaia. Naquele momento a gente sentiu que existia uma possibilidade, que a arte estava viva. Aquilo norteou muito a gente para fazer a *Azougue*. E foi um grande orgulho meu passar o *Juvenília* naquele lançamento. Eu me senti me aproximando da geração que me interessava, comecei a achar os parceiros. E a revista toma um corpo nesse sentido. O primeiro número foi ignorado, mas quando saiu o segundo número a gente começa a ter notícias no jornal. Sai alguma coisa na *Folha*, e rola uma história engraçada, porque o *Jornal da USP* faz uma matéria. E meu pai fica orgulhoso, eu tinha desistido da universidade mas agora ia sair no jornal dela, no lugar em que ele trabalhava. E espera ansioso pela matéria. Mas quando sai a notícia a manchete é “Gangsteres, poetas e delirantes”. Ele ficou possesso. (risos) Ao mesmo tempo, foi quando realmente começamos a perceber que estávamos retomando uma geração de poetas, que os nomes que nos interessavam estavam sempre unidos por amizade e interesses. Uma noite, na casa do Maurício, ele me mostrou um livro de um poeta que ele havia conhecido em Florianópolis, quando morou lá. O Maurício tinha trabalhado como marinheiro, tentado se aventurar pelo mundo, e foi parar na Ilha do Desterro. E, uma noite, foi num cinema lá ver um filme do mestre Mizoguchi, o grande cineasta japonês. E, quando acabou o filme, ele estava aos prantos e ficou com vergonha de se levantar para ir embora. Quando finalmente decidiu sair, viu um homem também enxugando as lágrimas, e os dois começaram a conversar. Era o Rodrigo de Haro, e ele deu um livro, *Amigo da labareda*, para o Maurício. Nessa noite, ficamos lendo o livro encantados com a beleza e a força dos poemas. E varamos a noite, lendo e conversando. A gente passava

noites em claro no apartamento do Maurício lendo e discutindo. Aquela foi a nossa formação. Daí, nesse dia, ficamos lendo um poema do de Haro sobre Dionísio, e fomos ler Baudelaire, a relação do Dionísio com Midas, tudo isso. E uma hora lembramos que não tínhamos jantado, e que como sempre não havia nenhuma comida na casa. E saímos, lá pelas quatro da manhã, numa noite chuvosa, para caçar algum lugar aberto. Estava tudo escuro, fechado, mas uma hora nós viramos na rua Augusta e está lá o letreiro dourado: MIDAS LANCHES. O lugar virou imediatamente nossa segunda casa, e foi a primeira de uma série de coincidências que aconteceram em torno da descoberta do de Haro. A segunda foi que o posfácio do *Amigo da labareda* era do Willer, que morava no prédio da frente do Maurício. Nós esperamos até uma hora possível, umas nove da manhã, e corremos para falar com ele. Quando ele abriu a porta, estava de roupão com um livro aberto na mão do Rodrigo de Haro. Ele disse que fazia anos que não lia o Rodrigo, e que nesse dia acordou com vontade de relê-lo. E nos passou o telefone do Rodrigo. O Maurício não tinha telefone em casa, então corremos para a minha casa, para ligar para ele. Quando liguei, o Rodrigo atendeu e contei que tinha uma revista de poesia e gostaria de entrevistá-lo. E ele perguntou o que estava saindo na revista. Falei do Piva e do Willer, que agora já sabíamos amigos dele, mas quando falei do Paulini ficou um silêncio na linha. Daí o Rodrigo falou que desde a morte do Paulini ele não tinha mais lido ele, e que nessa manhã tinha acordado pensando nele e pegado o livro para reler. E que estava fazendo isso naquele exato momento. Essa série de coincidências, ou acasos objetivos, começaram a ser vistas por nós como um sinal de que estávamos descobrindo algo poderoso.

### **E daí a revista deslançou?**

Depois do segundo número, acontece uma série de mudanças na revista. O Maurício sai, por motivos pessoais, deixando inédito o melhor livro de poesia da geração, *Malasartes*. E eu me separo da Pri.

Assim, a equipe sofre toda uma reformulação. Eu tinha convidado um amigo do Danilo, o Bruno Zeni, para fazer um encarte na revista, que ele chamou de *Várzea*, falando sobre outros assuntos que não poesia. Estava sentindo falta disso. E ele acabou co-editando também a *Azougue*. O Alê Ferraz chegou de uma temporada em Londres, e se aproximou da gente também. Formamos uma trinca que editou os três números seguintes. A primeira mudança que fizemos foi chamar artistas plásticos da nossa geração para ilustrar a revista. Nos números anteriores, usávamos colagens de material, mas agora todas as imagens eram feitas especialmente para a revista. Mas nós tínhamos um problema, porque o dinheiro arrecadado nos lançamentos não era o suficiente para financiar a impressão de um novo número. Consegui completar o pagamento com o dinheiro que consegui por organizar um encontro de revistas independentes para a Secretaria de Cultura de São Paulo. Foi um evento no Centro Cultural Maria Antônia, que reuniu desde pessoal jovem, como a turma da Grafitti e o Peter Baierstoff, o cineasta trash lá do sul, com veteranos como Wladyr Nader, que editava a *Escrita*, e Toninho Mendes, que era da Circo, a editora do Angeli e do Laerte. O Toninho fez uma palestra brilhante, hilária. Contou que quando ele rompeu com a equipe do jornal *Versus*, nos anos 70, por eles terem se aliado à Convergência Socialista, ele ficou possesso e disse que iria embora sem levar nada daquele jornal, nem mesmo a roupa do corpo. E voltou para a casa pelado. É *bien trovato*. Mesmo assim, o dinheiro era pouco, e foi preciso usar a criatividade. Fazer fotolito, naquela época, era coisa cara, e não podíamos nos dar a esse luxo. Então decidi inventar, e entreguei para a gráfica cópias xérox das páginas da revista, impressas em papel transparente ao avesso. Servia como um fotolito digital. Infelizmente, era difícil para a gráfica adequar o tempo de exposição do fotolito para a chapa, e as imagens perderam qualidade. O Bruno se ressentiu bastante disso, talvez por ser mais amigo dos artistas. Mas se não fosse dessa forma, a revista não teria existido.

Pouco depois, em 1997, começa um *boom* de revistas de poesia e literatura no Brasil. Surgem várias: *Cult*, *Inimigo Rumor*, *Medusa*, *Sebastião*... A coisa muda um tanto de figura, e novos desafios são colocados. Uma coisa é atuar na escassez, outra na fartura. As revistas precisavam ser mais do que espaços abertos, era necessário criar uma cara, uma editoria, uma linguagem. Porque agora as pessoas já possuíam espaços de publicação, então esse primeiro problema não existia mais. Acho que muitas revistas de poesia sofreram com isso, por se manterem muito abertas e não construírem uma identidade forte. Outra questão é que essas revistas eram feitas por poetas de uma década anterior. O Carlito, quando lança a *Inimigo Rumor*, já tem 35 anos, o Ademir e o Rodrigo criam a *Medusa* com mais de 30. E a gente tinha 21, 22 anos, o que trazia outro frescor, outra possibilidade. Éramos mais informais, conseguíamos fazer eventos mais abertos, que vendiam 200, 300 exemplares da revista. Isso fazia toda a diferença.

Na *Azougue*, a Elisa Cardoso entrou e começou a fazer o projeto gráfico. Ela era mineira, e tinha vindo para São Paulo fazer o Curso Abril, onde conheceu o Bruno. Depois, os dois começaram a namorar. Ela é uma designer incrível, que agora já é premiadíssima. Então pela primeira vez o projeto gráfico da *Azougue* foi pensado por alguém que sabia do assunto, e isso trouxe uma outra riqueza gráfica. Quando a *Azougue* começou, era o auge do David Carson, um designer norte-americano que havia renovado o projeto gráfico da revista *Trip*, e que tinha uma teoria completamente caótica de designer. Ele tinha absorvido a confusão dos fanzines e trabalhava isso institucionalmente. Só que as revistas eram muito difíceis de ler, o texto era visto como um elemento secundário. Então, quando a gente começou a revista, eu era completamente reativo a qualquer firula maior, dizia que tínhamos que privilegiar a legibilidade do texto. E exagerei completamente para esse lado. A Elisa me ensinou que não era bem assim, que havia um caminho do meio. E fez os dois números mais belos e elegantes da revista, com riqueza tipográfica, e, é claro, muito mais legibilidade e

leveza. Tudo o que sei de designer aprendi com ela, observando por cima do ombro dela enquanto trabalhava. Essa foi uma questão, inclusive. Antes, as *Azougues* eram feitas manualmente, todos em volta das páginas com os recortes, pensando e mexendo, interagindo. Com a chegada da Elisa e do computador, essa interação se enfraqueceu.

### **É o problema da verticalidade. O monitor é vertical, não dá para ficar em volta dele...**

Com certeza. Eu senti muito esse lado, acho que diminuiu a interação nossa não só com o design, mas com o texto também. Porque antes estávamos lendo e discutindo a seqüência dos poemas em tempo real, agora tudo era mais distante, era preciso fazer a página, imprimir, e daí pensar as alterações. Mas não foi isso que causou a primeira parada da revista, no fim de 1997, depois de cinco números semestrais. O que aconteceu foi uma briga editorial entre eu e o Bruno, por causa de uma entrevista que tínhamos feito com o Planet Hemp. A entrevista era excelente, mas eu queria que fosse publicada na *Várzea* e o Bruno no próprio corpo da *Azougue*. Nós dois estávamos disputando espaço. Pelo dinheiro que tínhamos para imprimir, não dava para aumentar o número de páginas, então eu teria que cortar textos para substituir pelo Planet Hemp, e não estava disposto a fazer isso. O Bruno contra argumentava que o interessante era pensar o rap enquanto poesia, e não separá-lo. Na verdade, os dois estavam certos, mas acabamos rompendo. O clima ficou horrível, acabamos a diagramação da revista brigados, os lançamentos não foram para frente e quando vimos não tínhamos dinheiro nem ânimo para outro número. Então achei que a revista havia acabado.

### **Mas não...**

Não, eu não conseguia parar de pensar nela. E em 1998 conheci o Pedro Cesarino, que havia se formado em filosofia e estava começando a estudar poesia indígena, que era um tema que também me fascinava.

E nos juntamos com a Ilana Gorban, que fazia teatro, e a Marina Weis, que fazia cinema. O Alê Ferraz continuou na revista, e o Rogério Trezza começou a fazer o projeto gráfico. Então decidimos retomar o projeto, mas de uma forma mais ambiciosa. Em 1999 lançamos uma nova dentição da revista, bastante diferente. A idéia era tentar realmente profissionalizá-la, conseguir um patrocínio ou propagandas, ter mais fôlego e maior tiragem. A própria revista mudou, ficou com muito mais páginas e ganhou três encartes: teatro, cinema e fotografia. A revista ficou muito mais pesada, com lombada e tudo, e muito cara. Havia coisas incríveis nela, mas até hoje acho que ela ficou meio confusa, sem a simplicidade das anteriores. De qualquer forma, o lançamento foi incrível. Fizemos no MAM, com a exibição de um filme do Pedro Moraes sobre os Novos Baianos, um super-8 até então inédito, e uma *jam-session* com Jorge Mautner, Nelson Jacobina, Bocatto e Lanny Gordin cantando Dorival Caymmi. Lotamos o museu e tivemos uma venda recorde, em torno de 400 exemplares. Mas a impressão ficou muito cara, e não conseguimos repor o dinheiro. E é claro que não conseguimos também nenhum tipo de patrocínio. Assim, a equipe acabou se desfazendo novamente, e ficamos apenas eu e o Pedro. Para o número seguinte, decidimos simplificar, voltando a só falar de poesia. O número só saiu no ano seguinte, por falta de dinheiro, e o lançamento foi novamente um evento. Fechamos o galpão da Funarte, lotamos o lugar e tivemos bandas, filmes e leituras. Junto com o Christian Saggarth e o Paulo Sacramento, fizemos um curta especialmente para o evento, *Ritual*. A idéia era brincar com o “cinema muscular”, conseguimos alguns rolos de 16 mm vencidos, fomos para um sítio e fizemos uma fogueira. O filme consistia da relação das pessoas com a fogueira, e o Paulo e o Christian foram um espetáculo a parte. Uma hora entraram literalmente no fogo para fazer uma subjetiva da fogueira. O filme foi bolado no domingo, filmado na segunda e exibido na quinta-feira. Talvez um recorde. E acabou até sendo exibido no Festival de Curtas de São Paulo. Junto com ele, houve

outros momentos marcantes no lançamento, como a exibição de *Memória da destruição*, um curta-metragem filmado em negativo de som, com trilha sonora ao vivo feita pelos Três Hombres do Daniel Benevides, num dos últimos shows do Minho K, o guitarrista, com o Jairo Ferreira à frente improvisando um discurso em homenagem a Aleister Crowley.

### **Foi nesse mesmo ano que você mudou para o Rio, certo?**

Sim, e foi muito em consequência da revista. No meio do ano, eu vim para o Rio duas vezes, para entrevistar, junto com o Alberto Pucheu, o Leonardo Fróes e depois o Fernando Ferreira de Loanda. Seria esse o próximo número da revista. E eu já estava sem nenhuma perspectiva em São Paulo. Então, na segunda viagem, encontrei um amigo de adolescência, o Gabriel, que estava fazendo doutorado na FGV do Rio, e perguntei se ele topava dividir um apartamento. Ele disse que sim, então fui atrás, consegui um lugar barato no Humaitá, delicioso, com vista do Pão de Açúcar, e não voltei mais para São Paulo. Liguei para a minha família, pedi para embalarem as minhas coisas e mandarem. Poucos meses depois, a *Azougue* foi contemplada por uma compra governamental, mas para isso precisava ter uma empresa por trás. Desde a minha chegada ao Rio, eu estava procurando o que fazer, sem muita sorte. Então decidi aproveitar a deixa e transformar a *Azougue* numa editora, que era um sonho antigo meu. Corri atrás dos papéis, mas infelizmente o processo demorou demais e perdemos a venda para o governo. De qualquer forma, investi todo o meu dinheiro editando os livros da editora, e tive que colocar a revista na geladeira até 2003, quando saiu o novo número. Nesta época, eu já tinha entrado em contato com praticamente todo o ambiente literário carioca, e o Pedro Cesarino havia se mudado para o Rio também, onde fazia mestrado com o Eduardo Viveiros de Castro no Museu Nacional. A equipe nova da *Azougue* contava com a Luiza Leite e o Daniel Bueno, que eram dois poetas cariocas que partilhavam o interesse pelos

mesmos autores e assuntos que a gente. E também a Dri Simões e o Zuzi, que fizeram o projeto gráfico. Considero esse o melhor número da *Azougue* até então. Ele misturava a juventude e a leveza dos primeiros números com a maturidade dos dois números anteriores. E tinha preciosidades como a entrevista que o Vinicius de Moraes fez com o Jayme Ovalle e um conto raro do José Agrippino de Paula. Ali eu achei que estávamos de volta ao caminho certo.

Mas então a revista sofreu outra reviravolta, dessa vez bastante positiva. No fim do ano, saiu uma resenha sobre o meu segundo livro de poesia, *Horizonte de eventos*, na *Folha de São Paulo*. A resenha foi escrita pelo Manoel da Costa Pinto, e começava falando que eu trabalhava com uma tradição “delirante” da poesia brasileira, que passava por Roberto Piva, Claudio Willer, Afonso Henriques Neto e Leonardo Fróes. Nesse dia fui tomar um chopp com o Daniel Bueno, e conversamos sobre o texto. E ele, uma das figuras mais inquietas e brilhantes que já conheci, colocou uma questão destruidora. Disse que o papel primeiro da *Azougue* foi trazer para a tona uma série de poetas que não tinham o espaço merecido reconhecido. E que com essa resenha estava demonstrado que esses poetas estavam de volta, já sendo falado como uma vertente importante da poesia brasileira em jornais de grande circulação. Outra prova disso era que a maioria desses poetas estavam com obras completas nas livrarias ou em vias de publicação. E que então a *Azougue* teria que se repensar, para não se burocratizar e se fechar numa forma que não fazia mais sentido. Concordei inteiramente com ele, e começamos imediatamente a pensar o que seria uma nova revista *Azougue*. Fizemos uma série de reuniões, eu, ele, o Pedro e a Luiza, no apartamento que eu morava então no Jardim Botânico, conversando e anotando idéias. Mas não conseguimos nada concreto. Sabíamos que queríamos uma discussão mais atual, colocar nossas idéias e questões na rua. Mas não conseguimos respostas concretas, e aos poucos fomos nos dispersando.

O que publiquei foi um volume comemorativo dos dez anos da revista, reunindo os principais depoimentos e uma antologia dos autores homenageados. Era uma forma também de mostrar a importância da nossa trajetória, e pensava na época que era meio um canto do cisne da revista. Reuni num livro os 16 depoimentos feitos nesse período (Afonso Henriques Neto, Antonio Fernando de Franceschi, Armando Freitas Filho, Celso Luiz Paulini por Antonio Bivar, Claudio Willer, Dora Ferreira da Silva, Fernando Ferreira de Loanda, Leonardo Fróes, Maria Rita Kehl, Orlando Parolini por Carlão Reichenbach, Paulo Henriques Britto, Roberto Piva, Rodrigo de Haro, Rubens Rodrigues Torres Filho e os prosadores Campos de Carvalho e J.J. Veiga) com quatro entrevistas inéditas (Gerardo Mello Mourão, Hilda Hilst, Jorge Mautner e Vicente Franz Cecim). Virou um livro de mais de 400 páginas, que ficou pronto no dia do meu aniversário de 30 anos, em 16 de abril daquele ano. As entrevistas inéditas foram realizadas especialmente para esse livro, tirando a Hilda Hilst, que fizemos em 1999. Foi uma das entrevistas mais marcantes da *Azougue*. Nós fomos, eu, o Fabio Weintraub, a Marina Weis e a Ilana Gorban, para o sítio dela em Campinas, a Casa do Sol. Chegamos lá no comecinho da manhã, com duas garrafas de vinho do porto, e já começamos a beber e conversar. Passeamos pelo sítio, brincamos com as dezenas de cachorros dela, que ela conhecia todos pelo nome, fizemos pedidos para a figueira que ficava em frente à sua casa e nos sentamos na sala para entrevistá-la. Depois da conversa, estávamos sentados em volta dela, já completamente bêbados, eu no parapeito da janela, e ela pediu para lermos em voz alta alguns poemas dela. Fizemos uma roda de poesia, cada um lendo os seus preferidos, enquanto ela chorava no centro. Parecia um filme.

### **E como vocês conseguiram reinventar a *Azougue*?**

Na semana que o meu filho Leo nasceu, em setembro de 2005, estava sentado ao lado dele quando foi surgindo um poema na minha cabeça. Era um poema que falava sobre o tempo, “o tempo é um aquário

mergulhado em alto mar”, e citava uma série de palavras que eu via sendo muito usadas nas conversas, mas eram binômios um tanto complexos, como “saque/dádiva”, “nomadismo/habitar” e “traição/vínculo”. São palavras usadas por uma novíssima esquerda, só que de difícil compreensão. Então eu jogava com isso. Conversando sobre isso com o Pedro Cesarino, chegamos à conclusão que seria interessante fazer uma série de revistas investigando essas palavras, entrevistando pessoas de diversas áreas para mapear alguns significados que esses binômios, ou eixos temáticos não excludentes, poderiam ter para a cultura e a poesia. Colocamos o projeto num edital de revistas do Ministério da Cultura, dentro do Programa Cultura e Pensamento, e começamos a fazer as entrevistas. Entrevistamos nomes como Eduardo Viveiros de Castro, Ronaldo Lemos, Guile Wisnik, Agualusa, Hermano Vianna, Ericson Pires. E foi um projeto que realmente mudou a minha percepção sobre o nosso tempo. Descobri que existem questões importantíssimas sendo trabalhadas agora, e que não estão visíveis nem mesmo para os pensadores de cultura. E que as questões que envolvem as novas tecnologias são muito mais complexas do que parecem, e precisam ser pensadas de uma forma crítica não excludente. A nossa idéia inicial era fazer uma revista de poesia sem poesia, mas muito mais do que isso virou um esboço de um mapa das questões contemporâneas, que gostaria muito de aprofundar em projetos presentes e futuros. No fim, os eixos temáticos, acrescidos do binômio “invenção/experiência”, se tornaram um livro que reúne quatro números da revista, e que considero o trabalho mais importante que já fiz.

### **E a revista hoje?**

Em 2009 a revista faz 15 anos de existência, e estamos pensando num volume especial, reunindo uma antologia dos poetas que editaram ou estrearam na revista. Seria um olhar nosso sobre a nossa própria produção, algo que até agora não foi feito. E também um mapeamento

desse grupo de poetas que está hoje na casa dos trinta anos, e que possui uma produção interessante que não teve ainda um olhar atento da crítica. Nomes como Danilo Monteiro, Bruno Zeni, Pedro Cesarino, Daniel Bueno, Luiza Leite, Maurício Ferreira, Alexandre Ferraz, que editaram a revista, e Marcelo Sorrentino, por exemplo, que estreou na revista e possui uma voz próxima da nossa, embora nunca tenha participado dela mais efetivamente. De todos esses autores, eu sou o único que possui mais de um livro, e que por isso já conseguiu alguma atenção de crítica. Tirando isso, não sei se a revista irá permanecer. Só se aparecer alguma idéia nova que a reinvente. Ainda me interessa trabalhar com periódicos, tenho idéias e estou trabalhando em projetos de fomentos à revistas de cultura, mas isso é outra conversa.

**poesia = xamanismo =  
técnicas arcaicas do êxtase**

**DEPOIMENTO**

Publicado originalmente na  
revista Poesia Sempre, em  
junho de 1997

Poesia = xamanismo = técnicas arcaica do êxtase. Xamã: sacerdote-poeta inspirado que, em transe extático, percorre o inframundo, florestas, mares, montanhas e sobe aos céus em “viagens”. Dante foi um xamã xabalista que conheceu, em sua viagem pelos três mundos, os orixás travessos da sombra. Deixe a visão chegar. É a hora da despedida dos deuses do deserto & da chegada dos deuses da vegetação. Minha poesia é magmática, de magma: como Dante, sou exilado em minha própria pátria. Como Dante, sou monarquista e reacionário. Como diria Pasolini, sou uma força arcaica, um bárbaro. & não sou um homem normal, isto é, um racista, um colonialista. Ecologia da linguagem: os poetas brasileiros têm que deixar de ser broxas para serem bruxos. Estados alterados da consciência. Há quem diseca os versos, mas não conhece o êxtase, que é a alma dos versos (Mckenna / Gordon Wasson). O caminho do poeta/xamã é o caminho do coração. “e parve di costoro / quelli che vince, nos colui che perde.” Dante, *Inferno*, canto XV.

Fonte: COHN, Sergio (org.). *Roberto Piva – Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007

## MANIFESTO ANTROPÓFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

---

Única lei do mundo. Expressão marcada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

---

Tupy, or not tupy that is the question.

---

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

---

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem, lei do antropófago.

---

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

---

O que atrapalha a verdade era a roupa. O impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

---

Filhos do sol, mãe dos videntes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saúde, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra grande.

---

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiroço, e continental, preguiçosos no mapa-múndi do Brasil. Uma consciência participante, numa rítmica religiosa.

---

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade prelógica para o Sr. Levi Bruhl estudar.

---

Queremos a revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. A idade do ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

---

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Oú Villegaignon print terre*. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.

---

Nunca tomamos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

---

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós. Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

---

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

---

Só podemos entender o mundo orecular.

---

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

---

Contra o mundo reversível e as idéias objetivada. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássica. Das injustiças românticas. E do esquecimento das conquistas interiores.

---

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

---

O instituto Caraíba.

---

Morte e vida da hipótese. Da equação *eu* parte do *Kosmos* ao axioma *Kosmos* parte do *eu*. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

---

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

---

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de Senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

---

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos o língua surrealista. A idade de outro.

Catiti Catiti  
Imara Notiá  
Notiá Imara  
Ipejú.

---

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos traspor o mistério e a mortes com o auxílio de algumas formas gramaticais.

---

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Matias. Comi-o.

---

Só não há determinismo, onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

---

Contra as histórias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

---

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

---

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

---

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: - É a mentira muitas vezes repetida.

---

Mas não foram cruzados que vinham. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

---

Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é mãe dos viventes. Jaci é mãe dos vegetais.

---

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.

---

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios, e o tédio especulativo.

---

De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

---

O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas + falta de imaginação + sentimento de autoridade ante a pro-curiosa (sic.)

---

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus. Mas o caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

---

O objetivo criado reage como os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

---

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

---

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis, e genro de D. Antonio de Mariz.

---

A alegria é a prova dos nove.

---

No matriarcado de Pindorama.

---

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

---

Somos concretistas. As idéias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as idéias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

---

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI

---

A alegria é a prova dos nove.

---

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura-ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor quotidiano e o modus vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

---

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema – o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

---

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: - Meu filho, põe essa carona na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da fonte.

---

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – arealidade sem complexos, sem lucuras, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

*OSWALD DE ANDRADE*

*Em Piratininga*

*Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.*

*Revista de Antropologia, no 1, ano 1, maio de 1928.*

*(Revista de antropologia: São Paulo,  
no. 1, 1º de maio de 1928)*

## A catedral da desordem

A nossa batalha foi iniciada por Nero e se inspira nas palavras moribundas: “Como são lindos os olhos deste idiota” . Só a desordem nos une. Ceticamente, Barbaramente, Sexualmente. A nossa Catedral está impregnada do grande espetáculo do Desastre. Nós nos manifestamos contra a aurora pelo crepúsculo, contra a lambreta pela motocicleta, contra o licor pela maconha, contra o tênis pelo box, contra a rádio-patrolha pela Dama das Camélias, contra Valéry por D. H. Lawrence, contra as cegonhas pelos gambás, contra o futuro pelo presente, contra o poço pela fossa, contra Eliot pelo Marquês de Sade, contra a bomba de gás dos funcionários públicos pelo chicletes dos eunucos e suas concubinas, contra Hegel por Antonin Artaud, contra o violão pela bateria, contra as responsabilidades pelas sensações, contra as trajetórias nos negócios pelas faces pálidas e visões noturnas, contra Mondrian por Di Chirico, contra a mecânica pelo Sonho, contra as libélulas pelos caranguejos, contra os ovos cartesianos pelo óleo de Rícino, contra o filho natural pelo bastardo, contra o governo por uma convenção de cozinheiros, contra os arcanjos pelos querubins homossexuais, contra a invasão de borboletas pela invasão de gafanhotos, contra a mente pelo corpo, contra o Jardim Europa pela Praça da República, contra o céu pela terra, contra Virgílio por Catulo, contra a lógica pela Magia, contra as magnólias pelos girassóis, contra o cordeiro pelo lobo, contra o regulamento pela Compulsão, contra os postes pelos luminosos, contra Cristo por Barrabás, contra os professores pelos pajés, contra o meio-dia pela meia-noite, contra a religião pelo zero, contra Tchaikowsky por Carl Orff, contra tudo por Lautréamont.

Os que viram a carcaça  
Roberto Piva  
SP março 1962

## ARTEFACTO – GLAUCO MATTOSO

### A OBRA É UM ROUBO

o leitor é um bobo  
o autor é um  
ladrão.  
a autoridade,  
idem ibidem  
a criação é uma  
fraude.  
criatividade é  
repertório.  
imaginação é  
memória/em arte  
nada se cria, tudo  
se copia – e não  
venham dizer que  
isto já foi  
dicto: pereant  
qui ante nos  
nostra dixerunt  
a estória é  
anonyma  
a estória é  
espúria.  
Não interessa  
saber si Shakespeare  
existiu ou não  
existiu, esta  
é a questão.

IDEA NÃO É  
PROPRIEDADE  
samba é como  
passarinho.  
VIVA O PASSARINHO!  
VIVA O SAMBA!  
ABAIXO O  
COMPOSITOR!  
todas as idéias  
são de todo.  
É tão licito  
plagiar quanto  
reivindicar  
autoria  
é até mais  
lícito:  
o plágio é mais  
honesto que o  
original.  
ladrão que rouba  
ladrão tem  
perdão perpétuo.  
VIVA A CHUPADA!  
VIVA A FAMA!  
a imortalidade  
FEDE!  
ABAIXO OS  
MERDALHÕES!

## MANIFESTO ESCATOLOGICO

Eh! Home, bosta de Deus!  
(MARIO DE ANDRADE)

O homem é o único animal que caga por vontade própria.

###

Cagar é uma das quatro finalidades do ser humano. Não me lembro quais são as outras três.

###

Os direitos humanos chamam-se, pela ordem, fome, caganeira, tesão e sono. A liberdade de pensamento vem depois, isto é, no dia seguinte.

###

A merda e o pensamento são a matéria da filosofia.

###

Em verdade, em verdade, vos digo; a merda é branca. Porque tudo é branco.

###

No princípio, era a merda.

###

La mierda es como la luz: una y varia; y como la naturaleza; una y fecunda; y como Dios: una y inmensa.

###

A merda é doce e amarga. Quando é doce, ofende. Quando é amarga, excita.

###

Cagar é uma atividade do espírito. Porém, como o pensamento, não passa duma reação química.

###

O mecanismo do pensamento é constituído de dados enciclopédicos: a repleção do cólon sigmóide é seguida de uma invaginação desde o reto; há a abertura do esfíncter reto-sigmoidiano e evacuação sigmoidiana no reto. O peristaltismo retal envia as fezes para o esfíncter anal. Há, concomitantemente, aumento da pressão intra-abdominal por contração do diafragma e dos músculos abdominais. Comando nervoso. Reflexo: o estímulo é a distensão retal; centro; medula sacra e assoalho do quarto ventrículo; fibras motoras; parassimpático hipogástrico. Mas o reflexo pode ser controlado pela vontade.

###

Assim na terra como no cu.

## MANIFESTO CORPOFAGICO

Pedro o Podre

Mierda que te quiero mierda

GARCIA LORCA

a merda na latrina  
aquela bar da esquina  
tem cheiro de batina  
de botina  
de rotina  
de oficina gasolina sabatina  
e serpentina

bosta com vitamina

cocô com cocaína  
merda de mordomia de propina  
de hemorróida e purpurina

merda de gente fina  
da rua Francisca miquelina  
de vila leopoldina  
de teresina de santa catarina  
e de argentina

merda comunitária cosmopolita e clandestina  
merda métrica palindrômica alexandrina

ó merda com teu mar de urina  
com teu céu de fedentina  
tu és meu continente terra fecunda onde germina  
minha independência minha indisciplina

és avessa foste cagada de vagina  
da américa latina

**Relatório de Indexação da  
revista *Azougue***

# azougue

equinócio . 96

Alea  
jacta  
est



Ibriela Bianca Burlanda / Fpolis.2007

"Sóbrias paisagens  
confundem soslaio"  
LUIS ALBERTO MELO

**EDITOR:**  
Sergio Cohn

**AZOGUEIROS:**  
Alexandre Barbosa de Souza  
Bruno Zeni  
Danilo Monteiro  
Helder Perri Ferreira  
Luis Alberto Melo  
Maurício Ferreira  
Priscila Queiroz  
Sergio Cohn

**COLABORADORES:**  
Alexandre 'Faisca' Ferraz  
Alexandre 'Cheguey' Martins  
André 'Mamé' Mellagi  
Cássia  
Daniel M. Chaia  
Eduardo Brigagão Verderame  
João Paulo Leite Guadanucci  
Jonny James  
Jorge Koshiyama  
Juliano De Fiore  
Osmar Portugal  
Maurício Guerreiro  
Mauro Jorge Santos  
Marcio Peçanha  
Rogério Borovick  
Rogério Trezza  
Vanessa Camargo

Essa é uma cidade de desesperos controlados.

Nosso rosto  
mil retalhos  
de ventos que nunca voltam.  
Não como costurar feridas  
mas traçar acenos  
no vórtice da rosa.  
Marés que refluem  
para um novo avanço.

Do alto da serra  
rasgamos as cortinas do ar.  
Videntes, Paranóicos & Utopistas  
escorrem  
presos e libertos  
em spreitas sonoras.

Clepsidra de malditos & demônios  
Memorabilia, canção & gozo  
Nada é mais ético que o mal.

Este fanzine deve ser lido ao som de *Forever Changes*, do Love.

**agradecimentos (homenagem a três):** Van Morrison, Tim Buckley & Nick Drake; Malcolm Lowry, John Huston & William Blackstone; Paul Auster, Thomas Pynchon & Seymour Glass; Claude Seignolle, Sir Richard Francis Burton & Sir James Douglas Frazer; Sociedade da Grã Ordem Kavernista, Jards Macalé & Pato Fu; Lanny Gordin, Nelson Jacobina & Luis Gustavo (Picassos Falsos); Ismael Silva, Paulo Vanzolini & Sinhô; Felipe Agostini, Alberto Caeiro & Orson Welles; Silvino Simões dos Santos e Silva, Roberto D'Avilla & Ricardo Dias; Frank Perry, Lindsay Andersen & Arthur Penn; Zapata, Camilo Tavares & Paulinho Boccato; Leonardo Pareja, Una Bomber & Edmundo; Charles Fourier, Christopher Caudwell & Max Stiner; John Constantine, Carlos Zéfiro & Pazienza; Tuca, Joca & Xuxo; Marlon, Bonifácio & Godofredo; Alfred Jarry, Qorpo Santo & Campos de Carvalho; Murilo Mathias, Paulo Gregori & Bruno Viana; Satã, Belial & Belzebu; Regina Casé, Roberto Benevides & o Diabo que os carregue; Delicious Babes On Fire, Luke Skywalker w/ Diamonds & Strange Things Are Happening.

**AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:** ROBERTO PIVA; ANTONIO BIVAR; MASSAO OHNO; GABRIEL COHN; SABINA ANZUATEGUI; PATRÍCIA D'AVILLA; PEDRO, PAULO, MAGRÃO & TODO PESSOAL DA OFICINA PAU-PAU; BAR DO GERALDO; CLAUDIO WILLER; CARLÃO REICHENBACH; PAULO 'CÁSPITE' SACRAMENTO; AFONSO HENRIQUES NETO; ARMANDO FREITAS FILHO; PABLO & XUXÚ; GILSON FAIS; CHICO GUARIBA; O PIROTÉCNICO PEDRINHO; PETER BAIESTORF; ANELISE; DENISE V.; E, "ANTES QUE EU ME ESQUEÇA", ROBERTO BICCELLI

AZOUQUE/SOLSTÍCIO - R. JOÃO ALVARES SOARES, 424 - CEP 04609-000 SÃO PAULO - S

Azougue. Equinócio. 96. Azougue, n°.02, 1996, 00.

**Vocabulário controlado:** CAPA

**Notas de resumo:**

Inscrição da capa "Alea jacta est"

\*

Azougue. Esta é uma cidade de desesperos controlados. Azougue, n°.02, 1996, 00

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Palavras-chave:** Editor

**Notas de resumo:**

Poema na contracapa que abre a revista. Relação dos colaboradores "azougueiros", editor (equipe da revista) e agradecimentos. Instrução para a leitura do fanzine.

**Iconografias:**

Ilustração: reprodução da foto de um hacker americano. S/créditos.

\*

Azougue. COHN, Sérgio; MONTEIRO, Danilo; QUEIROZ, Priscila. "não pares nunca meu querido capitão-loucura". Azougue, n°.02, 1996, 01-03.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO - Literatura

**Palavras-chave:** Biografia; Comportamento; Década de 90

**Notas de resumo:**

Danilo, Priscila e Sérgio Cohn contam de seu primeiro encontro com o poeta Roberto Piva em setembro de 1993, quando o entrevistam para a revista que tinham a ideia de publicar, e seria mais tarde editada com o nome de *Azougue*. Contam sobre comportamento, leituras, tendências poéticas que Piva seguia na época e também sua participação ativa como promotor da contracultura.

**Iconografias:**

Fotografia: Duas fotos do poeta por Silvia P. Veludo  
Fac-Símile: Dedicatória de Michael McClure à Roberto Piva, s/ d.

Foto: fotografia de Mauricio Ferreira, s/ d, s/t.

\*

Azougue. Roberto Piva. Azougue, n°.02, 1996, 04.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** PIVA, Roberto

**Palavras-chave:** Biografia; Intelectual; Poesia

**Notas de resumo:**

Pequena apresentação de Roberto Piva extraída da "Antologia dos Novíssimos" - 1961 quando aos vinte e três anos publicava seus primeiros poemas.

**Iconografias:**

Ilustração: Imagem de anjos lutando com demônios no céu de uma pequena vila. S/créditos.

\*

PIVA, Roberto. Libelo. Azougue, n°.02, 1996, 04.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poesia publicada na "Antologia dos Novíssimos" - 1961.

**Iconografias:**

Ilustração: Imagem de dois dançarinos mascarados, dançando num pequeno povoado. S/créditos.

\*

PIVA, Roberto. Poema 1. Azougue, n°.02, 1996, 04.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado na "Antologia dos Novíssimos" - 1961

\*

PIVA, Roberto. No Parque Ibirapuera. Azougue, n°.02, 1996, 05.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Paranóia" - 1963

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Wesley Duke Lee. In "Paranóia", 1963.

\*

PIVA, Roberto. Meteoro. Azougue, n°.02, 1996, 05.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Paranóia" - 1963

**Iconografias:**

Ilustração: Recorte da fotografia de Wesley Duke Lee onde há a inscrição "Estratosférico" retirada do livro "Paranóia" - 1963.

\*

PIVA, Roberto. Visão de São Paulo à noite. Poema Antropófago sob Narcótico. Azougue, n°.02, 1996, 06.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema Publicado em "Paranóia" - 1963

\*

PIVA, Roberto. Jorge de Lima, Panfletário do Caos. Azougue, n°.02, 1996, 08.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Paranóia" - 1961

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de placa de show, Wesley Duke Lee, retirada do livro "Paranóia" - 1963.

Ilustração: Imagem de estátua. S/créditos.

\*

PIVA, Roberto. Piazza I. Azougue, n°.02, 1996, 07.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Piazas" - 1964

\*

PIVA, Roberto. O Jardim das Delícias. Azougue, n°.02, 1996, 07.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Piazas" - 1964

\*

PIVA, Roberto. Slogan. Azougue, n°.02, 1996, 07.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Piazzas" - 1964

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de homem atormentado por corujas e morcegos. S/créditos.

\*

PIVA, Roberto. Arregimentação Formal da Estrela Hinter. Azougue, n°.02, 1996, 07.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Piazzas" - 1964

\*

PIVA, Roberto. "Política do corpo em fogo do corpo" (...). Azougue, n°.02, 1996, 08.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Abra os Olhos & Diga Ah" – 1976.

**Iconografias:**

Ilustração: Recorte de "Dois Sátiros" de Rubens.

\*

PIVA, Roberto. "O mundo muda a cor da jabuticaba" (...). Azougue, n°.02, 1996, 08.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Abra os Olhos & Diga Ah" – 1976.

**Iconografias:**

Ilustração: Colagem: parte de uma fotografia de Wesley Duke Lee (1963) sobre a obra de Rubens "Dois Sátiros".

\*

PIVA, Roberto. "o sexo da meia-lua sua nota metálica" (...). Azougue, n°.02, 1996, 08.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Abra os Olhos & Diga Ah!" – 1976.

\*

PIVA, Roberto. Ganimedes 76. Azougue, n°.02, 1996, 08.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Abra os Olhos & Diga Ah!" – 1976.

\*

PIVA, Roberto. A Vida me Carrega no Ar Como um Gigantesco Abutre. Azougue, n°.02, 1996, 09.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Coxas" -1979.

**Iconografias:**

Ilustração: "Sileno Embriagado", Rubens, 1618.

\*

PIVA, Roberto. Pornosamba Para o Marquês de Sade. Azougue, n°.02, 1996, 09.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poesia publicada em "Coxas" – 1979.

**Iconografias:**

Ilustração: Perfil do Marquês de Sade. S/créditos.

Ilustração: Recorte da cabeça de um dos Sátiros de "Dois Sátiros" Rubens, 1618-19.

\*

PIVA, Roberto. "última locomotiva. Gregos de Homero" (...). Azougue, n°.02, 1996, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "20 Poemas com Brócoli" – 1981.

\*

PIVA, Roberto. "mestre Murilo Mendes tua poesia são" (...). Azougue, n°.02, 1996, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "20 Poemas com Brócoli" – 1981.

\*

PIVA, Roberto. "abandonar tudo.conhecer praias.amores novos." (...). Azougue, n°.02, 1996, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "20 Poemas com Brócoli" – 1981.

\*

PIVA, Roberto. "o garoto engole a flor. mistura de" (...). Azougue, n°.02, 1996, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "20 Poemas com Brócoli" – 1981.

\*

PIVA, Roberto. "roleta de vertigens.orvalho imigrante." (...). Azougue, n°.02, 1996, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "20 Poemas com Brócoli" – 1981.

\*

PIVA, Roberto. "Quero dividir com você a ventania a morte" (...). Azougue, n°.02, 1996, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "20 Poemas com Brócoli" – 1981.

**Iconografias:**

Foto: Fotografia. S/créditos.

\*

PIVA, Roberto. A Coréia é na Esquina. Azougue, n°.02, 1996, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Quizumba" – 1983.

**Iconografias:**

Foto: Fotomontagem de Jorge de Lima do livro "A pintura em pânico", 1943.

\*

PIVA, Roberto. Batuque III. Azougue, n°.02, 1996, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Quizumba" – 1983.

\*

PIVA, Roberto. Jorge de Lima+William Blake+Tom Jobim Dante Observa. Azougue, n°.02, 1996, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Quizumba" – 1983.

\*

PIVA, Roberto. Manifesto da Selva mais Próxima. Azougue, n°.02, 1996, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Epígrafe de Álvaro de Campos. Poema dedicado à Henri Michaux

\*

PIVA, Roberto. Manifesto Utópico-Ecológico em Defesa da Poesia & do Delírio. Azougue, n°.02, 1996, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Manifesto escrito em 1983.

**Iconografias:**

Ilustração: "Diana e suas ninfas surpreendidas por sátiros", Rubens, s/data.

Ilustração: "Dois Sátiros", Rubens, 1618-19

\*

PIVA, Roberto. Manifesto da Poesia Xamânica & Bio-Alquímica. Azougue, n°.02, 1996, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Manifesto escrito em 1992.

\*

PIVA, Roberto. Paulinho Paiakan. Azougue, n°.02, 1996, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito em 1992, com a epígrafe "Tupi or not tupi that is the question" Oswald de Andrade.

\*

PIVA, Roberto. Ritual dos 4 ventos & dos 4 Gaviões. Azougue, n°.02, 1996, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em 1994. Dedicado à Marco Antonio de Ossain; epígrafe do "Livro dos Mortos do Antigo Egito"

**Iconografias:**

Ilustração: ilustração tribal, s/créditos.

\*

PIVA, Roberto. 7 Cantos Xamânicos. Azougue, n°.02, 1996, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em 7 partes, s/ data. Epígrafe de William Carlos Williams.

**Iconografias:**

Foto: fotografia tratada de Patrícia D'Avilla, s/d.

\*

PIVA, Roberto. A Oitava Energia. Azougue, n°.02, 1996, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poesia escrita em Pedra Grande, 1995.

**Iconografias:**

Foto: fotografia de crianças. S/créditos.

\*

PIVA, Roberto. Gavião Caburé. Azougue, n°.02, 1996, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito em Cantareira, 1993.

\*

PIVA, Roberto. "cem planetas? cem pupilas?" (...). Azougue, n°.02, 1996, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito na Praia do Guaiúba, 1982.

\*

PIVA, Roberto. Menino Curandeiro. (Poema Coribântico). Azougue, n°.02, 1996, 16-17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito em Ilha Comprida, 1993. Poema em sete partes contendo epígrafes de: René Crevel, Georges Bataille, Aragon, Sandro Penna e Pierre Reverdy.

**Iconografias:**

Foto: foto de Patricia D'Avilla s/ data.

Foto: foto de Mauricio Guerreiro s/ data.

\*

Azougue. Paul Éluard. Azougue, n°.02, 1996, 19.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO - Literatura

Nome pessoal como assunto: ÉLUARD, Paul

**Notas de resumo:**

Depoimento sem autoria. Possivelmente escrito por Manoel Bandeira durante o período que esteve em um sanatório na Suíça entre 1913 e 1914, onde conhece Paul Éluard e depois de volta ao Brasil, passa a ser o correspondente brasileiro de uma revista literária editada por Éluard.

**Iconografias:**

Foto: fotografia s/créditos.

Ilustração: desenho de Paul Éluard s/autor, s/data.

Fac-Símile: Mapa astral de Paul Éluard desenhado André Breton.

\*

ÉLUARD, Paul. Para Viver Aqui / Pour vivre ici. Trad. PIVA, Roberto. Azougue, n°.02, 1996, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Fac-Símile: imagem do manuscrito do poema de Éluard datado de 1917.

\*

ÉLUARD, Paul. *Premièrement / Primeiramente*. Trad. CAMARGO, Vanessa. Azougue, n°.02, 1996, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: foto de Paul Éluard s/autor, s/data

\*

ÉLUARD, Paul. *Suite / Suíte*. Trad. CAMARGO, Vanessa. Azougue, n°.02, 1996, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ÉLUARD, Paul. *L'égalité des sexes / A Igualdade dos Sexos*. Trad. CAMARGO, Vanessa. Azougue, n°.02, 1996, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: André Breton e Paul Éluard vestidos, 1921

Foto: Paul Éluard, s/creditos.

\*

ÉLUARD, Paul. *L'Amoureuse/A Amorosa*. Trad. COHN, Sergio. Azougue, n°.02, 1996, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Paul Éluard, s/creditos.

\*

ÉLUARD, Paul. *La Parole/ A Palavra*. Trad. CAMARGO, Vanessa. Azougue, n°.02, 1996, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ÉLUARD, Paul. *Les Mourons/ Os Cordeiros*. Trad. CAMARGO, Vanessa. Azougue, n°.02, 1996, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ÉLUARD, Paul. *Silence de l'évangile/ Silêncio do Evangelio*. Trad. CAMARGO, Vanessa. Azougue, n°.02, 1996, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

NIETZSCHE, Friedrich. *A Barca*. Azougue, n°.02, 1996, 23-25.

**Vocabulário controlado:** HQ

**Notas de resumo:**

Desenho de Eduardo Verderame sobre texto de F. Nietzsche

**Iconografias:**

HQ/Charge: Eduardo Verderame

\*

MENDES, Murilo. *Dino Campana*. Dino Campana por Murilo Mendes. Azougue, n°.02, 1996, 27.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Notas de resumo:**

Poema em prosa de 1973.

**Iconografias:**

Foto: Desenho (retrato) de Dino Campana. S/creditos

\*

CAMPANA, Dino. *La Chimera/ A Quimera*. Trad. SOUZA, Alexandre Barbosa de; FERREIRA, Maurício; COHN, Sergio. Azougue, n°.02, 1996, 28.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CAMPANA, Dino. *Giardino Aurunale/ Jardim Outonal*. Trad. SOUZA, Alexandre Barbosa de; FERREIRA, Maurício; COHN, Sergio. Azougue, n°.02, 1996, 28.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CAMPANA, Dino. *Spata Barcarica/ Espada Bárbara*. Trad. SOUZA, Alexandre Barbosa de; FERREIRA, Maurício; COHN, Sergio. Azougue, n°.02, 1996, 29.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CAMPANA, Dino. *La Creazione/ A Criação*. Azougue, n°.02, 1996, 30.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CAMPANA, Dino. *La Speranza/ A Esperança*. Trad. SOUZA, Alexandre Barbosa de; FERREIRA, Maurício; COHN, Sergio. Azougue, n°.02, 1996, 30-31.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CAMPANA, Dino. *La Forza/ A Força*. Trad. SOUZA, Alexandre Barbosa de; FERREIRA, Maurício; COHN, Sergio. Azougue, n°.02, 1996, 31.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CAMPANA, Dino. *Il Canto Della Tenebra/ O Canto da Treva*. Trad. SOUZA, Alexandre Barbosa de; FERREIRA, Maurício; COHN, Sergio. Azougue, n°.02, 1996, 32-33.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CAMPANA, Dino. *V.( Il Canto Della Tenebra)/ V. (O canto da treva*. Trad. SOUZA, Alexandre Barbosa de; FERREIRA, Maurício; COHN, Sergio. Azougue, n°.02, 1996, 33.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: "O arquiteto" de William Blake, s/d.

\*

CAMPANA, Dino. *Montagna - La Chimera/ Montanha - A Quimera*. Trad. SOUZA, Alexandre Barbosa de; FERREIRA, Maurício; COHN, Sergio. Azougue, n°.02, 1996, 34.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:** Fac-símile de bilhete assinado por Dino Campana, s/d.

\*

COHN, Sérgio. Michael McClure. Azougue, n°.02, 1996, 35.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** McCLURE, Michael

**Notas de resumo:**

Segundo Cohn, McClure foi um dos expoentes da San Francisco Renaissance, admirado por Jack Kerouac, amigo de Jim Morrison e Francis Crick, cientista que utilizou trechos do "Peyote Poem" de McClure em seu livro "Of Men and Molecules". As "99 Teses" expõem idéias que foram posteriormente aprofundadas em seu livro de ensaios "Scratching the Beat Surface". Seguem poemas traduzidos por Sergio Cohn.

**Iconografias:**

Foto: Michael McClure com amigos. S/créditos.

\*

McCLURE, Michael. As 99 Teses. Azougue, n°.02, 1996, 36-37.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BIVAR, Antônio. Celso Luiz Paulini. Azougue, n°.02, 1996, 39-42.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO - Literatura

**Nome pessoal como assunto:** PAULINI, Celso Luiz

**Palavras-chave:** Poesia; Teatro

**Notas de resumo:**

Bivar conta do encontro com Celso Luiz Paulini quando disse que queria fazer sua tese sobre ele. Daí nasceu uma grande amizade que rendeu a "História Teatral do Brasil", um trabalho de oito anos em que escreveram juntos três peças. Celso Luis Paulini morreu em agosto de 1991. Bivar fala da parceria intelectual que nutria com Paulini e sua simpatia por Roberto Piva com quem estreou na "Antologia dos Novíssimos". A apresentação é precedida da apresentação publicada na "Antologia dos Novíssimos" - 1961

**Iconografias:**

Foto: Celso Luiz Paulini, s/créditos.

\*

PAULINI, Celso Luiz. Recusa. Azougue, n°.02, 1996, 42.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado na "Antologia dos Novíssimos" - 1961

\*

PAULINI, Celso Luiz. Sob a Astúcia das Águas. Azougue, n°.02, 1996, 42.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado na "Antologia dos Novíssimos" - 1961

\*

PAULINI, Celso Luiz. Camas. Azougue, n°.02, 1996, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Gerifalto pt. I & II" - 1979

**Iconografias:**

Foto: Estátua barroca de Virgem Maria, s/créditos.

\*

PAULINI, Celso Luiz. Amor. Azougue, n°.02, 1996, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado na "Antologia dos Novíssimos" - 1979

\*

PAULINI, Celso Luiz. O Grito do Neófito. Azougue, n°.02, 1996, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Gerifalto pt. I & II" - 1979

\*

PAULINI, Celso Luiz. Pelos Jardins Fechados. Azougue, n°.02, 1996, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "O Gerifalto pt. I & II" - 1979

\*

PAULINI, Celso Luiz. Nos Jardins. Azougue, n°.02, 1996, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "O Gerifalto pt. I & II" - 1979

\*

PAULINI, Celso Luiz. Viagem. Azougue, n°.02, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Venus no Telhado" - 1988

\*

PAULINI, Celso Luiz. Mysterium. Azougue, n°.02, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Gerifalto pt. I & II" - 1979

\*

PAULINI, Celso Luiz. Vênus no Telhado. Azougue, n°.02, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Vênus no Telhado" - 1988

\*

PAULINI, Celso Luiz. S. Luís. Azougue, n°.02, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Gerifalto pt. I & II" - 1979

\*

PAULINI, Celso Luiz. Gato II. Azougue, n°.02, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Venus no Telhado" 1988

\*

PAULINI, Celso Luiz. Poema Desencontrado. Azougue, n°.02, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Gerifalto pt. I & II" - 1979

\*

CAVAQUINHO, Nelson. . [sem título]. Azougue, n°.02, 1996, 45.

**Vocabulário controlado:** CHARGE

**Notas de resumo:**

Desenhos s/ crédito; inclui trecho de música de Nelson Cavaquinho.

\*

Azougue. Os cânticos negros do Conde de Vikbor. Azougue, n°02, 1996,46-49

**Vocabulário controlado:** HQ

**Notas de resumo:** Episódio intitulado "A peste Branca". S/créditos.

\*

PORTUGAL, Osmar. Poema sem Nome. Azougue, n°.02, 1996, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Poemas Circanianos", s/d.

\*

PORTUGAL, Osmar. Andrômaca. Azougue, n°.02, 1996, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Poemas Lábeis", s/d.

\*

PORTUGAL, Osmar. Apud aquam, apud terram, apud caelum. Azougue, n°.02, 1996, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em "Poemas Sobre Nomes", s/d.

\*

PORTUGAL, Osmar. Dois Poemazinhos com Versos Finais Alheios. Azougue, n°.02, 1996, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado a Jorge Koshiyama, publicado em "Poemas Etnológicos", s/d.

\*

KOSHIYAMA, Jorge. Da Mudança. Azougue, n°.02, 1996, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado a Osmar Portugal

\*

KOSHIYAMA, Jorge. Do Outro Lado da Alma. Azougue, n°.02, 1996, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

KOSHIYAMA, Jorge. Poema. Azougue, n°.02,

1996, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FERREIRA, Hélder Perri. O Menino. Azougue, n°.02, 1996, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FERREIRA, Hélder Perri. Trabalhador. Azougue, n°.02, 1996, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FERREIRA, Hélder Perri. "Escuta". Azougue, n°.02, 1996, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA (S)

**Notas de resumo:** Poema dedicado a Alexandre Barbosa de Souza por seus 23 anos.

\*

SOUZA, Alexandre. "À margem" (...). Azougue, n°.02, 1996, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

SOUZA, Alexandre. "Contra a perda do amor" (...). Azougue, n°.02, 1996, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

SOUZA, Alexandre. "Amanhã saberei a doce unidade da fruta" (...). Azougue, n°.02, 1996, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em 1996, dedicado à Marília.

\*

FERREIRA, Maurício. Perdoe-me, Pai, Porque Pequei. Azougue, n°.02, 1996, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado os amigos Sergio e Danilo "após a leitura dos "Vinte Poemas com Brócoli" de Roberto Piva e a Fernanda Tanaka, porque desfoquei..." - São Paulo, Agosto de 1995.

\*

GARCIA, Priscila Queiroz. Cidade Submersa. Azougue, n°.02, 1996, 55.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Priscila Queiroz Garcia dedicado a Werner Herzog, "após assistir seu documentário sobre a Sibéria"; datado de setembro de 1995 e "colado" sobre fotografia.

**Iconografias:**

Foto: fotografia de página inteira. S/créditos.

\*

PEÇANHA, Marcio. "Ao ver o espaço surreal de tuas fantasias" (...). Azougue, n°.02, 1996, 56.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: fotografia de Maurício Guerreiro, s/d.

\*

ANZUATEGUI, Sabina. “Deixe eu ficar com raiva um pouco, eu posso.” (...). Azougue, n°.02, 1996, 57.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Reprodução: pintura: “Eleven A.M.”, Hopper, 1926.

\*

MONTEIRO, Danilo. Bel no Mercy. Azougue, n°.02, 1996, 58.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em duas partes datado no inverno de 1995.

**Iconografias:**

Foto: Fotomontagem de Jorge de Lima do livro “A Pintura em Pânico”, 1943.

\*

COHN, Sérgio. Garota Dadá. Azougue, n°.02, 1996, 59.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Sergio Cohn com epígrafe de Gottfried Benn, datado em Junho de 1995.

\*

COHN, Sérgio. Poética. Azougue, n°.02, 1996, 60.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Sergio Cohn datado em Abril de 1995, escrito sobre uma fotografia de Mauricio Guerreiro.

**Iconografias:**

Foto: fotografia de Mauricio Guerreiro, s/d.

\*

FERREIRA, Mauricio. Visão do Apocalipse com caxumba. Azougue, n°.02, 1996, 61.

**Vocabulário controlado:** CAPA

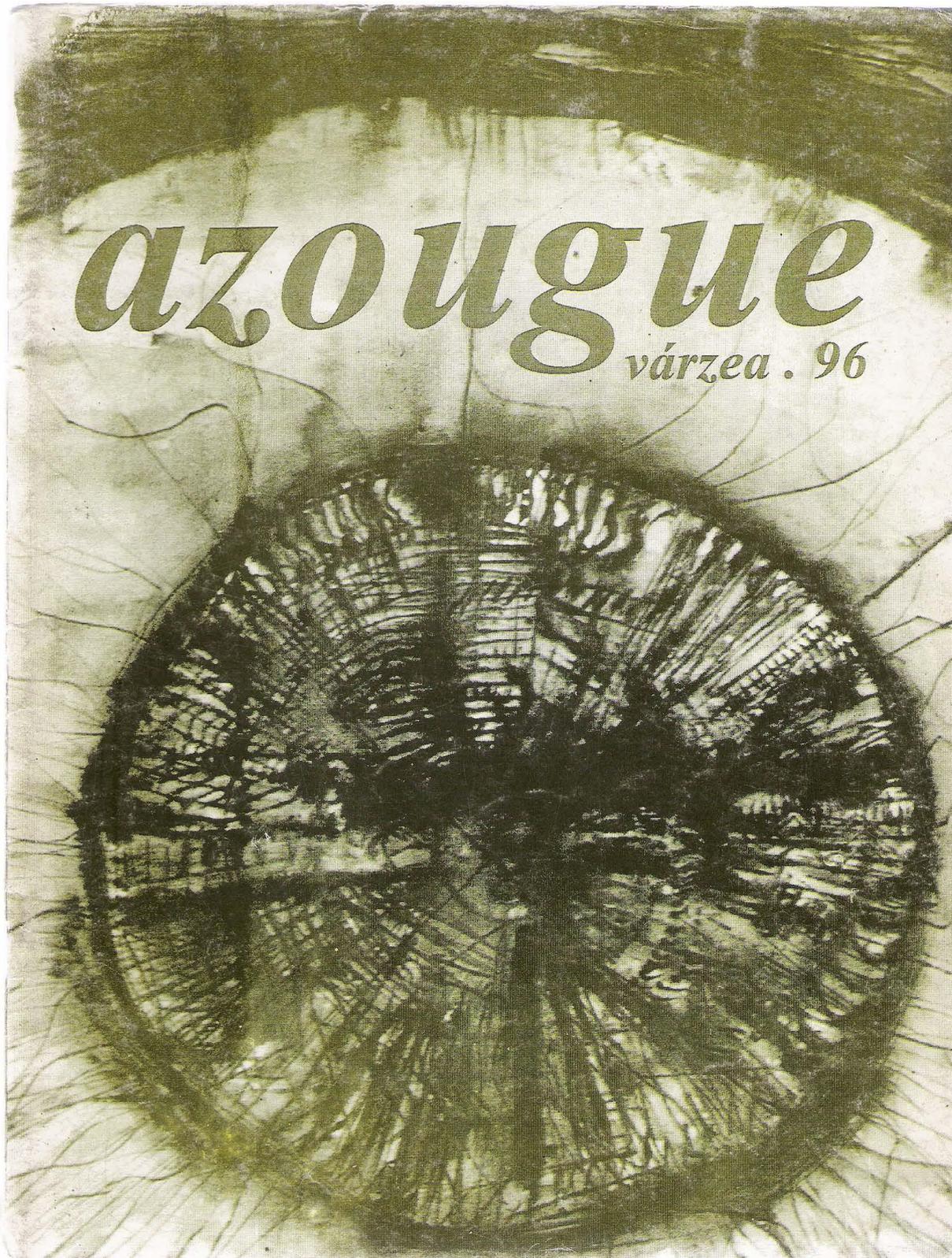
**Notas de resumo:**

Narrativa impressa na capa 3.

\*

# *azougue*

várzea . 96



Um  
cachimbo  
oriental,



**EDITOR**  
Sergio Cohn

**AZOUQUEIROS**  
Alexandre Ferraz  
Bruno Zeni  
Maurício Ferreira (licenciado)  
Sergio Cohn

**COLABORADORES**

Alexandre Anselmo	Juliana Lima
Alexandre "Cheguey" Martins	Juliano De Fiore
André "Mamê" Mellagi	Luis Alberto Melo
Carolina Andrade	Maurício Guerreiro
Cibele Lucena	Mauro Jorge Santos
Cláudia Mesquita	Marcio Peçanha
Cláudio Vinicius	Pedro Paulo Pimenta
Daniel M. Chaia	Pedro Perez Machado
Danilo Monteiro	Priscila Queiroz Garcia
Davi Georges Khamis	Rogério Borovick
Eduardo Brigagão Verderame	Rogério Trezza
Gabriel Madeira	Rubens Crispin Jr.
João Paulo Leite Guadanucci	Sérgio Audi

capa aguada Alexandre A.  
contra-capá foto Marcelo Delduque

Revista Nº 3 - 1996  
Ibriela Bianca Berlanda / Fpolis, 2007

**Mapa**

depoimento Afonso Henriques Neto

poemas Afonso Henriques Neto  
aguadas Alexandre A.

entrevista Matthew Stadler

o dia dos mortos e o cadáver de Pasolini  
fotos Carolina Andrade

Nick Drake por Cláudia Mesquita

**Várzea**

entrevista Armando Freitas Filho

poemas Armando Freitas Filho  
desenhos Cláudio Vinicius  
Rubens Crispin Jr.

poemas inéditos

beco do *azougue*

Esse fanzine deve ser lido ao som de *Gol de Quem?* do Pato Fu.

**agradecimentos** (nassh quebráada): Hilda Hilst, Maria Rite Kehl & Ana Cristina Cesar; Ingmar Bergman, Liv Ullman & Bibi Andersen; Fernanda Takai, Baby Consuelo & Maysa; Baden Powell, Bethhoven & BR-116; Albert Hoffman, Jean Cocteau & Walter Benjamin; ácido, ópio & haxixe; Guinness, Guinness & Guinness; Tom Verlaine, Richard Hell & Patti Smith; Ilha do Mel, Biuna & Gonçalves; Gérard de Nerval, Hölderlin & Rousseau; George Clinton, Maceo Parker & Sly Stone; Paulo 'speedball' Francis, Jaguar & Fortuna; François Truffaut, Michelangelo Antonioni & Domingos de Oliveira; Ronaldinho, Jamelli & o gênio Oséas; Latininho, Jameião & Oasis; Luis Roberto Salinas Fortes, Reinaldo Moraes & Renato Pompeu; João Silvério Trevisan, Alberto Nepomuceno & Thomas Mann; Platão, Homero & Catulo; Laura Capriglione, Diogo Mainardi & Antonio Risério; Cacá Diegues, Caetano Veloso & o Diabo que os carregue; Black Crowes, Screaming Trees & Hindu Love Gods.

**AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:** AFONSO HENRIQUES NETO; ARMANDO FREITAS FILHO, MATTHEW STADLER; HAMILTON DOS SANTOS; CLÁUDIA MESQUITA; ADERBAL (em seu olhar) NUNES; JOSÉ CARLOS PINTO; MASSAO OHNO; MARCELO COELHO; JORGE CALDEIRA; RUBENS RODRIGUES TORRES FILHO; PAULO HENRIQUES BRITTO; CLAUDIO WILLER; EUNICE ARRUDA; RODRIGO DE HARO; CARLÃO REICHENBACH; ANTONIO BIVAR; ROBERTO PIVA; MARCIO ZENI; CLARICE, AMÉLIA & GABRIEL COHN; ÁLVARO COMIN; ANDREI, PABLÃO, PIERO, MARILÁ & TODO PESSOAL DA GRAFFITTI; NADAN GUERRA & TODO PESSOAL DA ET CETERA; SILVIA AMÉLIA; MARINA COUTO; MEL, REJANE & VIVIANE; MARIA REZENDE; LAMARTINE; FABIANA EGREJAS; JULIANO & TODO O PESSOAL DO BOROGODÓ; ZIZA BRISOLA; NELSON SATO; WLADYR NADER; ZHÓ BERTHOLINI; UILCON FERREIRA; ROBERTO BICCELLI; PX; RODRIGO GARCIA LOPES (pela pirateada no poema-editorial - descubram...); PEDRO, PAULO, MAGRÃO & TODO PESSOAL DA OFICINA PAU-PAU; HECTOR VILLAR; TADEU CHIARELLI; BATISTA (o poema come mal, dorme mal, cheira a suor/ frequentemente o detém para averiguações) DE PILLAR;

AZOUQUE/SOLSTÍCIO - R. JOÃO ALVARES SOARES, 424 - CEP 04609-000 - SÃO PAULO - SP - FAX (011) 5561-00-97

Azogue. Várzea.96. Azogue, n°.03, 1996, 00.

**Vocabulário controlado:** CAPA

\*

Azogue. COHN, Sérgio; FERRAZ, Alexandre; FERREIRA, Maurício; ZENI, Bruno. Mapa. Azogue, n°.03, 1996, 00.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Nesta página constam o editor, os “azogueiros” e os colaboradores. Há também o “mapa”, uma espécie de sumário (sem numeração de páginas), anunciando o conteúdo desta edição. Uma instrução de leitura "Esse fanzine dever ser lido ao som de Gol de Quem? Do Pato Fu". Agradecimentos, agradecimentos especiais e endereço.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho intitulado "Um cachimbo oriental" s/d, s/créditos

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. "nada existe celebremos aventura". Depoimento Afonso Henriques Neto. Azogue, n°.03, 1996, 01-03.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

Nome pessoal como assunto: HENRIQUES NETO, Afonso

**Notas de resumo:**

Neste depoimento Afonso Henriques Neto fala de quando começou a escrever, de suas influências, leituras e sobre seu relacionamento com alguns dos poetas que, em 1976 apareceriam na antologia de Heloísa Buarque de Hollanda, 26 poetas hoje. Fala também de suas publicações, de quando passaram de "livrinhos" para publicações mais sofisticadas, de sua participação em movimentos culturais e de sua preocupação com o que é produzido pela indústria cultural.

Autores Citados: ALVES, Castro; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de;

ANJOS, Augusto dos; ÁQUILA, Luiz; AUGUSTO, Eudoro; AZEVEDO, Álvares de; BANDEIRA, Manuel; BAUDELAIRE, Charles; BRAHMS, Johannes; BUARQUE, Chico; CACASO, (Pseud. de Antonio Carlos de Brito); CARNEIRO, Geraldo; CARNEIRO, Sá; CHACAL; DIAS, Gonçalves; CESAR, Ana Cristina; CORTÁZAR, Julio; ELIOT, T. S.; FREITAS FILHO, Armando; JUNQUEIRA, Ivan; JOYCE, James; GAMA, Mauro; KAFKA, Franz; GINSBERG, Allen; GULLAR, Ferreira; LAUTRÉAMONT, Conde de (Ver Isidore Ducasse); LIMA, Jorge de; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; MALLARMÉ, Stéphane; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de; HOMERO; MELO NETO, João Cabral de; MENDES, Murilo; HOUAISS, Antonio; MORAES, Vinícius de; LORCA, Federico García; MATOS, Gregório de; PESSOA, Fernando; PIVA, Roberto; MEIRELES, Cecília; RIMBAUD, Arthur; PAZ, Octavio; SANTOS, Ronaldo; STEINBERG,

Silvia; VELOSO, Caetano; VERDE, Cesário; VILHENA, Bernardo; WILLER, Cláudio;

**Iconografias:**

Foto: fotografia do poeta, s/créditos.

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Poema. Azogue, n°.03, 1996, 04.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Misterioso Ladrão de Tenerife” - 1972

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Texto. Azogue, n°.03, 1996, 04.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Misterioso Ladrão de Tenerife” - 1972 com epígrafe de Garcia-Lorca.

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Assim. Azogue, n°.03, 1996, 04.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Misterioso Ladrão de Tenerife” - 1972

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “engole o peixe com a espinha”. Azogue, n°.03, 1996, 05.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Restos & Estrelas & Fraturas” - 1975

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. A Morte do Malandro Revisitada. Azogue, n°.03, 1996, 05.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Restos & Estrelas & Fraturas” - 1975

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Quase Cinza. Azogue, n°.03, 1996, 05.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em seu livro “Restos & Estrelas & Fraturas” - 1975

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Nem a Morte. Azogue, n°.03, 1996, 06.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Restos & Estrelas & Fraturas” - 1975

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Uma Noite. Azogue, n°.03, 1996, 06.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Restos & Estrelas & Fraturas” - 1975

\*

Azougue. HENRIQUES NETO, Afonso. Salto. Azougue, n°.03, 1996, 07.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Restos & Estrelas & Fraturas” - 1975

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Flash. Azougue, n°.03, 1996, 07.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Restos & Estrelas & Fraturas” - 1975

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Torno a Repetir. Azougue, n°.03, 1996, 08.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Ossos do Paraíso” - 1981

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Metal e Óleo. Azougue, n°.03, 1996, 08.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Ossos do Paraíso” - 1981

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Poema Nordeste. Azougue, n°.03, 1996, 08.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Ossos do Paraíso” - 1981

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. A Imaginação Toma o Poder. Azougue, n°.03, 1996, 08.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Escrito à mão datada de "paris 68"

**Iconografia:** fac-símile do poema manuscrito

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Viagem sentimental a Guarapari. Azougue, n°.03, 1996, 09.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em Osso do Paraíso - 1981

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Hoje tem espetáculo. Azougue, n°.03, 1996, 09.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Ossos do Paraíso” - 1981

**Iconografia:** reprodução da dedicatória do poema escrita à mão

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “um cavalo e cinco luas de silêncio”. Azougue, n°.03, 1996, 09.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Ossos do Paraíso” - 1981

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “ora ora ora”

Azougue, n°.03, 1996, 09.

**Vocabulário controlado:** POEMA (S)

**Notas de resumo:** poema escrito à mão

**Iconografia:** reprodução do poema escrito à mão.

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Entrefilmado. Azougue, n°.03, 1996, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Tudo Nenhum” - 1985

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Entre. Azougue, n°.03, 1996, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Tudo Nenhum” - 1985

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Ideográfico. Azougue, n°.03, 1996, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Tudo Nenhum” - 1985

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Radiação. Azougue, n°.03, 1996, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Tudo Nenhum” - 1985

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Na Estrada Desta Cama. Azougue, n°.03, 1996, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Tudo Nenhum” - 1985

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Breve Gesto. Azougue, n°.03, 1996, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Avenida Eros” - 1992, com epígrafe de Federico Garcia Lorca

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Pensando Murilo Mendes. Azougue, n°.03, 1996, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Avenida Eros” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Mais Cinco Movimentos. Azougue, n.º.03, 1996, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em cinco partes publicado no livro “Avenida Eros” – 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “por favor”. Azougue, n.º.03, 1996, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “há uma clara espera da bruma.” Azougue, n.º.03, 1996, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “onde começa a Floresta”. Azougue, n.º.03, 1996, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “esperando a obra-prima”. Azougue, n.º.03, 1996, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “poesia, busca da gema nos destroços”. Azougue, n.º.03, 1996, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “citando cítaras de maio”. Azougue, n.º.03, 1996, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “canoa cristalina”. Azougue, n.º.03, 1996, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Exercício. Azougue, n.º.03, 1996, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “esperam de nós a revelação do canto”. Azougue, n.º.03, 1996, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Fragmento Grego. Azougue, n.º.03, 1996, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Piano Mudo” - 1992

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “não ir onde o programa de escombros”. Azougue, n.º.03, 1996, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Abismo com Violinos” - 1995

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Cósmico. Azougue, n.º.03, 1996, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Abismo com Violinos” - 1995

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Prezado Torquato. Azougue, n.º.03, 1996, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Abismo com Violinos” - 1995

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “escuta: um visgo vivo já ressoa em tudo”. Azougue, n.º.03, 1996, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Abismo com Violinos” - 1995

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “não seja tão literário”. Azougue, n.º.03, 1996, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Abismo com Violinos” - 1995

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. “a prosa invadiu de vez a poesia”. Azougue, n.º.03, 1996, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Abismo com Violinos” - 1995

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Discurso. Azougue, n.º.03, 1996, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Abismo com Violinos” - 1995

**Iconografias:**

Ilustração: Ilustrações que acompanham os poemas por Alexandre A., s/d.

\*

COHN, Sergio; STANDLER, Matthew; ZENI, Bruno. “Qual a exata natureza do seu desejo?”. conversa e caipirinha com Matthew Standler. Azougue, n°.03, 1996, 18-21.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Notas de resumo:**

Sergio Cohn e Bruno Zeni entrevistam o escritor norte-americano Matthew Stadler. A entrevista inicia com pequena introdução intitulada "Aperitivo". Eles conversam sobre seu terceiro romance "O Agressor Sexual" e sobre os temas que permeiam a obra, como política, ficção e sua preocupação em ser explícito nas questões que coloca.

**Autores Citados:** DISNEY, Walt; GINSBERG, Allen; KEROUAC, Jack;

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Matthew Stadler por Hamilton dos Santos, s/d.

Fac-Símile: Reprodução de bilhete de Matthew Stadler para Bruno (Zeni)

\*

CAMPOS, Jorge Hernández. Cuando encontraron su cuerpo / quando encontraram seu corpo. O dia dos mortos e o cadáver de

Passolini (um poema encontrado). Trad. COHN, Sergio; FERRAZ, Alexandre. Azougue, n°.03, 1996, 22-23.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: fotografias de Carolina Andrade, s/d.

\*

MESQUITA, Claudia. Nick Drake. Azougue, n°.03, 1996, 24-25.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: DRAKE, Nick

**Notas de resumo:**

Ensaio sobre o músico inglês Nick Drake, seu álbum 'Pink Moon' e sua prematura morte aos 25 anos. Publicado originalmente no fanzine “Motor” e republicado neste número com algumas alterações por Cláudia Mesquita.

**Iconografias:**

Foto: fotografias do músico, s/créditos.

\*

ANDRADE, Carolina. Carolina Andrade. Azougue, n°.03, 1996, 26.

**Vocabulário controlado:** ARTES PLÁSTICAS

**Notas de resumo:**

Seqüência de fotografias de Carolina Andrade, impressa na página inteira.

**Iconografias:**

Foto: Fotografias de Carolina Andrade s/d, s/t.

\*

Azougue. Como se comportar em filas. ou eventualidades da vida social contemporânea (vol. 1). Azougue, n°.03, 1996, 27-29

**Vocabulário controlado:** HQ

**Iconografias:**

HQ/Charge: História em quadrinhos escrita por Eduardo Brigagão Verderame

\*

Azougue. ANDRADE, Carolina. . Azougue, n°.03, 1996, 30.

**Vocabulário controlado:** ARTES PLÁSTICAS

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Carolina Andrade, s/d.

\*

Azougue / Várzea. Azougue, n°.03, 1996, 01.

**Vocabulário controlado:** CAPA

**Notas de resumo:**

Caderno suplementar intitulado Várzea que se encontra no meio da revista. É impresso em papel diferente e conta paginação própria.

**Iconografias:**

Ilustração: ilustração logo de Juliana Lima

\*

Azougue / Várzea. LEITE, João Paulo; MONTEIRO, Danilo; ZENI, Bruno. cardápio. Azougue, n°.03, 1996, 02.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Contracapa do encarte onde apresenta os colaboradores, editor e sumário.

**Iconografias:**

Ilustração: logotipo estilizado por Danilo Monteiro e João Leite

\*

ANSELMO, Alexandre. “Cidades são ilhas de luz certadas por” (...). Azougue, n°.03, 1996, 03.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de apresentação do encarte.

**Iconografias:**

Ilustração: ilustração, s/créditos.

\*

ZENI, Bruno. Mitologia do Meio-fio. Azougue, n°.03, 1996, 04-05.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto ficcional em duas partes sobre o trânsito de São Paulo. Por Bruno Zeni e Danilo Monteiro.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos de João Leite

\*

MELLAGI, André. Drágeas. Azougue, n°.03, 1996, 06.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Quatro “sagas”, pequenos textos escritos por Infinito de Oliveira, Carla Bellegambe, Anthea Dinorah e André Mellagi (azougueiro).

\*

AIRES, Silvia. já não interessa a reação da compacta população. Azougue, n°.03, 1996, 07.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto ficcional de Silva Aires

**Iconografias:**

Ilustração: aguadas de Alexandre Anselmo

\*

ZENI, Bruno. Matoalto. Azougue, n°.03, 1996, 08-09.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto ficcional de Bruno Zeni em formato de diário.

**Iconografias:**

Ilustração: Gravuras em metal de Pedro Perez Machado (azougueiro)

\*

DINORAH, Anthea; MELLAGI, André; OLIVEIRA, Infinito de. Drágeas. Azougue, n°.03, 1996, 10.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Pequenos textos no formato de anúncios de jornal escritos por Infinito de Oliveira, Anthea Dinorah e André Mellagi (azougueiro)

\*

MELLAGI, André. Axis Mundi. Azougue, n°.03, 1996, 11.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Prosa poética de André Mellagi

**Iconografias:**

Foto: fotografias de Cecília Rangel

\*

MONTEIRO, Danilo. Odisséia - Canto Primeiro. A Fins de uma Muvuca Organizada. Azougue, n°.03, 1996, 12-13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografias da Ilha do Mel por João Leite e Bruno Zeni, s/d.

\*

LEITE, João. Tratado do Açougueiro. Azougue, n°.03, 1996, 14.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto em três partes sobre as cidades

**Iconografias:**

Ilustração: ilustração de João Leite

\*

Azougue / várzea. celeiro reagentes palafitas flashback orégano. Adega que reúne a noz-moscada de sustentação do várzea.

Azougue, n°.03, 1996, 15.

**Vocabulário controlado:** VARIEDADES

**Notas de resumo:**

Página que reúne sugestões de leitura, música, e shows. Apresenta o livro de Guimarães Rosa “Manuelzão e Miguilim”, um LP de Nora Ney, a primeira turnê do Lou Reed no Brasil, o livro de Hilda Hilst “Com os meus olhos de cão”, e uma sugestão musical: Beethoven - Terceiro Concerto para Piano.

**Iconografias:**

Fac-Símile: Reprodução das capas dos livros e Lps, ingresso para o show do Lou Reed e fita k7 do Beethoven

\*

Azougue / Várzea. “A dureza do Mundo”. Azougue, n°.03, 1996, 16.

**Vocabulário controlado:** CAPA

**Notas de resumo:** Pequena gravura na quarta capa que finaliza o encarte Várzea.

\*

Azougue. FREITAS FILHO, Armando. "Por barbear com a cara de encontro ao dia". Entrevista - Armando Freitas Filho.

Azougue, n°.03, 1996, 31-33.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO - Literatura

Nome pessoal como assunto: FREITAS FILHO, Armando

**Notas de resumo:**

Na entrevista Armando Freitas Filho, fala de suas influências (Ferreira Gullar, Bandeira, Drummond, João Cabral, Rimbaud e Nabokov) e da importância da crítica de Antonio Cândido que se volta exclusivamente para sua própria geração, que foi o que Armando Freitas fez para publicar seu primeiro livro, buscando o diálogo entre pessoas de sua geração. Explica que lida com estruturas coloquiais, numa poesia que incorpora muito a maneira cotidiana de falar.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; BANDEIRA, Manuel; CANDIDO, Antonio; GULLAR, Ferreira; LISPECTOR, Clarice; MELO NETO, João Cabral de; MERQUIOR, José Guilherme; NABOKOV, Vladimir; RIMBAUD, Arthur;

**Iconografias:**

Foto: Foto do escritor. S/créditos

Foto: foto do escritor com Cacaso, Charles e Ana Cristina Cesar, no Posto 9 - RJ, 1982. s/ créditos

\*

FREITAS FILHO, Armando. Corpo. Azougue, n°.03, 1996, 34.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Palavra” - 1963.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Flash. Azougue,

nº.03, 1996, 34.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Dual” - 1966

\*

FREITAS FILHO, Armando. Entretempo.

Azougue, nº.03, 1996, 34.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Marca Registrada” – 1970.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Texto. Azougue,

nº.03, 1996, 35.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “De corpo Presente” – 1975.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Mademoiselle Fruta-

cor. Azougue, nº.03, 1996, 35.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “À mão Livre” - 1979

\*

FREITAS FILHO, Armando. À mão livre.

Azougue, nº.03, 1996, 36.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Longa Vida” - 1982

\*

FREITAS FILHO, Armando. Escrevo. Azougue,

nº.03, 1996, 36.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Longa Vida” - 1982

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Amor com amor se

paga”. Azougue, nº.03, 1996, 37.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Longa Vida” - 1982

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Toda viagem é

interior”. Azougue, nº.03, 1996, 37.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Longa Vida” - 1982

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Acordo degolado”.

Azougue, nº.03, 1996, 38.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” - 1986

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Abrir os pulsos”.

Azougue, nº.03, 1996, 38.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” - 1986

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Os cometas são

narcisos”. Azougue, nº.03, 1996, 38.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” - 1986

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Leio, de um só

gole”. Azougue, nº.03, 1996, 38.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” - 1986

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Lenda é além, ali”.

Azougue, nº.03, 1996, 38.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” - 1986

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Nos deitamos”.

Azougue, nº.03, 1996, 39.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” - 1986

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Me chupe com

muita pena”. Azougue, nº.03, 1996, 39.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” - 1986

\*

FREITAS FILHO, Armando. “A última vez que te

vi”. Azougue, nº.03, 1996, 39.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” – 1986.

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Entre nós até o

segredo”. Azougue, nº.03, 1996, 39.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” – 1986.

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Ainda faltam muitos

passos para atravessar”. Azougue, nº.03, 1996, 39.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “3x4” – 1986, dedicado à

memória de Ana Cristina César.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Depois de A.C..

Azougue, nº.03, 1996, 40.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “De Cor” – 1988.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Curto, Puro, Urgente. Azougue, n°.03, 1996, 40.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “De Cor” – 1988.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Godardiana. Azougue, n°.03, 1996, 40.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “De Cor” – 1988.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Luva de Boxe. Azougue, n°.03, 1996, 40.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “De Cor” – 1988.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Com óculos Rimbaud. Azougue, n°.03, 1996, 41.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “De Cor” – 1988.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Fim-de-século. Azougue, n°.03, 1996, 41.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “De Cor” – 1988.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos que acompanham a antologia de Rubens Crispin Jr.

\*

FREITAS FILHO, Armando. 2:42. Azougue, n°.03, 1996, 42.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro Cabeça de Homem – 1991.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Ar. Azougue, n°.03, 1996, 42.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro Cabeça de Homem – 1991.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Trinta e um dias. Azougue, n°.03, 1996, 42.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro Cabeça de Homem – 1991.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Último, rápido.

Azougue, n°.03, 1996, 42.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro Cabeça de Homem – 1991.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Na Veia Principal. Azougue, n°.03, 1996, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema datado em 24 de fevereiro de 1989, publicado no livro Cabeça de Homem – 1991.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Perigoso Quando úmido. Azougue, n°.03, 1996, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro Cabeça de Homem – 1991.

\*

FREITAS FILHO, Armando. Zerando. Azougue, n°.03, 1996, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro Cabeça de Homem – 1991.

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Falta amor. As plantas enlouquecem”. Azougue, n°.03, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Números Anônimos” - 1990/93.

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Amor que pega no tranco”. Azougue, n°.03, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Números Anônimos” - 1990/93.

\*

FREITAS FILHO, Armando. “A lua não está à mão”. Azougue, n°.03, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Números Anônimos” - 1990/93.

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Aflição de flor em frente”. Azougue, n°.03, 1996, 44.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Números Anônimos” - 1990/93.

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Rádio, rap, a-erre-quinze”. Azougue, n°.03, 1996, 45.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Números Anônimos” - 1990/93.

\*

FREITAS FILHO, Armando. “Por barbear”. Azougue, n°.03, 1996, 45.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Números Anônimos” - 1990/93.

\*

FREITAS FILHO, Armando. “O corpo é no escuro”. Azougue, n°.03, 1996, 45.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Números Anônimos” - 1990/93.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos de Cláudio Vinicius e Rubens Crispin Jr.

\*

Azougue. LEITE, João Paulo. O Céu. Azougue, n°.03, 1996, 46.

**Vocabulário controlado:** CHARGE

**Notas de resumo:**

HQ intitulado O Céu. Por João Leite

**Iconografias:**

HQ/Charge: história e ilustração de João Leite

\*

Azougue. Poemas Inéditos. Azougue, n°.03, 1996, 47.

**Vocabulário controlado:** ARTES PLÁSTICAS

**Notas de resumo:**

Fotografia como capa da seção de poemas inéditos

**Iconografias:**

Foto: foto de Cibele Lucena, s/d.

\*

COHN, Sérgio. Para viver aqui. Azougue, n°.03, 1996, 48.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito em São Paulo, outubro de 1995.

\*

FERREIRA, Maurício. Para Dormir Aqui. Azougue, n°.03, 1996, 49.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** epígrafe de Sergio Cohn

\*

MONTEIRO, Danilo. ã-hã. Azougue, n°.03, 1996, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Carolina Andrade

\*

AUDI, Sérgio. Investigação Número 1. Azougue, n°.03, 1996, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de Sílvia Amélia

\*

SANTOS, Mauro Jorge. Uivos Pra Sacrifício de um Banzo. Arrebatamentos. Azougue, n°.03, 1996, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** epígrafe de Roberto Piva.

\*

AUDI, Sérgio. Ode ao Poeta Fossilizado. Azougue, n°.03, 1996, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PEÇANHA, Marcio. A saciável luz do dia. Azougue, n°.03, 1996, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PEÇANHA, Marcio. Duas Partes. Azougue, n°.03, 1996, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA (S)

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos de João Leite (página inteira).

\*

FIGLI, Juliano de. “Lá no alto”. Azougue, n°.03, 1996, 55.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

KHAMIS, Davi Georges. Canção da vida. Azougue, n°.03, 1996, 56.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FERRAZ, Alexandre. “Seus olhos marrons mouros”. Azougue, n°.03, 1996, 57.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: foto de Cibous

\*

FERRAZ, Alexandre. “Tarde de sol”. Azougue, n°.03, 1996, 57.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

COHN, Sérgio. Ao Danilo. Azougue, n°.03, 1996, 58.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito na Chácara S. Pedro, Jan. 96

\*

GARCIA, Priscila Queiroz. “há uma nuvem negra sobre nossas costas”. Azougue, n°.03, 1996, 59.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FERREIRA, Maurício. Quando se reviver aqui. Azougue, n°.03, 1996, 60.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado à Sergio Cohn.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho à nanquim, s/créditos.

\*

Azougue. A vida é cheia de cafés. Azougue, n°.03, 1996, 61.

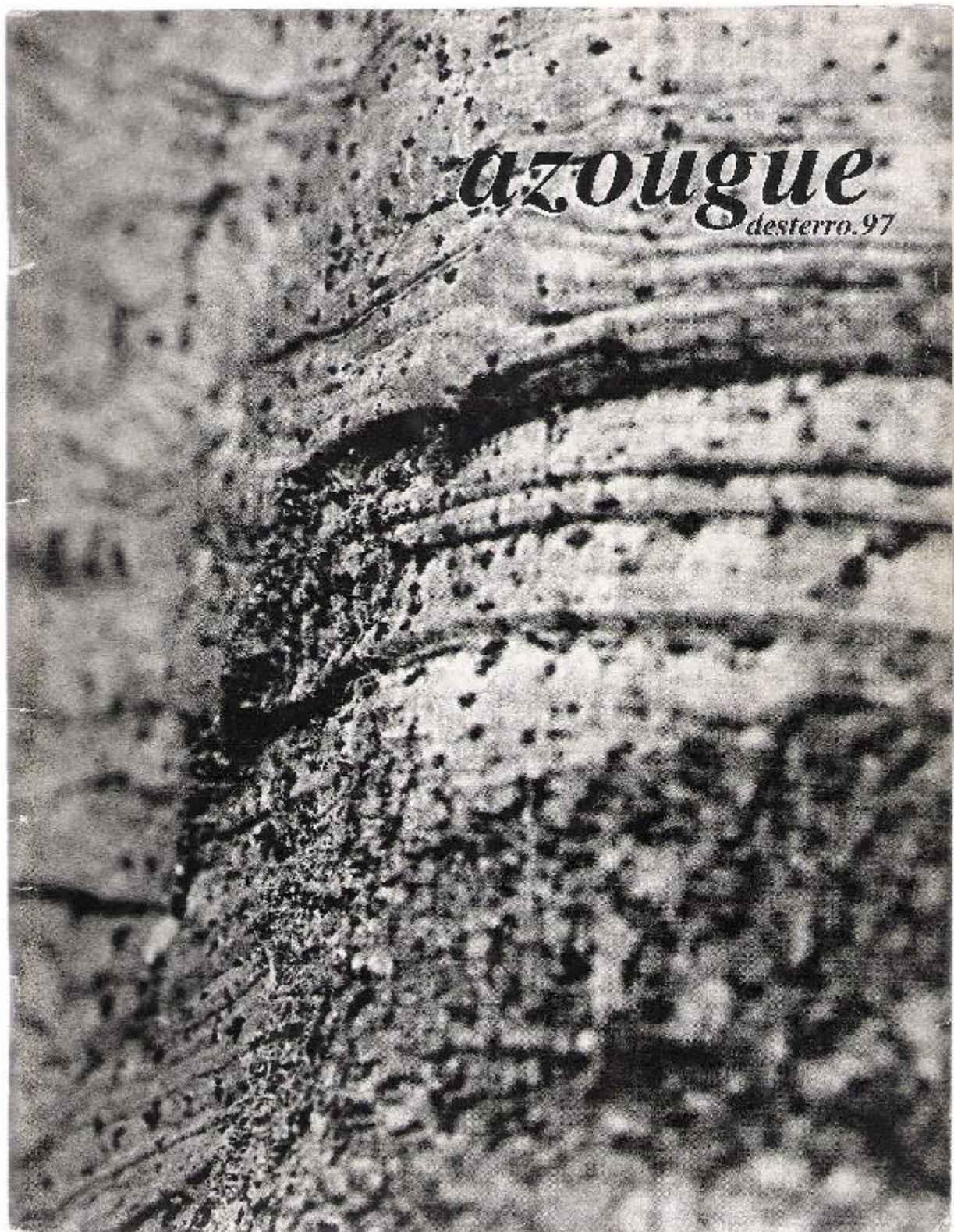
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Capa 3: poema sobre a foto de Claudio Vinicius em Lençóis, BA, onde a construção em primeiro plano traz uma placa onde se pode ler “Beco do Azougue”

**Iconografias:**

Foto: foto de Claudio Vinicius, s/d.



Editorial / capa 2

Revista n: 4

Ibriela Bianca Berlanda / Epdis, 2007



## MAPA

entrevista, poemas, traduções e fragmentos de filosofia  
Rubens Rodrigues Torres Filho

entrevista, engenhocas e poemas  
Maria Rita Kehl

## Várzea

depoimento, poemas e traduções  
Paulo Henriques Britto

Robert Bringham e Han Shan

homenagem Allen Ginsberg

inéditos e dispersos

beco do *azougue*

capa e contracapa foto **Frederico "Kiko" Ferritte**

fotógrafo, faz ciências sociais na USP, e é um dos editores da revista de antropologia *Sexta-feira*.

foto desta página **Juliana Gomes**, Cajarba - ano novo 97

este fanzine deve ser lido ao som de Beck.

**agradecimentos** (*I propose a toast to my self control, you can see it crawling helpless on the floor*): Paulo Moura, Eric Burdon & Beastie Boys; Francis Ponge, Rene Char & Robert Desnos; Krajcberg, Henry D. Thoreau & Hundert Wasser; Wordsworth, Coleridge & John Keats; Raymond Radiguet, Henrich Von Kleist & André Bieli; Bertrand Russel, Wittgenstein & John Keynes; Glauco, Angeli & Laerte; Sabiás, Curiós & Bicudos; Garrot, La Peninsula & Vico d'O Scugnizzo; FZLN, ETA & IRA; Andy Bell, John Squire & Reid Bros.; Jim Jarmusch, Neil Young & Wynona Ryder; Bicudomóvel, Bartolomeu & Capeta; Creedence, Violent Femmes & The Clash; Basquiat, Armando R. Colacioppo & Louis Aragon; Bardolino, Bolla & Periquita; Paulinho da Viola, Pixiguinha & Monsueto; Lunar Caustic, Malagueta, Perus e Bacanaço & Um Copo de Cólera; Stan Getz, Chet Baker & Dizzy Gillespie; José Roberto Torero, Chico César & o Diabo que os Carregue; Sinuca de Bico, Coffe & Go & Engov We Trust.

**AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:** RUBENS RODRIGUES TORRES FILHO; MARIA RITA KEHL; PAULO HENRIQUES BRITTO; LOURENÇO DE FIORE; ROBERTO PIVA; NOEMI JAFFÉ, PEDRO "PRESSUPOSTO" CARVALHO SANTOS E LUDMILA PICOSKUE; GABRIEL COHN; AMÉLIA COHN; MARCIO ZENI; MARIA ROSA GOLÇALVES ZENI; TODO PESSOAL DO ELENKO; GUIGA; CRIS; ZIP DRIVE E MAC LC 575.

*azougue* - R. JOÃO ALVARES SOARES, 424 - CAMPO BELO - CEP04609-000 - SÃO PAULO-SP

FAX 011-5561-00-47

Azougue. Desterro. 97. Azougue n°.04, 1997, 00.

**Vocabulário controlado:** CAPA

\*

Azougue. COHN, Sérgio; FERRAZ, Alexandre; FIORE, Juliano de; PIMENTA, Pedro Paulo; ZENI, Bruno. Mapa. Azougue, n°.04, 1997, 00.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:** O “Mapa”, uma espécie de sumário, traz o conteúdo apresentado nesta edição. Relação de colaboradores, agradecimentos e agradecimentos especiais.

\*

Azougue. Neste Número. Azougue, n°.04, 1997, 01.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Notas de resumo:**

Página que funciona como um sumário mais detalhado contendo os poetas homenageados, a descrição autoral de cada apresentação e fotografias.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de Joca (filho do Rubens Rodrigues Torres Filho - 1981)

Foto: Maria Rita com a filha Ana, foto de Frederico Ferrite, s/d.

Foto: foto de Paulo Henrique Brito por Bruno Zeni

\*

PIMENTA, Pedro Paulo; TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Um Toque de ironia. Azougue, n°.04, 1997, 02-05.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: TORRES FILHO, Rubens Rodrigues

**Palavras-chave:** Filosofia; Poesia

**Notas de resumo:**

Pedro Paulo Pimenta fala da trajetória de Rubens Rodrigues como filósofo e tradutor de Kant, Nietzsche, Fichte e Schelling e depois de seu reaparecimento como poeta em 1981 com a publicação de "O Vôo circunflexo" e a "Investigação do olhar". Paralelamente o poeta nunca deixou de ser filósofo e o filósofo nunca deixou de ser poeta. Os textos apresentados visam dar conta das principais facetas de Rubens, poesia, tradução e filosofia.

**Autores Citados:** CUMMINGS, E. E.; FICHTE, Immanuel Herman von; KANT, Immanuel; MALLARMÉ, Stéphane; NIETZSCHE, Friedrich; OHNO, Massao; PIVA, Roberto; SCHELLING, Friedrich; SCHLEGEL, Friedrich; SWIFT, Adam; WILLER, Cláudio;

**Iconografias:**

Foto: foto do poeta por Cecília Rangel

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico por Rafael Barbosa

\*

COHN, Sérgio; PIMENTA, Pedro Paulo; TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Conversa & Schwepes Citrus com Rubens Rodrigues. Azougue, n°.04,

1997, 06-09.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

Nome pessoal como assunto: TORRES FILHO, Rubens Rodrigues

**Notas de resumo:**

Na entrevista concedida a Pedro Paulo Pimenta e Sergio Cohn, eles conversam sobre o primeiro livro de Rubens Rodrigues, sobre sua ligação com a geração dos Novíssimos, sobre seu início como estudante de filosofia e as leituras que influenciaram tanto o filósofo quanto o poeta Rubens. Conversam também sobre seu trabalho de tradutor e o rigor e empirismo utilitário com que trabalha. Como poeta Rubens escreve porque é "gostoso", algo à parte do profissional filósofo.

**Autores Citados:** BAUDELAIRE, Charles; BRINGHURST, Robert; BYRON, Lord; COSTA, João Cruz; FAUSTO, Ruy; DESCARTES, René; FICHTE, Johan Gottlieb; GIANNOTTI, José Arthur; FRANCHESCHI, Antonio Fernando de; HEGEL, Immanuel; HARO, Rodrigo de; MALLARMÉ, Stéphane; MAUTNER, Jorge; MERLEAU-PONTY, Maurice; NOVALIS, (Pseud. de Friedrich von Hardenberg); OHNO, Massao; PAULINI, Celso Luiz; PAZ, Octavio; PIVA, Roberto; POUND, Ezra; RIMBAUD, Arthur; SCHELLING, Friedrich; SCHLEGEL, Friedrich; SHAKESPEARE, William; SPINOZA, Baruch; TEIXEIRA, Lívio; WILLER, Cláudio;

**Iconografias:**

Foto: fotografias de Rubens Rodrigues por Cecília Rangel.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. cantigas do gato, da corda e da candeia. Azougue, n°.04, 1997, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em seis partes, publicado no livro “Investigação do olhar” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Criação. Azougue, n°.04, 1997, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Investigação do olhar” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Ligação. Azougue, n°.04, 1997, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Investigação do olhar” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Paisagem. Azougue, n°.04, 1997, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Investigação do olhar” - 1961.

**Iconografias:**

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico de Rafael Barbosa

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. circunflexo. Azougue, n°.04, 1997, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O vôo circunflexo” - 1961.

**Iconografias:**

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico de Rafael Barbosa

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Crivo. Azougue, n°.04, 1997, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Vôo circunflexo” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. licença poética. Azougue, n°.04, 1997, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Vôo circunflexo” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. 3 expoemas. Azougue, n°.04, 1997, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Vôo circunflexo” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. o rio dizia. Azougue, n°.04, 1997, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Vôo circunflexo” - 1961.

**Iconografias:**

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico de Rafael Barbosa

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. do vinho para a água. Azougue, n°.04, 1997, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Vôo circunflexo” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. hermetismos. Azougue, n°.04, 1997, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Vôo circunflexo” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. acidente. Azougue, n°.04, 1997, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Vôo circunflexo” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. verberações. Azougue, n°.04, 1997, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O Vôo circunflexo” - 1961.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. prosopopéia. Azougue, n°.04, 1997, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A letra descalça” - 1985.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. só (e) brio. Azougue, n°.04, 1997, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A letra descalça” - 1985.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. (duplo) resíduo. Azougue, n°.04, 1997, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A letra descalça” - 1985.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. serestas estas. Azougue, n°.04, 1997, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A letra descalça” - 1985.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. apócrifo. Azougue, n°.04, 1997, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A letra descalça” - 1985.

**Iconografias:**

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico, Rafael Barbosa.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. ensaio. Azougue, n°.04, 1997, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poros” - 1989.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. meditação. Azougue, n°.04, 1997, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poros” - 1989.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. ficção. Azougue, n°.04, 1997, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poros” - 1989.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. ciúme. Azougue, n°.04, 1997, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poros” - 1989.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. selos. Azougue, n°.04, 1997, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poros” - 1989.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. a ela adormecida. Azougue, n°.04, 1997, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poros” - 1989.

**Iconografias:**

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico de Rafael Barbosa

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. em resposta à pergunta: se dói. Azougue, n°.04, 1997, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poros” - 1989.

**Iconografias:**

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico de Rafael Barbosa

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. lunático. Azougue, n°.04, 1997, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retrovar” - 1993.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. intimidade. Azougue, n°.04, 1997, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retrovar” - 1993.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. ar aberto. Azougue, n°.04, 1997, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retrovar” - 1993.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. retícula. Azougue, n°.04, 1997, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retrovar” - 1993.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. paradise revisited. Azougue, n°.04, 1997, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retrovar” - 1993.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. poesia pura. Azougue, n°.04, 1997, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retrovar” - 1993.

**Iconografias:**

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico de Rafael Barbosa

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. gotas. Azougue, n°.04, 1997, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retrovar” - 1993.

**Iconografias:**

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico de Rafael Barbosa

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. um toque. Azougue, n°.04, 1997, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retrovar” - 1993.

**Iconografias:**

Ilustração: pintura em nanquim e acrílico de Rafael Barbosa

\*

RIMBAUD, Arthur. les cherchuses de poux/ as catadoras de piolhos. Trad. TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Azougue, n°.04, 1997, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Na versão que Rubens Rodrigues faz do poema de Arthur Rimbaud, ele inclui a seguinte epígrafe:

"A poética fora de moda desempenhava um bom papel em minha alquimia de verbo" Arthur Rimbaud.

\*

MORGENSTERN, Christian. Korf's Erfindung / o invento de Korf. Trad. TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Azougue, n°.04, 1997, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

HÖLDERLIN, Friedrich. Der Archipelagus / O arquipélago. Trad. TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Azougue, n°.04, 1997, 23.

**Vocabulário controlado:**

**Notas de resumo:**

Duas primeiras estrofes do poema "O Arquipélago" de Hölderlin traduzido por Rubens Rodrigues dedicado à memória de Regina Chnaiderman.

\*

SCHILLER, Friedrich. Das Ideal und das Leben / O ideal e a vida. Trad. TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Azougue, n°.04, 1997, 23.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. A virtus dorminativa de Kant. Azougue, n°.04, 1997, 24.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Filosofia

**Palavras-chave:** Filosofia

**Notas de resumo:**

Fragmento do texto publicado em "Ensaio de filosofia ilustrada" (1987), onde o autor questiona o discernimento entre viver e aprender, entre real e imaginário, na tentativa de chegar a o que seria uma "experiência original", à percepção de algo aprendido ou visto pela primeira vez, diferente daquele que aprendeu anteriormente.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. O dia da caça. Azougue, n°.04, 1997, 24.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Filosofia

**Notas de resumo:**

Fragmento do texto "O dia da caça" publicado em Ensaio de filosofia ilustrada (1987), onde o autor coloca a pertinente questão "por que filósofo". Propõe perguntar como o sujeito da filosofia, se torna sujeito de questão e qual o espaço onde o próprio filósofo se coloca nos tempos atuais.

\*

COHN, Sérgio; COUTO, Marina; KEHL, Maria Rita. "O desejo é a mais cruel das estações". Azougue, n°.04, 1997, 26-31.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

Nome pessoal como assunto: KEHL, Maria Rita

**Notas de resumo:**

Sergio Cohn e Marina Couto entrevistam Maria Rita Kehl num clima informal, e falam principalmente de sua maneira de escrever poesia. Falam sobre seu primeiro livro e sua venda inesperada; dos poemas "engenhocas" que são poemas ilustrados numa fusão corpo e máquina. Conversaram sobre o livro "Imprevisão do tempo", "Amor" e "Processos Primários". Maria Rita conta de sua relação vida-poesia sempre muito próximas e relacionadas a momentos de separação ou grande mudança pessoal. Não se considera, contudo, viver para a linguagem como alguns poetas que cita, mas escreve em momentos espaçados, "muita coisa em muito pouco tempo".

**Autores Citados:** ANDRADE, Oswald de; BUARQUE, Chico; CESAR, Ana Cristina; CUMMINGS, E. E.; ELIOT, T. S.; FREITAS FILHO, Armando; KLAFKE, Aristides; MORAES,

Reinaldo de; PIVA, Roberto; POUND, Ezra; TAVARES, Ulisses; UNGARETTI, Giuseppe; VILLARES, Lúcia; WILLER, Cláudio; XAVIER, Arnaldo;

**Iconografias:**

Ilustração: desenhos de Martín Kovensky

\*

KEHL, Maria Rita. pinheiros. Azougue, n°.04, 1997, 32.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Imprevisão do tempo" - 1980.

**Iconografias:**

Foto: fotografia/ aquarela de Frederico Ferrita

\*

KEHL, Maria Rita. à maiada. Azougue, n°.04, 1997, 32.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Imprevisão do tempo" - 1980.

\*

KEHL, Maria Rita. Que pena. Azougue, n°.04, 1997, 32.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Imprevisão do tempo" - 1980.

\*

KEHL, Maria Rita. Sim. Azougue, n°.04, 1997, 33.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Imprevisão do tempo" - 1980.

\*

KEHL, Maria Rita. don't take it ease. Azougue, n°.04, 1997, 33.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Imprevisão do tempo" - 1980.

**Iconografias:**

Foto: fotografia / aquarela de Frederico Ferrite

\*

KEHL, Maria Rita. assombrações. Azougue, n°.04, 1997, 34.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "O amor é uma droga pesada" - 1983.

\*

KEHL, Maria Rita. Verão. Azougue, n°.04, 1997, 34.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "O amor é uma droga pesada" - 1983.

\*

KEHL, Maria Rita. Meio-dia. Azougue, n°.04,

1997, 34.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O amor é uma droga pesada” - 1983.

\*

KEHL, Maria Rita. Outono. Azougue, n°.04, 1997, 35.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O amor é uma droga pesada” - 1983.

\*

KEHL, Maria Rita. Jardins da provocação. Azougue, n°.04, 1997, 35.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado a Claudio Willer, publicado no livro “O amor é uma droga pesada” - 1983.

\*

KEHL, Maria Rita. o amor é uma droga pesada. Azougue, n°.04, 1997, 36.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O amor é uma droga pesada” - 1983.

\*

KEHL, Maria Rita. overnight. Azougue, n°.04, 1997, 36.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O amor é uma droga pesada” - 1983.

\*

KEHL, Maria Rita. Calar. Azougue, n°.04, 1997, 37.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O amor é uma droga pesada” - 1983.

\*

KEHL, Maria Rita. Maria. Azougue, n°.04, 1997, 37.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O amor é uma droga pesada” - 1983.

\*

KEHL, Maria Rita. para ungaretti. Azougue, n°.04, 1997, 38.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “processos primários” - 1995.

**Iconografias:**

Foto: fotografia tratada de Frederico Ferrite

\*

KEHL, Maria Rita. reinaldo. Azougue, n°.04, 1997, 38.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “processos primários” - 1995.  
\*

KEHL, Maria Rita. literária. Azougue, n°.04, 1997, 38.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “processos primários” - 1995.  
\*

KEHL, Maria Rita. verão. Azougue, n°.04, 1997, 39.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “processos primários” - 1995.  
\*

KEHL, Maria Rita. Copacabana. Azougue, n°.04, 1997, 39.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “processos primários” - 1995.  
\*

KEHL, Maria Rita. solo. Azougue, n°.04, 1997, 39.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “processos primários” - 1995.

**Iconografias:**

Foto: fotografia tratada de Frederico Ferrite

\*

Azougue. Bibliografia básica. Azougue, n°.04, 1997, 41.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Autores Citados:** BRITTO, Paulo Henriques; KEHL, Maria Rita; TORRES FILHO, Rubens Rodrigues;

\*

Azougue/Várzea. Azougue, n°.04, 1997, 01.

**Vocabulário controlado:** CAPA

**Notas de resumo:**

Várzea é uma revista dentro da revista. Apresenta encarte em papel diferenciado e numeração própria. É um espaço para textos, ilustrações e fotografias dos colaboradores da Azougue.

**Iconografias:**

Foto: foto da capa de Bruno Zeni e logotipo do encarte de Juliana Lima

\*

Azougue/Várzea. LEITE, João Paulo; MONTEIRO, Danilo; ZENI, Bruno. Índice. Azougue, n°.04, 1997, 02.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

\*

Azougue/Várzea. Bichinho comeu, comeu. Azougue, n°.04, 1997, 03.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de abertura

**Iconografias:**

Ilustração: “O ciclo biológico do cupim”, desenho sem autoria.

\*

ZENI, Bruno. A linguagem do caruncho. Caligrafia

torce retorce. Azougue, n°.04, 1997, 04-05.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto em prosa poética que introduz a idéia de beleza da deterioração.

**Iconografias:**

Foto: fotografia s/ créditos.

\*

MONTEIRO, Danilo. Portrait Georgette. Aquela do top de veludo verde. Azougue, n°.04, 1997, 06.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Este texto precede o "Na Pompéia com Epicuro e Jorge Mautner" que funciona como uma introdução ao "Portrait Georgette". A suposta introdução traz a dica de Jorge Mautner, pichada na parede da cidade, de fotografar garçonetes. Em Portrait, o narrador descreve a trajetória da garçonete drag-queen que partiu da cerra para a cidade, deixando de ser vaqueiro para divertir e se divertir na megalópole que ele dá o nome de Pompéia.

**Iconografias:**

Ilustração: desenhos de Mariana Lima

\*

MELLAGI, André. Transmigração. Azougue, n°.04, 1997, 07.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: desenhos de João Leite

\*

MONTEIRO, Danilo. Vós pedra. nada nadinha. Azougue, n°.04, 1997, 08-09.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: carvão Débora Bolsoni

\*

MONTEIRO, Danilo. De dentro é o panorama. Ó fusca-coice. Azougue, n°.04, 1997, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: fotografias de Claudio Vinicius

\*

MONTEIRO, Danilo. Portrait Alzira. "Sabe coleirinho". Azougue, n°.04, 1997, 11.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Portrait Alzira é precedido de uma nota como se fosse do diário do fotógrafo que continua em busca de garçonetes. Alzira é uma garçonete que perdeu o filho morto com um tiro no olho esquerdo. Agora, qualquer jovem que entre no bar é para ela, seu filho, e alguém com quem ela conversa e conta toda sua vida.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de Mariana Lima

\*

ZENI, Bruno. Odisséia canto segundo. Bonde Ítaca - Santa Teresa. Azougue, n°.04, 1997, 12-13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: fotografias de Mauricio Guerreiro e Bruno Zeni

\*

MONTEIRO, Danilo. Portrait Opala. Glamour e paquidermes. Azougue, n°.04, 1997, 14.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto sobre a jovem sonhadora e glamorosa Paula que trabalha num bar freqüentado por gângster e poetas malditos.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de Mariana Lima

\*

BARREIRA, Marina. Deus Game. Levíssimas ilustrações, dadas as circunstâncias. Azougue, n°.04, 1997, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CHAIÁ, Daniel. Entrou no elevador e tinha trinta anos. Teorema do gamão divino (aplicado). Azougue, n°.04, 1997, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em prosa

\*

ANSELMO, Alexandre. Groteesco!!!. Azougue, n°.04, 1997, 16.

**Vocabulário controlado:** ARTES PLÁSTICAS

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Bruno Zeni

\*

BRITTO, Paulo Henriques. Tudo que dói é possível. Depoimento de Paulo Henriques Britto. Azougue, n°.04, 1997, 41-47.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO - Literatura

**Notas de resumo:**

Henriques Britto, lingüista de formação, conta um pouco de sua trajetória como poeta e de como tudo parecia distanciá-lo sempre mais da poesia e principalmente do espírito revolucionário dos anos 1960 e 1970. Diverge do elogio da loucura a favor da razão e do lirismo. Foi buscar nos debates dos reacionários alguma inspiração, mas para ele toda aquela falácia vibrante se transformava numa disputa em torno do nada. Em 1982, reúne poemas em seu primeiro livrinho fino que, segundo ele, foi mal distribuído e mal lido. Em 1989 lança "Mínima Lírica" com poemas do primeiro livro mais textos novos. Britto fala ainda da ausência de projeto estético ou ideológico em sua poesia e crítica. Evita a grandiloquência em seu trabalho, optando pelo vocabulário simples, por uma poesia mais limpa.

**Autores Citados:** ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel; MASSI, Augusto; MELO NETO, João Cabral de; MOURA JR., João; STEVENS, Wallace; VIANA, Antônio Carlos;

**Iconografias:**

Foto: fotografias do poeta por Bruno Zeni

Ilustração: gravuras em metal de Marcelo Salum

\*

BRITTO, Paulo Henriques. barcarola. Azougue, n°.04, 1997, 48.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "liturgia da matéria" – 1981.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. duas bagatelas. Azougue, n°.04, 1997, 48.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em duas partes publicado em "liturgia da matéria" – 1981.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. balancete. Azougue, n°.04, 1997, 49.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "liturgia da matéria" – 1981.

**Iconografias:**

Ilustração: gravuras em metal de Marcelo Salum

\*

BRITTO, Paulo Henriques. logística da composição. Azougue, n°.04, 1997, 49.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "liturgia da matéria" - 1981.

**Iconografias:**

Ilustração: gravura em metal de Marcelo Salum

\*

BRITTO, Paulo Henriques. Natureza morta. Azougue, n°.04, 1997, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "liturgia da matéria"- 1981.

**Iconografias:**

Ilustração: gravura em metal de Marcelo Salum

\*

BRITTO, Paulo Henriques. Concerto campestre. Azougue, n°.04, 1997, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "liturgia da matéria"- 1981.

**Iconografias:**

Ilustração: gravura em metal de Marcelo Salum

\*

BRITTO, Paulo Henriques. elogio do mal. Azougue, n°.04, 1997, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em três partes publicado em "liturgia da matéria" – 1981.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. teogonia. Azougue, n°.04, 1997, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "liturgia da matéria" - 1981.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. profissão de fé. Azougue, n°.04, 1997, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "liturgia da matéria" – 1981.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. para não ser lido. Azougue, n°.04, 1997, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Mínima lírica" – 1989.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. mantra. Azougue, n°.04, 1997, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Mínima lírica" – 1989.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. um soneto sentimental. Azougue, n°.04, 1997, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em inglês publicado no livro "Mínima lírica" – 1989.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. mínima poética. Azougue, n°.04, 1997, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Trecho do poema Mínima Poética, publicado no livro "Mínima lírica" – 1989.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. aura. Azougue, n°.04, 1997, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Mínima lírica" – 1989.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. dois amores rápidos. Azougue, n°.04, 1997, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em duas partes publicado no livro "Mínima lírica" – 1989.

**Iconografias:**

Ilustração: gravura em metal de Marcelo Salum

\*

BRITTO, Paulo Henriques. indagações. Azougue, n°.04, 1997, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em duas partes, uma dedicada a João Cabral e a outra a Augusto de Campos, publicado no livro "Mínima lírica" – 1989.

**Iconografias:**

Ilustração: gravura em metal de Marcelo Salum

\*

BRITTO, Paulo Henriques. noites brancas. Azougue, n°.04, 1997, 55.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em seis partes publicado no livro "mínima lírica" – 1989.

\*

BRITTO, Paulo Henriques. lindóia. Azougue, n°.04, 1997, 56.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema inédito.

**Iconografias:**

Ilustração: gravura em metal de Marcelo Salum

\*

BRITTO, Paulo Henriques. vilegiatura. Azougue, n°.04, 1997, 57.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema inédito.

**Iconografias:**

Ilustração: gravura em metal de Marcelo Salum

\*

STEVENS, Wallace. domination of black / predomínio do negro. Trad. BRITTO, Paulo Henriques. Azougue, n°.04, 1997, 58.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

STEVENS, Wallace. the courses of a particular / o percurso de um pormenor. Trad. BRITTO, Paulo Henriques. Azougue, n°. 04, 1997, 59.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BISHOP, Elizabeth. one art / uma arte. Trad. BRITTO, Paulo Henriques. Azougue, n°.04, 1997, 59.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BRINGHURST, Robert. Han Shan. Trad. COHN, Sergio; ZENI, Bruno; PIMENTA, Pedro Paulo. Azougue, n°.04, 1997, 60-61.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicada no livro "The Book of Silences" dedicado a poetas da tradição zen-budista e pensadores orientais.

**Iconografias:**

Foto: fotografia do poeta s/créditos.

\*

SNYDER, Gary. I settled at Cold Mountain / Eu me fixei na Montanha Gelada. Trad. COHN, Sergio; ZENI, Bruno; PIMENTA, Pedro Paulo. Azougue, n°.04, 1997, 61.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

O poema é uma versão em inglês traduzida do chinês por Gary Snyder do original do poeta Han

Shan.

\*

SNYDER, Gary. Once at Cold Mountain, troubles cease - / Uma vez na Montanha Gelada, os problemas cessam -. Trad. COHN, Sergio; ZENI, Bruno. Azougue; PIMENTA, Pedro Paulo n°.04, 1997, 61.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Traduzido da versão em inglês traduzida do chinês por Gary Snyder do original do poeta Han Shan.

\*

SNYDER, Gary. Clambering up the Cold Mountain path, / Escalando o caminho para a Montanha Gelada. Trad. COHN, Sergio; PIMENTA, Pedro Paulo, ZENI, Bruno. Azougue, n°.04, 1997, 61.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Versão de Sergio Cohn e Bruno Zeni da tradução para o inglês das poesias de Han-Shan por Gary Snyder.

\*

SNYDER, Gary. Spring-water in the green creek in clear / água primaveril clara no verde riacho. Trad. COHN, Sergio; PIMENTA, Pedro Paulo ZENI, Bruno. Azougue, n°.04, 1997, 61.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Versão de Sergio Cohn e Bruno Zeni da tradução para o inglês das poesias de Han-Shan por Gary Snyder.

\*

SNYDER, Gary. I have lived at Cold Mountain / eu vivi na Montanha Gelada. Trad. COHN, Sergio; PIMENTA, Pedro Paulo, ZENI, Bruno. Azougue, n°.04, 1997, 61.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Versão de Sergio Cohn e Bruno Zeni da tradução para o inglês das poesias de Han-Shan por Gary Snyder.

\*

GINSBERG, Allen. A prophecy / Uma profecia. Trad. BRITTO, Paulo Henriques. Azougue, n°.04, 1997, 62.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia do poeta s/créditos.

\*

FERREIRA, Maurício. desalento terra roxa. Azougue, n°.04, 1997, 64-65.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: fotografia de Inês Coutinho

\*

FIGLIORE, Juliano de. Espaços. Azougue, n°.04, 1997, 67.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Frederico Ferritte

\*

FIORE, Juliano de. V. Azougue, n°.04, 1997, 67.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: fotografia de Frederico Ferritte

\*

FIORE, Juliano de. Agonia II. Azougue, n°.04, 1997, 67.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FIORE, Juliano de. Agonia I. Azougue, n°.04, 1997, 67.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PESSOA, Ciro. Formigas não matam bodhisatvas. Azougue, n°.04, 1997, 68.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Acrílico de Rafael Barbosa

\*

PESSOA, Ciro. ponte: biscoito champagne - vida monástica. Azougue, n°.04, 1997, 69.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Acrílico de Rafael Barbosa

\*

ASSUNÇÃO, Ademir. Satori. Azougue, n°.04, 1997, 70.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de José Vicente da Veiga

\*

ASSUNÇÃO, Ademir. Londrix 79. Azougue, n°.04, 1997, 71.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de José Vicente da Veiga

\*

ASSUNÇÃO, Ademir. escrito na pele. Azougue, n°.04, 1997, 71.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MUNDI, Carlos. Lilases. Azougue, n°.04, 1997, 74.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: fotografia de José Vicente da Veiga

\*

MONTEIRO, Danilo. “Lilás dos teus olhos” (....) Azougue, n°.04, 1997, 73.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de José Vicente da Veiga

\*

FERRAZ, Alexandre. Noturnas. Azougue, n°.04, 1997, 74-75.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Gravura em metal de Alexandre Anselmo

\*

COHN, Sérgio. Até sangrar. Pra Ma. Azougue, n°.04, 1997, 77.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Bruno Zeni

\*

COUTO, Flavia. Investigação noir. Azougue, n°.04, 1997, 78.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Pequeno conto de Flávia Couto sobre a leitura de um livro que mais parece um velho baú. Evoca a insônia, o sono, o dia, a noite, e os paradoxos do que está na claridade ou na escuridão.

**Iconografias:**

Ilustração: Gravura em metal de Alexandre Anselmo

\*

CORREIA, Eduardo. O homem sem sorte. Azougue, n°.04, 1997, 79.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Bruno Zeni

\*

ZENI, Bruno. Síncope. Azougue, n°.04, 1997, 80.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

Azougue. Beco do Azougue. Azougue, n°.04, 1997, 81.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Capa 3: poesia sobre foto precedida de frase de Paulo Leminski de seu livro “Uma carta um brasa através: cartas a Regis Bonvicino”.

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de uma ruela em Lençóis na Bahia, onde na parede da construção em primeiro plano, há uma placa dizendo “Beco do Azougue”. Por Claudio Vinícius

# azougue





Revista Nº 5 - 1997

Ibriela Bianca Budaranda Fpolis, 2007

## MAPA

entrevista, poemas & desenhos

**RODRIGO DE HARO**

Herberto Helder

Antonio Prata

Ademir Assunção

Oscar Wilde

encarte *Varzea*

entrevista & fragmentos de prosa

**CAMPOS DE CARVALHO**

O misterioso ladrão de Tenerife

Inéditos & Dispersos

Beco do *azougue*

desenho da capa **João Leite**

artista plástico e santista

foto desta página **Lewis Carrol**

este fanzine deve ser lido ao som de **Planet Hemp**,

*Os cães ladram e a caravana não pára*

### EDITOR

Sergio Cohn

### AZOUGUEIROS

Alexandre Ferraz

Elisa Cardoso

Juliano De Fiore

Sergio Cohn

### COLABORADORES

Ademir Assunção

Alexandre A.

Alexandre Martins

Alberto Pucheu

Antonio Prata

Bruno Zeni

Carolina Quintanilha

Cibele Lucena

Claudete Castro

Cláudio Spínola

Danilo Monteiro

Fabio Weintraub

Felipe Süssekind

Heitor Ferraz

João Leite

José Vicente da Veiga

Julice De Paula

Luciana Sampaio

Maurício A. Mendonça

Maurício Ferreira

Pedro Amaral

Priscila Okino

Rogério Trezza

Rubens Crispim Jr.

**agradecimentos (homenagem a trois):** Franco Fontana, Ernst Haas & Robert Capa; Albert Camus, Franz Kafka & Heinrich Von Kleist; Jean-Pierre Vernant, Claude Levi-Strauss & Victor Turner; Kant, Hamster & Chinchila; Dashiehl Hammet, Raymond Chandler & Ed Mort; The Chieftains, Pogues & Fairport Convention; Absinto, Pernod & Arak; Bertrand Russel; Albert Einstein & Professor Pardal; Pam, Pow & Puft; Madame Satã, Hollyfield & Geraldo Pereira; Pleiades, Escorpião & Três Marias; taco, pão & rolimã; elástico, amarelinha & cinco Marias; mar, sombra & água fresca; clepsidra, relógio de sol & ampulheta; Apocalypse Now; Easy Rider & O Iluminado; chocolate, morango & creme; Octavio Paz, Jorge Luis Borges & Julio Cortázar; Uncle Ben's, Bentil & Títãs; Jardel, Zé Pernetá & Zabelê; Erasmo Carlos, Roberto Carlos & Antônio Carlos;

**AGRADECIMENTOS ESPECIAS:** RODRIGO DE HARO; CAMPOS DE CARVALHO; VALDIR CAUVILLA; GABRIEL, AMÉLIA, CLARICE & ÁLVARO; LÍRIO FERREIRA & PAULO CALDAS; MARCELO D2; PAULO SACRAMENTO; JORGE VIVEROS DE CASTRO; CARLITO AZEVEDO; AFONSO HENRIQUES NETO; CLAUDIO WILLER; RUBENS RODRIGUES TORRES FILHO; ROBERTO PIVA; SERGIO MARTINS; SIMONE (NA MORAL PRODUÇÕES); TODO O PESSOAL DAS REVISTAS SEXTA FEIRA, BALALAIKA E EMPLASTRO POROSO; E DOS JORNAIS REDEMUNHO E NOVO CINEMA.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
GRÁFICA MELHORAMENTOS

*azougue* - R. JOÃO ALVARES SOARES, 424 - CAMPO BELO - CEP 04609-000 - SÃO PAULO - SP • FAX (011) 55-61-00-47

Azougue. Azougue no. 05. Azougue, n°.05, 1997, 00.

**Vocabulário controlado:** CAPA

\*

Azougue. COHN, Sergio; FERRAZ, Alexandre; CARDOSO, Elisa; FIORE, de Juliano. Mapa. Azougue, n°.05, 1997, 00.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

O “Mapa”, como um espécie de índice, apresenta o conteúdo da revista. Relação dos colaboradores, agradecimentos e agradecimentos especiais. Sugestão de música para acompanhar a leitura do fanzine.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho da capa João Leite

Foto: contracapa: foto Lewis Carrol

\*

Azougue. Neste número. Azougue, n°.05, 1997, 01.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Apresenta os poetas homenageados nesta edição.

**Iconografias:**

Foto: Rodrigo de Haro, por Walmor de Oliveira

Foto: Campos de Carvalho, por Luciana de Francesco

\*

COHN, Sérgio. Missivas de Rodrigo. Excertos de uma correspondência com Alexandre Ferraz & Sergio Cohn. Azougue, n°.05, 1997, 04-09.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Notas de resumo:**

Rodrigo de Haro conta de sua origem estrangeira e de quando veio ao Brasil. Ele fala de sua educação colegial tardia e de como Pde. Armando o influenciou numa educação vernacular. Seus textos de crítica de cinema e poesia foram primeiramente publicados em suplementos dominicais dos jornais da capital "O Estado" e "a Gazeta" onde também dirigia um suplemento literário. Haro manteve um programa de Rádio Teatro que adaptava contos fantásticos. Publicou também na revista Sul e na Litoral de Paschoal Apóstolo Ptsica. Seu primeiro livro foi "Trinta poemas", publicado em 1961. Em 1980 publica "A Taça Estendida". O escritor conta do movimento intenso e entusiasta de seu grupo de poetas, e leitores, entre eles Celso Luiz Paulini, Roberto Piva, Carlos Felipe Moisés entre outros, que juntos organizavam exposições de poesia, recitais, lançamentos e confraternizações.

**Autores Citados:** ALIGHIERI, Dante; ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel; BELL, Lindolf; BLAKE, William; CANALETTO; CAVALCANTI, Di; CRUZ, San Juan de la; FRANCHESCHI, Antonio Fernando de; FREYRE, Gilberto; GARCIA, Pedro; GIDE, André; GINSBERG, Allen; HARO, Martinho de; HENRIQUES NETO, Afonso; LAWRENCE, D. H.; LHOTE, André; LIMA, Jorge de; LOBATO,

Monteiro; LOVECRAFT, Howard Philips; MACHADO, Ivens; MAGALHÃES, Fábio; MAGNO, Carlos; MATOS, Gregório de; MERIMÉE, De; MIGUEL, Salim; MIRANDA, Sá de; MOISÉS, Carlos Felipe; OHNO, Massao; OLIVEIRA, Manuel de; PAULINI, Celso Luiz; PEDROSA, Mário; PORT, Pedro; PIVA, Roberto; REBELO, Marques; RENOIR, Jean; SCARLATTI, Domenico; SHAKESPEARE, William; SILESIUS, Angelus; SILVA, Agostinho da; SILVA, Dora Ferreira da; SILVA, Vicente Ferreira da; SOARES, Iaponan; SOUZA, Eudoro de; WILDE, Oscar; WILLER, Cláudio;

\*

HARO, Rodrigo de. Ouço à minha volta o crocitar de anjos. Azougue, n°.05, 1997, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Taça Estendida” – 1972.

\*

HARO, Rodrigo de. Portas. Azougue, n°.05, 1997, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado a Pedro Garcia publicado no livro "A Taça Estendida" – 1972.

\*

HARO, Rodrigo de. Curvo-me diante do nicho. Azougue, n°.05, 1997, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “A Taça estendida” de 1972.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de Rodrigo de Haro

\*

HARO, Rodrigo de. Corpus Christi. Azougue, n°.05, 1997, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A taça estendida” – 1972.

\*

HARO, Rodrigo de. La liseuse. Azougue, n°.05, 1997, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A taça estendida” de 1972.

\*

HARO, Rodrigo de. Despedida. Azougue, n°.05, 1997, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A taça estendida” – 1972.

\*

HARO, Rodrigo de. Todos os viajantes se movem com esforço. Azougue, n°.05, 1997, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A taça estendida” de 1972.

\*

HARO, Rodrigo de. Estás minh'alma sem abrigo. Azougue, n°.05, 1997, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A taça estendida” de 1972.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Rodrigo de Haro

\*

HARO, Rodrigo de. A um pintor. Azougue, n°.05, 1997, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema com epígrafe de Santa Tereza publicado no livro “A taça estendida” de 1972.

\*

HARO, Rodrigo de. O jardim. Azougue, n°.05, 1997, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A taça estendida” de 1972.

\*

HARO, Rodrigo de. Partida. Azougue, n°.05, 1997, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Pedra Elegíaca” de 1978.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de Rodrigo de Haro

\*

HARO, Rodrigo de. Tempestade. Azougue, n°.05, 1997, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Pedra Elegíaca” de 1978.

\*

HARO, Rodrigo de. Fatídico. Azougue, n°.05, 1997, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Pedra Elegíaca”, 1978.

\*

HARO, Rodrigo de. Inscrição. Azougue, n°.05, 1997, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Pedra Elegíaca” de 1978.

\*

HARO, Rodrigo de. Adeus. Azougue, n°.05, 1997, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Pedra Elegíaca” de 1978.

\*

HARO, Rodrigo de. Desterro. Azougue, n°.05, 1997, 16-19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em oito partes. Publicado no livro “Pedra Elegíaca”, 1978.

\*

HARO, Rodrigo de. Coruja. Azougue, n°.05, 1997, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Amigo da labareda” de 1991.

\*

HARO, Rodrigo de. Os mergulhadores. Azougue, n°.05, 1997, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Amigo da labareda” de 1991.

\*

HARO, Rodrigo de. Aspecto da magnólia. Azougue, n°.05, 1997, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Amigo da labareda” de 1991.

\*

HARO, Rodrigo de. Aspecto da magnólia. Azougue, n°.05, 1997, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Amigo da labareda” de 1991.

\*

HARO, Rodrigo de. Naípe de bastões. Azougue, n°.05, 1997, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Amigo da labareda” de 1991.

\*

HARO, Rodrigo de. A viagem de von chamiço. Azougue, n°.05, 1997, 23.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Amigo da labareda” de 1991.

\*

HARO, Rodrigo de. Desenhos. Azougue, n°.05, 1997, 23.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Amigo da labareda” de 1991.

\*

HARO, Rodrigo de. Ó, Fortuna!. Azougue, n°.05, 1997, 24.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O mistério de Santa Catarina” de 1992.

\*

HARO, Rodrigo de. Fonte. Azougue, n°.05, 1997, 24.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O mistério de Santa Catarina” de 1992.

\*

HARO, Rodrigo de. Biblioteca. Azougue, n°.05, 1997, 25.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O mistério de Santa Catarina” de 1992.

\*

HARO, Rodrigo de. Parreira. Azougue, n°.05, 1997, 25.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O mistério de Santa Catarina” de 1992.

\*

HARO, Rodrigo de. Morte de Catarina. Azougue, n°.05, 1997, 25.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O mistério de Santa Catarina” de 1992.

\*

HARO, Rodrigo de. Casa das romãs. Azougue, n°.05, 1997, 26.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Naufrágios” – 1993.

\*

HARO, Rodrigo de. Naufrágio. Azougue, n°.05, 1997, 26.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Naufrágios” – 1993.

\*

HARO, Rodrigo de. Cristobal de Haro. Azougue, n°.05, 1997, 26.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Naufrágios” – 1993.

\*

HARO, Rodrigo de. Núpcias. Azougue, n°.05, 1997, 27.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Naufrágios” – 1993.

\*

HARO, Rodrigo de. Bento Cafuso. Azougue, n°.05, 1997, 27.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Naufrágios” – 1993.

\*

HARO, Rodrigo de. Sonho do tesouro enterrado. Azougue, n°.05, 1997, 27.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Naufrágios” – 1993.

\*

HARO, Rodrigo de. As três degredadas. Azougue, n°.05, 1997, 28.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caliban” de 1997.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de Rodrigo de Haro

\*

HARO, Rodrigo de. Incendiários. Azougue, n°.05, 1997, 28.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caliban” de 1997.

\*

HARO, Rodrigo de. Aguça o instrumento. Azougue, n°.05, 1997, 28.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caliban” de 1997.

\*

HARO, Rodrigo de. Em vagas negras rolava. (na ponte Hercílio Luz). Azougue, n°.05, 1997, 29.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caliban” de 1997.

\*

HARO, Rodrigo de. tombeau de monsieur de bernis.. Azougue, n°.05, 1997, 29.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caliban” de 1997.

\*

HARO, Rodrigo de. Caliban. Azougue, n°.05, 1997, 29.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caliban” de 1997.

\*

HARO, Rodrigo de. Li muitos livros esta noite. Azougue, n°.05, 1997, 30.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Andanças de Antônio” 1995/97 - inéditos.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Rodrigo de Haro

\*

HARO, Rodrigo de. Sujas arestas dos vestidos.

Azougue, n°.05, 1997, 30.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Andanças de Antônio” 1995/97 - inéditos.

\*

HARO, Rodrigo de. A cabeça inocente do porco. Azougue, n°.05, 1997, 31.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Andanças de Antônio” 1995/97 - inéditos.

\*

HARO, Rodrigo de. Poderia negar minha reverência.... Azougue, n°.05, 1997, 31.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Andanças de Antônio” 1995/97 - inéditos.

\*

HARO, Rodrigo de. Pão branco. Azougue, n°.05, 1997, 32.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Idílios Vagabundos” – 1997 - inéditos.

\*

HARO, Rodrigo de. Ouço o vento do largo. Azougue, n°.05, 1997, 32.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Idílios Vagabundos” – 1997 - inéditos.

\*

HARO, Rodrigo de. Hotel taranto. Azougue, n°.05, 1997, 32.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Idílios Vagabundos” – 1997 - inéditos.

\*

HARO, Rodrigo de. O indiferente da ponta das almas. Azougue, n°.05, 1997, 33.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Idílios Vagabundos” – 1997 - inéditos.

\*

HARO, Rodrigo de. As belas figuras me bastam. Azougue, n°.05, 1997, 33.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Idílios Vagabundos” – 1997 - inéditos.

\*

HELDER, Herberto. Estilo. Azougue, n°.05, 1997, 34-35.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Pequeno texto de ficção publicado no livro “Os

passos em volta” de 1963, onde o narrador é um escritor que se vê à beira da loucura tentando encontrar seu estilo poético.

\*

PRATA, Antônio. Já ancião. Azougue, n°.05, 1997, 36-37.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Pequeno texto que conta a história de um senhor que por 45 anos havia cortado os cabelos no mesmo barbeiro e se vê obrigado a procurar outro, quando o Sr. Abelardo (o barbeiro) falece. O fato sucedido foi que o novo cabeleireiro cortou as costeletas mais curtas do que de costume. O ancião bestificado com a mudança quis ficar furioso, mas depois de olhar-se longamente no espelho e perceber que assim lhe caíam bem, notou que tinha passado todos aqueles anos com as costeletas no tamanho errado. Desesperado, compra uma passagem para o Laos onde passa o resto de seus dias.

**Iconografias:**

Foto: fotografia de um senhor de cabelos brancos, por José Vicente Veiga

\*

ASSUNÇÃO, Ademir. 15 minutos. Azougue, n°.05, 1997, 38-39.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto publicado em "A Máquina Peluda" (Ateliê Editorial, 1997). De teor surrealista, descreve o momento de tensão anterior à explosão de uma bomba.

\*

WILDE, Oscar. The Disciple / O Discípulo. Trad. PAULA, Julice de; FERRAZ, Alexandre. Azougue, n°.05, 1997, 40.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Aubrey Beardsley, 1893

\*

WILDE, Oscar. The Master / O Mestre. Trad. PAULA, Julice de; FERRAZ, Alexandre. Azougue, n°.05, 1997, 40.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Aubrey Beardsley, 1893

\*

Azougue / Várzea. balada. Azougue, n°.05, 1997, 01.

**Vocabulário controlado:** CAPA

**Iconografias:**

Foto: Capa Luciana Sampaio

Ilustração: Logo de Juliana Lima

\*

Várzea. Várzea. Azougue, n°.05, 1997, 02-03.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Editorial contendo texto de apresentação do encarte por Danilo Monteiro; autores colaboradores e

índice.

\*

MELLAGI, André. bacchanalia. Azougue, n°.05, 1997, 04.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em prosa de André Mellagi seguindo o tema "Balada".

**Iconografias:**

Ilustração: desenhos de Cecília Rangel

\*

AIRES, Silvia. gari e gaia. mil novecentos e noventa e sete. Azougue, n°.05, 1997,05.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em prosa seguindo o tema "balada", por Silvia Aires.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos de João Leite

\*

ZENI, Bruno. É o que eu sempre digo: o mundo se ganha no grito. Azougue, n°.05, 1997, 06-07.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto em que o narrador conta suas façanhas numa noite boêmia com os amigos.

**Iconografias:**

Foto: Fotografias de Priscila Okino

\*

SPÍNOLA, Cláudio. fotogramamos. Azougue, n°.05, 1997, 08-09.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Colagem de fotografias e notas poéticas, datada de 10/12/1995.

\*

BORSERO, Cássia. fantoche. Azougue, n°.05, 1997, 10.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto sobre o último dia na vida de uma prostituta viciada.

\*

BOLSONI, Débora. Balada da criação. Azougue, n°.05, 1997, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Débora Bolsoni com epígrafe de Clarice Lispector

**Iconografias:**

Ilustração: Xilogravura de Débora Bolsoni

\*

COHN, Sérgio. odisséia (canto terceiro). Azougue, n°.05, 1997, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

**Iconografias:**

Foto: Mauricio Guerreiro

\*

BUTI, Marco. "O olhar que é ver". Azougue, n°.05,

1997, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BUTI, Marco. "Paranapiacaba significa (...)". Azougue, n°.05, 1997, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BUTI, Marco. "O fascínio do plano (...)". Azougue, n°.05, 1997, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PEÇANHA, Marcio. sumo do presente. Azougue, n°.05, 1997, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Aguada Rubens Crispim Jr.

\*

Azougue. O dedo e a Terra. Azougue, n°.05, 1997, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Desenho e poema de Gustavo Fonseca. Fim do encarte Várzea.

\*

Azougue. COHN, Sérgio; PRATA, Antônio. Campos de Carvalho. Deixei a barba crescer em pensamento. Azougue, n°.05, 1997, 41-47.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Entrevista a Campos de Carvalho em seu apartamento em São Paulo. Sergio Cohn e Antonio Prata conversam com o escritor sobre seus livros "A lua vem da Ásia", "Vaca de nariz sutil", "A chuva imóvel" e "Púcaro Búlgaro" e seus delírios surrealistas dentro e fora dos livros.

**Autores Citados:** AMADO, Jorge; ANDRADE, Mário de; ANDREIEV, Leonid; BERGMAN, Ingmar; BERTRAND, Aloysius; BYRON, Lord; CASANOVA, Giacomo; D'ANNUNZIO, Gabrielle; FELLINI, Federico; GUIMARÃES, Eduardo; LAUTRÉAMONT, Conde de (Ver Isidore Ducasse); LEONI, Raul de; MENDES, Murilo; MONTAIGNE, Michel de; MORGAN, Charles; NIETZSCHE, Friedrich; PESSOA, Fernando; RILKE, Rainer Maria; ROCHA, Glauber; SADE, Marquês de; STENDHAL; WILDE, Oscar;

\*

CARVALHO, Campos de. A lua vem da Ásia. Azougue, n°.05, 1997, 48-49.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

"A lua vem da Ásia", publicado originalmente em 1956, marca o nascimento da narrativa surrealista de Campos de Carvalho. É o diário de um homem que se chama Astrogildo e está hospedado em um hotel de luxo que, talvez seja um campo de concentração ou um manicômio. A loucura é o tema central deste romance, cujo protagonista inicia

o relato confessando que, aos 16 anos, matou seu professor de lógica e foi viver sob uma ponte do Sena, embora nunca tenha estado em Paris. Enfileirando recordações (ou seriam alucinações?) de suas passagens por Melbourne, Varsóvia, Cochabamba, Cuzco, Madagascar, Nova York, Cidade do México e, claro, Paris, Astrogildo torna-se o narrador de um mundo governado pela lei do absurdo, mas que parece assustadoramente semelhante à nossa normalidade cotidiana. A revista apresenta três fragmentos da obra.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos de João Leite.

\*

CARVALHO, Campos de. A vaca de nariz sutil. Azougue, n°.05, 1997, 50-51.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

“Vaca de Nariz Sutil”, publicado originalmente em 1961, mantém o “nonsense” e a anarquia da obra anterior. O romance é narrado de forma alucinatória por um ex-combatente de guerra que não diz (ou esqueceu) o seu nome e não vê mais sentido na vida entre os homens. Abrigado numa pensão, passa seus dias a espiar por buracos de fechadura as patéticas existências alheias. “Vaca de nariz sutil” – nome tirado de um quadro do pintor francês Jean Dubuffet, foi recentemente adaptado para o teatro pelo grupo “Parlapatões”, de São Paulo. Azougue traz cinco trechos do livro.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos de João Leite

\*

CARVALHO, Campos de. A chuva imóvel. Azougue, n°.05, 1997, 52-53.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Permeado por um misticismo agnóstico e anárquico, o penúltimo romance de Campos de Carvalho, “A chuva imóvel” (1963), é seu momento mais poético e filosófico. Trata-se da história de André Medeiros e sua irmã gêmea, Andréa, que nutrem um amor que beira o incesto. Após as mortes da irmã e do pai, André traça uma claustrofóbica descida até seu inferno interior, no qual acaba por travar uma batalha com o Diabo. A revista apresenta dois trechos da obra.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos de João Leite

\*

CARVALHO, Campos de. O púcaro búlgaro. Azougue, n°.05, 1997, 54-57.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

“O púcaro búlgaro”, último romance de Campos de Carvalho, pode ser tomado como a síntese de sua obra: no verão de 1958, enquanto visitava tranqüilamente o Museu Histórico e Geográfico de Filadélfia, um cidadão chamado Hilário avistou um púcaro búlgaro. Espantadíssimo, embarcou – ao

lado de Pernacchio, Radamés, Expedito e Ivo Que Viu a Uva – numa jornada à Bulgária, a fim de comprovar a (in)existência desse país. “Do que se passou e, sobretudo, do que não se passou nessa expedição já famosa é o relato que se vai ler em seguida”, explica o narrador, “o mais pormenorizado e o mais honesto possível, embora tenha sido reduzido ao mínimo para que pudesse caber num só volume e mesmo num só século – o que afinal se conseguiu.” O livro foi publicado em 1964 e Azougue reproduz quatro trechos da obra.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos de João Leite

\*

Azougue. 25 anos de O Misterioso ladrão de Tenerife. Azougue, n°.05, 1997, 58.

**Vocabulário controlado:** INFORME - Literatura

**Notas de resumo:**

Informe sobre o relançamento de “O Misterioso Ladrão de Tenerife” pela editora Sette Letras. Lançado pela primeira vez em 1972 com textos de Eudoro Augusto e Afonso Henriques Neto dialogando de forma cinematográfica entre si. Ilustrado por Luiz Áquila.

\*

Azougue. Inéditos e dispersos. Azougue, n°.05, 1997, 59.

**Vocabulário controlado:** ARTES PLÁSTICAS

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Cibele Lucena

\*

FERRAZ, Alexandre. céu de estrelas. Azougue, n°.05, 1997, 60.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Luciana Sampaio

\*

FERRAZ, Alexandre. Pharmácia. em lembranças ao sérgio. Azougue, n°.05, 1997, 61.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Luciana Sampaio

\*

FIORE, Juliano de. Permita que os acordes. Azougue, n°.05, 1997, 62.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FIORE, Juliano de. O que quer o jardineiro das elipses?. Azougue, n°.05, 1997, 62.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FIORE, Juliano de. kind of Alaska. Azougue, n°.05, 1997, 63.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Luciana Sampaio

Ilustração: Rogério Trezza

\*

COHN, Sérgio. Desterro. pequenas anotações. Azougue, n°.05, 1997, 64-65.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Como diz o título, são pequenas anotações em prosa poética com epígrafe de Max Stirner

\*

MONTEIRO, Danilo. *Silvia Cósmica*. Azougue, n°.05, 1997, 66.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MONTEIRO, Danilo. “pingado & cegarettes”. Azougue, n°.05, 1997, 66.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Priscila Okino

\*

MONTEIRO, Danilo. “Aqui junto aos dias que nascem e morrem (...)”. Azougue, n°.05, 1997, 67.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia Priscila Okino

\*

PUCHEU, Alberto. Poema Ungulado, Nº 2. Azougue, n°.05, 1997, 68.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** dedicado a Caio Meira

\*

PUCHEU, Alberto. Poema em vão. (ou Poema Ungulado). Azougue, n°.05, 1997, 68.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PUCHEU, Alberto. Dedicado a um livro de René Char, nunca aberto, na biblioteca da Maison de France do Rio de Janeiro.

Azougue, n°.05, 1997, 69.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PUCHEU, Alberto. Na cidade aberta - V. Azougue, n°.05, 1997, 69.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PUCHEU, Alberto. Na cidade aberta - IX. Azougue, n°.05, 1997, 69.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Rubens Crispim Jr.

\*

AMARAL, Pedro. Aos túbios. Azougue, n°.05, 1997, 70.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema com epígrafe de Ezra Pound, provavelmente publicado no livro “Vivido”, 1995 que encantou críticos como Silviano Santiago, Helena Buarque de Hollanda e elogiado pelo poeta Manoel de Barros.

\*

AMARAL, Pedro. O misantropo. Azougue, n°.05, 1997, 70.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema com epígrafe de Raduan Nassar, provavelmente publicado no livro “Vivido”, 1995.

\*

AMARAL, Pedro. Liturgia. Azougue, n°.05, 1997, 70.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema provavelmente publicado no livro “Vivido” – 1995.

**Iconografias:**

Ilustração: Ilustrações de Felipe Sússekind

\*

AMARAL, Pedro. *Vívido*. (living). Azougue, n°.05, 1997, 71.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema provavelmente publicado no livro “Vivido” – 1995.

\*

AMARAL, Pedro. Turismo. Azougue, n°.05, 1997, 71.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema com epígrafe de Ezra Pound, provavelmente publicado no livro “Vivido” – 1995.

**Iconografias:**

Ilustração: Ilustrações de Felipe Sússekind

\*

WEINTRAUB, Fábio. Instruções para Dormir. Azougue, n°.05, 1997, 73.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

Notas de resumo: poema dedicado a Heitor Ferreaz

\*

WEINTRAUB, Fábio. Pávio. Azougue, n°.05, 1997, 73.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

WEINTRAUB, Fábio. Prometeu. Azougue, n°.05, 1997, 73.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FERRAZ, Heitor. Ameaço. Azougue, n°.05, 1997, 74.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** poema dedicado à Daniela Junqueira

\*

FERRAZ, Heitor. Rua Duvivier, para Ferreira Gullar. Azougue, n°.05, 1997, 74.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FERRAZ, Heitor. Uma resposta. Azougue, n°.05, 1997, 75.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Maurício Guerreiro

\*

ASSUNÇÃO, Ademir. Olhos elétricos. Azougue, n°.05, 1997, 76.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ASSUNÇÃO, Ademir. Cine Kurosawa. Azougue, n°.05, 1997, 77.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito em São Paulo em 4/9/96

**Iconografias:**

Ilustração: Aguada Alexandre A.

\*

MENDONÇA, Maurício Arruda. eu caminhava assim tão distraído. Azougue, n°.05, 1997, 79.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Alexandre A.

\*

MENDONÇA, Maurício Arruda. Spinosa. Azougue, n°.05, 1997, 79.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

FERREIRA, Maurício. Potlatch. Azougue, n°.05, 1997, 80.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema com epígrafe de Hegel

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Carolina Quintanilha

\*

Azougue. Beco do Azougue. Azougue, n°.05, 1997, 82.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Capa 3: poema sobre foto com epígrafe de Chacal.

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de Cláudio Spínola de ruela em Lençóis – BA, onde o prédio em primeiro plano traz uma placa onde está escrito “Beco do Azougue”.

*magnum*

P O E S I A & A R T E S



Poesia	Claudio Willer — depoimento	4
	Claudio Willer — poemas	10
Istmos	Robert Bringhurst — tradução	24
Teatro	Maura Baiocchi — depoimento	35
	Sérgio de Carvalho — entrevista	42
	Madalena Bernardes — entrevista	50
Poesia	Dora Ferreira da Silva — entrevista	59
	Dora Ferreira da Silva — poemas	68
Artes Plásticas	Claudia Andujar — fotos	91
	Claudia Andujar — entrevista	102
Poesia	Friedrich Hölderlin — tradução	107
Cinema	Paulo César Saraceni — entrevista	116
	Mário Carneiro por Carol Andrade	124
	Baile Perfumado — entrevista	126
Poesia	Inéditos & Dispersos	130
Beco do Azougue	Fernando Paixão	148

**Iconografias:**

Foto: Foto de abertura na segunda capa de Alexandre Dimitrov

\*

Azogue. Mapa. Azogue, n°.06, 1999,03.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Apresenta os depoimentos, poesias, traduções, entrevistas e fotos. Esta edição abre novo formato seguido nas revistas subseqüentes. Apresenta um visual mais sofisticado com lombada e paginação, abandonado o caráter de fanzine.

\*

WILLER, Cláudio. Anteparos da visão. Depoimento de Claudio Willer. Azogue, n°.06, 1999, 4-9.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO - Literatura

**Notas de resumo:**

Claudio Willer é poeta, tradutor e ensaísta. Publicou quatro livros de poesia: Anotações para um apocalipse (Massao Ohno, 1976), Dias circulares (Feira de Poesia, 1976) e Jardins da Provocação (Massao Ohno, 1981), Estranhas Experiências (Lamparina, 2004). Em prosa, publicou o livro Volta (Iluminuras, 1996). Tradutor de Artaud, Ginsberg e Lautrémont. No depoimento para a revista, ele fala sobre seu processo de criação, poesia e prosa, a critica literária no Brasil, a importância do Surrealismo como apresentação de uma nova utopia, o boom da poesia que mostrou poetas novos e finalmente sobre seus novos projetos.

Autores Citados: ALENCAR, Celso de; ARCHANJO, Neide; ARTAUD, Antonin; ASCHER, Nelson; BAR, Décio; BAUDELAIRE, Charles; BELL, Lindolf; BICELLI, Roberto; BONFIM, Paulo; BORGES, Augusto Contador; BORNHEIM, Gerd A.; BONVICINO, Régis; BRECHT, Bertolt; BRETON, André; CÉSaire, Aimé; CESARINY, Mário; COHN, Sérgio; CORTÁZAR, Julio; ELUARD, Paul; FARIA, Alves de; FARIA, Álvaro de; FIKER, Raul; GALVÃO, Donizete; GINSBERG, Allen; HARO, Rodrigo de; HAMMETT, Dashiell; JARRY, Alfred; KEROUAC, Jack; HENRIQUES NETO, Afonso; LAURITO, Ilka Brunhilde; LAUTRÉAMONT, Conde de (Ver Isidore Ducasse); HUGO, Victor; LEAL, Weydson Barros; LEGRAND, Gerard; KUNDERA, Milan; LIMA, Jorge de; LIMA, Sérgio; LORCA, Federico García; MALLARMÉ, Stéphane; MASSI, Augusto; MARTINS, Floriano; MELO NETO, João Cabral de; MICHAUX, Henri; MILES, Barry; MENDES, Murilo; NOUVEAU, Germain; OHNO, Massao; PAZ, Octavio; PÉRET, Benjamin; PIGNATARI, Décio; PONGE, Francis; PIVA, Roberto; QUENEAU, Raymond; RAULINO, Aloísio; RIMBAUD, Arthur; SADE, Marquês de; SILVA, Deonísio da; SILVA, Dora Ferreira da;

VERLAINE, Paul; WEINTRAUB, Fábio;

**Iconografias:**

Foto: Fotos de Willer com Roberto Piva, Rodrigo de Haro e Maninha, 1966. s/ créditos.

\*

WILLER, Cláudio. Uma Fronteira para o Grito. Azogue, n°.06, 1999, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Texto em prosa poética publicado em “Anotações para um Apocalipse” – 1964.

\*

WILLER, Cláudio. Poeta com Tóxico. Azogue, n°.06, 1999, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema com epígrafe de Rimbaud publicado em “Anotações para um Apocalipse” – 1964.

\*

WILLER, Cláudio. Anotações para um Apocalipse. Azogue, n°.06, 1999, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em prosa em três partes publicado em “Anotações para um Apocalipse” – 1964.

\*

WILLER, Cláudio. O Vértice do Pântano. Azogue, n°.06, 1999, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em prosa em quatro partes publicado em “Anotações para um Apocalipse” – 1964.

\*

WILLER, Cláudio. Poema Transparente. Azogue, n°.06, 1999, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em “Dias Circulares” – 1976.

\*

WILLER, Cláudio. Visão Paris 1968 Inverno. Azogue, n°.06, 1999, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em “Dias Circulares” – 1976.

\*

WILLER, Cláudio. Poema Automático. em parceria com Roberto Piva. Azogue, n°.06, 1999, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Publicado em “Dias Circulares” – 1976.

\*

WILLER, Cláudio. Poema Diagonal. Azogue, n°.06, 1999, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Dias Circulares” – 1976.

\*

WILLER, Cláudio. Vulcão. Azogue, n°.06, 1999, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em três partes publicado em “Dias Circulares” - 1976.

\*

WILLER, Cláudio. Autobiografia Selvagem. Azougue, n°.06, 1999, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Jardins da Provocação” - 1981.

\*

WILLER, Cláudio. A Princípio. Azougue, n°.06, 1999, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema com epígrafe de T. S. Eliot, publicado em “Jardins da Provocação” - 1981.

\*

WILLER, Cláudio. Visitantes 4. Azougue, n°.06, 1999, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Jardins da Provocação” - 1981.

\*

WILLER, Cláudio. O Dia Seguinte. Azougue, n°.06, 1999, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Jardins da Provocação” - 1981.

\*

WILLER, Cláudio. Anotações de viagem. I - Meio-dia. Azougue, n°.06, 1999, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poemas reunidos sob o título de Anotações de Viagem, inéditos para a revista.

\*

WILLER, Cláudio. Anotações de Viagem. II - Praia na Ilha. Azougue, n°.06, 1999, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poemas reunidos sob o título de Anotações de Viagem, inéditos para a revista.

\*

WILLER, Cláudio. Anotações de Viagem. III - Ruínas Romanas. Azougue, n°.06, 1999, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poemas reunidos sob o título de Anotações de Viagem, inéditos para a revista.

\*

WILLER, Cláudio. Anotações de Viagem. IV. Azougue, n°.06, 1999, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poemas reunidos sob o título de Anotações de Viagem, inéditos para a revista.

\*

WILLER, Cláudio. Anotações de viagem. V - Carta ao Artista Plástico Elvio Becheroni (a propósito de seu livro Lughhi de Memoria). Azougue, n°.06, 1999, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poemas reunidos sob o título de Anotações de Viagem, inéditos para a revista.

\*

WILLER, Cláudio. Chegar lá. Azougue, n°.06, 1999, 23.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema inédito para a revista.

\*

CESARINO, Pedro. Istmos. Robert Bringhurst. Azougue, n°.06, 1999, 24-25.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: BRINGHURST, Robert

**Notas de resumo:**

Robert Bringhurst é canadense nascido em 1946. Lê e traduz em línguas vivas e mortas, sua obra poética inclui desde temas de história cultural aborígene até tipografia e lingüística visual. No Brasil foi traduzido por João Cabral de Melo Neto, Silviano Santiago, entre outros. Pedro Cesarino que apresenta a seção de Bringhurst diz que o poeta incorpora em sua arte os temas da biologia, tradição pré-socrática, tradições zen-budistas e tradições orais de antigas etnias da América do norte. O poeta não pretende evidenciar o exotismo em suas pesquisas e traduções, ele quer sim abrir o campo para a flexibilidade, para o rompimento de limites. Os poemas traduzidos e publicados nesta edição foram retirados do livro "The Calling" (The Canadian Publishers, 1996).

Autores Citados: DERRIDA, Jacques; HEIDEGGER, Martin; RORTY, Richard;

**Iconografias:**

Foto: Fotografia do Poeta, s/créditos.

\*

BRINGHURST, Robert. Trad. AZOUGUE These Poems, she said / Esses poemas, ela disse. Azougue, n°.06, 1999, 26-27.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BRINGHURST, Robert. Trad. AZOUGUE Essay on Adam / Ensaio sobre Adão. Azougue, n°.06, 1999, 28-29.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BRINGHURST, Robert. Trad. AZOUGUE For the bones of Joseph Mengele, disinterred June 1985 / Para os ossos de Joseph Mengele, desenterrados em junho de 1985. Azougue, n°.06, 1999, 28-29.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BRINGHURST, Robert. Trad. AZOUGUE Some Ciphers/ Algumas Cifras. Azougue, n°.06, 1999, 30-31.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BRINGHURST, Robert. Trad. AZOUGUE Miletos / Míleto. Azougue, n°.06, 1999, 30-31.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BRINGHURST, Robert. Trad. AZOUGUE Demons and Men / Homens e Demônios. Azougue, n°.06, 1999, 32-33.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BRINGHURST, Robert. Trad. AZOUGUE Yunyan Tansheng / Yunyan Tansheng. Azougue, n°.06, 1999, 34.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BAIOCCHI, Maura. O Taanteatro de Maura Baiocchi. Azougue, n°.06, 1999, 35-41.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Teatro

**Notas de resumo:**

Fundada em 1991 a companhia Taanteatro é dirigida por Maura Baiocchi e Wolfgang Pannek e se dedica à pesquisa e criação teatro-coreográfica. A coreógrafa explica que o taanteatro designa uma nova modalidade de teatro que engloba energia e dança, explora as tensões e o drama íntimo de cada ator possibilitando a expressão cênica mais natural. O grupo foi resultado de uma longa pesquisa acerca do corpo, do gesto, do primitivo e da palavra. A apresentação inaugural do grupo foi a peça "O Livro dos Mortos de Alice". Com seis horas de duração, a peça foi encenada no Sesc Pompéia em São Paulo em capítulos de uma hora e meia durante quatro dias.

**Autores Citados:** BAUSCH, Pina; CARROLL, Lewis;

**Iconografias:**

Foto: Fotografias de Raphael Mendes

\*

Azougue. CARVALHO, Sérgio de. A Transformação pela Experiência. Azougue, n°.06, 1999, 42-49.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Nome pessoal como assunto:** CARVALHO, Sérgio de

**Palavras-chave:** Teatro

**Notas de resumo:**

A entrevista publicada na Azougue foi feita originalmente para a revista alemã Theater der Zeit. A "companhia do Latão" é um grupo paulista que desenvolve desde 1997, uma pesquisa artística voltada para a reflexão crítica da sociedade atual. Sergio de Carvalho, o dramaturgo e diretor do grupo fala sobre o caráter não comercial das peças. Os espetáculos são oferecidos ao público como "estudos" que tentam compreender temas atuais,

especialmente políticos.

**Autores Citados:** BRECHT, Bertolt; BÜCHNER, Georg; LANGHOFF, Mattias; STANISLAVSKI, Constantin;

**Iconografias:**

Foto: Fotografias de Belfortrodriguez

\*

GORBAN, Ilana; BERNARDES, Madalena. Hoje executarei meus versos na flauta de minhas próprias vértebras. Maiakovski.

Entrevista com Madalena Bernardes. Azougue, n°.06, 1999, 50-58.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Música

**Notas de resumo:**

Madalena Bernardes é compositora, cantora, atriz, professora, e preparadora vocal de atores. É solista da Companhia de Ópera do compositor Carles Santos na Espanha, realiza trabalhos na Alemanha, e tem uma escola em São Paulo chamada "Voz em movimento". Na entrevista ela fala de seu trabalho com a organicidade na expressão buscando a ligação entre o verdadeiro sentido e a própria expressão.

**Autores Citados:** CORREA, José Celso Martinez; JUNG, Carl-Gustav; KOELLREUTTER, H. J.;

**Iconografias:**

Foto: Fotografias de Ricardo Carioba

\*

WEINTRAUB, Fábio; SILVA, Dora Ferreira da. Andarilha do Limiar. Dora Ferreira da Silva. Azougue, n°.06, 1999, 59-67.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Notas de resumo:**

Entrevistada por Fabio Weintraub, Dora fala de seu amadurecimento como poeta e como percebe a poesia sendo algo diferente da literatura. Esclarece a herança hierofânica de sua poesia e fala de seus mitologemas ancestrais, memórias, do imaginário de Jung que foi crucial em sua formação. Conta também de seus estudos de filosofia e teologia, e de suas traduções: "Psicologia e Poesia" de Jung, "Elegias de Duíno" de Rilke, "A Morte de Empédocles", "O arquipélago" e "Pão e Vinho" de Hölderlin e de outro trabalho em andamento com parceria de sua amiga Maria Luíza Appy na tradução de "Os arquétipos do inconsciente coletivo" de Jung. Comenta a importância de haverem várias traduções de um mesmo texto por ser um benefício para a "língua-receptáculo", e finalmente, conta sua estranha experiência de sonhar com um mar que realmente existe mas, que ela nunca havia visto nem ouvido falar. Desta experiência surgiu o poema "O que as sereias disseram a Unisses na noite do mar"

**Autores Citados:** ADORNO, Theodor W.; ELIADE, Mircea; FLUSSER, Vilem; GEORGE, Stephan; HEIDEGGER, Martin; HÖLDERLIN, Friedrich; JUNG, Carl-Gustav; KAFKA, Franz;

KANT, Immanuel; KÉRENYI, Karl; OTTO, Rudolf; PAES, José Paulo; RILKE, Rainer Maria; ROSENFELD, Anatol;

**Iconografias:**

Ilustração: Óleo de Edmar José de Almeida

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Encontro. Azougue, n°.06, 1999, 68.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Andanças” – 1970.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Hölderlin. Azougue, n°.06, 1999, 69.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em “Andanças” – 1970.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. A Guimarães Rosa. Azougue, n°.06, 1999, 69.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema com epígrafe de Guimarães Rosa, publicado em “Andanças” – 1970.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Sol no Ocidente. Azougue, n°.06, 1999, 70.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Uma via de ver as coisas” – 1973.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Órfica. Azougue, n°.06, 1999, 71.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Uma via de ver as coisas” – 1973.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. A Ezra Pound. Azougue, n°.06, 1999, 71.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Uma via de ver as coisas” – 1973.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Novo céu, Nova Terra. Azougue, n°.06, 1999, 71.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Uma via de ver as coisas” – 1973.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Manhã. Azougue, n°.06, 1999, 72.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Jardins (esconderijos)” – 1979.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Adilson. Azougue, n°.06, 1999, 72.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Jardins (esconderijos)” – 1979.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Ulisses e o Inseto. Azougue, n°.06, 1999, 72.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Jardins (esconderijos)” – 1979.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Um cão pequeno. Azougue, n°.06, 1999, 72.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Jardins (esconderijos)” – 1979.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Rosa. Azougue, n°.06, 1999, 73.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Jardins (esconderijos)” – 1979.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Meu pai era um brasileiro.... Azougue, n°.06, 1999, 73.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Jardins (esconderijos)” – 1979.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Vicente. Azougue, n°.06, 1999, 74.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Inscrição para os vivos” (s/d).

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Cecília. Azougue, n°.06, 1999, 74.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Inscrição para os vivos” (s/d).

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Clarice. Azougue, n°.06, 1999, 74.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Inscrição para os vivos” (s/d).

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Conversa com Pessoa. Azougue, n°.06, 1999, 74.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Inscrição para os vivos” (s/d).

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Eliotiana. Azougue, n°.06, 1999, 75.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Inscrição para os vivos” (s/d).

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Canto de Itatiaia III. Azougue, n°.06, 1999, 76.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retratos de origem” – 1988.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Canto de Itatiaia IV. Azougue, n°.06, 1999, 77.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Retratos de Origem” – 1988.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Elegia. Azougue, n°.06, 1999, 78.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Talhamar” – 1982.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. O Mergulhador (II). Azougue, n°.06, 1999, 78.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Talhamar” – 1982.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Casa na Floresta. Azougue, n°.06, 1999, 79.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Talhamar” – 1982.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Mulher e Pássaro. Azougue, n°.06, 1999, 79.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Talhamar” – 1982.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Garças. Azougue, n°.06, 1999, 80-85.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Garças é o título de 18 poemas reunidos, escritos em agosto de 1992 e publicados no livro “Poemas da Estrangeira” – 1995.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Andantino. Azougue, n°.06, 1999, 86.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poemas em fuga” – 1997.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. O Poema. Azougue, n°.06, 1999, 86.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poemas em fuga” – 1997.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Escrever o ícone... Azougue, n°.06, 1999, 86.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poemas em fuga” – 1997.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. David-Cello. Azougue, n°.06, 1999, 87.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poemas em Fuga” – 1997.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Penedo. Azougue, n°.06, 1999, 88.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** poema inédito.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. José meu filho do meio. Azougue, n°.06, 1999, 88.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** poema inédito.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Poesia II. Azougue, n°.06, 1999, 88.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** poema inédito.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. Labirinto. Azougue, n°.06, 1999, 89.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema inédito dedicado a Vicente Ferreira da Silva.

\*

SILVA, Dora Ferreira da. O que as sereias disseram a Ulisses na noite do mar. Azougue, n°.06, 1999, 90.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** poema inédito.

\*

WEIS, Marina. Imagem do Invisível. Azougue, n°.06, 1999, 91-101.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** Fotografia

**Notas de resumo:**

Texto de apresentação da seção de fotos de Claudia Andujar publicadas em seu livro "Yanomami" de 1998, onde Marina Weis coloca a questão da imagem que faz parte do vazio das fotografias de

Claudia, propondo um contato sensitivo, ligação com a natureza sobrenatural do indígena.

**Iconografias:**

Foto: Ensaio fotográfico de Claudia Andujar com 14 fotos dos índios Yanomami, tiradas de seu livro de 1998.

\*

WEIS, Marina; ANDUJAR, Cláudia. Pelo olho da alma. Azougue, n°.06, 1999, 102-106.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Fotografia; Índio

**Notas de resumo:**

A fotógrafa Claudia Andujar nasceu na Suíça, morou na Hungria e depois nos Estados Unidos. Veio para o Brasil para visitar a mãe, aqui ficou e se naturalizou. Nos anos 70 foi morar por um tempo com uma tribo de Yanomamis e foi lá que começou a fotografar como forma de expressar o que estava sentindo. Lutou pela demarcação de suas terras na Amazônia e ainda hoje se dedica à causa sendo parte da Comissão para Criação do Parque Yanomami. Publicou o livro "Yanomami" em 1998 com as fotos daquele povo. Ela conta que foi desenvolvendo a técnica à medida da necessidade de expressão e movida pela emoção. Finalmente comenta sobre o documentário "Povo da Lua, Povo de Sangue", onde ela mostra sua visão sobre a tribo.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos Yanomami

\*

HÖLDERLIN, Friedrich. O arquipélago / Der arquipelagus. Trad. SILVA, Dora Ferreira da. Azougue, n°.06, 1999, 107-114.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Joham Christian Frederich Hölderlin nasceu em 20 de março de 1770 em Lauffen, Alemanha.

Amigo de Shelling e Hegel, juntos plantaram uma árvore para celebrar a liberdade anunciada pela Revolução Francesa. O Arquipélago foi escrito na época de suas grandes elegias. É um poema épico que fala sobre a batalha de Salamina e o período de reconstrução. Hölderlin adotou, durante seu período de loucura, o pseudônimo de Scardanelli que Dora Ferreira da Silva cita no poema em sua homenagem. Hölderlin morreu em 1843.

**Iconografias:**

Ilustração: desenho do poeta, s/créditos.

\*

WEIS, Marina; SARACENI, Paulo César. Eterno Retorno. Azougue, n°.06, 1999, 116-123.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Cinema

**Notas de resumo:**

Paulo César Saraceni é cineasta e fez parte do grupo do Cinema Novo surgido no Brasil dos anos 1960. Rapaz de classe média que queria ser jogador de futebol encontra em seu treinador o interesse mais profundo pelo cinema, que na época além de treinador de futebol era escritor e fundador da

primeira revista de crítica de cinema brasileiro e do cineclube Chaplin. Saraceni foi estudar cinema na Itália e quando volta ao Brasil, em 1962, faz seu longa metragem "Porto das Caixas" com texto de Lúcio Cardoso. O cineasta fala da flexibilidade e riqueza que é o cinema e chama as novas gerações para irem com uma idéia na cabeça desde o set para a bilheteria. Comenta que a crítica de cinema no Brasil caiu no conformismo e da imposição de Hollywood. Fala de "Arraial do Cabo", de "O Viajante" e seu próximo projeto "Gula", a partir de texto de Luis Fernando Veríssimo.

**Autores Citados:** ANDRADE, Joaquim Pedro de; ANTONIONI, Michelangelo; BERTOLUCCI, Bernardo; BRESSANE, Júlio; BRESSON, Robert; CARDOSO, Lúcio; CARNEIRO, Mário; DIEGUES, Cacá; FARIA, Octávio de; GOMES, Paulo Emilio Salles; HIRSZMAN, Leon; JOBIM, Tom; KUBRICK, Stanley; ROCHA, Glauber; PASOLINI, Pier Paolo; SALDANHA, Luís Carlos; STROHEIM, Erich von;

**Iconografias:**

Foto: fotografias do cineasta por Marina Weis  
Fotograma: cenas do filme "O Viajante", 1998.

\*

ANDRADE, Carolina; CARNEIRO, Mário. Mário Carneiro: Impressões. Azougue, n°.06, 1999, 124-125.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** Cinema; Fotografia

**Notas de resumo:**

Mário Carneiro começou sua trajetória fotográfica despreziosamente quando no grupo de Saraceni, participou da primeira experiência em 16mm. Mário passou a transitar entre o cinema e as artes plásticas sempre aprendendo pela experiência e pela necessidade. Participou de dois documentários sobre Iberê Camargo, que foi seu professor, um como editor e outro como fotógrafo. Fez documentários sobre outros artistas plásticos contemporâneos como Newton Cavalcanti, Milton Dacosta, Farnese e Lygia Clark. Trabalhou com Saraceni em "Arraial do Cabo", 1957 e em "Porto das Caixas", 1962 e também com o cineasta Joaquim Pedro em "O Padre e a Moça", 1966.

**Autores Citados:** ANDRADE, Joaquim Pedro de; CAMARGO, Iberê; CLARK, Lygia; DACOSTA, Milton; FARNESE; SARACENI, Paulo César;

**Iconografias:**

Foto: Fotografias de Izan Petterie

\*

CALDAS, Paulo; COHN, Sérgio; FERREIRA, Lírio; MONTEIRO, Danilo; ZENI, Bruno. Os Inquietos. Azougue, n°.06, 1999, 126-129.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Cinema

**Notas de resumo:**

Entrevista com Lírio Ferreira e Paulo Caldas em que conversam sobre o filme "Baile Perfumado", 1997. O filme conta a saga do libanês Benjamim

Abrahão, um estrangeiro infiltrado no bando de Lampião interessado em documentar a vida dele e divulgar as imagens com fins mercantilistas. Lampião por sua vez, aparece gozando a vaidade num documento que seria guardado para a prosperidade. É justamente a vaidade do cangaceiro que dá a estrutura narrativa do filme.

**Iconografias:**

Fotograma: fotos tratadas de cenas do filme “Baile Perfumado”, 1997.

\*

DIMITROV, Alexandre. Inéditos e Dispersos. Azougue, n°.06, 1999, 130-131.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto de Alexandre Dimitrov que conta como conheceu o bar do Seu Samuel na cidade de Barra - BA, onde tocando seu sax, que costumava tocar na banda municipal, embalava a bebedeira de Dante, um bêbado já morto e reencarnado.

**Iconografias:**

Foto: Fotos do bar por Alexandre Dimitrov.

\*

GARCIA, Pedro. PBCSG. Azougue, n°.06, 1999, 132.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

GARCIA, Pedro. A Metafísica (no seu sentido mais amplo). Azougue, n°.06, 1999, 132.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

GARCIA, Pedro. Arvim, Argoera ou Algo Assim. Azougue, n°.06, 1999, 133.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

GARCIA, Pedro. Duas águas: a) sagrada; b) profana. Azougue, n°.06, 1999, 133.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

GARCIA, Pedro. Sobre Palavras. Azougue, n°.06, 1999, 133.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

GARCIA, Pedro. Preceito Básico de Harmonia. Azougue, n°.06, 1999, 133.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BICELLI, Roberto. “Pastamos almas como as cabras capim”. Azougue, n°.06, 1999, 134.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BICELLI, Roberto. “Lambeu-me a orelha até o ouvido”. Azougue, n°.06, 1999, 134.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BICELLI, Roberto. “Verde andorinha dos meus dias normais”. Azougue, n°.06, 1999, 134.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BICELLI, Roberto. Amo. Azougue, n°.06, 1999,

135.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CASTELLI, Chantal. “Late o mar de encontro à pedra”. Azougue, n°.06, 1999, 136.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CASTELLI, Chantal. Gato. Azougue, n°.06, 1999, 136.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CASTELLI, Chantal. Constelação. Azougue, n°.06, 1999, 137.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** poema dedicado a Carlos Drummond de Andrade.

\*

CASTELLI, Chantal. Substância. Azougue, n°.06, 1999, 137.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ALEIXO, Ricardo. Uma hipótese. Azougue, n°.06, 1999, 138.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ALEIXO, Ricardo. Cenário. Azougue, n°.06, 1999, 138.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ALEIXO, Ricardo. Salto. Azougue, n°.06, 1999, 138.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ALEIXO, Ricardo. Oxum. Azougue, n°.06, 1999, 139.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ALEIXO, Ricardo. Oiá. Azougue, n°.06, 1999, 139.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ALEIXO, Ricardo. Cine-olho. Azougue, n°.06, 1999, 139.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

TAMM, Carlos. Paisagem. Azougue, n°.06, 1999, 140.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Marcus Wagner

\*

TAMM, Carlos. Rupestre. Azougue, n°.06, 1999, 140.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

TAMM, Carlos. Movimento. Azougue, n°.06, 1999, 141.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

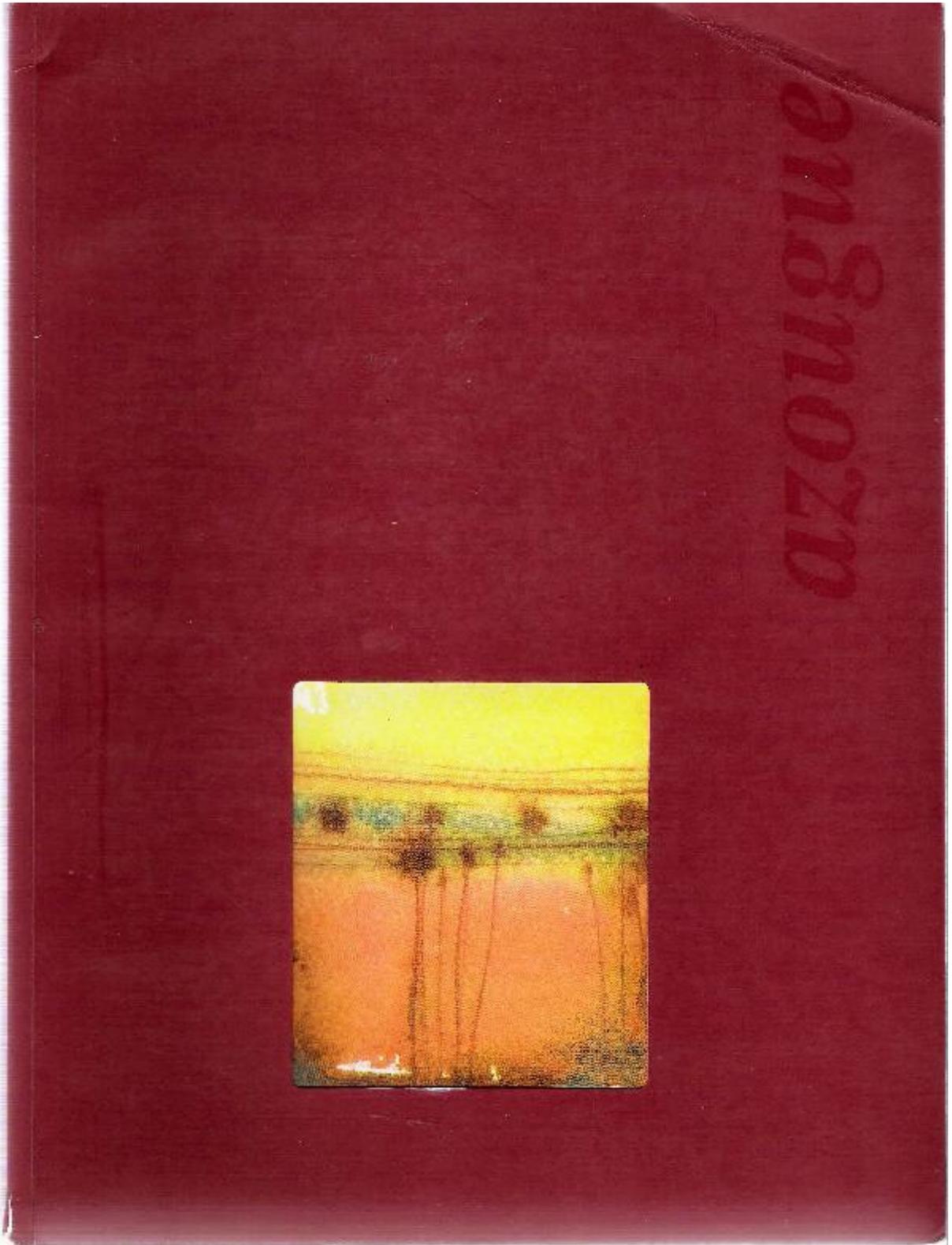
\*

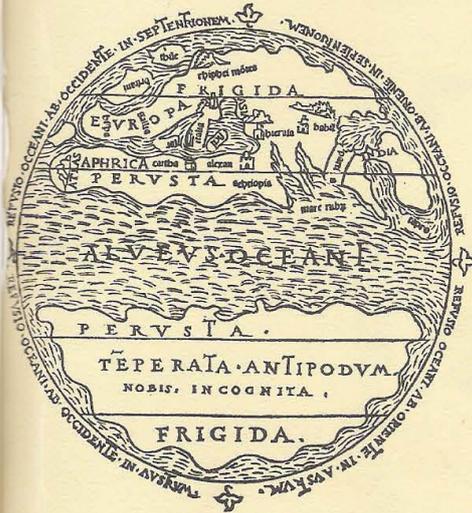
TAMM, Carlos. Vozes. Azougue, n°.06, 1999, 141.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*  
TAMM, Carlos. Sono. Azougue, n°.06, 1999, 141.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
TAMM, Carlos. “A linha d’água lambe”. Azougue, n°.06, 1999, 141.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
CRISTOBO, Aníbal. Caía a tarde. Azougue, n°.06, 1999, 142.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
CRISTOBO, Aníbal. Krill (O sonho do escafandrista). Azougue, n°.06, 1999, 142.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
CRISTOBO, Aníbal. Conversação incidental. Azougue, n°.06, 1999, 143.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
CRISTOBO, Aníbal. Teste da iguana. Azougue, n°.06, 1999, 143.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
CRISTOBO, Aníbal. Ghost writer. Azougue, n°.06, 1999, 143.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
BORGES, Augusto Contador. “O sentido reluz pela fresta”. Azougue, n°.06, 1999, 144.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
BORGES, Augusto Contador. “Emaranhado de

firos”. Azougue, n°.06, 1999, 144.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
BORGES, Augusto Contador. “Flutuante letra”. Azougue, n°.06, 1999, 145.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
BORGES, Augusto Contador. “No giro a certeza queimou-se”. Azougue, n°.06, 1999, 145.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
BORGES, Augusto Contador. “A lua enrodilhada em cílios não imagina”. Azougue, n°.06, 1999, 145.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
BORGES, Augusto Contador. “A chama que se quer gravada”. Azougue, n°.06, 1999, 145.  
**Vocabulário controlado:** POEMA(S)  
\*  
Azougue. AZEVEDO, Beatriz; BIVAR, Antônio; CESARINO, Pedro; COHN, Sérgio; FERRAZ, Alexandre; CHAIA, Miguel; FIORE, Juliano de; PIMENTA, Pedro Paulo; GORBAN, Ilana; REICHENBACH, Carlos; WEINTRAUB, Fábio; SISTER, Sérgio; WEIS, Marina. Mapa. Azougue, n°.06, 1999, 3.  
**Vocabulário controlado:** EDITORIAL  
**Notas de resumo:** Apresenta, na última página a relação de editores e colaboradores, agradecimentos, a sugestão de música para ler a “revista”, como passa a ser chamada, imagem sem créditos intitulada “La Mort” e um endereço e e-mail.





Poesia	Antonio F. de Franceschi — depoimento	4
	Antonio F. de Franceschi — poemas	10
Istmos	Charles Olson — tradução	26
Poesia	Alberto Pucheu — depoimento	42
	Alberto Pucheu — poemas	46
Prosa	José J. Veiga — entrevista	60
Poesia	James Joyce — tradução	70
Poesia	Inéditos & Dispersos	74
Beco do Azougue	Palavra de Malungo	100

**Notas de resumo:**

Esta é a segunda na série das revistas mais sofisticadas. Este volume, entretanto, retoma a publicação poesia somente.

\*

CESARINO, Pedro; COHN, Sérgio. Mapa. Azougue, n°.07, 2000, 03.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:** relação dos autores publicados neste volume.

\*

FRANCHESCHI, Antonio Fernando de. De Francisco. Azougue, n°.07, 2000, 04-05.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: Auto-retrato de Antonio F. de Franceschi

\*

FRANCHESCHI, Antonio Fernando de. "Altero todo um ser pois que me movo". Azougue, n°.07, 2000, 06-09.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO - Literatura

**Notas de resumo:**

Antonio Fernando de Franceschi é paulista, formado em filosofia. É editor da revista Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles. Seus livros publicados são: Tarde Revelada (Brasiliense, 1985); Sal (Companhia das Letras, 1989); Fractais (Brasiliense, 1990); A Olho Nu (Companhia da Letras, 1993). Franceschi fala de sua relação próxima com os poetas da geração dos Novíssimos que estavam publicando nos anos 1960, das leituras coletivas que se tornaram experiências inesquecíveis, e de suas primeiras publicações nos anos 80. Fala também do hermetismo que, a seu ver, está sempre presente, mas deve ser bem realizado para que não se corra o risco de cair na pura abstração. Fala do diálogo desenho/poesia em que ele descreve a experiência de escrever a partir da observação de um desenho ou de desenhar e depois escrever. Finalmente ele comenta sobre a editoração no Brasil e como a poesia contemporânea retoma seu espaço na cena brasileira, mostrando novos poetas.

**Autores Citados:** ALIGHIERI, Dante; ANDRADE, Carlos Drummond de; ARTAUD, Antonin; BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovit; BANDEIRA, Manuel; BAR, Décio; BLAKE, William; CARNEIRO, Sá; CELAN, Paul; CRUZ, San Juan de la; GAMA, Rinaldo; HEIDEGGER, Martin; HILST, Hilda; JOYCE, James; KANT, Immanuel; KROPOTKIN, Per Aleksyevich; LAUTRÉAMONT, Conde de (Ver Isidore Ducasse); LEMOS, Tite de; LIMA, Jorge de; LORCA, Federico García; MASSI, Augusto; MANN, Thomas; MELO NETO, João Cabral de; MENDES, Murilo; MICHELANGELO; MOISÉS, Carlos Felipe; PESSOA, Fernando; OHNO, Massao; PIVA, Roberto; PAULINI, Celso Luiz;

PROUST, Marcel; RAFAEL; VERDE, Cesário; WILLER, Cláudio;

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Antonio Fernando de Franceschi

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Memorando. Azougue, n°.07, 2000, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Tarde Revelada" – 1985.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Fotografia. Azougue, n°.07, 2000, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Tarde Revelada" – 1985.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Poetário. Azougue, n°.07, 2000, 10.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Tarde Revelada" – 1985.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Sobre um copo de cólera. Azougue, n°.07, 2000, 11.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Tarde Revelada" – 1985.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Antonio Fernando Franceschi

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Magnólias. Azougue, n°.07, 2000, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Tarde Revelada" – 1985.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Grafite. Azougue, n°.07, 2000, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Tarde Revelada" - 1985.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Antonio Franceschi

\*

FRANCHESCHI, Antonio Fernando de. Fragmento. Azougue, n°.07, 2000, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Tarde Revelada" – 1985.

\*

FRANCHESCHI, Antonio Fernando de. Portrait.

Azougue, n°.07, 2000, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caminho da Águas” - 1897.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Sítio do caminho. Azougue, n°.07, 2000, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caminhos da Águas” - 1987.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Magna umbra. Azougue, n°.07, 2000, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caminho das Águas” - 1987.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Antonio Franceschi

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Memorabilia. Azougue, n°.07, 2000, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caminho das Águas” - 1987.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. De Gertrud e outras rosas. Azougue, n°.07, 2000, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caminho das Águas” - 1987.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Pirassununga, 1948. Azougue, n°.07, 2000, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caminho das Águas” - 1987.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Ato falho. Azougue, n°.07, 2000, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Caminho das Águas” - 1987.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Tangente. Azougue, n°.07, 2000, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sal” - 1989.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Caracol. Azougue, n°.07, 2000, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sal” - 1989.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Medusa. Azougue, n°.07, 2000, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sal” - 1989.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. 1949. Azougue, n°.07, 2000, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sal” - 1989.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Sal. Azougue, n°.07, 2000, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sal” - 1989.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Antonio Franceschi

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Exceeded clown. Azougue, n°.07, 2000, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sal” - 1989.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Pneuma. Azougue, n°.07, 2000, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sal” - 1989.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Início. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” - 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Fim. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” - 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Vazante. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” - 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Montante. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” - 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Verdade. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Falsidade. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Fome. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais”, 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Saciedade. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Continente. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Conteúdo. Azougue, n°.07, 2000, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Relativo. Azougue, n°.07, 2000, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Absoluto. Azougue, n°.07, 2000, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Sagrado. Azougue, n°.07, 2000, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Profano. Azougue, n°.07, 2000, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Humano. Azougue, n°.07, 2000, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Divino. Azougue, n°.07, 2000, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Fractais” – 1990.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Antonio Franceschi

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Algo. Azougue, n°.07, 2000, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Olho Nu” – 1993.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Antonio Franceschi

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Noturno da rua Piauí. Azougue, n°.07, 2000, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado a Francisco de Assis Barbosa, publicado no livro “A Olho Nu” – 1993.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Ronda. Azougue, n°.07, 2000, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Olho Nu” – 1993. Dedicatória “para D.G.”

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Profana. Azougue, n°.07, 2000, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Olho Nu” – 1993.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Crepuscular. Azougue, n°.07, 2000, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Olho Nu” – 1993.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Desenhos de observação. Azougue, n°.07, 2000, 22-23.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em dez partes publicado no livro “A Olho Nu” (1993), com epígrafe de Césanne a propósito de seu quadro Joachim Gasquet de 1896. O poema faz parte da experimentação de observar e escrever poesia.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenhos de Antonio Franceschi.

\*

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. Retratos.

Azougue, n°.07, 2000, 24-25.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em três partes publicado no livro "A Olho Nu" (1993), que é parte dos experimentos de desenhar e escrever.

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Antonio Franceschi

\*

CESARINO, Pedro. Istmos: CHARLES OLSON. Azougue, n°.07, 2000, 26-28.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: OLSON, Charles

**Notas de resumo:**

Apresentação sobre Charles Olson escrita por Pedro Cesarino em março de 2000. Charles Olson (1910-1970) nasceu em Gloucester, Massachusetts. Além de seu estudo crítico sobre Herman Melville, "Call me Ishmael", é conhecido por importantes ensaios e poéticas como "Projective Verse" e "The present dialogue" e sua obra de maior fôlego "Maximum Poems". Conviveu com os poetas Robert Duncan e Robert Creeley quando esteve no posto de reitor da Black Mountain College. O poema traduzido nesta sessão "Kingfishers" (1949), foi retirado do livro "The Collected Poems of Charles Olson", "The collected Prose" e "The Maximum Poems"(university of California Press). O poema Kingfishers tornou-se marco para a reviravolta da poesia contemporânea Norte-Americana. Traz consigo a marca do verso projetivo suscitando trabalhos de D.H. Laurence, do coreógrafo Merce Cunningham, do pintor Jackson Pollock e músicos como Stockhausen e John Cage.

\*

OLSON, Charles. Kingfishers/ Martins-Pescadores. Trad. COHN, Sergio; CESARINO, Pedro. Azougue, n°.07, 2000, 28-39.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

OLSON, Charles. Postscript/ Pós-escrito. Trad. COHN, Sergio; CESARINO, Pedro. Azougue, n°.07, 2000, 40-41.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PUCHEU, Alberto. Escritos da íntima estranheza. Depoimento e poemas de Alberto Pucheu. Azougue, n°.07, 2000, 42-45

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO - Literatura

**Notas de resumo:**

Alberto Pucheu nasceu no Rio de Janeiro em 1966. Publicou os seguintes livros de poesia: Na Cidade Aberta (UERJ, 1993), Escritos da Frequentação (Paignion, 1995), A Fronteira Desguarnecida (Sette Letras, 1997) e Ecometria do Silêncio (Sette Letras, 1999). É mestre em filosofia e organizou o livro Poesia (e) Filosofia-poetas-filósofos em atuação no

Brasil, publicado em 1998 pela editora Sette Letras. Seu depoimento para a revista é em forma de aforismos / versos poético-filosóficos.

**Iconografias:**

Ilustração: Aguadas Bianca Peregrini

\*

PUCHEU, Alberto. Tudo acontece agora pela primeira vez. Azougue, n°.07, 2000, 46.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema inédito.

\*

PUCHEU, Alberto. De prêmios, armadilhas e outras coisas. Azougue, n°.07, 2000, 47.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema inédito.

\*

PUCHEU, Alberto. Sebastianópolis. Azougue, n°.07, 2000, 48.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Ecometria do Silêncio" – 1999.

\*

PUCHEU, Alberto. Nascido na segunda metade dos anos 60. Azougue, n°.07, 2000, 49.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Ecometria do Silêncio" – 1999.

\*

PUCHEU, Alberto. Pequeno conto americano com sotaque brasileiro... Azougue, n°.07, 2000, 49.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado a Antonio Cícero e Marcelo P, publicado no livro "Ecometria do Silêncio" – 1999.

\*

PUCHEU, Alberto. Poema angulado, n° 2. Azougue, n°.07, 2000, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Ecometria do Silêncio" – 1999.

**Iconografias:**

Ilustração: Aguada Bianca Peregrini

\*

PUCHEU, Alberto. A 1600 metros. (do Vale do Socavão para Leonardo Frões em Secretário). Azougue, n°.07, 2000, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Ecometria do Silêncio" – 1999.

\*

PUCHEU, Alberto. Arranjos para a primeira voz no fundo da gruta. Azougue, n°.07, 2000, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em cinco partes publicado no livro “Ecometria do Silêncio” – 1999.

\*

PUCHEU, Alberto. Ecometria do silêncio. Azougue, n°.07, 2000, 52-53.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Texto ficção-poesia-filosófica publicado no livro “Ecometria do Silêncio” – 1999.

\*

PUCHEU, Alberto. A fronteira desguarnecida. Azougue, n°.07, 2000, 54.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Desguarnecida” – 1997.

\*

PUCHEU, Alberto. Na cidade aberta, V. Azougue, n°.07, 2000, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Desguarnecida” – 1997.

\*

PUCHEU, Alberto. Na cidade aberta, VII. Azougue, n°.07, 2000, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Desguarnecida” – 1997.

\*

PUCHEU, Alberto. Na cidade aberta, IX. Azougue, n°.07, 2000, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Desguarnecida” – 1997.

\*

PUCHEU, Alberto. Poema em vão. (ou poema angulado). Azougue, n°.07, 2000, 55.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Desguarnecida” – 1997.

\*

PUCHEU, Alberto. Lascaux. Azougue, n°.07, 2000, 55.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Desguarnecida” – 1997.

\*

PUCHEU, Alberto. Dedicado a um livro de René Char, nunca aberto na biblioteca da Maison de France do rio de janeiro. Azougue, n°.07, 2000, 55.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Desguarnecida” – 1997.

\*

PUCHEU, Alberto. No Rijkismuseum. Azougue, n°.07, 2000, 55.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Desguarnecida” – 1997.

\*

PUCHEU, Alberto. Genealogia. Azougue, n°.07, 2000, 56.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado a Cláudio Oliveira, publicado no livro “Escritos de Freqüentação” – 1995.

\*

PUCHEU, Alberto. Pós - escritos. Azougue, n°.07, 2000, 56.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Escritos de Freqüentação” – 1995.

\*

PUCHEU, Alberto. Areias. Azougue, n°.07, 2000, 57.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em quatro partes publicado no livro “Escritos de Freqüentação” – 1995.

\*

PUCHEU, Alberto. Em mar aberto No 1. Azougue, n°.07, 2000, 58.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema dedicado a Derek Walcott, publicado no livro “Na Cidade Aberta” – 1993.

\*

PUCHEU, Alberto. Pista do bem - te - vi, Urca. Azougue, n°.07, 2000, 58.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Na Cidade Aberta” – 1993.

\*

PUCHEU, Alberto. Los olvidados. Azougue, n°.07, 2000, 59.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Na Cidade Aberta” – 1993.

\*

PUCHEU, Alberto. Na cidade aberta, n° 3. Azougue, n°.07, 2000, 59.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Na Cidade Aberta” – 1993.

\*

COHN, Sérgio; PROENÇA, Ruy Afonso; VEIGA, José J.; WEINTRAUB, Fábio. A estranheza domesticada. uma conversa com José J. Veiga.

Azougue, n°.07, 2000, 60-69.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA -  
Literatura

**Notas de resumo:**

José J. Veiga, escritor Goiano, estréia aos 44 anos. Escreveu contos, novelas e romances, entre eles “Os Cavalinhos de Platiplanto” (1959) e “Objetos Turbulentos” (1997). Em 17 de junho de 2000, participou do projeto “O escritor por ele mesmo” organizado pelo Instituto Moreira Salles e no dia seguinte, aceitou prontamente ser entrevistado para a Azougue mostrando a lucidez de seus 84 anos. Na entrevista eles conversam sobre o tom fantástico de seus escritos que são na maioria baseados em memórias da infância no interior, sem luz elétrica onde, longe de muita gente, o fantástico estava mais presente. Falam também de poesia e da pesquisa prévia, dos detalhes ao descrever um objeto minuciosamente dentro do universo fantástico. Conversam também sobre todo o ritual de acender e fumar um cachimbo, figura presente em suas obras. Falam ainda dos surrealistas e das leituras psicanalíticas que ele deixa escapar em sua obra. Além da repercussão de seus livros, a política no Brasil e música.

**Autores Citados:** ANDRADE, João Batista de; BARBOSA, Rui; BUARQUE, Chico; CAVALCANTI, Alberto; DUTRA, Valtencir; FIGUEIREDO, Cândido; GARCIA, Othon Moacyr; GIL, Gilberto; GIORDANO, Cláudio; HOUAISS, Antonio; LIMA, Jorge de; NAVA, Pedro; QUENEAU, Raymond; RAMOS, Graciliano; ROSA, Guimarães; TODOROV, Tzvetan; YEATS, William Butler; ZÉ, Tom;

**Iconografias:**

Ilustração: Reprodução da obra de René Magritte “Ceci n'est pas une pipe”, modificada para “Ceci continue être une pipe”.

\*

TAMM, Carlos. Música de câmara. James Joyce. Trad. Carlos Tamm. Azougue, n°.07, 2000, 70.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO -  
Literatura

**Notas de resumo:**

Poema de James Joyce traduzido e apresentado por Carlos Tamm.

\*

JOYCE, James. Chamber Music/ Música de Câmara. Azougue, n°.07, 2000, 71-73.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do livro “Chamber Music” – 1907.

\*

COHN, Sérgio; MUNDI, Carlos. INÉDITOS E DISPERSOS. Homenagem Carlos Mundi (1968-1998). Azougue, n°.07, 2000, 74.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO -  
Literatura

**Notas de resumo:**

Pequena apresentação por Sergio Cohn, falando de seu contato breve com o poeta Carlos Mundi. Menciona seu livro “Navegação no Cais”, fortemente impregnado de surrealismo, tema de grande interesse do poeta. Seu livro “Prelúdio do Adeus” foi publicação póstuma.

**Iconografias:**

Ilustração: desenhos de Lia Chaia

\*

MUNDI, Carlos. Cotidiano metafísico. Azougue, n°.07, 2000, 75.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** poema dedicado a Cláudia

\*

MUNDI, Carlos. Roupas no varal. Azougue, n°.07, 2000, 76.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MUNDI, Carlos. “uma percepção me diz”. Azougue, n°.07, 2000, 77.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MUNDI, Carlos. “Bato à porta, ela não abre”. Azougue, n°.07, 2000, 77.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MUNDI, Carlos. Navegação no cais. Azougue, n°.07, 2000, 78.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

Notas de resumo: poema dedicado “a minha mãe, Lisa”

\*

MUNDI, Carlos. “Teixos à beira-mar”. Azougue, n°.07, 2000, 79.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MUNDI, Carlos. “Estranho que para mim”. Azougue, n°.07, 2000, 79.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MUNDI, Carlos. Lilases. Azougue, n°.07, 2000, 80.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MUNDI, Carlos. “Quando desnasci”. Azougue, n°.07, 2000, 81.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MUNDI, Carlos. Religião íntima. Azougue, n°.07, 2000, 81.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

DANIEL, Claudio. Mito. Azougue, n°.07, 2000, 82.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** poema dedicado à memória de Oliverio Gironde

\*

DANIEL, Claudio. Algo. Azougue, n°.07, 2000, 82.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

DANIEL, Claudio. Simão do deserto (alegoria).

Azougue, n°.07, 2000, 83.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

DANIEL, Claudio. Shopenhauer. Azougue, n°.07, 2000, 83.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

DANIEL, Claudio. Verão. Azougue, n°.07, 2000, 83.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MEIRA, Caio. Close to the bone. Azougue, n°.07, 2000, 84.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MEIRA, Caio. Vênus, ou a terceira morte de marilyn monroe. Azougue, n°.07, 2000, 84.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PIVA, Roberto. Guarupuvú. Azougue, n°.07, 2000, 86.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PIVA, Roberto. Jurema preta. Azougue, n°.07, 2000, 86.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PIVA, Roberto. Grumixima. Azougue, n°.07, 2000, 87.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:** poema dedicado a Gustavo

\*

PIVA, Roberto. Ipê roxo. Azougue, n°.07, 2000, 87.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PIVA, Roberto. Espinheira santa. Azougue, n°.07, 2000, 87.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PIVA, Roberto. Pau - ferro. Azougue, n°.07, 2000, 87.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PAIXÃO, Fernando. Remate. Azougue, n°.07, 2000, 88.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PAIXÃO, Fernando. Reflexão de um sapato. Azougue, n°.07, 2000, 88.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PAIXÃO, Fernando. Véspera. Azougue, n°.07, 2000, 89.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PAIXÃO, Fernando. Pausa no café. Azougue, n°.07, 2000, 89.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PAIXÃO, Fernando. Estudo. Azougue, n°.07, 2000, 89.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PAIXÃO, Fernando. Diferença. Azougue, n°.07, 2000, 89.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

LIMA, Ricardo. “a infância nina acordes sem temor”. Azougue, n°.07, 2000, 90.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

LIMA, Ricardo. “lua entre folhas”. Azougue, n°.07, 2000, 90.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

LIMA, Ricardo. “tacos da casa”. Azougue, n°.07, 2000, 91.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

LIMA, Ricardo. “sonhos”. Azougue, n°.07, 2000, 91.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

LIMA, Ricardo. “papel amassado”. Azougue, n°.07, 2000, 91.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

LIMA, Ricardo. “da consciência”. Azougue, n°.07, 2000, 91.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PROENÇA, Ruy Afonso. Tótem. Azougue, n°.07, 2000, 92.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PROENÇA, Ruy Afonso. Lacrimófilas. Azougue, n°.07, 2000, 92.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PROENÇA, Ruy Afonso. Mundo pânico. Azougue, n°.07, 2000, 93.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PROENÇA, Ruy Afonso. Árvore. Azougue, n°.07, 2000, 93.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PROENÇA, Ruy Afonso. Ser público, como dói. Azougue, n°.07, 2000, 93.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BENINI, Gustavo. Integral repartido. Azougue, n°.07, 2000, 94.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BENINI, Gustavo. Um fogo. Azougue, n°.07, 2000, 95.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BENINI, Gustavo. Folhagens. Azougue, n°.07, 2000, 95.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CESARINO, Pedro. “a lua é meu centro”. Azougue, n°.07, 2000, 96-97.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Pedro Cesarino em sete partes.

\*

Azougue. CESARINO, Pedro; COHN, Sergio. Azougue, n°.07, 2000, 98.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:** relação dos editores. Sugestão de música para a leitura da “revista” endereço e e-mail de contato.

*azougue*





página 4  
LEONARDO FRÓES  
entrevista por  
Alberto Pucheu, Ricardo Lima & Sergio Cohn  
fotos de Regina Lustosa



página 26  
ISTMOS - KENNETH REXROTH  
traduções de Sergio Cohn,  
Alexandre Barbosa de Souza,  
Leonardo Fróes, Pedro Cesarino &  
Daniel Bueno Guimarães



página 38  
FERNANDO FERREIRA DE LOANDA  
entrevista por  
Alberto Pucheu & Sergio Cohn  
ilustrações de Bianca Peregrini

página 56  
O IMPOSSÍVEL ACONTECEU  
COM JAYME OVALLE  
entrevista por Vinicius de Moraes  
apresentação de Humberto Werneck



página 70  
EDMOND JABÈS  
tradução de Caio Meira

página 78  
31 ANOS  
DE ORLANDO TACAPAU  
por Chacal



página 84  
ROTEIRO DE VIAGEM DO  
DIÁRIO OFICIAL DAS  
DROGAS DO OCIDENTE  
por José Agrippino de Paula

Claudia Roquette-Pinto  
Narlan Matos  
Vivien Kogut  
Fabrício Corsalleti  
Jussara Salazar  
Marcelo Sorrentino

página 88  
INÉDITOS & DISPERSOS  
Gustavo Arruda  
Edmundo Pereira

Azougue. Azougue. Azougue, n°.08, 2003, 00.

**Vocabulário controlado:** CAPA

\*

COHN, Sérgio. Beco do azougue. Azougue, n°.08, 2003, 01.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Página de apresentação da revista, justificando ao leitor a pausa de dois anos nas edições. Reforça o espaço da revista como lugar de encontro para conversas entre “fraternos”, celebrando a volta como um pacto com poetas.

\*

CESARINO, Pedro; COHN, Sérgio; LEITE, Luiza; LIMA, Ricardo; PUCHEU, Alberto. MAPA. Azougue, n°.08, 2003, 02.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Apresentação dos poetas homenageados nesta edição e a relação dos colaboradores.

\*

COHN, Sérgio; FRÓES, Leonardo; LIMA, Ricardo; PUCHEU, Alberto. A fábula da cebola. Azougue, n°.08, 2003, 05-11.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA -  
Literatura

**Notas de resumo:**

Leonardo Fróes é poeta, tradutor e ensaísta. Mora em Petrópolis num bairro mais perto da mata que da cidade. É naturalista e nos anos 70 foi editor da Coluna Verde no Jornal do Brasil, inaugurando o debate e divulgação da ecologia no Brasil. Publicou os livros: Língua Franca (1968), A Vida em Comum (1969), Esqueci de Avisar que Estou Vivo (1973), Anjo Tigrado (1976), Sibilitz (1981), Assim (1985), Argumentos Invencíveis (1994) e Vertigens (obra reunida de 1998). Traduziu “A Sombra do Vulcão” de Malcolm Löwry, “O Triunfo da Vida” de Shelley e “Um Parque de Diversões na Cabeça” de Lawrence Ferlinghetti em parceria com Eduardo Bueno. O texto de apresentação é de Ricardo Lima e na entrevista ele fala da relação que sua obra tem com a pintura, conta de sua experiência na Europa e nos Estados Unidos e de seu trabalho no Jornal do Brasil. Fala da semelhança que sua poesia tem com a de Gary Snyder e explica que isto se deve ao fato de escreverem estimulados pela temática da natureza. Fala que não tem um projeto estético e procurou sempre escrever de maneira mais espontânea possível.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ÁQUILA, Luiz; CASTRO, Amílcar de; ELLIOT, George; FAULKNER, William; FAUSTINO, Mário; GOETHE; GULLAR, Ferreira; JARDIM, Reynaldo; JUNG, Carl-Gustav; LOWRY, Malcolm; MENDES, Murilo; PEREIRA, Uilson; SCHILLER, Friedrich; PIVA, Roberto; SNYDER, Gary; SPINOZA, Baruch;

**Iconografias:**

Foto: Fotografia do de Leonardo Fróes por Regina Lustosa

\*

FRÓES, Leonardo. Homenagem a Luise Labé. Azougue, n°.08, 2003, 12.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Língua Franca” – 1968.

**Iconografias:**

Foto: Flor de Maracujá por Regina Lustosa

\*

FRÓES, Leonardo. Contemplação da água. Azougue, n°.08, 2003, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Língua Franca” – 1968.

\*

FRÓES, Leonardo. Inspirado por um vaso. Azougue, n°.08, 2003, 13.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Língua Franca” – 1968.

\*

FRÓES, Leonardo. Pedralume. Azougue, n°.08, 2003, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Esqueci de Avisar que Estou Vivo” – 1973.

\*

FRÓES, Leonardo. Preparação para o trigésimo ano. Azougue, n°.08, 2003, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Esqueci de Avisar que Estou Vivo” – 1973.

\*

FRÓES, Leonardo. Para um manual de preciosidades. Azougue, n°.08, 2003, 14.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Esqueci de Avisar que Estou Vivo” – 1973.

\*

FRÓES, Leonardo. Com gatos e Goethe. Azougue, n°.08, 2003, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Esqueci de Avisar que Estou Vivo” – 1973.

\*

FRÓES, Leonardo. Meia-noite no Bingen. Azougue, n°.08, 2003, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Esqueci de Avisar que Estou Vivo” – 1973.

\*

FRÓES, Leonardo. Eletrossexograma. Azougue, n°.08, 2003, 15.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Esqueci de Avisar que Estou Vivo” – 1973.

\*

FRÓES, Leonardo. Do traço aos pontos. Azougue, n°.08, 2003, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Anjo Tigrado” - 1976.

**Iconografias:**

Foto: papiros por Regina Lustosa

\*

FRÓES, Leonardo. Mulheres de milho. Azougue, n°.08, 2003, 16.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Anjo Tigrado” - 1976.

\*

FRÓES, Leonardo. Vale. Azougue, n°.08, 2003, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Anjo Tigrado” - 1976.

\*

FRÓES, Leonardo. Precipício. Azougue, n°.08, 2003, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Anjo Tigrado” - 1976.

\*

FRÓES, Leonardo. Anjo tigrado. Azougue, n°.08, 2003, 17.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Anjo Tigrado” - 1976.

\*

FRÓES, Leonardo. Foi queimar livros velhos e achou na mala um beija-flor. Azougue, n°.08, 2003, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sibilitz” – 1981.

\*

FRÓES, Leonardo. Tiê sangue. Azougue, n°.08, 2003, 18.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sibilitz” – 1981.

\*

FRÓES, Leonardo. Deposição do chefe de uma personalidade. Azougue, n°.08, 2003, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sibilitz” – 1981.

\*

FRÓES, Leonardo. Justificação de deus. Azougue, n°.08, 2003, 19.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Sibilitz” – 1981.

\*

FRÓES, Leonardo. Oi morro ou boi oi cachorro ou sandália marrom. Azougue, n°.08, 2003, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Assim” – 1986.

\*

FRÓES, Leonardo. A poesia e a matança dos mosquitos. Azougue, n°.08, 2003, 20.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Assim” – 1986.

\*

FRÓES, Leonardo. Cometa na reta. Azougue, n°.08, 2003, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Assim” – 1986.

\*

FRÓES, Leonardo. Leyenda. Azougue, n°.08, 2003, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Assim” – 1986.

\*

FRÓES, Leonardo. Bonito e contrastado. Azougue, n°.08, 2003, 21.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Assim” – 1986.

\*

FRÓES, Leonardo. Ao sonhador, o inverterado. Azougue, n°.08, 2003, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Argumentos Invisíveis” – 1993. A palavra é “inverterado” mesmo.

\*

FRÓES, Leonardo. Introdução à arte das montanhas. Azougue, n°.08, 2003, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Argumentos Invisíveis” – 1993.

\*

FRÓES, Leonardo. Ambições de assombrações. Azougue, n°.08, 2003, 22.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Argumentos Invisíveis” – 1993.

\*

FRÓES, Leonardo. Dia de dilúvio. Azougue, n°.08, 2003, 23.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Argumentos Invisíveis” – 1993.

\*

FRÓES, Leonardo. O apanhador no campo.

Azougue, n°.08, 2003, 23.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Argumentos Invisíveis” – 1993.

**Iconografias:**

Foto: Fotografia de uma árvore por Regina Lustosa

\*

FRÓES, Leonardo. Mulher de pé no fim do mundo.

Azougue, n°.08, 2003, 24.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Quatorze Quadros Redondos” – 1999.

\*

FRÓES, Leonardo. Urvento. Azougue, n°.08, 2003, 24.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Quatorze Quadros Redondos” – 1999.

\*

FRÓES, Leonardo. Chinês com sono. (inédito).

Azougue, n°.08, 2003, 25.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CESARINO, Pedro. Istmos. Keneth Rexroth. Trad. COHN, Sergio; FRÓES, Leonardo; SOUZA, Alexandre Barbosa de.

Azougue, n°.08, 2003, 27.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO - Literatura

**Notas de resumo:**

Kenneth Rexroth (1905 - 1982) foi tradutor de poesia chinesa e japonesa, estudioso da poesia nativa norte-americana e de poetas como Jakob Boheme, San Juan de La Cruz e Martin Buber. É considerado precursor e incentivador do movimento Beat sendo que seu poema *Thou Shalt Not Kill* de 1953, escrito à memória do recém falecido poeta e amigo Dylan Thomas, influenciou o tom do poema ícone da Beat Generation: *Howl*, de Allen Ginsberg, 1956. No texto de apresentação que precede as traduções, Pedro Cesarino nos dá um panorama geral da biografia de intensas experiências de Rexroth, desde a convivência com o velho índio Potawatom na infância, até sua luta para escapar da "Grande Mentira Social" da "hallucination publicitaire", do tradicionalismo de Eliot e do vício da literatura acadêmica ou vanguardista.

**Autores Citados:** BOHEME, Jacob; BUBER, Martin; CRUZ, San Juan de la; DUNCAN, Isadora; DUNCAN, Robert; LYELL; SNYDER, Gary; WILLIAMS, William Carlos; WRIGHT, Frank Lloyd;

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho estilizado do poeta s/a, s/d.

\*

REXROTH, Kenneth. The reflecting trees of being

and not being/ As árvores refletidas do ser e não ser. for Marthe/ para Marthe. Azougue, n°.08, 2003, 28.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

REXROTH, Kenneth. The advantages of learning/ As vantagens da instrução. Azougue, n°.08, 2003, 29.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

REXROTH, Kenneth. Suchness/ Mesmidade. Azougue, n°.08, 2003, 29.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

REXROTH, Kenneth. Lyell's hypothesis again/ novamente a hipótese de Lyell. Azougue, n°.08, 2003, 30.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

REXROTH, Kenneth. A letter to William Carlos Williams/ uma carta para William Carlos Willims. Azougue, n°.08, 2003, 33.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

REXROTH, Kenneth. I / Eu. Azougue, n°.08, 2003, 34.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Um Bestiário dedicado às filhas Mary e Katharine.

\*

REXROTH, Kenneth. Unicorn / Unicórnio. Azougue, n°.08, 2003, 35.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Um Bestiário dedicado às filhas Mary e Katharine.

\*

REXROTH, Kenneth. Lion / leão. Azougue, n°.08, 2003, 35.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Um Bestiário dedicado às filhas Mary e Katharine.

\*

REXROTH, Kenneth. Vulture / Abutre. Azougue, n°.08, 2003, 35.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Um Bestiário dedicado às filhas Mary e Katharine.

\*

REXROTH, Kenneth. Raccoon / Guaxinin. Azougue, n°.08, 2003, 35.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Um Bestiário dedicado às filhas Mary e Katharine.

\*

REXROTH, Kenneth. Cold before dawn / Fria

madrugada. Azougue, n.º.08, 2003, 36.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do “SKY SEA BIRDS TREES EARTH HOUSE BEASTS FLOWERS” – 1973.

\*

REXROTH, Kenneth. A cottage in the midst / Uma cabana envolvida. Azougue, n.º.08, 2003, 36.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do “SKY SEA BIRDS TREES EARTH HOUSE BEASTS FLOWERS” – 1973.

\*

REXROTH, Kenneth. A dawn in a tree of birds / Aurora na árvore de pássaros. Azougue, n.º.08, 2003, 36.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do “SKY SEA BIRDS TREES EARTH HOUSE BEASTS FLOWERS” – 1973.

\*

REXROTH, Kenneth. Past and future fall away / Passado e futuro escoam.. Azougue, n.º.08, 2003, 37.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do “SKY SEA BIRDS TREES EARTH HOUSE BEASTS FLOWERS” – 1973.

\*

REXROTH, Kenneth. The years pass / Passam os anos. Azougue, n.º.08, 2003, 37.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do “SKY SEA BIRDS TREES EARTH HOUSE BEASTS FLOWERS” – 1973.

\*

REXROTH, Kenneth. Moonless night / Noite sem lua. Azougue, n.º.08, 2003, 37.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do “SKY SEA BIRDS TREES EARTH HOUSE BEASTS FLOWERS” – 1973.

\*

REXROTH, Kenneth. A long lifetime / Uma vida longa. Azougue, n.º.08, 2003, 37.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do “SKY SEA BIRDS TREES EARTH HOUSE BEASTS FLOWERS” – 1973.

\*

COHN, Sérgio; LOANDA, Fernando Ferreira; PUCHEU, Alberto. As Palavras me Fogem.... Entrevista com Fernando Ferreira de Loanda. Azougue, n.º.08, 2003, 39-41.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Notas de resumo:**

Fernando Ferreira de Loanda (1924 - 2002) nascido em Angola e naturalizado brasileiro, foi jornalista e poeta relacionado à geração de 45. Em resposta ao

modernismo mais radical, ele apoiava o empenho ao artesanato poético, mas não a volta às formas tradicionais de poesia. Por este mesmo vínculo, Loanda não foi devidamente reconhecido no Brasil como poeta. Ele despendia especial atenção à poesia de seus contemporâneos tornando-se o principal editor de sua geração, primeiro com a revista Orfeu, e em 1954 o *Poesias Reunidas* de João Cabral de Mello Neto. Loanda publicou quatro livros de poesia: Equinócio (1953); Do Amor e do Mar (1964), Kuala Lumpur (1991), e A Fronteira Vulnerável (1996).

Autores Citados: BANDEIRA, Manuel; BORGES, Jorge Luis; FRÓES, Leonardo; IVO, Lêdo; MELO NETO, João Cabral de; MORAES, Vinícius de; PAZ, Octavio;

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Ode para Jack London. Azougue, n.º.08, 2003, 42.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito em agosto de 1947 publicado no livro “Equinócio” – 1952.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. A sonhar com as mudas. Azougue, n.º.08, 2003, 42.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito em outubro de 1947, publicado no livro “Equinócio” – 1952.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Dilema avoengo. Azougue, n.º.08, 2003, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Equinócio” – 1952.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Santa Luiza. Azougue, n.º.08, 2003, 43.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Equinócio” – 1952.

**Iconografias:**

Ilustração: desenhos do poeta, s/d.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Ode a bartolomeu dias. Azougue, n.º.08, 2003, 44-45.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de 1961.

**Iconografias:**

Foto: fotografia tratada, s/a, s/d.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Poema dos Trint'anos. Azougue, n.º.08, 2003, 46.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poemas da Rua Quito” – 1961.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Poema Dérnico. Azougue, n°.08, 2003, 46.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poemas da Rua Quito” – 1961.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. À mulher que tarda. Azougue, n°.08, 2003, 47.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poemas da Rua Quito” – 1961.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Poema. Azougue, n°.08, 2003, 47.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poemas da Rua Quito” – 1961.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Poemas dos Quarent’anos. Azougue, n°.08, 2003, 47.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Poemas da Rua Quito” – 1961.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Memória. Azougue, n°.08, 2003, 48.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Kuala Lumpur” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Kuala Lumpur. a Álvaro Mutis. Azougue, n°.08, 2003, 48.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Kuala Lumpur” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Carta para Carlos Montemayor. Azougue, n°.08, 2003, 49.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Kuala Lumpur” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Ode par Emílio Salgari. à Lêdo Ivo. Azougue, n°.08, 2003, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Kuala Lumpur” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Poema sem Paisagem. Azougue, n°.08, 2003, 50.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Kuala Lumpur” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Elegia a um Adeus

sem Deus. Azougue, n°.08, 2003, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Kuala Lumpur” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Fábula. Azougue, n°.08, 2003, 51.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Kuala Lumpur” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Chichicastenango. a Claudia Guillén. Azougue, n°.08, 2003, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Geografia” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Madagascar. Azougue, n°.08, 2003, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Geografia” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Viseu. Azougue, n°.08, 2003, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Geografia” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Luanda. Azougue, n°.08, 2003, 52.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Geografia” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Para Dionísio Ridruejo. Azougue, n°.08, 2003, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Homenagens” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Para Jorge Guillén. Azougue, n°.08, 2003, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Homenagens” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Para Octavio Paz. Azougue, n°.08, 2003, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Homenagens” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Para Enrique Molina. Azougue, n°.08, 2003, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Homenagens” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Par Maria José Paz.

Azougue, n°.08, 2003, 53.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “Homenagens” – 1991.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. A vida interior.

Azougue, n°.08, 2003, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Vulnerável”

– 1996.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Natália. Azougue,

n°.08, 2003, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Vulnerável”

– 1996.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Do Rio Orenoco.

Azougue, n°.08, 2003, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Vulnerável”

– 1996.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Alquimia. Azougue,

n°.08, 2003, 54.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “A Fronteira Vulnerável”

– 1996.

\*

LOANDA, Fernando Ferreira. Poema dos

Cinqüenta anos. Azougue, n°.08, 2003, 55.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema inédito escrito no ano 2000

\*

MORAES, Vinícius de. O impossível aconteceu a

Jayme Ovalle. Azougue, n°.08, 2003, 56-57.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO -

Literatura

**Notas de resumo:**

Reprodução da página de apresentação da entrevista

de Vinícius de Moraes com Jayme Ovalle,

publicada no suplemento Flan do Jornal “Última

Hora” em maio de 1953.

**Iconografias:**

Foto: Jayme Ovalle, Otto Lara Resende e Vinícius

de Moraes, no apartamento de Ovalle no dia da

entrevista - Acervo Instituto Moreira Salles, 1953,

s/Créditos.

\*

WERNECK, Humberto. Tesouros do Fabuloso

Jayme Ovalle. Azougue, n°.08, 2003, 58-59.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO -

Literatura

**Notas de resumo:**

Jayme de Rojas Ovalle, paraense de pai chileno, foi

compositor e extraordinário personagem de excentricidade espontânea, cativa o jovem poeta Vinícius de Moraes. Em 1937 chegara de uma produtiva temporada artística em Londres, onde produziu 33 composições para violão e contratou o músico Manoel Antônio Braune para que as transcrevesse em partitura. Contudo, a obra musical de Ovalle esteve por muito tempo anônima no Brasil. Foi só em 2002 quando a Universidade Federal do Pará lançou um disco com 21 composições produzido pelo Núcleo de Arte. Ovalle também escreveu poesia, porém pouco significativa, quase toda em inglês. Quatro de seus poemas foram traduzidos por Abgar Renault e mais três deles podem ser encontrados no “Poemas Traduzidos” de Manuel Bandeira. De sua estada em Londres trouxe também o longo poema The Foolish Bird, escrito em quase 100 páginas datilografadas quando viveu no Pará. A entrevista reproduzida nesta edição da Azougue foi feita por Vinícius de Moraes em maio de 1953, quando Ovalle morava com a esposa americana e a filha no Rio de Janeiro. No texto de apresentação da revista, Humberto Werneck contextualiza o leitor a cerca do Rio nos anos 50 e da situação tanto de Ovalle como funcionário do ministério da Fazenda, quanto de Vinícius no ritmo acelerado do jornal “Última Hora”.

**Autores Citados:** BANDEIRA, Manuel; BAUDELAIRE, Charles; BORBA, Osório; BORGES, Jorge Luis; CAYMMI, Dorival; CANDIDO, Antonio; HOLANDA, Sérgio Buarque de; LORCA, Federico García; MARTINS, Wilson; PELLEGRINO, Hélio; RESENDE, Otto Lara; QUADROS, Jânio; RILKE, Rainer Maria; RODRIGUES, Nelson; SCHIMIDT, Augusto Frederico; SILVEIRA, Joel;

\*

MORAES, Vinícius de. Jayme Ovalle é inclassificável. Azougue, n°.08, 2003, 60-67.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA -

Literatura

**Notas de resumo:**

Entrevista de cunho ficcional, dividida em: Deus e

o Cosmos / homem, animal social e artístico / o

mistério total / a nova gnomonia.

**Autores Citados:** ANDRADE, Oswald de; ASSIS,

Machado de; BANDEIRA, Manuel; BARBOSA,

Rui; CAMÕES, Luiz Vaz de; LIMA, Jorge de;

MARX, Karl; MILTON, John; PORTINARI,

Candido; QUADROS, Jânio; VILLA-LOBOS,

Heitor;

\*

MORAES, Vinícius de. Retrato de Jayme Ovalle.

Azougue, n°.08, 2003, 68-69.

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM -

Literatura

**Notas de resumo:**

Texto publicado no Flan de 16 a 23 de maio de

1953, onde Vinícius de Moraes conta histórias

fantásticas que aconteceram ou apareceram relacionadas à excêntrica personagem que foi Jayme Ovalle. Com um tom bem humorado ele conta histórias referentes ao tempo em que Ovalle passou em Londres. Ovalle influenciou entre tantos, o poeta Manuel Bandeira. Vinícius também explica sua Teoria do Conhecimento denominada a “Nova Gnomonia” que consistia em dividir todos os seres, bichos e coisas existentes em cinco categorias: Os Dantas, os Parás os Mozarlescos, os Kernianos, e os Onésimos. Uma brincadeira que inventou numa mesa de bar para classificar todos a partir Francisco Dantas, os tipos típicos do Pará, o Sr. Mozart Monteiro, Ari Kerner Veiga de Castro, Sr. Onésimo Coelho.

**Autores Citados:** BANDEIRA, Manuel; CAGNEY, James; DANTAS, Francisco; DOUGLAS, Kirk; HOUSTON, Elsie (Pseud. de Patricia Galvão); SABINO, Fernando; SCHMIDT, Augusto Frederico;

\*

MEIRA, Caio. Edmond Jabès. Trad. MEIRA, Caio. Azougue, n°.08, 2003, 70.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO - Literatura

**Notas de resumo:**

Azougue apresenta tradução do poema do poeta egípcio Edmond Jabès, até então inédito no Brasil. O poeta nasceu no Cairo em 1912, nacionalizado italiano e exilado em Paris em 1957 onde viveu até sua morte em 1991. Possui vasta obra em língua francesa. A condição de exilado e judeu tornou-se pilar de sua poética do estrangeiro. Toda sua poesia foi reunida em “Je Bâties ma Demeure” (poemas de 1943 - 1975), obra ampliada e reeditada sob o título de “Le Seuil Le Sable” (poemas de 1943 - 1988).

Contudo a maior parte de sua obra não está na poesia, mas na poética, onde ele “escreve o escrever” em seu trabalho mais radical: Le livre des Questions (1963), onde mostra a condução da linguagem ao limite e sua obsessão pelo livro, que para ele seria o único lugar de sentido de sua vida e experiência.

**Iconografias:**

Foto: fotografia do poeta s/a, s/d.

\*

JABÈS, Edmond. Relato / Recit. Trad. MEIRA, Caio. Azougue, n°.08, 2003, 71-77.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CHACAL. 31 anos de Orlando Tacapau. (Preço da Passagem 1972/2003). Azougue, n°.08, 2003, 78.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO - Literatura

**Notas de resumo:**

O livro de Chacal “Preço da Passagem” é a história do personagem alter-ego Orlando Tacapau, escrita à mão com colagens em folhas independentes de 13x21 e copiado em mimeógrafo elétrico numa tiragem de mil exemplares. Assim foi tentar buscar

o preço de sua passagem para Londres. Lança o livro no MAM em agosto de 1972 em exposição coletiva curada por Carlos Vergara. Consegue juntar o valor que precisa, e viaja em outubro.

Autores Citados: VERGARA, Carlos;

\*

CHACAL. “Entre uma casa e Orlando dá-se o seguinte:”. Azougue, n°.08, 2003, 80.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CHACAL. “Sentado e estudantil, orlando escutava (...)”. Azougue, n°.08, 2003, 81.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CHACAL. “AS PESSOA: “quitauquié utau di Orlando?”. Azougue, n°.08, 2003, 82.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CHACAL. “Orlando viajou de balão”. Azougue, n°.08, 2003, 83.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

COHN, Sérgio. José Agrippino de Paula. Azougue, n°.08, 2003, 84.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO - Literatura

**Notas de resumo:**

Sergio Cohn conta do prazer de encontrar tesouros da literatura e poder compartilhar as descobertas. Nesta edição ele apresenta uma narrativa escrita no Marrocos de José Agrippino de Paula, publicada na Anima, uma revista dos anos 70.

**Autores Citados:** BRESSANE, Ronaldo; CAPINAM; BURROUGHES, William; LINDSAY, Arto; OITICICA, Hélio; SILVA, Abel;

**Iconografias:**

Foto: fotografia do poeta s/créditos.

\*

PAULA, José Agrippino de. Roteiro de viagem do diário oficial das drogas do ocidente. Azougue, n°.08, 2003, 85-87.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:**

Narrativa escrita em Tanger, Marrocos em 20 de outubro de 1972

\*

PINTO, Claudia Roquette. Pena. Azougue, n°.08, 2003, 88.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PINTO, Claudia Roquette. A coisa que se prepara. Azougue, n°.08, 2003, 88.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Iconografias:**

Ilustração: desenho de Eduardo Amaro

\*

PINTO, Claudia Roquette. Ela estava rindo. Azougue, n°.08, 2003, 89.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PINTO, Claudia Roquette. Mais uma lua. Azougue, n°.08, 2003, 89.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PINTO, Claudia Roquette. Amêndoa. Azougue, n°.08, 2003, 89.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MATOS, Narlan. Telegrafo. Azougue, n°.08, 2003, 90.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MATOS, Narlan. Cartago. Azougue, n°.08, 2003, 91.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

KOGUT, Vivien. O cemitério de Ur. Azougue, n°.08, 2003, 92.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito em maio de 2001.

\*

KOGUT, Vivien. Entre gerações. Azougue, n°.08, 2003, 92.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

KOGUT, Vivien. Nascimento (1/11/98). Azougue, n°.08, 2003, 93.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

KOGUT, Vivien. Branca. Azougue, n°.08, 2003, 93.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema escrito em setembro de 2000

\*

KOGUT, Vivien. (17/08/99). Azougue, n°.08, 2003, 93.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CORSALLETI, Fabrício. O osso da perna. Azougue, n°.08, 2003, 94.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CORSALLETI, Fabrício. Mágoa. Azougue, n°.08, 2003, 95.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CORSALLETI, Fabrício. A aranha. Azougue, n°.08, 2003, 95.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

CORSALLETI, Fabrício. Peixe. Azougue, n°.08, 2003, 95.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

SALAZAR, Jussara. Ayf, a ceifa. Azougue, n°.08, 2003, 96.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

SALAZAR, Jussara. Via-láctea. Azougue, n°.08, 2003, 96.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

SALAZAR, Jussara. Lobo, constelação lunar. Azougue, n°.08, 2003, 96.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

SALAZAR, Jussara. High dunes: opusculo luminare. Azougue, n°.08, 2003, 97.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

SALAZAR, Jussara. Água Celeste. Azougue, n°.08, 2003, 97.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

SORRENTINO, Marcelo. Lisérgico. Azougue, n°.08, 2003, 98-99.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Marcelo Sorrentino em cinco partes com epígrafe de Nemesius.

\*

ARRUDA, Gustavo. “e pousa nas pálpebras”. Azougue, n°.08, 2003, 100.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ARRUDA, Gustavo. “a dança do cais”. Azougue, n°.08, 2003, 100.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ARRUDA, Gustavo. “a boca saliva”. Azougue, n°.08, 2003, 101.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ARRUDA, Gustavo. “tarde na fé encarnada”. Azougue, n°.08, 2003, 101.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ARRUDA, Gustavo. “realengo esparso”. Azougue, n°.08, 2003, 101.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ARRUDA, Gustavo. “no léu no tal espaço”. Azougue, n°.08, 2003, 101.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ARRUDA, Gustavo. “pólen que escapa”. Azougue, n°.08, 2003, 101.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

PEREIRA, Edmundo. I. Azougue, n°.08, 2003, 102-103.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do livro "Maria"

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Eduardo Amaro.

\*

PEREIRA, Edmundo. X. Azougue, n°.08, 2003,

102.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do livro "Maria".

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Eduardo Amaro

\*

PEREIRA, Edmundo. VII. Azougue, n°.08, 2003, 103.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do livro "Maria".

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Eduardo Amaro

\*

PEREIRA, Edmundo. VIII. Azougue, n°.08, 2003, 103.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do livro "Maria".

\*

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Eduardo Amaro

\*

PEREIRA, Edmundo. XII. Azougue, n°.08, 2003, 103.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema do livro "Maria".

**Iconografias:**

Ilustração: Desenho de Eduardo Amaro

\*

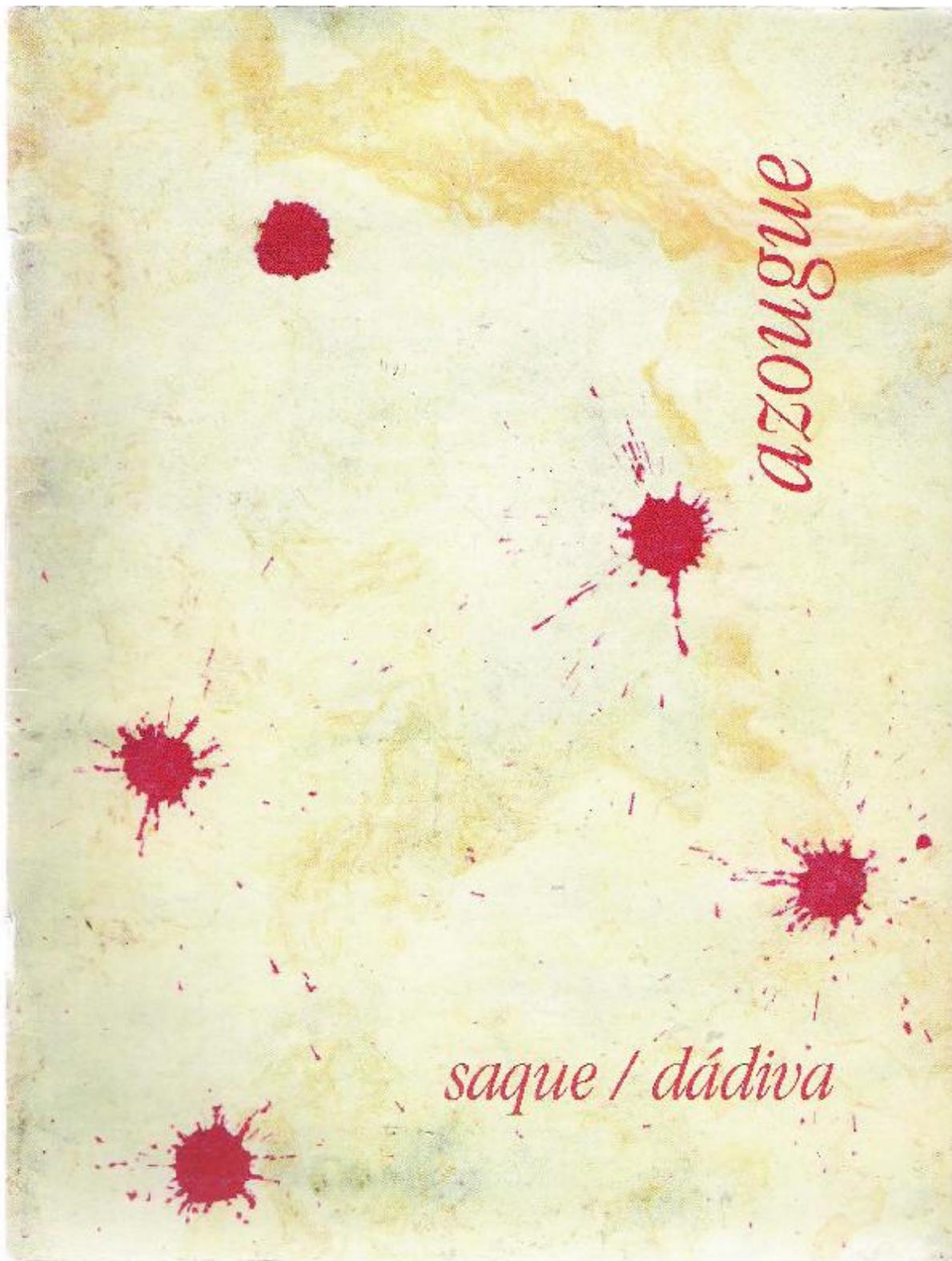
COHN, Sergio. Azougue, n°.08, 2003, 104.

Vocabulário controlado: EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Relação dos colaboradores do volume, agradecimentos e sugestão de leitura. Apresenta pagina web.

**Iconografia:** imagem de um Oroboros, a cobra que engole o próprio rabo.



*azougue*

*saque / dádiva*

Azougue. Saque/ dádiva. Azougue, n°.11, jan. 2007, 00

**Vocabulário controlado:** CAPA

\*

BUENO, Daniel; CESARINO, Pedro; COHN, Sérgio; LEITE, Luiza; WEIS, Marina. Mapa. Azougue, n°.11, jan. 2007, 00

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

Notas de resumo: Editorial impresso na segunda capa. Traz a relação de editores, “azougueiros”, os artistas entrevistados e os patrocinadores.

\*

NACHÓN, Andy. Um acuario estalla y queda solo agua./ Um aquário explode e tudo vira água. Azougue, n°.11, jan. 2007, 01.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema de Andy Nachón que abre a edição da revista.

\*

Azougue. Abre-Caminhos. Azougue, n°.11, jan. 2007, 02.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Pequena nota para justificar a abertura da revista para diálogo mais amplo sobre o fazer poético, através de entrevistas.

\*

LÖWY, Michael. Michael Löwy. Azougue, n°.11, jan. 2007, 03-07.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Notas de resumo:**

Michael Löwy é paulista, radicado na França onde dirige o Centro Nacional de Pesquisa Científica. Na entrevista concedida a Azougue, ele fala da noção romântica de autoria e de como o romantismo atravessa, como uma linha comum o simbolismo, o surrealismo e a Beat Generation, até chegar ao socialismo. Ele elucida a veia nostálgica do surrealismo que se interessa por manifestações culturais pré-modernas e ao contrário do individualismo romântico, o surrealismo se realiza no coletivo. Fala também da dádiva que reaparece atual e inspira a crítica à civilização utilitária, através da contracultura que mantém seu traço romântico de revolução. Finalmente fala sobre o socialismo e suas faces anti-romântica e romântico-revolucionária a qual ele acredita ser esta a única maneira de que o socialismo seja mais humano.

**Autores Citados:** BRETON, André; MARX, Karl; MORRIS, William; PAZ, Octavio; PIVA, Roberto; ROUSSEAU, Henri; SHELLEY, Mary (Wollstonecraft); SHELLEY, Percy;

\*

FOUCAULT, Michel. “Antes de mais nada, trata-se de objetos de apropriação (...)”. Azougue, n°.11, jan. 2007, 08.

**Vocabulário controlado:**

**Notas de resumo:**

Trecho do texto “O que é um Autor?”, 1963. Para Foucault os textos, livros e discursos, são objetos de apropriação, mas de maneira muito singular. Escritos passaram a ter autor reconhecido assim que se tornaram transgressores, portanto torna-se passível de ser punido. Foi somente no final do séc. XVIII, início do séc. XIX que se instaurou um regime de propriedade para o texto que antes era essencialmente um ato de fala. Foi neste momento então, quando ao autor, foram garantidos os benefícios da propriedade que a possibilidade de transgressão adquiriu a aura de imperativo típico da literatura.

\*

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Eduardo Viveiros de Castro. Azougue, n°.11, jan. 2007, 09-18.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Notas de resumo:**

Eduardo Viveiros de Castro é antropólogo e professor do Museu Nacional da UFRJ. Na entrevista concedida a Azougue, ele fala da fração libertária de esquerda que existe nos EUA desde o séc. XIX que foi o berço do movimento contracultural. Fala também do embate entre o pessoal do CPC e os tropicalistas que por sua vez, reencenava a grande discussão da semana de Arte Moderna, que penetrou totalmente na academia, ao passo que hoje esses temas são estudados como movimentos culturais ou como “especialidade exótica”. Eduardo explica que depois do tropicalismo, não houve nada mais na mesma escala. Fala ainda da má recepção da antropofagia no Brasil e do papel da poesia concreta ao colocar a arte brasileira num campo não só nacionalista, mas poliglota. Conversam também sobre ícones da cultura pop, a busca da identidade nacional via projeto político, discute a “Brasildade” e a questão saque/dádiva no anarquismo exemplificado no comportamento indígena, e como isso aparece na sociedade capitalista. Finalmente comenta sobre a noção de copyright, do Creative Commons e da noção de criação e autoria.

**Autores Citados:** AMADO, Jorge; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ARNT, Ricardo; BARTHES, Roland; BEETHOVEN, Ludwig van; CAGE, John; CAMPOS, Augusto de; CELESTINO, Vicente; CENDRARS, Blaise; CESARINO, Pedro; DIRCEU, José; FOURIER, Charles; FREYRE, Gilberto; HATOUM, Milton; LAUTRÉAMONT, Conde de (Ver Isidore Ducasse); LÉVI-STRAUSS, Claude; OITICICA, Hélio; PROUDHON; SGANZERLA, Rogério; THOREAU, Henry David; VIANNA, Hermano; WHITMAN, Walt;

\*

LEMONS, Ronaldo. Ronaldo Lemos. Azougue, n°.11, jan. 2007, 20-26.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Palavras-chave:** Direitos autorais

**Notas de resumo:**

Ronaldo Lemos é formado em Direito pela USP, mestre pela Harvard e doutor também pela USP. Estuda a propriedade intelectual e desenvolveu projetos na internet como Overmundo e o Creative Commons. Na entrevista para Azougue ele fala da idéia de propriedade intelectual, resultante do racionalismo novecentista, e da dificuldade que encontra ao lidar com o conhecimento tradicional. Comenta o livro que escreveu com Hermano Vianna onde discutem a idéia da propriedade alheia e a da proteção dos conhecimentos tradicionais. Fala do conceito de copyright e “copyleft” e sua preocupação com a expectativa criada em torno do copyright como retorno financeiro. Opina sobre o papel da cultura digital na crise generalizada das mídias tradicionais e sobre o sistema de valoração do bem cultural que estão sendo reinventados pelos próprios usuários da rede, como colaboradores e como avaliadores da expressão. Fala da revolução estética trazida pela cultura digital e exemplifica a indústria cinematográfica nigeriana que se tornou uma potência de mercado, com a estética da periferia emergente. Fala do aparecimento de muitas estéticas diferentes e da possibilidade de diálogo na interdisciplinaridade.

**Autores Citados:** HABERMAS, Jürgen; McLUHAN, Marshall; RIFKIN, Jeremy; VIANNA, Hermano;

\*

VIANNA, Hermano. Hermano Vianna. Azougue, n°.11, jan. 2007, 28-30.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Palavras-chave:** Cultura popular

**Notas de resumo:**

Hermano Vianna fala sobre o desprestígio da grande mídia como formadora de opinião e como isso se reflete na política. Fala da internet e seu papel ao nivelar as diversidades locais, e os perigos de perda de parâmetros críticos e troca de uma cultura de mérito por outra pautada na visibilidade. Comenta também da concorrência acirrada pelo mercado que passou da tela da TV para a internet. Ele fala do impacto das tecnologias na produção e distribuição da cultura. Refere-se especialmente à indústria musical e dá o exemplo do “hip-hop”, “afrosamba”, o “tecnobrega”, o “funk” carioca como produções essencialmente computadorizadas, efêmeras e de rápida absorção. O sucesso pode ser tão rápido quanto o esquecimento. Dá o exemplo do escritor que hoje, antes de publicar, vai todos os dias ao seu blog e posta algo novo para não perder a visibilidade na rede.

**Autores Citados:** JOSÉ, Odair; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VELHO, Otávio Guilherme; WARHOL, Andy;

\*

RISÉRIO, Antonio. Antonio Risério. Em defesa da

Semiodiversidade. Azougue, n°.11, jan. 2007, 32-36.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Notas de resumo:**

Risério fala da ocidentalização da cultura e o encontro do outro em si mesmo. Para ele pensar “ocidente” é pensar num movimento trans-histórico, extra-geográfico e pangeográfico. A Europa não é mais o centro. O ocidente se universalizou atravessando barreiras geográficas, históricas e antropológicas, não é mais branco e europeu, mas também africano e asiático. Fala da preservação da biodiversidade e também da semiodiversidade o que é preservar a natureza humana. Risério fala também da onda relativista internacional, da qual participamos à nossa maneira e é pertinente para o enriquecimento dialético.

**Autores Citados:** AMADO, Jorge; CAZUZA; BARRACLOUGH, Geoffrey; FREYRE, Gilberto; GEERTZ, Clifford; LATOUCHE, Serge; MALINOWSKI, Bronislaw;

\*

CAMPOS, Rogério. Rogério Campos. Azougue, n°.11, jan. 2007, 38-39.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Palavras-chave:** Pluralismo

**Notas de resumo:**

Rogério Campos, editor da Conrad, fala da coleção Baderna que iniciou em 2001 e publica desde os situacionistas até Critical Art Ensemble. Conta de seu contato com Hakim Bey e do acordo para a publicação de seu livro. Conversam sobre a atual movimentação jovem e sobre como a coleção Baderna traz autores que retomam temas de esquerda, anteriores à vitória do stalinismo e do leninismo. Reaparece o conflito entre uma esquerda mais libertária, os anarquistas, os socialistas, utópicos e uma esquerda mais institucional. Rogério fala do comprometimento da editora em ajudar na circulação de idéias novas que podem fomentar alternativas para mudanças. Para ele a indústria tem combatido a diversidade cultural desfavorecendo o diálogo e a pluralidade, por isso, presa pela maior diversidade de títulos a favor da formação de um público leitor.

**Autores Citados:** BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovit; BREJNEV, Leonid; MALATESTA; PROUDHON; REED, John;

\*

SACRAMENTO, Paulino. Paulo Sacramento. Azougue, n°.11, jan. 2007, 40-41.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Fotográfico

**Notas de resumo:**

Ensaio fotográfico do curta metragem “Juvenílda” (1994) do produtor Paulo Sacramento.

\*

REZENDE, Renato. OCEANO. Azougue, n°.11, jan. 2007, 42.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

MAUTNER, Jorge. Jorge Mautner. Azougue, n°.11, jan. 2007, 44-46.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Notas de resumo:**

Jorge Mautner fala dos avanços tecnológicos que em 30 anos imperaram na natureza como um todo. Fala do amálgama da cultura que hoje muda e se amplia cada vez mais rápido e a grande dificuldade é conseguir absorver toda essa informação. Há o problema da democratização gratuita, da banalização de tudo, da abundância de informação o que, por outro lado facilita o acesso. Mautner fala também da inversão da Angústia pela autenticidade, para o sentimento de alegria e “sensacionismo”, a banalização da indústria democrática da arte, a cultura do simulacro e a liberdade do caos. Fala da arte e marginalidade da possibilidade de visibilidade de todas as pessoas que podem adquirir uma sofisticação cultural.

**Autores Citados:** BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovit; BAUDELAIRE, Charles; HEGEL; FOURIER, Charles; HEINE, Heinrich; POE, Edgar Allan; ROBESPIERRE, Maximilien Marie Isidore; ROUSSEAU, Henri; SADE, Marquês de;

\*

BUENO, Daniel. Stranger than paradise. Azougue, n°.11, jan. 2007, 47.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ROTHENBERG, Jerome. Proposições Revolucionárias. Trad. COLLIN, Luci. Azougue, n°.11, jan. 2007, 48.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Fragmento de “Proposições Revolucionárias”, 2006.

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Afonso Henriques Neto. Azougue, n°.11, jan. 2007, 50-53.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Notas de resumo:**

Afonso Henriques Neto fala da idéia de liberdade radical que permeia toda a história da literatura. Cita Propércio como o poeta das elegias ao vinho e à mulher onde encontra a radical liberdade de Rimbaud que estava já rompendo com o conceito do sujeito romântico, e prenunciando a vanguarda num desejo radical de mudança. Fala do conflito dos poetas com o poder, mas também de sua relação com o real. Ele não acredita na idéia de criação coletiva na modernidade, pois sempre um nome acaba se sobressaindo. Cita os trabalhos coletivos da cultura japonesa, mas, enfatiza que a nossa é a cultura greco-latina e agimos de acordo com ela e devemos conhecê-la para entender o que somos hoje. Para ele, o poeta que torce a palavra e

seu significado está praticando a liberdade, enquanto que o crítico ao aproximar a linguagem do lugar comum, está inserido no poder.

**Autores Citados:** ARISTÓTELES; ARTAUD, Antonin; BARTHES, Roland; BRETON, André; GOGH, Vincent Van; LAUER, Mirko; PLATÃO; PROPÉRCIO; RIMBAUD, Arthur; VILLON, François; WHITMAN, Walt;

\*

Azougue. CARVALHO, Monica. Monica Carvalho. Azougue, n°.11, jan. 2007, 54-55.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Fotográfico

**Notas de resumo:**

Monica Carvalho inicia seu trabalho na mata buscando sementes, troncos, cascas e cipós para criar objetos que evidenciam a beleza natural desses materiais que passavam despercebidos. A fotografia é de uma escultura feita de cabaças e colocada na Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro.

**Iconografias:**

Foto: fotografia de Murilo Meirelles

\*

BEY, Hakim. Feitiçaria. Azougue, n°.11, jan. 2007, 56.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poesia-manifesto de Hakim Bey.

\*

Azougue. Fernando Luís Kateyuve Yawanawa. Azougue, n°.11, jan. 2007, 58-60.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Fernando Luís Kateyuve Yawanawa é professor indígena formado no ministério indígena do Acre. Ele conta a história do encontro entre os Yawanawa e os brancos que já tinha sido previsto pelo grande pajé Mukaveyni na hora de sua morte. Ele conta como foi o primeiro contado e a relação estabelecida que foi primeiramente cordial, pois os brancos levavam muitos presentes àquela tribo. Pelo ciúme de outra tribo que também queria os presentes, iniciam conflitos e mortes. Ele fala da invasão da mata para extração da borracha e quando a tribo começa a ser subjugada e escravizada. Conta da trajetória de seu pai e do encontro dele com um “branco” com quem foi trabalhar e aprender falar português. Finalmente Fernando fala das práticas indígenas de cura, que podem servir ao homem branco, se ele acreditar.

\*

CECIM, Vicente. Então, como um outro Iziel. Azougue, n°.11, jan. 2007, 61.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

Azougue. Azougue, n°.11, jan. 2007, 62-63.

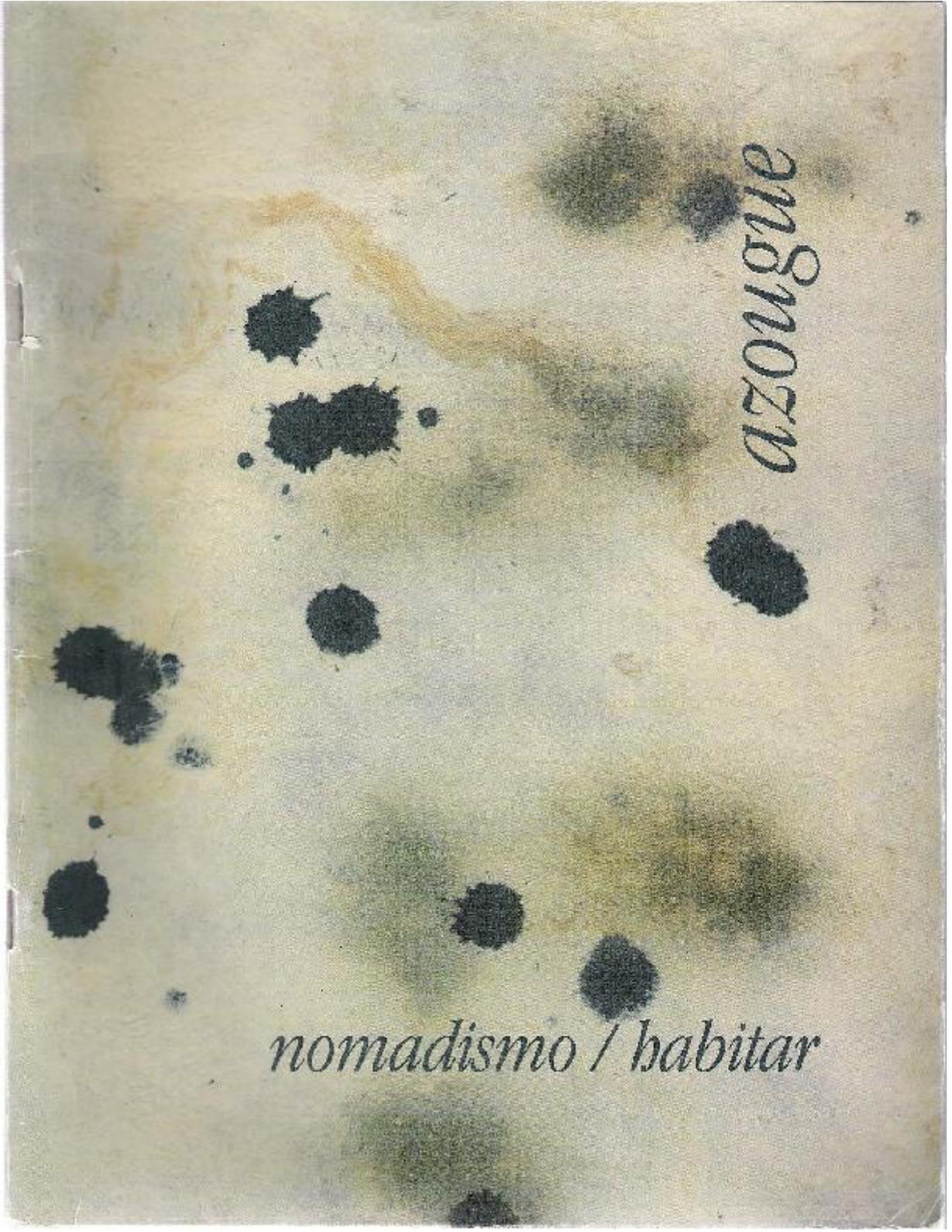
**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:** Notas biográficas dos colaboradores neste número.

\*

BRETON, André; FOURIER, Charles. ICI J'AI  
RENVERSÉ. Azougue, n°.11, jan. 2007, 64.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)



*azongue*

*nomadismo / habitar*

Azougue. Nomadismo / habitar. Azougue, n.º.12, fev. 2007,00

**Vocabulário controlado:** CAPA

\*

BUENO, Daniel; CESARINO, Pedro; COHN, Sérgio; LEITE, Luiza; WEIS, Marina. Mapa. Azougue, n.º.12, fev. 2007,00.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:** Editorial impresso na segunda capa. Apresenta a relação de editores, “azougueiros”, artistas entrevistados e patrocinadores deste número.

\*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Poema sem nome. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 01.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

Azougue. Abre-Caminhos. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 02.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Notas de resumo:**

Nota explicativa sobre esta edição especial, aberta para um diálogo mais amplo que contempla estética, ética e ação. Foi criada a partir do eixo temático nomadismo/habitar, e pretende oferecer reflexões sobre as atuais formas de interação entre o local e global.

\*

Azougue. SANTIAGO, Silviano. Silviano Santiago. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 04-10.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Palavras-chave:** Nação

**Notas de resumo:**

Silviano Santiago fala do ideário patriótico, da cena cultural latino-americana e do que passou a ser o mote dos modernistas brasileiros: descobrir-se a partir do exterior. Para ele, o próprio da cultura européia, ou norte-americana está no fato de não ser mais idêntica a si mesma. O espaço da cultura européia tem se alargado, democratizado pelos europeus-não-europeus. Fala do fenômeno de desterritorialização e recontextualização semântica que sistematizam uma espécie de repúdio a conceitos de autenticidade, propriedade autoral e sinceridade. Fala também da lacuna de diálogo que existe entre artistas e críticos brasileiros e hispanos e de como a pós-modernidade fragmenta mitos e personagens brasileiros que se tornaram imperceptíveis no melhor da produção cultural, por outro lado, eles aparecem vivos na cultura de massa.

**Autores Citados:** ALENCAR, José de; AMADO, Gilberto; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ASSIS, Machado de; BARROS, Manoel de; BAUDELAIRE, Charles; BORGES, Jorge Luis; BUARQUE, Chico; CALLADO, Antonio; CAMPOS, Augusto de; CAMUS, Albert; CANDIDO, Antonio; COUTINHO, Afrânio;

CUMMINGS, E. E.; DERRIDA, Jacques; DIAS, Gonçalves; FAULKNER, William; FERNANDES, Florestan; FLAUBERT, Gustave; GUEVARA, Ernesto Che; GUIMARÃES, Bernardo; JOBIM, Tom; JUNQUEIRA, Ivan; LISPECTOR, Clarice; LOBATO, Monteiro; MALLARMÉ, Stéphane; MANN, Thomas; MELO NETO, João Cabral de; PAZ, Octavio; POUND, Ezra; RAMA, Angel; RAMOS, Graciliano; RICARDO, Cassiano; RIMBAUD, Arthur; ROCHA, Glauber; ROSA, Noel; SALLES, Walter Moreira; SANTOS, Filipe dos; VERÍSSIMO, Érico; VERNEY, Luis Antonio; VIEIRA, Luandino;

\*

AGUALUSA, José Eduardo. José Eduardo Agualusa. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 12-18.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Literatura

**Notas de resumo:**

O escritor angolano Agualusa, fala do fato de o Brasil ter se fechado em termos culturais. Exemplifica grandes escritores imigrantes que tratam somente de questões brasileiras. Fala do esquecimento tanto da África quanto de Portugal, e por outro lado a cultura popular, negra e brasileira aparece na Europa. Contudo há uma atenção crescente em relação à periferia que parece ter histórias melhores, mesmo sendo a literatura brasileira hoje pouco imaginativa e mais cotidiana. Fala sobre literatura portuguesa que passa por um momento que tem pouco a dizer. Fala especificamente de Angola, da literatura e cultura que ainda hoje conserva características peculiares anteriores à modernização da cidade onde o espaço para o imaginário ainda é muito grande. Para ele o escritor africano também é tradutor, na medida em que seu público está essencialmente fora de seu país. Ele comenta também da falta de debate da cultura da metrópole com outros locais do Brasil, e do alheamento da burguesia brasileira diante da realidade. Contrasta a guerra de Angola com a movimentação dos traficantes no Brasil. Discute a questão das cotas para negros, e finalmente, sobre um de seus personagens que diz ser o pessimismo um sentimento de povos felizes.

\*

AUGUSTO, Daniel. Guilherme Wisnik. Participação especial de Daniel Augusto. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 20-25.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Globalização

**Notas de resumo:**

Guilherme Wisnik fala sobre como a globalização tem dissolvido limites territoriais e os registros culturais tem se tornado menos territoriais. Afirma que a cultura é essencialmente circulante, e seria uma violência querer perdê-la. Para ele o imigrante estrangeiro tem um papel decisivo em sociedades mais arraigadas, pois ajuda a dissolver idéias estanques, proporcionado a mudança. Comenta

sobre a modernização que proporciona a perda da idéia de nação e ao mesmo tempo, há uma elite que se sente mais cidadã da globalização. Fala também do Brasil, dos "ocupantes e ocupados", divisão entre classes e da idéia de volta ao campo e também da reestruturação dos espaços públicos. Ele fala do ideal de mobilidade que imperou nos anos 1960 com o projeto das "walking cities". Comenta também sobre o espírito arquitetônico moderno e da expressão artística suburbana.

**Autores Citados:** BARTHES, Roland; DAVIS, Miles; DELEUZE, Gilles; GOMES, Paulo Emilio Salles; GUATTARI, Félix; HOBBSAWN, Eric J.; KOSOVITCH, Leon; SCHWARZ, Roberto; SENNETT, Richard;

\*

BEHR, Nicholas. POESIA PAU-BRASILIA. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 26.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

ARAÚJO, Antonio. Antonio Araújo. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 28-30.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Teatro

**Notas de resumo:**

Diretor do grupo teatral Vertigem, Antonio Araújo fala da peça BR-3 e da discussão sobre identidade que é representada pelo rio Tietê. Para ele o teatro pode recuperar e resensibilizar os espaços públicos. O grupo Vertigem se apresenta em espaços públicos desde os anos 1990 e esta proposta como a de outros grupos que surgiram desde então, tenta agregar, cooperar e trabalhar conjuntamente para representar o lugar do teatro na cidade. Araújo fala da experiência de deslocar o teatro de seus palcos tradicionais, da discussão sobre a identidade colocada pela peça e do processo de construção da peça BR-3 que para o diretor interessa mais do que o resultado final. O diretor explica o risco que há nas experiências de intervenção urbana no sentido de espetacularizar a cidade retornando ao plano da mera mercadoria. E finalmente fala da dificuldade de conseguir apoio para a pesquisa e realização do espetáculo.

\*

HARO, Rodrigo de. Rodrigo de Haro. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 32-35.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Notas de resumo:**

Rodrigo de Haro fala de sua origem européia e do precoce contato com poetas e pintores que marcaram sua formação e sua vida doméstica. Conta sobre sua vinda à Santa Catarina e a continuada rede de contatos e encontros com grandes artistas, desde a casa de seus pais, e do curto período que esteve no ensino regular. Fala do exercício de escrever poesia, e do percurso de busca de um senso de lugar e da poesia ser uma

porta que se abre ao "pânico da revelação". Para ele as paisagens, imagens e filmes da infância são os ideogramas da poesia, ele pensa a poesia como visceral, "anterior a qualquer experimento intelectual". Comenta da sugestão de que o fazer poético aproxima-se da respiração e considera que "toda operação com a palavra aproxima-se do ato mágico", contudo, ao contrário do místico é herético, ele "não deve buscar o vazio, mas sim, interpretar, dar nome às coisas criadas". O poeta concorda com o entrevistador quando diz que sua linguagem é fora de moda e fala da linguagem despreziosa e arcaísta, herdada do mundo rural. Sua poesia reflete com nostalgia um pouco da mágoa pelos lugares destruídos que deixou para trás. A saudade também é um estimulante criativo que faz parte da poesia de Rodrigo.

**Autores Citados:** AUGUSTO, Eudoro; BANDEIRA, Manuel; BLAKE, William; CANALETTO; CAVALCANTI, Di; CRUZ, San Juan de la; ELIADE, Mircea; FREYRE, Gilberto; GARCIA, Pedro; GIDE, Paul; GUIGNARD, Alberto da Veiga; HENRIQUES NETO, Afonso; LHOPE, André; LIMA, Jorge de; MACHADO, Ivens; MAGNO, Paschoal Carlos; MIRANDA, Sá de; NERY, Ismael; OLIVEIRA, Manuel de; OLSON, Charles; PEDROSA, Mário; PORT, Pedro; RENOIR, Jean; REBELO, Marques; SILVA, Agostinho da; SILVA, Dora Ferreira da; SILVA, Vicente Ferreira da; SOUZA, Eudoro de; VARGAS, Getúlio; WILDE, Oscar;

\*

CHAIA, Lia. Dissonâncias. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 36-37.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Fotográfico

\*

SNYDER, Gary. Re-Habitar. Azougue, n.º.12, fev. 2007, 39-41.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Naturalismo

**Notas de resumo:**

Neste texto, Gary Snyder fala sobre o conhecimento dos povos pré-históricos a respeito de seu território e de tudo que ele os oferecia; tudo que se poderia obter dos lugares por onde andaram. Este tipo de conhecimento da natureza passou para gerações posteriores como os nativos índios norte-americanos. Fala do habitar e de como o imperialismo contribuiu para a extinção de muitas espécies da fauna e flora. Desde o período neolítico a civilização está em declínio, as religiões estão voltadas e centradas no humano, que se esqueceram de aprender com a natureza, com os animais. Snyder afirma que este movimento de volta ao passado e a preocupação com o meio-ambiente tem no fundo, o propósito da auto-realização, do auto-conhecimento. Há assim, uma busca pelo eu, que está fragmentada e espalhada pelo mundo.

**Autores Citados:** STRAUSS, Levy;

\*

ALMEIDA, Mauro. Mauro Almeida. Azougue, n°.12, fev. 2007, 43-45.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Ecologia

**Notas de resumo:**

Mauro Almeida explica como se dava o sistema de habitação e subsistência dos seringais localizados na mata amazônica e sua reconfiguração, com o passar do tempo. Almeida fala também da relação das reservas extrativistas lideradas por Chico Mendes, o espaço cultural, local e de produção, em face do mercado e da exploração fundiária no vale do rio Acre. Ele fala de como o uso ritual da ayahuasca passou dos caboclos para os seringueiros que também continuaram com os rituais, o que veio a se configurar na religião do Santo Daime. Com relação à aplicação da "vacina do sapo", que começou a ser difundida como remédio entre os seringueiros, o caso é mais complicado e envolve o Ministério do Meio-ambiente, empresas, laboratórios e hospitais. Ele fala também do projeto da Enciclopédia da Floresta e da proposta da universidade da Floresta e finalmente comenta da multiplicidade de ecologias, cultura e modos amazônicos de viver e habitar. Defende uma política de prudência respeitando os direitos desses povos que vivem de maneira diferente.

**Autores Citados:** CUNHA, Euclides da; CUNHA, Manuela Carneiro da;

\*

Azougue. Armando Cherôpapa Txano. Azougue, n°.12, fev. 2007, 47-48.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Ecologia

**Notas de resumo:**

Armando Cherôpapa Txano é cacique da aldeia Paraná, um dos principais pajés do povo Marubo. Ele fala do petróleo que chama de "gorduras de tatu", que é indiscriminadamente extraído. Explica que ainda há bastante, mas que pode se acabar logo e arruinar a terra, por isso, é muito importante protegê-lo. Através da singular mitologia indígena, ele conta como a terra e o céu, pararam de falar pela negligência do homem.

\*

PITTA, Matheus Rocha; PITTA, Thiago Rocha. Matheus e Thiago Rocha Pitta. Azougue, n°.12, fev. 2007, 50-51.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Artes plásticas

**Notas de resumo:**

Os irmãos Matheus e Thiago Rocha Pitta, ambos artistas plásticos, falam sobre a mediação entre a arte e o público pelo estado, através das leis de incentivo. Há também a preocupação pelo que dita o mercado, e a confusão entre valor artístico e valor de mercado. Matheus fala da ansiedade que se instaurou na nova geração de artistas pela

pressão do mercado e pelo fato de o trabalho artístico ter se transformado em carreira. Por outro lado Thiago fala da dissolução da voz do artista frente à sua obra, o que passa a ser resposta do museu ou até mesmo do público. Sobre a arte hoje, eles falam da importância de quebrar com a racionalidade pura da arte sem deixar de lado a experimentação e pesquisa de linguagem, a importância e necessidade de uma sensualidade na arte. Thiago pensa a cidade como "uma paisagem que simultaneamente se constrói e se destrói" e, para ele é mais importante pensar de onde vieram os materiais que usa. Matheus por outro lado, se interessa em desestabilizar os lugares determinados da cidade, interferindo de maneira a misturar as coisas na busca pelo estranhamento.

\*

RAMIL, Vitor. Vitor Ramil. Azougue, n°.12, fev. 2007, 53-55.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Estética

**Notas de resumo:**

O escritor e músico Vitor Ramil explica que a Estética do Frio é ainda uma idéia em processo. Tem a ver com um conflito de identidade que acontecia quando foi morar no Rio de Janeiro e aí não tinha mais a sensação de estar no Brasil. Para retomar o sentimento de nacionalidade ele se muda para o sul, mais próximo ao Uruguai, o que propicia o encontro de uma cultura com a outra e mais ainda a conquista de uma identidade. Fala que a estética do firo tomou a rua e já é manifestação de outros artistas. Fala de como o tropicalismo contribuiu para a formação de uma nova identidade nacional, mas para ele sendo sulista, a estética do firo assume melhor a configuração de uma identidade artística. Contrasta o Manguê Bit com tal estética que mesmo se tratando de expressões regionais, se devem a particularidades, inquietações e necessidades diferentes.

**Autores Citados:** BORGES, Jorge Luis; SUZANO, Marco; VIANNA, Hermano;

\*

ARAGÃO, Helder. DJ Dolores. Azougue, n°.12, fev. 2007, 57-58.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Música

**Notas de resumo:**

Dj Dolores fala da recepção da música eletrônica no Brasil, de seu encontro com a música eletrônica e sobre a mixagem que fez de uma canção do Chico Buarque. Para ele o Manguê Bit foi um movimento mal compreendido e virou discurso bairrista, argumento nacionalista que caiu no ufanismo. Ele fala sobre o deslocamento destes artistas para os grandes centros, onde os produtores são atraídos pelo maior poder aquisitivo e pela possibilidade de espetáculos ao vivo, prática que se tornou a principal fonte de

renda dos artistas. Finalmente ele fala da idéia de autoria aberta da música eletrônica, para ele a reinvenção ou a apropriação de uma música facilita a difusão do artista que a compôs originalmente.

\*

PRATA, Antônio. Antonio Prata. Azougue, n°.12, fev. 2007, 60-63.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Antonio Prata fala da intervenção política ou social da literatura. Fala de sua escrita e como ela atinge o grande público. Dá o exemplo da experiência de escrever novela e assumindo sua posição de escritor, tenta ver a sociedade que assiste à novela por outro ponto de vista que não do brasileiro alienado. Comenta sobre a política cultural no Brasil concluindo que os cadernos culturais daqui não falam a mesma língua dos leitores, é uma conversa restrita, de intelectuais para intelectuais. O escritor fala de suas influências e afirma que tudo que viu antes da faculdade não pode desaparecer quando escreve. Ele fala da repercussão que teve seu texto sobre "meio intelectuais, meio de esquerda". Fala também do uso do humor e das armadilhas que ele pode apresentar e finalmente fala do preconceito étnico ainda existente no Brasil.

**Autores Citados:** ASSIS, Machado de; BENJAMIN, Walter; FLAUBERT, Gustave; SANTOS, Sílvio; VERÍSSIMO, Luis Fernando;

\*

PIRES, Ericson. Ericson Pires. Azougue, n°.12,

fev. 2007, 65-68.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Ericson Pires é músico carioca. Fala da precária estética da Restinga, e que a precariedade é atual e permeia todo o cotidiano. Há na precariedade uma potência que tenciona a lógica mercadológica. Ele diz que o contemporâneo é precário, bruto e não obedece a nada. Fala que habitar o Rio de Janeiro é ter que compactuar com o processo da criminalização e ver a favela ficar invisível. Fala da periferia como elite cultural, pois é aí que muitos artistas estão aparecendo. Finalmente critica o MAM e a cultura elitizada que, segundo ele insiste em ditar as regras.

**Autores Citados:** ANDRADE, Oswald de; CARVALHO, Flávio de; PASOLINI, Pier Paolo; ROCHA, Glauber; ZARVOS, Guilherme;

\*

Azougue. Azougue, n°.12, fev. 2007, 69.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Notas de resumo:**

Notas biográficas dos colaboradores deste volume.

\*

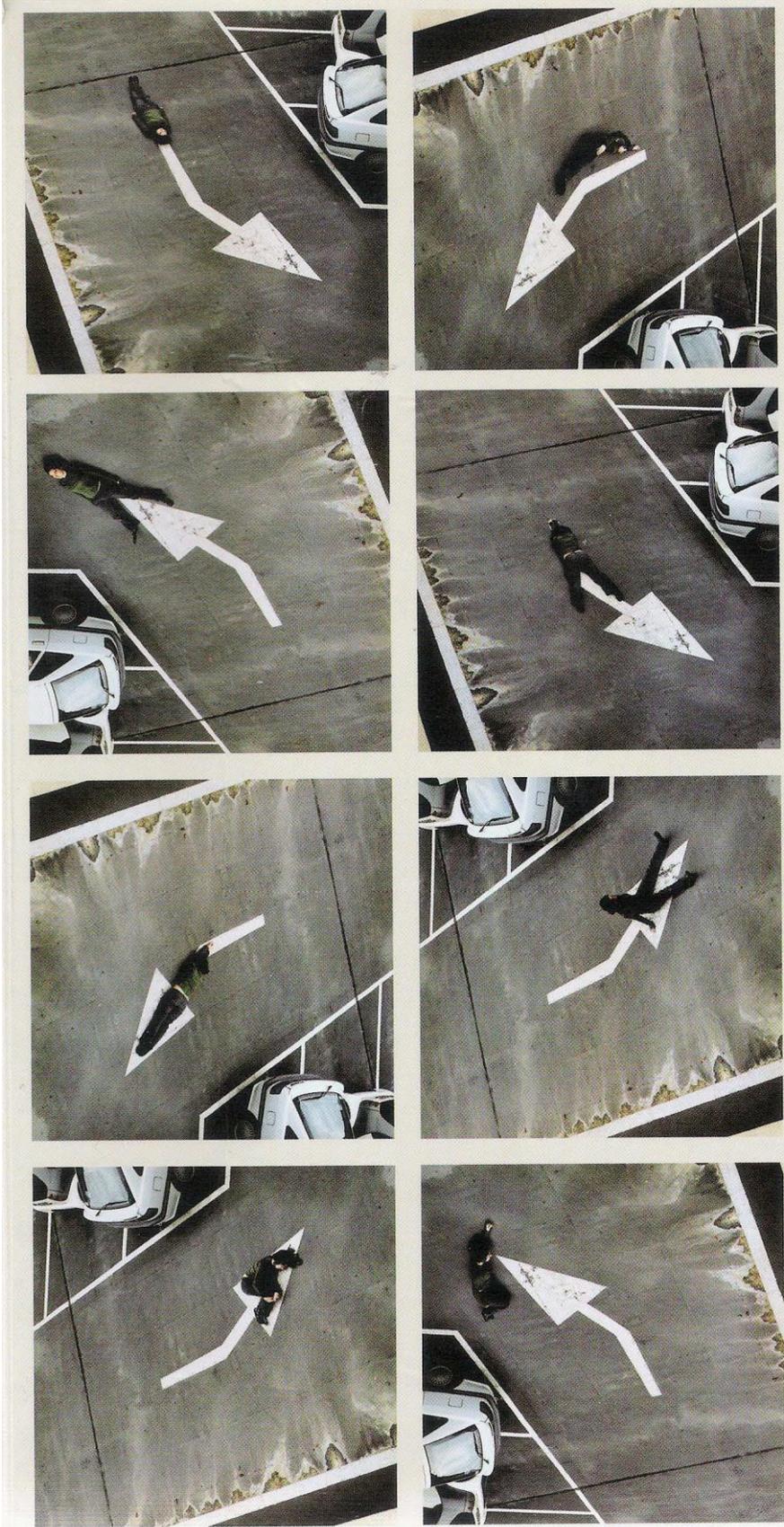
HAN SHAN. Canções da Montanha Gelada. Azougue, n°.12, fev. 2007, 70-71.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

\*

BRETON, André; FOURIER, Charles. ICI J'AI RENVERSÉ. Azougue, n°.12, fev. 2007, 72.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)



*AZOUQUE*

OBS: Esta é a capa da edição especial publicada em 2008 que compila os dois números apresentados anteriormente e apresenta mais dois volumes, o Traição/Vínculo e o Invenção/Experiência. Por esse motivo, ela aparece reproduzida novamente como a capa do último volume.

Azougue. COHN, Sergio; CESARINO, Pedro; REZENDE, Renato. Traição / Vínculo. Azougue, n° Esp., 2008,00.

**Vocabulário controlado:** CAPA

**Notas de resumo:**

Edição especial que compila toda a coleção das entrevistas. Contém os números 11 e 12 de 2007 e os números 13 e 14 de 2008.

**Iconografias:** imagem da capa “Dissonâncias” de Lia Chaia. S/d.

\*

OLSON, Charles. Os Martins-Pescadores / The Kingfishers. Azougue, n° Esp., 2008, p.183-190.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema em quatro partes escrito em 1949.

\*

BRINGHURST, Robert. Robert Bringhurst. Azougue, n° Esp., 2008, 191-195.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Robert Bringhurst fala de etnocentrismo, de seu trabalho como tradutor de culturas orais, e dá sua opinião sobre arte indígena na América e na África. Fala de seu contato com os vários idiomas e o quão importante a tradução se tornou para sua produção poética.

**Autores Citados:** BRANCUSI, Constantin; HEGEL; HEIDEGGER, Martin; KANT, Immanuel; PICASSO, Pablo;

\*

CÍCERO, Antonio. Antonio Cicero. Azougue, n° Esp., 2008, 196-202.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

O poeta e ensaísta Antonio Cicero fala da necessidade de reconhecer que a importância histórica de uma obra de arte nem sempre coincide com seu valor estético, como por exemplo, os manifestos de Oswald de Andrade. Fala das vertentes poéticas que surgiram depois do modernismo e da noção de estética e de anacronia na poesia.

**Autores Citados:** AGAMBEN, Giorgio; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Oswald de; ASSIS, Machado de; BANDEIRA, Manuel; CAMPOS, Haroldo de; DUCHAMP, Marcel; MELO NETO, João Cabral de; NIETZSCHE, Friedrich; OITICICA, Hélio; ROSA, Guimarães;

\*

ROLNICK, Suely. Antropofagia Zumbi. Azougue, n° Esp., 2008, 203-220.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavras-chave:** Sujeito

**Notas de resumo:**

Ensaio da crítica de arte Suely Rolnik em que coloca a política de subjetivação própria ao neoliberalismo brasileiro a partir do colapso do sujeito moderno que se manifesta contrário às

restrições do modelo burguês. Pela elaboração crítica da experiência antropofágica, Rolnik busca responder à questão da política da relação com o outro, o destino da potência de criação e questiona ainda se a experiência antropofágica poderia "contribuir para curar a atual fascinação cega perante a flexibilidade e a liberdade de hibridação".

**Autores Citados:** RIBEIRO, Darcy;

\*

TUNGA. Tunga. Azougue, n° Esp., 2008, 221-226.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

O artista plástico Tunga fala do antagonismo que há entre a postura construtivista herdada da matriz europeia, e a de experiência que para ele são difíceis de serem congregadas em um artista, mas são ao mesmo tempo, importantes para pensar como contribuição para o aparecimento de uma arte brasileira genuína. Ele fala ainda de seu processo de criação, da poesia em seu trabalho e das paródias que faz com ciência e religião.

**Autores Citados:** ANDRADE, Oswald de; BAUDELAIRE, Charles; BRISSET, Jean-Pierre; CARVALHO, Flávio de; DUCHAMP, Marcel; OITICICA, Hélio; POE, Edgar Allan;

\*

BURROUGHS, William. William Burroughs. Arranjo de Arto Lindsay, 1976. Azougue, n° Esp., 2008, 227-229.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Notas de resumo:**

O escritor americano fala de sua mitologia de conflito e guerra em que há pouco espaço para o amor e céu e inferno são a libertação do condicionamento de cair nas mãos do "vírus do poder". Burroughs fala de algumas de suas obras, do vício em drogas e vício em poder como dramas humanos; e finalmente das palavras e imagens serem vírus, ou atuarem como vírus.

\*

COHN, Sérgio. Este é o meu tempo. Azougue, n° Esp., 2008, 230.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro “O sonhador insone”.

\*

FERRARI, Leon. Léon Ferrari. Azougue, n° Esp., 2008, 231-232.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

O artista plástico Argentino, Leon Ferrari fala que a idéia de renovação da linguagem ou vanguarda não se esgota e deve ser sempre renovada para que uma obra de arte seja perpetuada. Afirma ainda que a política é matéria importante para sua arte e fala do papel do mercado, galerias, museus e colecionadores como os atuais determinantes do que é e não é arte.

\*

FREIRE, Marcelino. Marcelino Freire. Azougue, n° Esp., 2008, 233-246.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

O escritor pernambucano Marcelino Freire fala de uma atuação cultural nova que está surgindo e tem de ser fomentada e estimulada por entusiastas e pelos próprios escritores. Fala da atual geração de escritores que está à frente desta movimentação e dos lugares alternativos que foram adotados para se discutir e fazer arte. Fala do importante papel da Mercearia São Pedro na Vila Madalena em São Paulo, como um lugar de encontro da nova geração que se situa à margem da mídia convencional.

**Autores Citados:** GALERA, Daniel; LEITE, Ivana Arruda; TERRON, Joca Reiners; ZENI, Bruno;

\*

ZARVOS, Guilherme. Guilherme Zarvos. Azougue, n° Esp., 2008, 247-250.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Guilherme Zarvos é escritor e fundador do projeto CEP 20.000 - centro de experimentação poética no Rio de Janeiro. Na entrevista para Azougue, ele fala de sua produção como romancista e das mudanças sofridas pela influência da poesia. Ele fala da importância de pensar e agir coletivamente não somente com a literatura, mas a partir da simples leitura. Fala de sua obra "Morrer" que é a volta da sinceridade como movimento afetivo e efetivo. Para ele é necessário criar novas ações utópicas, políticas e estéticas.

**Autores Citados:** RIBEIRO, Darcy; SANTIAGO, Silviano; SANTORO, Fernando;

\*

BRITO, Ronaldo Correia de. Ronaldo Correia de Brito. Azougue, n° Esp., 2008, 251-258.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

O escritor pernambucano fala da oralidade como base da literatura do nordeste e da figura do contador de histórias que acabou se dissipando pelo Brasil. Por outro lado, ele comenta o emudecimento da voz muito pelo aparecimento da televisão e seguintes tecnologias. Conversa ainda sobre seu último romance, "Livro dos Homens", que aborda a questão da oralidade no ato de contar histórias, falando de ruínas, da mutação de uma tradição na busca da identidade nordestina.

**Autores Citados:** ANDRADE, Oswald de; FREYRE, Gilberto; LUFT, Lya; PASOLINI, Pier Paolo; ROCHA, Glauber; TANIZAKI, Junichiro.

\*

AÏNOUZ, Karin. Karim Aïnouz. Participação especial de Daniel Augusto. Azougue, n° Esp., 2008, 259-266.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Karim Aïnouz é cineasta autor de Madame Satã. Fala que seus personagens sofrem uma espécie de "fetichização". Está preocupado com a competência técnica e como unir essa técnica à potência criativa. Fala da razão pessoal para fazer um filme e da verossimilhança, realismo ou hiper-realismo e do caráter documental que estão permeando a produção brasileira. Ele fala também de como a função do cinema e o jeito de produzir e mostrar uma obra vem se modificando. Finalmente ele fala das características de sua obra e da questão do local em detrimento à questão da identidade, a qual já foi muito produtiva nos últimos 10 anos.

\*

SANTOS, Roberto Corrêa dos. Roberto Corrêa dos Santos. Azougue, n° Esp., 2008, 267-271.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Roberto Corrêa dos Santos, fala de seu ensaio "Pensar escritores, Machado a exemplo" onde ele se detém longamente a firmar o entendimento teórico acerca do estilo que se exterioriza sempre em movimento como natureza orgânica, como dispositivo corporal, força. Para ele o estilo que é pulsão de vida, é nas obras onde a pulsão se aquece cada vez mais. O crítico explica o sentido de conscientização que atribui em seu livro "Para uma teoria da interpretação (1989)". Fala da imaginação que diz relacionar-se a práxis frente aos traços que geram uma infinidade de materiais criativos e do sagrado expresso na obra de arte.

**Autores Citados:** AGAMBEN, Giorgio; FREIRE, Paulo;

\*

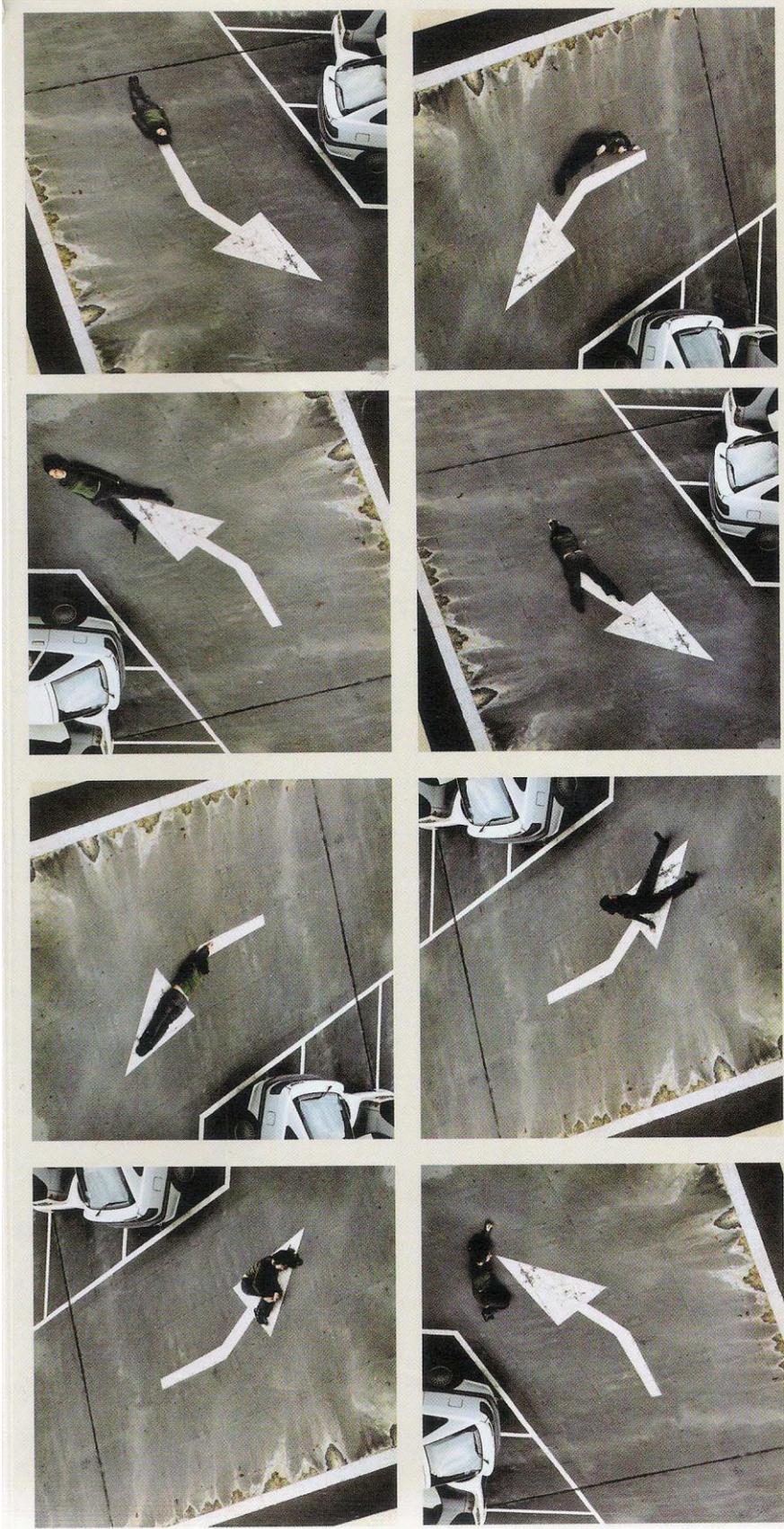
BRITO, Jomard Muniz de. Jomard Muniz de Brito. Azougue, n° Esp., 2008, 272-277.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Jomard fala de seu processo de criação que consiste em jogar nas margens das múltiplas linguagens, já que sua poesia é muito permeada pela imagem. Fala da experiência como educador e de sua herança poética, da ligação com o cotidiano que baseia a crítica cultural encontrada na poesia e afirma incluir a estranheza em sua pedagogia a fim de promover uma perturbação. Observa em nossa cultura um viés psicanalítico muito marcante e também uma nova formação da identidade pela diferença. Finalmente fala da "cultura do precário".

**Autores Citados:** BARTHES, Roland; DELEUZE, Gilles; LIMA, Luiz Costa; MAUTNER, Jorge; SALOMÃO, Waly; STRAUSS, Levy; VIOLA, Paulinho da;



*AZONGUE*

Azougue. COHN, Sergio; CESARINO, Pedro; REZENDE, Renato. Invenção /Experiência. Azougue, n° Esp., 2008.

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Discurso. Azougue, n° Esp., 2008, 279.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado no livro "Abismos com Violinos" – 1995.

\*

SANTOS, Laymert Garcia dos. Laymert Garcia dos Santos. Azougue, n° Esp., 2008, 281-290.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

O sociólogo auto de "Politizar as novas tecnologias (2003)" em entrevista para a revista, fala da mudança da lógica operatória na disciplinaridade das ciências humanas exigida por um pensar mais flexível. Ele fala também de seu interesse pela cultura indígena brasileira como um resgate de tradição. Defende o software livre para que possamos sair da condição de consumidores de tecnologia e passar a criadores.

**Autores Citados:** ALTHUSSER, Louis; CANDIDO, Antonio; CARDOSO, Sérgio; DELEUZE, Gilles; FRAMPTON, Hollis; GUATTARI, Félix; LACAN, Jacques; SIMONDON, Gilbert;

\*

SANTOS, Jair Ferreira dos. Jair Ferreira dos Santos. Azougue, n° Esp., 2008, 291-294.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Jair Ferreira dos Santos comenta que a característica do fantástico que aparece na literatura americana pós-beat passa longe da literatura brasileira (salvo alguns casos específicos) e aponta o rápido avanço tecnológico como principal fator para a perda de referência pela qual a arte passa na atualidade. O escritor fala da possibilidade de haver uma nova sociedade com novos veículos para a arte, novas perguntas, novas formas de relação como o objeto artístico. Fala de uma crise de enunciação frente ao novo e da força de existência da arte pela sua capacidade de nomear o novo.

**Autores Citados:** ANDRADE, Oswald de; AQUINO, Marçal; JOYCE, James; LUCAS, Fábio; PROUST, Marcel; RUBIÃO, Murilo; SANT'ANNA, Sérgio; VEIGA, José J.; WOLF, Virginia;

\*

TAVARES, Braulio. Braulio Tavares. Azougue, n° Esp., 2008, 295-304.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

O escritor paraibano fala da quase inexpressiva tradição da ficção científica na literatura brasileira. Fala da grande dimensão desta tradição nos Estados Unidos e de como influenciou a literatura de Jorge

Luis Borges. Fala que no Brasil, a expressão literária presa mais pela verossimilhança, mas foi o cinema que também timidamente incorporou aspectos do gênero. Fala também do fantástico urbano e da tecnologia como agente do fantástico e da débil Crítica e/ou aceitação dos romances despóticos soviéticos.

**Autores Citados:** BORGES, Jorge Luis; CARNEIRO, André; CARR, John; CHRISTIE, Agatha; CHANDLER, Raymond; CRUZ, Gastão; CUNHA, Fausto; DOYLE, Sir Conan; GUERRA, Ruy; HAMMETT, Dashiell; ORWELL, George; QUEEN, Ellery (Pseud. de Frederic Dannay e Mandred Lee); ROBINSON, Kim Stanley; SCAVONE, Márcio; WILSON, Colin;

\*

BENTES, Ivana. Ivana Bentes. Azougue, n° Esp., 2008, 305-308.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

A crítica de Cinema Ivana Bentes fala sobre como novas tecnologias estão afetando o cinema. Diz ser uma mudança antropológica na medida em que há uma mudança da nossa relação com a imagem. Considera positivo o fenômeno do audiovisual que superou o modelo do amador o que possibilita maior pluralidade. Por outro lado, ela fala que a arte tende mais para o processo do que para o objeto e que tais processos, no modelo capitalista atual, são patenteados e transformados em objetos. Fala ainda do paradoxo que é a questão da pirataria que mesmo ao comercializar o filme na ilegalidade, também o transforma num fenômeno, como foi o caso de Tropa de Elite. Finalmente Bentes comenta alguns aspectos estruturais e estéticos do filme.

\*

HENRIQUES NETO, Afonso. Nada existe, celebremos aventura. Azougue, n° Esp., 2004, p.15-22.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO - Literatura

Afonso

**Palavras-chave:** Biografia; Cultura; Literatura; Poesia; Século XX

**Notas de resumo:**

[Consta texto de apresentação do poeta, não-assinado.] Afonso Henrique Neto relata como começou a escrever e fala de suas leituras e influências literárias. Confessa sua predileção pelos preteridos pela vanguarda, como Cecília Meireles, Murilo Mendes e Jorge de Lima, mas fala também de outras leituras. Conta sua parceria com Eudoro Augusto para a publicação do primeiro livro e a trajetória de sua produção durante a ditadura, fala da antologia "26 poetas hoje" e da importância desta para dar projeção aos "marginais". Diz ser avesso a "modismos" e busca o enfreamento entre poesia e vida. Conta sobre as leituras públicas de poemas nos anos 80 e de seus livros contemporâneos a Azougue, reivindicando uma

preocupação dos poetas com a qualidade para "ler com olhos agudos o passado e tentar inventar o futuro".

**Autores Citados:** ALIGHIERI, Dante; ALVES, Castro; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ÁQUILA, Luiz; AUGUSTO, Eudoro; AZEVEDO, Álvares de; BANDEIRA, Manuel; BAUDELAIRE, Charles; BRAHMS, Johannes; BUARQUE, Chico; CAMPOS, Augusto de; CACASO, (Pseud. de Antonio Carlos de Brito); CARNEIRO, Geraldo; CARNEIRO, Sá; CESAR, Ana Cristina; CHACAL, ; CORTÁZAR, Julio; CHARLES; DIAS, Gonçalves; ELIOT, T. S.; FAUSTINO, Mário; FONTES, Luís Olavo; FERNANDES, Elayne; FREITAS FILHO, Armando; GINSBERG, Allen; GAMA, Mauro; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de; GUIMARAENS, (João) Alphonsus de; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GULLAR, Ferreira; HOMERO; HOUAISS, Antonio; JOYCE, James; JUNQUEIRA, Ivan; KAFKA, Franz; LAUTRÉAMONT, Conde de (Ver Isidore Ducasse); LIMA, Jorge de; LORCA, Federico García; MALLARMÉ, Stéphane; MATOS, Gregório de; MEIRELES, Cildo; MEIRELES, Cecília; MELO NETO, João Cabral de; MORAES, Vinícius de; MENDES, Murilo; PESSOA, Fernando; PIVA, Roberto; PAZ, Octavio; POUND, Ezra; SANTOS, Ronaldo; RIMBAUD, Arthur; SOUSA, Cruz e; STEINBERG, Silvia; TORQUATO NETO; VELOSO, Caetano; VERDE, Cesário; VILHENA, Bernardo; WILLER, Cláudio;

**Iconografias:**

Foto: Afonso Henriques Neto, por Cêça de Guimaraens, s/d.

\*

DOMINGUES, Diana. Diana Domingues. Azougue, n° Esp., 2008, 309-314.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Diana Domingues fala sobre a complexidade do desempenho com tecnologia. Para ela a "Web Art" muda a conectividade para apropriação, "remixagem", criação coletiva, distribuída, enfim, toda uma bricolagem na Cultura Remix. Ela fala ainda sobre o pós-humano que também chama de "ciberadão" que é o homem em suas conexões com o ciberespaço onde ele tem uma vida paralela. Fala ainda das relações entre utopias e distopias no espaço cibernético. Para ela, estes espaços virtuais estão se tornando um lugar evocativo onde podemos controlar ações com verdadeira identidade ou no anonimato.

**Autores Citados:** BAUMGARTEN, Lothar; CARAVAGGIO; RHEINGOLD, Howard; STELARC; TURKLE, Sherry; WERTHEIM, Margaret;

\*

ROCHA, Camilo. Camilo Rocha. Azougue, n° Esp., 2008, 315-329.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Camilo Rocha fala das raízes e da evolução da música eletrônica. Fala de como ela se popularizou com a pista de dança e de como o acesso à música de uma maneira geral torna-se cada vez mais fácil pelo massivo acesso ao MP3. Fala também do papel dos produtores e gravadoras, da volta do vinil e do grande movimento Rave que nasceu na Inglaterra nos anos 80. Finalmente comenta da facilidade que é produzir esse tipo de música com a grande quantidade de softwares fáceis e baratos de conseguir e usar pela interatividade.

**Autores Citados:** SCHAEFFER, Pierre;

\*

PASSETTI, Edson. Edson Passetti. Azougue, n° Esp., 2008, 330-336.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Anarquismo

**Notas de resumo:**

O sociólogo Edson Passetti fala do anarquismo numa breve trajetória de ocultamento e reaparecimento como o Maio de 68, como diversidade e busca de possibilidades de invenção da liberdade. Ele critica os anarquistas militantes de fim de semana o que chama de conservadorismo moderado. Critica também a escola em seus moldes atuais e diz que os anarquistas deveriam inventar atitudes que arruinem o aparato moral. Fala ainda da relação anarquista com as drogas e de como elas contribuíram ou não, para promover um pós-uso e também do consumo de drogas mais conservadoras que há hoje. Finaliza comentando sobre os hippies e sobre os 40 anos do maio de 68.

**Autores Citados:** BEY, Hakim; CASSADY, Neal; GINSBERG, Allen; KEROUAC, Jack; KESEY, Ken; LEARY, Thimoty; MALATESTA; NIETZSCHE, Friedrich; THOREAU, Henry David;

\*

MORAES, Eliane Robert. Eliane Robert Moraes. Azougue, n° Esp., 2008, 337-342.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Erotismo

**Notas de resumo:**

Moraes argumenta que a literatura erótica brasileira ainda está escondida e que há um erótico mais para textos convencionais que, para ela ficam presos demais ao realismo e contrapondo, há ficção erótica que está mais para a ordem da fantasia e do delírio eróticos. Ela fala da banalização do erotismo pela cultura de massa e da proximidade do erotismo com o fantástico e que ambos exploram os limites humanos e num outro nível o questionamento do bem e do mal. Finalmente Robert fala do problema da proliferação de imagens que afetam o silêncio criativo e torna mais difícil a invenção de novas formas.

**Autores Citados:** BATAILLE, Georges; BAUDELAIRE, Charles; BRETON, André; CESAR, Ana Cristina; DIDEROT, Denis;

FLAUBERT, Gustave; FREITAS FILHO, Armando; HILST, Hilda; MATTOSO, Glauco; MICCOLIS, Leila; PAES, José Paulo; PIVA, Roberto; RUBIÃO, Murilo; SADE, Marquês de; STIGGER, Veronica; TORRES FILHO, Rubens Rodrigues; VEIGA, José J.

\*

WILLER, Claudio. Claudio Willer. Azougue, n° Esp., 2008, 343-348.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Transgressão

**Notas de resumo:**

Claudio Willer fala da relação que sua poesia tem com a transgressão dos malditos, e com o primeiro manifesto surrealista. Para ele a atividade transgressiva é essencial para a poesia. Fala também de sua tese sobre poesia e gnose, sobre o mundo digital, internet, inovações tecnológicas, e como muda radicalmente a absorção da informação e o desafio ao selecionar informação. Referência Lautréamont e fala da poesia feita por todos, dos hipertextos de Piva entre outros poetas que dialogam uns com os outros.

**Autores Citados:** BLAKE, William; BLOOM, Harold; BRETON, André; ELIADE, Mircea; FENOLLOSA, Ernest; GINSBERG, Allen; LIMA, Jorge de; LORCA, Federico García; MENDES, Murilo; NOVALIS, (Pseud. de Friedrich von Hardenberg); PIVA, Roberto; POUND, Ezra; SCHELLING, Friedrich;

\*

PUCHEU, Alberto. "Um dos conceitos do cinema se apropria de mim: (...)". Azougue, n° Esp., 2008, 348.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Fragmento sobre "tempo morto" no cinema do livro "Escritos da Indiscernibilidade", 2003

\*

GUERREIRO, Eduardo. Eduardo Guerreiro. Azougue, n° Esp., 2008, 349-353.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Doutor em cinema da literatura, Eduardo fala de sua tese elaborada na Alemanha e defendida na UERJ, que discute o papel da "mística especulativa" na formação das universidades, justamente quando surgia a crise que impulsionara ótimos trabalhos sobre a mística ocidental. Guerreiro fala ainda do conflito existente entre a instituição universitária e as práticas místicas. Fala das limitações da abordagem universitária que diz ficar somente no racional e não na própria experiência. Fala da mística atéia que para ele, é a mística da arte moderna emancipada da mística tradicional, diferente da mística dentro do sistema religioso.

**Autores Citados:** ÁVILA, Teresa de; BATAILLE, Georges; CARROUGES, Michel; CLEMENT, Catherine B.; DEBUSSY, Claude Achille;

ECKHART, Meister; GEORGE, Stephan; GOETHE; HEGEL; KANDINSKY, Wassily; MALLARMÉ, Stéphane; MENDES, Murilo; PESSOA, Fernando; PIVA, Roberto; SWEDENBORG, Emmanuel; TAULER;

\*

MONTEIRO, Danilo. Certos trabalhos exigem desembaraço. Azougue, n° Esp., 2008, 354.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Hoje Outro Nome Tem a Chuva", 2004

\*

CESARINO, Pedro. Os acidentes. Azougue, n° Esp., 2008, 355-356.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Notas de resumo:**

Poema publicado em "Poesias Dispersas", 2008.

\*

McCLURE, Michael. Michael McClure. Azougue, n° Esp., 2008, 357-363.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

O poeta e ensaísta norte americano Michael McClure fala do verso projetivo de Charles Olson e de como este ensaio influenciou seus poemas publicados no "The new book/ a book of torture". Descreve seus poemas como estruturas ativas de energia. Fala de sua inspiração na natureza e biologia e de sua poesia mamífera em "Ghost Tantras" as quais derivam de uma experiência religiosa e filosófica. Para McClure a poesia é um princípio muscular que deve ser feita, realizada pela totalidade dos sentidos e com muita consideração aos grandes poetas.

**Autores Citados:** ARTAUD, Antonin; BALL, Hugo; BARAKA, Imamu Amiri (Ver LeRoi Jones); BLAKE, William; CREELEY, Robert; BOEHME, J.; CHOMSKY, Noam; DOGEN; GOETHE; GINSBERG, Allen; MALLARMÉ, Stéphane; KEROUAC, Jack; LAWRENCE, D. H.; MELVILLE, Herman; LORCA, Federico García; MARCUSE, Herbert; POLLOCK, Jackson; MICHAUX, Henri; MONK, Thelonus; SCHLEGEL, Friedrich; POUND, Ezra; SCHWITTERS, Kurt; SHELLEY, Percy; SNYDER, Gary; WHALEN, Philip;

\*

PIVA, Roberto. Roberto Piva. Azougue, n° Esp., 2008, 364-374.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Numa das mais extensas entrevistas da revista, Roberto Piva fala de sua poesia e de vários aspectos que ele busca em sua trajetória: a poesia como êxtase e vivência, xamanismo e mitologia, a busca pelo andrógino primordial que são alguns aspectos de sua poesia mais recente. Fala de política, anarquismo, contracultura, erotismo e amor, música, religião e morte, quando ele declara estar se

preparando para o "renascimento do maravilhoso".

**Autores Citados:** ANDRADE, Mário de; BENJAMIN, Walter; BROWN, Norman O.; BRUEGHEL; FERLINGHETTI, Lawrence; HAWKING, S. W.; MYRDAL, Gunnar; PASOLINI, Pier Paolo; PAZ, Octavio; SILVA, Vicente Ferreira da;

\*

JODOROWSKY, Alejandro. Alejandro Jodorowsky. *Azougue*, nº Esp., 2008, 375-381.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Notas de resumo:**

Em entrevista para Gabriela Campos, Alejandro Jodorovsky fala da relação que tem com o tarô, que para ele é uma arte que só se realiza ao se

transformar em poesia. Fala da força da palavra e do ritmo que está tanto na magia quanto na poesia. Para ele a poesia através do tarô é também um processo de transformação, uma espécie de encantamento. Afirma que a verdadeira poesia é a união entre sons e conceitos e o resplendor da verdade é a beleza. Ele diz que o poeta deve retirar-se da política na busca pela metamorfose da alma. Dá sua opinião sobre poetas franceses, sobre o cinema brasileiro e comenta a relação do espectador com o cinema e com os quadrinhos que classifica como passiva e ativa respectivamente.

**Autores Citados:** BRETON, André; CAILOIS, Roger.

## Estatísticas *colaboradores*

11-dez-09

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
AINOUZ,Karin	1	0,11
AIRES,Silvia	2	0,22
ALEIXO,Ricardo	6	0,65
AMARAL,Pedro	5	0,54
ANDRADE,Carolina	3	0,32
ANDUJAR,Cláudia	1	0,11
ANSELMO,Alexandre	2	0,22
ANZUATEGUI,Sabina	1	0,11
ARAGÃO,Helder	1	0,11
ARAÚJO,Antonio	1	0,11
ARRUDA,Gustavo	7	0,76
ASSUNÇÃO,Ademir	6	0,65
AUDI,Sérgio	2	0,22
AUGUSTO,Daniel	1	0,11
AZEVEDO,Beatriz	1	0,11
BAIOCCHI,Maura	1	0,11
BARREIRA,Marina	1	0,11
BEHR,Nicholas	1	0,11
BENINI,	3	0,32
BENTES,Ivana	1	0,11
BERNARDES,Madalena	1	0,11
BEY,Hakim	1	0,11
BICELLI,Roberto	4	0,43
BISHOP,Elizabeth	1	0,11
BIVAR,Antônio	2	0,22
BOLSONI,Débora	1	0,11
BORGES,Augusto Contador	6	0,65
BORSERO,Cássia	1	0,11
BRETON,André	2	0,22
BRINGHURST,Robert	9	0,97
BRITO,Jomard Muniz de	1	0,11
BRITO,Ronaldo Correia de	1	0,11
BRITTO,Paulo Henriques	20	2,16
BUENO,Daniel	3	0,32
BURROUGHS,William	1	0,11
BUTI,Marco	1	0,11
CALDAS,Paulo	1	0,11
CAMPANA,Dino	11	1,19
CAMPOS,Jorge Hernández	1	0,11
CAMPOS,Ricardo	1	0,11
CARNEIRO,Mário	1	0,11
CARVALHO,Campos de	4	0,43
CARVALHO,Monica	1	0,11

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
CARVALHO,Sérgio de	1	0,11
CASTELLI,Chantal	4	0,43
CASTRO,Eduardo Viveros de	1	0,11
CAVAQUINHO,Nelson	1	0,11
CECIM,Vicente	1	0,11
CESARINO,Pedro	10	1,08
CHACAL,	5	0,54
CHAIA,Daniel	1	0,11
CHAIA,Lia	1	0,11
CHAIA,Miguel	1	0,11
CÍCERO,Antonio	1	0,11
COHN,Sérgio	29	3,14
CORREIA,Eduardo	1	0,11
COUTO,Armando	1	0,11
COUTO,Marina	1	0,11
CRISTOBO,Aníbal	5	0,54
DANIEL,Claudio	5	0,54
DIMITROV,Alexandre	1	0,11
DINORAH,Anthea	1	0,11
DOMINGUES,Diana	1	0,11
ÉLUARD,Paul	8	0,87
FERRARI,Leon	1	0,11
FERRAZ,Alexandre	8	0,87
FERRAZ,Heitor	3	0,32
FERREIRA,Hélder Perri	2	0,22
FERREIRA,Lírio	1	0,11
FERREIRA,Maurício	6	0,65
FIORE,Juliano de	10	1,08
FOUCAULT,Michel	1	0,11
FOURIER,Charles	2	0,22
FRANCESCHI,Antonio Fernando de	43	4,65
FRANCHESCHI,Antonio Fernando de	4	0,43
FREIRE,Marcelino	1	0,11
FREITAS FILHO,Armando	40	4,33
FRÓES,Leonardo	32	3,46
GARCIA,Pedro	6	0,65
GARCIA,Priscila Queiroz	2	0,22
GINSBERG,Allen	1	0,11
GORBAN,Ilana	2	0,22
GUERREIRO,Eduardo	1	0,11
HARO,Rodrigo de	50	5,41
HELDER,Herberto	1	0,11
HENRIQUES NETO,Afonso	45	4,87
HÖLDERLIN,Friedrich	2	0,22
JABÈS,Edmond	1	0,11
JOYCE,James	1	0,11

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
KEHL, Maria Rita	21	2,27
KHAMIS, Davi Georges	1	0,11
KOGUT, Vivien	6	0,65
KOSHIYAMA, Jorge	3	0,32
LEITE, João Paulo	4	0,43
LEITE, Luiza	3	0,32
LEMOS, Ronaldo	1	0,11
LIMA, Ricardo	8	0,87
LOANDA, Fernando Ferreira	32	3,46
LÖWY, Michael	1	0,11
MATOS, Nartan	2	0,22
MAUTNER, Jorge	1	0,11
McCLURE, Michael	2	0,22
MEIRA, Caio	3	0,32
MELLAGI, André	5	0,54
MENDES, Murilo	1	0,11
MENDONÇA, Maurício Arruda	2	0,22
MESQUITA, Claudia	1	0,11
MONTEIRO, Danilo	17	1,84
MORAES, Eliane Robert	1	0,11
MORAES, Vinícius de	3	0,32
MORGENSTERN, Christian	1	0,11
MUNDI, Carlos	12	1,30
NACHÓN, Andy	1	0,11
NIETZSCHE, Friedrich	1	0,11
OLIVEIRA, Infinito de	1	0,11
OLSON, Charles	3	0,32
PAIXÃO, Fernando	6	0,65
PASSETTI, Edson	1	0,11
PAULA, José Agrippino de	1	0,11
PAULINI, Celso Luiz	13	1,41
PEÇANHA, Marcio	3	0,32
PEREIRA, Edmundo	5	0,54
PESSOA, Ciro	2	0,22
PIMENTA, Pedro Paulo	4	0,43
PINTO, Claudia Roquette	5	0,54
PIRES, Ericson	1	0,11
PITTA, Matheus Rocha	1	0,11
PITTA, Thiago Rocha	1	0,11
PIVA, Roberto	43	4,65
PORTUGAL, Osmar	4	0,43
PRATA, Antônio	3	0,32
PROENÇA, Ruy Afonso	6	0,65
PUCHEU, Alberto	34	3,68
RAMIL, Vitor	1	0,11
REICHENBACH, Carlos	1	0,11

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
REXROTH,Kenneth	17	1,84
REZENDE, Renato	1	0,11
RIMBAUD, Arthur	1	0,11
RISÉRIO, Antonio	1	0,11
ROCHA, Camilo	1	0,11
ROLNICK, Sueli	1	0,11
ROTHENBERG, Jerome	1	0,11
SACRAMENTO, Paulino	1	0,11
SALAZAR, Jussara	5	0,54
SANTIAGO, Silviano	1	0,11
SANTOS, Jair Ferreira dos	1	0,11
SANTOS, Laymert Garcia dos	1	0,11
SANTOS, Mauro Jorge	1	0,11
SANTOS, Roberto Corrêa dos	1	0,11
SARACENI, Paulo César	1	0,11
SCHILLER, Friedrich	1	0,11
SILVA, Dora Ferreira da	35	3,79
SISTER, Sérgio	1	0,11
SNYDER, Gary	6	0,65
SORRENTINO, Marcelo	1	0,11
SOUZA, Alexandre	3	0,32
SPÍNOLA,	1	0,11
STANDLER, Matthew	1	0,11
STEVENS, Wallace	2	0,22
TAMM, Carlos	7	0,76
TAVARES, Bráulio	1	0,11
TORRES FILHO, Rubens Rodrigues	38	4,11
TUNGA,	1	0,11
VEIGA, José J.	1	0,11
VIANNA, Hermano	1	0,11
WEINTRAUB, Fábio	6	0,65
WEIS, Marina	6	0,65
WERNECK, Humberto	1	0,11
WILDE, Oscar	2	0,22
WILLER, Cláudio	21	2,27
ZARVOS, Guilherme	1	0,11
ZENI, Bruno	12	1,30
<b>Total:</b>	<b>924</b>	<b>100,00</b>

## **Estatísticas referenciados**

11-dez-09

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
ADORNO,Theodor W.	1	0,13
AGAMBEN,Giorgio	2	0,26
ALENCAR,Celso de	1	0,13
ALENCAR, José de	1	0,13
ALIGHIERI,Dante	2	0,26
ALTHUSSER,Louis	1	0,13
ALVES, Castro	1	0,13
AMADO, Gilberto	1	0,13
AMADO, Jorge	3	0,38
ANDRADE, Carlos Drummond de	7	0,89
ANDRADE, João Batista de	1	0,13
ANDRADE, Joaquim Pedro de	2	0,26
ANDRADE, Mário de	8	1,02
ANDRADE, Oswald de	11	1,40
ANDREIEV, Leonid	1	0,13
ANJOS, Augusto dos	1	0,13
ANTONIONI, Michelangelo	1	0,13
ÁQUILA, Luiz	2	0,26
AQUINO, Marçal	1	0,13
ARCHANJO, Neide	1	0,13
ARISTÓTELES,	1	0,13
ARNT, Ricardo	1	0,13
ARTAUD, Antonin	4	0,51
ASCHER, Nelson	1	0,13
ASSIS, Machado de	4	0,51
AUGUSTO, Eudoro	2	0,26
ÁVILA, Teresa de	1	0,13
AZEVEDO, Álvares de	1	0,13
BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovit	3	0,38
BALL, Hugo	1	0,13
BANDEIRA, Manuel	11	1,40
BAR, Décio	2	0,26
BARAKA, Imamu Amiri (Ver LeRoi Jones)	1	0,13
BARBOSA, Rui	2	0,26
BARRACLOUGH, Geofrey	1	0,13
BARROS, Manoel de	1	0,13
BARTHES, Roland	4	0,51
BATAILLE, Georges	2	0,26
BAUDELAIRE, Charles	8	1,02
BAUMGARTEN, Lothar	1	0,13
BAUSCH, Pina	1	0,13
BEETHOVEN, Ludwig van	1	0,13
BELL, Lindolf	2	0,26

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
BENJAMIN,Walter	2	0,26
BERGMAN,Ingmar	1	0,13
BERTOLUCCI,Bernardo	1	0,13
BERTRAND,Aloysius	1	0,13
BEY,Hakim	1	0,13
BICELLI,Roberto	1	0,13
BLAKE,William	5	0,64
BLOOM,Harold	1	0,13
BOEHME,J.	1	0,13
BOHEME,Jacob	1	0,13
BONFIM,Paulo	1	0,13
BONVICINO,Régis	1	0,13
BORBA,Osório	1	0,13
BORGES,Augusto Contador	1	0,13
BORGES,Jorge Luis	5	0,64
BORNHEIM,Gerd A.	1	0,13
BRAHMS,Johannes	1	0,13
BRANCUSI,Constantin	1	0,13
BRECHT,Bertolt	2	0,26
BREJNEV,Leonid	1	0,13
BRESSANE,Júlio	1	0,13
BRESSANE,Ronaldo	1	0,13
BRESSON,Robert	1	0,13
BRETON,André	5	0,64
BRINGHURST,Robert	1	0,13
BRISSET,Jean-Pierre	1	0,13
BRITTO,Paulo Henriques	1	0,13
BROWN,Norman O.	1	0,13
BRUEGHEL,	1	0,13
BUARQUE,Chico	4	0,51
BUBER,Martin	1	0,13
BÜCHNER,Georg	1	0,13
BURROUGHS,William	1	0,13
BYRON,Lord	2	0,26
CACASO,(Pseud. de Antonio Carlos de Brito)	1	0,13
CAGE,John	1	0,13
CAGNEY,James	1	0,13
CALLADO,Antonio	1	0,13
CAMARGO,Iberê	1	0,13
CAMÕES,Luiz Vaz de	1	0,13
CAMPOS,Augusto de	2	0,26
CAMPOS,Haroldo de	1	0,13
CAMUS,Albert	1	0,13
CANALETTO,	2	0,26
CANDIDO,Antonio	4	0,51

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
CAPINAM,	1	0,13
CARAVAGGIO,	1	0,13
CARDOSO,Lúcio	1	0,13
CARDOSO,Sérgio	1	0,13
CARNEIRO,André	1	0,13
CARNEIRO,Geraldo	1	0,13
CARNEIRO,Mário	1	0,13
CARNEIRO,Sá	2	0,26
CARR,John	1	0,13
CARROLL,Lewis	1	0,13
CARROUGES,Michel	1	0,13
CARVALHO,Campos de	1	0,13
CARVALHO,Flávio de	2	0,26
CASANOVA,Giacomo	1	0,13
CASSADY,Neal	1	0,13
CASTRO,Amilcar de	1	0,13
CAVALCANTI,Alberto	1	0,13
CAVALCANTI,Di	2	0,26
CAYMMI,Dorival	1	0,13
CAZUZA,	1	0,13
CELAN,Paul	1	0,13
CELESTINO,Vicente	1	0,13
CENDRARS,Blaise	1	0,13
CÉSAIRE,Aimé	1	0,13
CESAR,Ana Cristina	3	0,38
CESARINO,Pedro	1	0,13
CESARINY,Mário	1	0,13
CHACAL,	1	0,13
CHANDLER,Raymond	1	0,13
CHOMSKY,Noam	1	0,13
CHRISTIE,Agatha	1	0,13
CLARK,Lygia	1	0,13
CLEMENT,Catherine B.	1	0,13
COHN,Sérgio	1	0,13
CORREA,José Celso Martinez	1	0,13
CORTÁZAR,Julio	2	0,26
COSTA,João Cruz	1	0,13
COUTINHO,Afrânio	1	0,13
CREELEY,Robert	1	0,13
CRUZ,Gastão	1	0,13
CRUZ,San Juan de la	4	0,51
CUMMINGS,E. E.	3	0,38
CUNHA,Euclides da	1	0,13
CUNHA,Fausto	1	0,13
CUNHA,Manuela Carneiro da	1	0,13
DACOSTA,Milton	1	0,13

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
D'ANNUNZIO, Gabrielle	1	0,13
DANTAS, Francisco	1	0,13
DAVIS, Miles	1	0,13
DEBUSSY, Claude Achille	1	0,13
DELEUZE, Gilles	3	0,38
DERRIDA, Jacques	2	0,26
DESCARTES, René	1	0,13
DIAS, Gonçalves	2	0,26
DIDEROT, Denis	1	0,13
DIEGUES, Cacá	1	0,13
DIRCEU, José	1	0,13
DISNEY, Walt	1	0,13
DOGEN,	1	0,13
DOUGLAS, Kirk	1	0,13
DOYLE, Sir Conan	1	0,13
DUCHAMP, Marcel	2	0,26
DUNCAN, Isadora	1	0,13
DUNCAN, Robert	1	0,13
DUTRA, Valtencir	1	0,13
ECKHART, Meister	1	0,13
ELIADE, Mircea	3	0,38
ELIOT, T. S.	2	0,26
ELLIOT, George	1	0,13
ELUARD, Paul	1	0,13
FARIA, Álvaro de	1	0,13
FARIA, Alves de	1	0,13
FARIA, Octávio de	1	0,13
FARNESE,	1	0,13
FAULKNER, William	2	0,26
FAUSTINO, Mário	1	0,13
FAUSTO, Ruy	1	0,13
FELLINI, Federico	1	0,13
FENOLLOSA, Ernest	1	0,13
FERLINGHETTI, Lawrence	1	0,13
FERNANDES, Florestan	1	0,13
FICHTE, Immanuel Herman von	1	0,13
FICHTE, Johan Gottlieb	1	0,13
FIGUEIREDO, Cândido	1	0,13
FIKER, Raul	1	0,13
FLAUBERT, Gustave	3	0,38
FLUSSER, Vilem	1	0,13
FOURIER, Charles	2	0,26
FRAMPTON, Hollis	1	0,13
FRANCHESCHI, Antonio Fernando de	3	0,38
FREIRE, Paulo	1	0,13
FREITAS FILHO, Armando	3	0,38

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
FREYRE,Gilberto	5	0,64
FRÓES,Leonardo	1	0,13
GALERA,Daniel	1	0,13
GALVÃO,Donizete	1	0,13
GAMA,Mauro	1	0,13
GAMA,Rinaldo	1	0,13
GARCIA,Othon Moacyr	1	0,13
GARCIA,Pedro	2	0,26
GEERTZ,Clifford	1	0,13
GEORGE,Stephan	2	0,26
GIANNOTTI,José Arthur	1	0,13
GIDE,André	1	0,13
GIDE,Paul	1	0,13
GIL,Gilberto	1	0,13
GINSBERG,Allen	7	0,89
GIORDANO,Cláudio	1	0,13
GOETHE,	3	0,38
GOGH,Vincent Van	1	0,13
GOMES,Paulo Emilio Salles	2	0,26
GUATTARI,Félix	2	0,26
GUERRA,Ruy	1	0,13
GUEVARA,Ernesto Che	1	0,13
GUIGNARD,Alberto da Veiga	1	0,13
GUIMARAENS FILHO,Alphonsus de	1	0,13
GUIMARÃES,Bernardo	1	0,13
GUIMARÃES,Eduardo	1	0,13
GULLAR,Ferreira	3	0,38
HABERMAS,Jürgen	1	0,13
HAMMETT,Dashiell	2	0,26
HARO,Martinho de	1	0,13
HARO,Rodrigo de	3	0,38
HATOUM,Milton	1	0,13
HAWKING,S. W.	1	0,13
HEGEL,	4	0,51
HEIDEGGER,Martin	4	0,51
HEINE,Heinrich	1	0,13
HENRIQUES NETO,Afonso	3	0,38
HILST,Hilda	2	0,26
HIRSZMAN,Leon	1	0,13
HOBSBAWN,Eric J.	1	0,13
HOLANDA,Sérgio Buarque de	1	0,13
HÖLDERLIN,Friedrich	1	0,13
HOLLANDA,Heloisa Buarque de	1	0,13
HOMERO,	1	0,13
HOUAISS,Antonio	2	0,26

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
HOUSTON,Elsie (Pseud. de Patricia Galvão)	1	0,13
HUGO,Victor	1	0,13
IVO,Lêdo	1	0,13
JARDIM,Reynaldo	1	0,13
JARRY,Alfred	1	0,13
JOBIM,Tom	2	0,26
JOSÉ,Odair	1	0,13
JOYCE,James	4	0,51
JUNG,Carl-Gustav	3	0,38
JUNQUEIRA,Ivan	2	0,26
KAFKA,Franz	2	0,26
KANDINSKY,Wassily	1	0,13
KANT,Immanuel	5	0,64
KEHL,Maria Rita	1	0,13
KÉRENYI,Karl	1	0,13
KEROUAC,Jack	4	0,51
KESEY,Ken	1	0,13
KLAFKE,Aristides	1	0,13
KOELLREUTTER,H. J.	1	0,13
KOSSOVITCH,Leon	1	0,13
KROPOTKIN,Per Aleksyevich	1	0,13
KUBRICK,Stanley	1	0,13
KUNDERA,Milan	1	0,13
LACAN,Jacques	1	0,13
LANGHOFF,Mattias	1	0,13
LATOUICHE,Serge	1	0,13
LAUER,Mirko	1	0,13
LAURITO,Ilka Brunhilde	1	0,13
LAUTRÉAMONT,Conde de (Ver Isidore Ducasse)	5	0,64
LAWRENCE,D. H.	2	0,26
LEAL,Weydson Barros	1	0,13
LEARY,Thimoty	1	0,13
LEGRAND,Gerard	1	0,13
LEITE,Ivana Arruda	1	0,13
LEMINSKI,Paulo	1	0,13
LEMOS,Tite de	1	0,13
LEONI,Raul de	1	0,13
LÉVI-STRAUSS,Claude	1	0,13
LHOTE,André	2	0,26
LIMA,Jorge de	8	1,02
LIMA,Luiz Costa	1	0,13
LIMA,Sérgio	1	0,13
LINDSAY,Arto	1	0,13
LISPECTOR,Clarice	2	0,26

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
LOBATO, Monteiro	2	0,26
LORCA, Federico García	6	0,77
LOVECRAFT, Howard Philips	1	0,13
LOWRY, Malcolm	1	0,13
LUCAS, Fábio	1	0,13
LUFT, Lya	1	0,13
LYELL,	1	0,13
MACHADO, Ivens	2	0,26
MAGALHÃES, Fábio	1	0,13
MAGNO, Carlos	1	0,13
MAGNO, Paschoal Carlos	1	0,13
MALATESTA,	2	0,26
MALINOWSKI, Bronislaw	1	0,13
MALLARMÉ, Stéphane	7	0,89
MANN, Thomas	2	0,26
MARCUSE, Herbert	1	0,13
MARTINS, Floriano	1	0,13
MARTINS, Wilson	1	0,13
MARX, Karl	2	0,26
MASSI, Augusto	3	0,38
MATOS, Gregório de	2	0,26
MATTOSO, Glauco	1	0,13
MAUTNER, Jorge	2	0,26
McLUHAN, Marshall	1	0,13
MEIRELES, Cecília	1	0,13
MELO NETO, João Cabral de	8	1,02
MELVILLE, Herman	1	0,13
MENDES, Murilo	7	0,89
MERIMÉE, De	1	0,13
MERLEAU-PONTY, Maurice	1	0,13
MERQUIOR, José Guilherme	1	0,13
MICCOLIS, Leila	1	0,13
MICHAUX, Henri	2	0,26
MICHELANGELO,	1	0,13
MIGUEL, Salim	1	0,13
MILES, Barry	1	0,13
MILTON, John	1	0,13
MIRANDA, Sá de	2	0,26
MOISÉS, Carlos Felipe	2	0,26
MONK, Thelonius	1	0,13
MONTAIGNE, Michel de	1	0,13
MORAES, Reinaldo de	1	0,13
MORAES, Vinícius de	2	0,26
MORGAN, Charles	1	0,13
MORRIS, William	1	0,13
MOURA JR., João	1	0,13

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
MYRDAL, Gunnar	1	0,13
NABOKOV, Vladimir	1	0,13
NAVA, Pedro	1	0,13
NERY, Ismael	1	0,13
NIETZSCHE, Friedrich	4	0,51
NOUVEAU, Germain	1	0,13
NOVALIS, (Pseud. de Friedrich von Hardenberg)	2	0,26
OHNO, Massao	5	0,64
OITICICA, Hélio	4	0,51
OLIVEIRA, Manuel de	2	0,26
OLSON, Charles	2	0,26
ORWELL, George	1	0,13
OTTO, Rudolf	1	0,13
PAES, José Paulo	2	0,26
PASOLINI, Pier Paolo	4	0,51
PAULINI, Celso Luiz	3	0,38
PAZ, Octavio	7	0,89
PEDROSA, Mário	2	0,26
PELLEGRINO, Hélio	1	0,13
PEREIRA, Uilson	1	0,13
PÉRET, Benjamin	1	0,13
PESSOA, Fernando	4	0,51
PICASSO, Pablo	1	0,13
PIGNATARI, Décio	1	0,13
PIVA, Roberto	12	1,53
PLATÃO,	1	0,13
POE, Edgar Allan	2	0,26
POLLOCK, Jackson	1	0,13
PONGE, Francis	1	0,13
PORT, Pedro	2	0,26
PORTINARI, Candido	1	0,13
POUND, Ezra	5	0,64
PROPÉRCIO,	1	0,13
PROUDHON,	2	0,26
PROUST, Marcel	2	0,26
PUCHEU, Alberto	1	0,13
QUADROS, Jânio	2	0,26
QUEEN, Ellery (Pseud. de Frederic Dannay e Mandred Lee)	1	0,13
QUENEAU, Raymond	2	0,26
RAFAEL,	1	0,13
RAMA, Angel	1	0,13
RAMOS, Graciliano	2	0,26
RAULINO, Aloísio	1	0,13
REBELO, Marques	2	0,26

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
REED,John	1	0,13
RENOIR,Jean	2	0,26
RESENDE,Otto Lara	1	0,13
RHEINGOLD,Howard	1	0,13
RIBEIRO,Darcy	2	0,26
RICARDO,Cassiano	1	0,13
RIFKIN,Jeremy	1	0,13
RILKE,Rainer Maria	3	0,38
RIMBAUD,Arthur	6	0,77
ROBESPIERRE,Maximilien Marie Isidore	1	0,13
ROBINSON,Kim Stanley	1	0,13
ROCHA,Glauber	5	0,64
RODRIGUES,Nelson	1	0,13
RORTY,Richard	1	0,13
ROSA,Guimarães	2	0,26
ROSA,Noel	1	0,13
ROSENFELD,Anatol	1	0,13
ROUSSEAU,Henri	2	0,26
RUBIÃO,Murilo	2	0,26
SABINO,Fernando	1	0,13
SADE,Marquês de	4	0,51
SALDANHA,Luís Carlos	1	0,13
SALLES,Walter Moreira	1	0,13
SALOMÃO,Waly	1	0,13
SANT'ANNA,Sérgio	1	0,13
SANTIAGO,Silviano	1	0,13
SANTORO,Fernando	1	0,13
SANTOS,Carlos Nelson Ferreira dos	1	0,13
SANTOS,Filipe dos	1	0,13
SANTOS,Ronaldo	1	0,13
SANTOS,Sílvio	1	0,13
SARACENI,Paulo César	1	0,13
SCARLATTI,Domenico	1	0,13
SCAVONE,Márcio	1	0,13
SCHAEFFER,Pierre	1	0,13
SHELLING,Friedrich	3	0,38
SCHILLER,Friedrich	1	0,13
SCHMIDT,Augusto Frederico	1	0,13
SCHLEGEL,Friedrich	3	0,38
SCHMIDT,Augusto Frederico	1	0,13
SCHWARZ,Roberto	1	0,13
SCHWITTERS,Kurt	1	0,13
SENNETT,Richard	1	0,13
SGANZERLA,Rogério	1	0,13
SHAKESPEARE,William	2	0,26
SHELLEY,Mary (Wollstonecraft)	1	0,13

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
SHELLEY,Percy	2	0,26
SILESIUS,Angelus	1	0,13
SILVA,Abel	1	0,13
SILVA,Agostinho da	2	0,26
SILVA,Deonísio da	1	0,13
SILVA,Dora Ferreira da	3	0,38
SILVA,Vicente Ferreira da	3	0,38
SILVEIRA,Joel	1	0,13
SIMONDON,Gilbert	1	0,13
SNYDER,Gary	3	0,38
SOARES,Iaponan	1	0,13
SOUZA,Eudoro de	2	0,26
SPINOZA,Baruch	2	0,26
STANISLAVSKI,Constantin	1	0,13
STEINBERG,Silvia	1	0,13
STELARC,	1	0,13
STENDHAL,	1	0,13
STEVENS,Wallace	1	0,13
STIGGER,Veronica	1	0,13
STRAUSS,Levy	2	0,26
STROHEIM,Erich von	1	0,13
SUZANO,Marco	1	0,13
SWEDENBORG,Emmanuel	1	0,13
SWIFT,Adam	1	0,13
TANIZAKI,Junichiro	1	0,13
TAULER,	1	0,13
TAVARES,Ulisses	1	0,13
TEIXEIRA,Lívio	1	0,13
TERRON,Joca Reiners	1	0,13
THOREAU,Henry David	2	0,26
TODOROV,Tzvetan	1	0,13
TORRES FILHO,Rubens Rodrigues	2	0,26
TURKLE,Sherry	1	0,13
UNGARETTI,Giuseppe	1	0,13
VARGAS,Getúlio	1	0,13
VEIGA,José J.	3	0,38
VELHO,Otávio Guilherme	1	0,13
VELOSO,Caetano	1	0,13
VERDE,Cesário	2	0,26
VERGARA,Carlos	1	0,13
VERÍSSIMO,Érico	1	0,13
VERÍSSIMO,Luis Fernando	1	0,13
VERLAINE,Paul	1	0,13
VERNEY,Luis Antonio	1	0,13
VIANA,Antônio Carlos	1	0,13
VIANNA,Hermano	3	0,38

<b>Campo:</b>	<b>Num. Absoluto</b>	<b>Percentual:</b>
VIEIRA, Luandino	1	0,13
VILHENA, Bernardo	1	0,13
VILLA-LOBOS, Heitor	1	0,13
VILLARES, Lúcia	1	0,13
VILLON, François	1	0,13
VIOLA, Paulinho da	1	0,13
WARHOL, Andy	1	0,13
WEINTRAUB, Fábio	1	0,13
WERTHEIM, Margaret	1	0,13
WHALEN, Philip	1	0,13
WHITMAN, Walt	2	0,26
WILDE, Oscar	3	0,38
WILLER, Cláudio	6	0,77
WILLIAMS, William Carlos	1	0,13
WILSON, Colin	1	0,13
WOOLF, Virginia	1	0,13
WRIGHT, Frank Lloyd	1	0,13
XAVIER, Arnaldo	1	0,13
YEATS, William Butler	1	0,13
ZARVOS, Guilherme	1	0,13
ZÉ, Tom	1	0,13
ZENI, Bruno	1	0,13
<b>Total:</b>	<b>784</b>	<b>100,00</b>